



Carla Albala Habif

CONSTRUINDO SHALOM/SALAM

Uma análise sobre o papel da não violência conjunta entre palestinos e israelenses e da criatividade do sujeito pacificador

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Dra. Monica Herz

Rio de Janeiro,
Fevereiro de 2024



Carla Albala Habif

Construindo Shalom/Salam

**Uma análise sobre o papel da não violência
conjunta entre palestinos e israelenses e
da criatividade do sujeito pacificador**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutora em Relações
Internacionais pelo Programa de Pós-
Graduação em Relações Internacionais da
PUC-Rio. Aprovada pela Comissão
Examinadora abaixo:

Profa. Dra. Monica Herz

Orientadora

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

Profa. Dra. Paula Drumond Rangel Campos

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

Profa. Dra. Maíra Siman Gomes

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

Prof. Dr. Michel Gherman

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Prof. Dr. Áureo de Toledo Gomes

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva

Escola de Comando e Estado Maior do Exército

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 2024.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Carla Albala Habif

Graduou-se em História na UFF (Universidade Federal Fluminense) em 2009. Kursou pós-graduação em Relações Internacionais entre os anos de 2011 e 2012. É Mestre em História pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e concluiu o Doutorado em Relações Internacionais em 2024 na PUC-Rio, estudando movimentos de resistência não violenta conjunta entre Palestinos e Israelense. Participou de diversos congressos na área de História e Relações Internacionais expondo sobre o tema e atuou como facilitadora de diálogo intercultural na Muslim Jewish Conference entre os anos de 2013 e 2016. Atuou mais de 10 anos como Professora de História e atualmente dedica-se profissionalmente à área humanitária internacional.

Habif, Carla Albala

Construindo Shalom/Salam : uma análise sobre o papel da não violência conjunta entre palestinos e israelenses e da criatividade do sujeito pacificador / Carla Albala Habif ; orientadora: Mônica Herz. – 2024.

224 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2024.

Inclui bibliografia

1. Relações Internacionais – Teses. 2. Israel. 3. Palestina. 4. Resistência. 5. Não violência. 6. Resistência civil. I. Herz, Mônica. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Instituto de Relações Internacionais. III. Título.

CDD:327

Agradecimentos

Esta tese contou com o apoio e a colaboração de muitas pessoas queridas, que tornaram o seu desenvolvimento e sua escrita possíveis. Agradeço a todas elas, em especial:

À minha orientadora Monica Herz, que me incentivou muito a iniciar minha jornada no doutorado e me deu todo o apoio, acadêmico e emocional, durante o processo.

Aos Professores Maíra Siman e Michel Gherman, por aceitarem participar da banca de defesa e por terem feito parte da banca de qualificação da tese, contribuindo profundamente com o seguimento da pesquisa e da escrita. Tanto Maíra quanto Michel colaboraram com indicações importantes para o trabalho.

Ao Professor Francisco Carlos Teixeira da Silva, que também aceitou compor a banca de defesa da tese e teve grande participação na minha formação acadêmica como meu orientador de Mestrado.

Aos Professores Paula Drumond, Paula Sandrin e Aureo Toledo, por aceitarem o convite de compor a banca de defesa e, assim, com a contribuição para a continuidade do trabalho.

À minha família, minha base desde sempre - meus pais, Ester Albala Habif e Yasef Habif, minha irmã, Daniela Albala Habif, e minha tia-mãe, Maryse Habif. Vocês me deram e dão tudo que eu preciso para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, me apoiando de todas as formas, principalmente acreditando em mim e me dando todo o amor do mundo. Um agradecimento especial à minha sobrinha, Angelina, que chegou ao mundo e trouxe muita alegria para os meus dias durante o processo de escrita da tese.

Ao meu companheiro de vida e melhor amigo, Rodrigo Oliveira. Obrigada por cada abraço nos momentos que eu precisei, por cada refeição cozinhada nos dias que eu não tive tempo pra nada e por cada palavra de incentivo ao longo desses meses. Seu amor foi fundamental nesse caminho.

Às minhas queridas amigas, minha rede incrível de mulheres, que me sustenta e me fortalece demais nessa vida. Um agradecimento especial à Raquel Sant`Ana, que esteve presente sempre e me apoiou de todas as formas nesse Doutorado, desde a escrita do projeto até a conclusão, me dando muito apoio acadêmico e todo o afeto; à Nathalia Peixoto, que sempre teve uma palavra

carinhosa e de incentivo nos períodos mais desafiadores; e à Hilana e à Bel, por serem família estendida, me incentivarem sempre e celebrarem junto cada conquista no caminho. A amizade de vocês tem sido essencial nessa jornada.

À Carla Miranda Fontes, com quem o diálogo e as trocas têm sido essenciais para o meu desenvolvimento, pessoal e profissional. [OBJ]

Gostaria de deixar um agradecimento especial às organizações que colaboraram com esta pesquisa com informações e documentações, principalmente a *Alliance for Middle East Peace*, o *Parents Circle Families Forum* e o *Combatants for Peace*.

Um agradecimento especial ao Suleiman Khatib e a Robi Damelin por todos os materiais, conversas e paciência. Por fim, e muito importante, agradeço à toda equipe do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio, corpo docente, funcionários e meus colegas de Doutorado, por cada orientação, cada indicação de texto, cada conselho e cada suporte necessário no caminho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Habif, Carla Albala; Herz, Monica (orientadora). **Construindo Shalom/Salam - Uma análise sobre o papel da não violência conjunta entre palestinos e israelenses e da criatividade do sujeito pacificador.** Rio de Janeiro, 2024, p. 224. Tese de Doutorado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese busca compreender o papel da resistência não violenta conjunta entre israelenses e palestinos. Vivendo territorialmente muito próximos e inseridos em um ciclo de violência complexo e de longa data, estes grupos têm suas experiências de vida usualmente pautadas em uma lógica de inimizade profunda e enraizada há gerações, uma vez que ambos existem e se relacionam através da dinâmica da ocupação militar israelense na Palestina. Esta realidade resulta em uma relação permeada por experiências de violência reais vividas pelos dois grupos, comumente associadas ao "outro", resultando em muito medo, raiva e preconceito entre as partes. Nas últimas duas décadas, o conflito entre Israel e Palestina vem experienciando uma intensificação ainda maior e constante da violência. Simultaneamente, no entanto, movimentos de resistência não violentos de atuação conjunta entre palestinos e israelenses vêm crescendo na região. Buscando compreender o papel da não violência neste contexto de aprofundamento da violência, a tese em questão pesquisou dois movimentos de resistência não violenta de atuação conjunta - o *Combatants for Peace* e o *Parents Circle Families Forum* - acompanhando de forma remota e analisando suas atividades, projetos, depoimentos de seus ativistas, relatórios e outras documentações. Ao longo do processo, foi compreendido que a não violência conjunta entre israelenses e palestinos dá origem a um novo sujeito resistente, que na pesquisa é referido como sujeito pacificador. Compreendendo este contexto complexo no qual estão inseridos, o trabalho analisou a criatividade desenvolvida pelo sujeito pacificador para que um movimento conjunto possa existir, se desenvolver e, inclusive, se expandir, em um sistema que não é favorável à sua existência ou sobrevivência. Através da discussão conceitual dos termos violência, resistência e resistência não violenta e da análise nas fontes, a tese argumenta que o papel da não violência conjunta entre israelenses e palestinos no contexto de constante intensificação da violência tem sido o de produzir uma imaginação moral - como pensada por John Paul Lederach - que cria modelos de reconciliação e parceria, e abre espaço para a visualização de um futuro de paz possível entre Israel e Palestina.

Palavras-chave

Israel; Palestina; resistência; não violência; resistência civil.

Abstract

Habif, Carla Albala; Herz, Monica (Advisor). **Building Shalom Salam – An analysis of the role of the joint nonviolence between palestinians and israelis and of the criativity of the peacemaker subject.** Rio de Janeiro, 2024, 224p. Tese de Doutorado - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The goal of this thesis is to understand the role of joint non-violent resistance between Israelis and Palestinians. Living territorially very close and inserted in a complex and long-standing cycle of violence, these groups have their life experiences usually based on a logic of deep enmity rooted for generations, since both exist and relate to each other through the dynamics of the Israeli military occupation in Palestine. This reality results in a relationship permeated by real experiences of violence lived by both groups, commonly associated with the "other", resulting in a lot of fear, anger and prejudice between the parties. In the last two decades, the conflict between Israel and Palestine has experienced an even greater and constant intensification of violence. Simultaneously, however, joint non-violent resistance movements between Palestinians and Israelis have been growing in the region. Seeking to understand the role of non-violence in this context of deepening violence, the thesis researched two joint non-violent resistance movements - Combatants for Peace and the Parents Circle Families Forum - remotely monitoring and analyzing their activities, projects, statements from its activists, reports and other documentation. Throughout the process, it was understood that joint non-resistance between Israelis and Palestinians gives rise to a new resistant subject, who in the research is referred to as the peacemaking subject. Understanding this complex context in which they are inserted, the work analyzed the creativity developed by the peacemaking subject so that a joint movement can exist, develop and even expand, in a system that is not favorable to its existence or survival. Through conceptual debate of the terms violence, resistance and non-violent resistance and analysis of sources, the thesis argues that the role of joint non-violence between Israelis and Palestinians in the context of constant intensification of violence has been to produce a moral imagination - as reflected by John Paul Lederach - which creates models of reconciliation and partnership, and opens space for the visualization of a possible future of peace between Israel and Palestine.

Keywords

Israel; Palestine; resistance; nonviolence; civil resistance.

Sumário

Introdução.....	p.14
-----------------	------

Parte I - Contexto e teoria

1. Reflexões sobre a violência.....	p.22
1.1. A ocupação militar israelense na Palestina - um breve histórico.....	p.24
1.2. Sobre as violências da ocupação.....	p.36
1.2.1. A violência é mais do que somente física.....	p.40
1.2.2. As violências da ocupação e o funcionamento do ciclo.....	p.48
1.2.3. Uma estrutura de inimizades: como a ocupação produz subjetividades palestinas e israelenses que são, estruturalmente, inimigas.....	p.52
2. Resistência e não violência.....	p.56
2.1. Resistir.....	p.56
2.2. Resistir através da não violência.....	p.66
2.3. Por uma ética da não violência.....	p.74
2.4. Contrariando o argumento da autodefesa: todas as vidas são passíveis de luto	p.76
2.5. Por que preservar a vida do outro importa? Introduzindo uma nova igualdade.....	p.80

Parte II - O sujeito pacificador e os movimentos conjuntos de resistência não violenta

3. As organizações estudadas e o sujeito pacificador.....	p. 84
3.1. Das organizações.....	p.86
3.1.1. "Nós não queremos você aqui" - sobre a organização Círculo dos Pais - Fórum das Famílias (CPFF).....	p.86
3.1.2. "Nós vimos a violência. Nós participamos dela. Nós escolhemos não mais violência" - os Combatentes pela Paz (CFP).....	p.88
3.2. O sujeito pacificador.....	p.91
4. A resistência não violenta como produtora da Imaginação Moral entre Israel e Palestina	p.97
5. Uma perna na realidade e uma perna no sonho - a criatividade do sujeito pacificador através da análise das ações dos Combatentes pela Paz e Círculo dos Pais	p.107
5.1. "Não vai parar até a gente conversar" - a não violência como prática de reconciliação: reuniões entre israelenses e palestinos.....	p.111
5.2. Espaços de convivência.....	p.116
5.2.1. Círculo dos Pais: sessões de geleia e doação de sangue.....	p.117
5.2.2. Combatentes pela Paz: grupos regionais.....	p.118

5.3. Para além do reconhecimento, o testemunho: projetos de campo.....	p.119
5.3.1. Círculo dos Pais: Narrativas Paralelas.....	p.121
5.3.2. Combatentes pela Paz: visitas à Cisjordânia para israelenses	p.122
5.4. Educação para a não violência e a paz.....	p.123
5.4.1. Encontros de Diálogo	p.123
5.4.2. Acampamento Juvenil para a Paz: Círculo dos Pais.....	p.125
5.4.3. Jovens Embaixadores para a Paz: Círculo dos Pais.....	p.127
5.4.4. A Escola da Liberdade: Combatentes pela Paz.....	p.128
5.5. A arte como método não violento de expressão.....	p.130
5.5.1. Alguns exemplos de projetos artísticos.....	p.132
5.5.2. O Teatro do Oprimido – Combatentes pela Paz.....	p.136
5.6. As intervenções não violentas dos Combatentes pela Paz.....	p.145
5.7. Reconhecendo o passado e criando um novo futuro - a ressignificação de celebrações nacionais.....	p.151
5.7.1. O Dia da Memória Conjunta Palestina e Israelense - Combatentes pela Paz e Círculo dos Pais.....	p.154
5.7.2. Cerimônia Conjunta em Lembrança da <i>Nakba</i> - Combatentes pela Paz.....	p.161
6. A parceria e uma nova semântica.....	p.165
7. Os desafios da não violência.....	p.175
8. Desde o dia 07 de Outubro de 2023.....	p. 183
Conclusão.....	p. 198
Referências Bibliográficas.....	p.205
Outras Fontes e Referências.....	p.211
Glossário.....	p.221

Lista de imagens

Imagem 1. Plano de Partilha das Nações Unidas, 1947.....	p.26
Imagem 2. Número de colonos vivendo em assentamento por ano.....	p.33
Imagem 3. Cisjordânia e as divisões das áreas A, B e C.....	p.34
Imagem 4. Ciclo da violência entre Israel e Palestina.....	p.38
Imagem 5. Foto de A'ed Abu Amro em um protesto na Faixa de Gaza.....	p.57
Imagem 6. Atividade de conversa entre um palestino e uma israelense com adolescentes em uma escola de Israel.....	p. 58
Imagem 7. "Não vai parar até a gente conversar" - divulgação do Círculo dos Pais	p.107
Imagem 8 - Parte externa do Monumento às Futuras Vítimas do Conflito.....	p.134
Imagem 9 - Parte interna do Monumento às Futuras Vítimas do Conflito.....	p.134
Imagem 10 - Protesto com túmulos simulados na porta do prédio onde fica o escritório do Partido Sionista Religioso.....	p.136
Imagem 11 - Manifestação não violenta do Combatentes pela Paz, 2015.....	p.145
Imagem 12 - Manifestação não violenta do Combatentes pela Paz.....	p.150
Imagem 13 - Avner Wishnitzer preso pelo exército de Israel por levar água à vilarejos palestinos.....	p.180
Imagem 14 - Postagem no Instagram dos Amigos Americanos dos Combatentes pela Paz	p.186

Lista de Abreviaturas

CFP - *Combatants for Peace* (Combatentes pela Paz)

PCFF - *Parents Circle Families Forum* (Círculo dos Pais)

OLP - Organização pela Libertação da Palestina

*Violência é o comportamento de alguém
incapaz de imaginar outras soluções para o
problema que tem em mãos*

Vicenç Fisas

Introdução

Mas, mais do que tudo, nos mais de três anos de existência desse governo, o povo israelense tem mostrado que é possível fazer a paz, que a paz não é apenas rezar, mas é o desejo do povo judeu, uma genuína aspiração pela paz. Existem inimigos da paz, que estão tentando nos atacar para torpedear a paz. Então quero esclarecer uma coisa: nós encontramos um parceiro para a paz entre os palestinos - a OLP, que era nosso inimigo e cessou seu contrato com o terrorismo. Sem parceiros, não há paz. Nós exigiremos que eles façam a sua parte, mas nós faremos a nossa, de modo a resolver o aspecto mais complicado, prolongado e emocionado do conflito árabe israelense: o conflito palestino-israelense. Esse é um rumo repleto de dificuldades e dor. Para Israel, não há nenhum caminho sem dor. Mas o caminho da paz é preferível ao caminho da guerra.

Yitzhak Rabin, 04/11/1995

As palavras acima foram parte do último discurso de Yitzhak Rabin, o então Primeiro Ministro de Israel. Um ano antes, em Outubro de 1994, Rabin recebeu o Prêmio Nobel da Paz, juntamente com Yasser Arafat, o então presidente da Organização pela Libertação da Palestina (OLP), e Shimon Peres, que na época ocupava o cargo de Ministro das Relações Exteriores de Israel, "pelos seus esforços para criar a paz no Oriente Médio"¹

Os esforços referidos na concessão do Prêmio eram referentes ao que ficou conhecido como "Acordos de Oslo", uma série de acordos discutidos e aprovados na cidade de Oslo, na Noruega, durante o ano de 1993. Dois anos mais tarde, ocorreu a segunda rodada de acordos, conhecida como "Oslo 2". Dentre uma série de medidas, os acordos em questão previam pontos como o fim de embates violentos, a retirada das forças armadas israelenses da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, autogoverno palestino em determinadas áreas tendo a Autoridade Palestina à frente e questões referentes ao *status* de Jerusalém, assentamentos israelenses em territórios palestinos e fronteiras. Os Acordos de Oslo foram marcados pela imagem do aperto de mão entre Yitzhak Rabin e Yasser Arafat na Casa Branca, mediado pelo então presidente dos Estados Unidos Bill Clinton. Ter o representante do governo israelense e o representante do governo palestino em uma mesa de negociações, assinando acordos e recebendo conjuntamente o Prêmio Nobel da Paz foi um acontecimento sem precedentes na História do conflito entre Israel e

¹ The Nobel Peace Prize 1994. Disponível em <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1994/summary/>. Acesso em 05/02/2024.

Palestina. Embora o conteúdo dos acordos tenha sido alvo de muitas críticas de estudiosos e civis que os analisavam como injustos e ineficientes (Said, 2003; Shlaim, 1994), chegar ao ponto de ter os líderes de governo israelense e palestino, juntos na mesa, discutindo possibilidades de acordos de paz, foi tido como um momento de grande esperança (Lederach, 1997).

Enquanto a foto do aperto de mão de Rabin e Arafat gerou um grande sentimento de esperança para o conflito entre Israel e Palestina para atores internacionais e grupos da sociedade civil locais, a verdade é que os dois líderes e a sua política em questão enfrentaram resistências internas muito profundas por parte de suas populações. Em alguns grupos da sociedade palestina, Arafat e a OLP foram acusados de legitimar uma reconfiguração da ocupação militar para evitar o isolamento político e a falência. O grupo Hamas rejeitou publicamente os acordos, bem como recusou o reconhecimento mútuo anunciado entre a OLP e o governo de Israel, afirmando que Oslo implicava a expulsão dos palestinos de sua terra natal e legitimava a existência da entidade sionista (Ali, 2020). Paralelamente, na sociedade israelense, partidos de direita se opuseram fortemente aos Acordos, tendo o apoio de grande parte da população que se manifestava contra a devolução de territórios para a Palestina e afirmava que fazer a paz com palestinos representava um grande perigo para a população de Israel (Hermann e Yuchtman-Yaar, 2002). A resistência por parte de grupos políticos e civis foi tão profunda que no dia 04 de Novembro de 1995, Yitzhak Rabin foi assassinado por um judeu israelense enquanto participava de um comício a favor do processo de paz em praça pública.

A morte de Rabin foi um grande choque para muitas pessoas em Israel e para o cenário internacional. Ao mesmo tempo, também foi celebrada por setores sociais em Israel e na Palestina. A morte do então Primeiro Ministro não foi o marco do fim dos Acordos de Oslo, mas desde então o processo de paz passou a viver um declínio gradual e constante. Atualmente, três décadas após a famosa foto do aperto de mãos entre Rabin e Arafat, a situação da violência entre Israel e Palestina vive um de seus momentos de maior violência, tendo 2023 sido o ano reportado como o

mais mortal para os palestinos²(Awad, 2023) e no qual aconteceu o ataque a civis que resultou no maior número de mortos e sequestrados em Israel³.

Há muita complexidade em torno dos Acordos de Oslo e do que representaram as conversas que visavam atingir um contexto de paz entre Israel e Palestina na década de 1990. Mas chamo a atenção, aqui, para a resistência de grupos políticos e civis à ideia do estabelecimento de um possível acordo. Alguns debates sobre o tema levantam o questionamento do que teria acontecido se Rabin não tivesse sido assassinado. Será que os acordos teriam evoluído? Com a base da minha formação acadêmica enquanto historiadora, quase imediatamente, quando ouço essa reflexão, recordo das palavras de uma professora que tive na escola, que sempre nos dizia que "a História não trabalha com 'e se?'" toda vez que alguma aluna ou aluno lhe perguntava "e se tal coisa tivesse acontecido dessa outra forma?". A História não trabalha com "e se?". O assassinato de Rabin aconteceu e aconteceu exatamente porque a resistência às conversações de paz era tão forte. Esse acontecimento, seguido do apoio que recebeu tanto em setores da sociedade israelense quanto da sociedade palestina, levanta a necessidade urgente de refletirmos sobre quais processos políticos e sociais faltaram no momento em questão para que as sociedades tivessem sido mais envolvidas nas conversas em direção a um acordo de paz. Um dos aprendizados que devemos tirar dos acontecimentos em torno dos Acordos de Oslo é que muito dificilmente haverá um cenário de paz possível se as populações como um todo não estiverem abertas e favoráveis a ele.

Estudando há quase duas décadas sobre o conflito entre Israel e Palestina, há alguns anos tive minha atenção voltada para este foco: a participação das pessoas envolvidas no conflito em movimentos de paz. Em 2014, participando de uma conferência internacional que promove o diálogo entre judeus e muçulmanos do mundo todo, conheci dois membros - um israelense e um palestino - da organização Combatentes pela Paz, movimento composto por pessoas dos dois lados que estiveram envolvidas ativamente com alguma forma de violência direta no conflito entre Israel e Palestina e, cada um através de um processo próprio, decidiram abrir

²Em relatório publicado pelo *Palestinian Central Bureau of Statistics* (PCBS). Disponível em: https://www.pcbs.gov.ps/portals/_pcbs/PressRelease/Press_En_Palestinian2023E.pdf . Acesso em 06/02/2024.

³Disponível em <https://www.economist.com/briefing/2023/10/12/hamass-attack-was-the-bloodiest-in-israels-history> . Acesso em 06/02/2024.

mão das armas e passar a atuar conjuntamente através da não violência. Escutando suas histórias e sobre a atuação do CFP, me interessei pelo tema e comecei a pesquisá-lo, acompanhando sua atuação e passando a conhecer outros projetos e organizações não governamentais compostos de palestinos e israelenses que atuam em prol da construção da paz.

Ao longo destes últimos anos de pesquisa, em contato direto com diversas organizações, acompanhando suas atividades e acessando seus relatórios, percebi que elas estão crescendo em número - tanto em número de organizações quanto em número de pessoas participantes. Embora esse número ainda represente uma minoria significativa tanto da população israelense, quanto da população palestina, ele vem crescendo. O que apresenta um paradoxo: na medida em que a violência do conflito vem aumentando, também aumenta o número de pessoas e movimentos que atuam em prol da construção da paz. Entendendo que existe muita pesquisa e debate acerca da violência na região - pesquisa essa muito necessária - me interessei por focar minha análise neste outro campo sobre o contexto Israel e Palestina: a resistência não violenta. Mais especificamente, a resistência não violenta desenvolvida de forma conjunta entre palestinos e israelenses. A palavra resistência entra, aqui, porque estes movimentos de ação conjunta buscam resistir à situação na qual israelenses e palestinos se encontram há gerações, sendo ela uma estrutura de separação entre eles, na qual não têm a oportunidade de estabelecer outras relações uns com os outros que não seja pautada na inimizade. Os movimentos estudados neste trabalho, como será desenvolvido ao longo do texto, entendem que essa estrutura de separação e o conflito violento decorrente dela é gerada pela ocupação militar israelense nos territórios palestinos, de forma que sua atuação é em prol de seu término.

Tendo em vista este cenário paradoxal, no qual a violência do conflito vem aumentando e no qual movimentos de resistência conjunta não violentos também crescem, a pergunta que orientou esta pesquisa foi: qual o papel da não violência conjunta neste contexto? A intenção foi entender como ela atua, o que ela tem produzido e como tem produzido. Busquei analisar, assim, processos, projetos e atividades que vêm acontecendo nas últimas duas décadas, no cenário pós Acordos de Oslo, quando a violência da ocupação militar e do conflito começaram a se intensificar.

Iniciei minha pesquisa buscando, analisando e acompanhando diversos movimentos que atuam através da não violência e que possuem membros palestinos e israelenses, como a *Women Wage Peace*, a *Standing Together* e diversas outras organizações membros da *Alliance for Middle East Peace*, uma instituição guarda-chuva de movimentos que desenvolvem projetos de paz na região. Após alguns meses de análise, decidi estabelecer um recorte maior, selecionando duas organizações para serem estudadas mais a fundo. São elas os *Combatants for Peace* e o *Parents Circle Families Forum*. Ao longo do texto, que está escrito em português, traduzi seus nomes e eles aparecem como Combatentes pela Paz e Círculo dos Pais.

O Círculo dos Pais é uma organização de famílias israelenses e palestinas enlutadas, que perderam algum membro direto em decorrência da ocupação militar e do conflito. A organização desenvolve espaços de diálogo, escuta e reconhecimento entre seus ativistas, projetos educativos, intervenções artísticas, cerimônias conjuntas e muitas outras atividades. O Combatentes pela Paz é um movimento formado por ex-combatentes: israelenses e palestinos que já estiveram envolvidos ativamente na violência direta do conflito e decidiram, cada um através de um processo próprio, abrir mão das armas e passar a atuar conjuntamente através da não violência. A organização também oferece espaços de diálogo e reconhecimento, realiza ativismo de campo em prol dos direitos dos palestinos, desenvolve projetos educativos, espaços artísticos e cerimônias conjuntas. Explico mais sobre cada uma delas na parte II do trabalho.

A decisão pelo recorte e pela seleção foi baseada em alguns pontos. Primeiramente, ambos os movimentos se declaram como conjuntos, ou seja, de administração e atuação palestina e israelense; em segundo lugar, os dois se afirmam movimentos não violentos. Discorrerei mais sobre cada um destes aspectos ao longo da tese. Embora alguns outros movimentos apresentem a proposta de atuação conjunta, por se desenvolverem majoritariamente dentro de Israel grande parte de seus membros palestinos são cidadãos israelenses. O Círculo dos Pais e os Combatentes pela Paz me chamaram a atenção enquanto objeto de pesquisa porque muitos de seus ativistas palestinos não são cidadãos israelenses, vivendo majoritariamente nos territórios ocupados da Cisjordânia e alguns, inclusive, residentes da Faixa de Gaza. Dados os diversos desafios envolvidos neste tipo de trabalho conjunto - dentre eles a própria separação física entre as pessoas e as

estruturas de segregação profundas perpetradas pela ocupação militar - a pesquisa intencionou entender como, dado este contexto, a atuação conjunta encontra meios de se desenvolver.

Depois de já ter definido este recorte de objetos de pesquisa, percebi que a seleção fez bastante sentido, também, porque as duas organizações, além de desenvolverem diversas ações significativamente similares, colaboram bastante entre si, atuando juntas em algumas atividades e codesenvolvendo alguns dos projetos, como é o caso da cerimônia do Dia da Memória Israelense Palestina, uma das ações que mais cresce em número de participantes ao longo dos anos. Em diversos relatos, ativistas de cada um destes movimentos cita sua relação ou sua troca com ativistas do outro e alguns deles, inclusive, foram ou são membros dos dois, como é o caso de Bassam Aramin, cujo nome aparece algumas vezes ao longo do texto. Um dos fundadores do Combatentes pela Paz, ele atualmente é o Diretor e Porta Voz palestino do Círculo dos Pais.

Tendo os objetos de pesquisa definidos e a pergunta central em mente - qual o papel da não violência conjunta no contexto de intensificação da violência - a hipótese inicial levantada é a de que os sujeitos envolvidos e as organizações em questão, através da utilização da curiosidade paradoxal e da criatividade (Lederach, 2005), produzem processos, modelos e metodologias que permitem a palestinos e israelenses estabelecerem uma relação de humanização do outro, novas redes de troca e colaboração diferentes daquelas relacionadas à violência do conflito, desconstruindo a percepção do outro como inimigo e passando a atuar conjuntamente com ele pelo fim da violência e na construção de uma paz possível.

A justificativa do tema aqui trabalhado se relaciona com a ideia desenvolvida por Lederach, de que a construção da paz em sociedades denominadas pelo autor como profundamente divididas - como argumento é que o caso entre israelenses e palestinos - deve ser estruturada endereçando e engajando os aspectos relacionais entre os sujeitos envolvidos como tema central. O autor reflete, como aprofundarei mais adiante, que os mecanismos de diplomacia tradicional para lidar com conflitos contemporâneos, que analiso ser o caso, são limitados em sua capacidade de responder apropriadamente às raízes das razões das animosidades e que ainda nos faltam conceitos, abordagens e modalidades de intervenção apropriados e adequados para atuar efetivamente na resolução destes conflitos.

Israelenses e palestinos estão envolvidos no conflito e no ciclo de violência há gerações, com experiências de traumas violentos reais e com sentimentos de medo, raiva e preconceitos um em relação ao outro muito profundos. Crescendo geograficamente muito próximos, mas em realidades completamente separadas e distintas, pessoas dos dois lados não têm acesso às narrativas e à História do outro, nem contato com seus sentimentos de medo, perda e luto. Israelenses e palestinos, usualmente, não têm a possibilidade de se relacionar com a humanidade do outro. E, assim, é muito difícil pensar em um futuro acordo de paz que seja viável com o apoio das respectivas populações. Logo, em concordância com Lederach, acredito ser necessário endereçar os aspectos relacionais como tema central para que um futuro acordo político entre os lados seja uma possibilidade.

Compreender o processo pelo qual o sujeito em questão passa na adoção da não violência, bem como as atividades desenvolvidas conjuntamente pelas organizações das quais participam é um estudo que auxilia no entendimento de modelos e possibilidades de realizar mais ações e políticas neste sentido. Quando comecei a escrever esta tese, essa justificativa para o tema era extremamente importante. Quando terminei de escrever ela, após os eventos do dia 07 de Outubro de 2023 e a conseqüente guerra em Gaza e o engajamento das partes com a violência, ela se tornou ainda mais urgente.

Como centro da pesquisa proposta, estive o debate teórico acerca dos conceitos de violência, resistência, não violência e resistência não violenta ou resistência civil. Para poder abordar a temática da não violência no conflito entre Israel e Palestina, primeiro discuto brevemente sobre a violência na região, recorrendo ao trabalho de Galtung (1969, 1990) para a compreensão mais profunda do tema, analisando os aspectos da violência direta, cultural e estrutural da ocupação militar israelense na Palestina e do conflito, de forma a deixar claro o funcionamento ciclo de violência no qual se encontram palestinos e israelenses há gerações.

Os movimentos que foram analisados declaram que não existe possibilidade de haver fim para o ciclo de violência e, desta forma, um possível acordo de paz, enquanto houver a ocupação militar israelense na Palestina, de forma que sua atuação é diretamente intencionada a atingir seu fim. Eles se apresentam como movimentos de resistência não violentos à ocupação militar e, por isso, uma análise teórica acerca dos conceitos de resistência, não violência e resistência não violenta

foram importantes para o desenvolvimento do trabalho. Neste sentido, a pesquisa se embasou na análise teórica de Howard Caygill (2013) acerca do conceito de resistência e suas valências, uma vez que o autor propõe uma compreensão mais complexa do que se entende como resistir e critica a valência da força, com a qual a resistência é usualmente relacionada. Ainda sobre este conceito, trago como base teórica o trabalho de Foucault acerca do que o autor entendeu como resistência ativa (Smith, 2016), relacionando-a com a capacidade que cada um tem de afetar a si próprio. Entendo que parte do processo dos ativistas das organizações estudadas está exatamente nesta capacidade, de auto afetação a partir da compreensão de sua responsabilidade na perpetração da violência e na proposta de uma ação diferente daquela até então exercida, planejada e reforçada pelos poderes externos vigentes.

Ao analisar as organizações em questão, seus sujeitos e suas atividades, enquanto movimentos de resistência não violentos ou civis, utilizei como embasamento teórico os trabalhos de Gene Sharp (1973, 2013) Kurt Shock (2005, 2013) e Erica Chenoweth e Maria Stephan (2011). Os estudos de Sharp são uns dos mais fundamentais a respeito do tema, tendo o autor entendido a ação não violenta como a técnica pela qual as pessoas que rejeitam a passividade e a submissão e que vêem a luta como essencial podem manejar o conflito sem violência. Logo, entende-se que a ação não violenta não é uma forma de ignorar ou evitar o conflito, mas uma resposta ao problema de como agir efetivamente na política, especialmente como manejar o poder efetivamente. Sharp realizou um estudo sobre os métodos, ou, como ele mesmo caracterizou, armas da não violência, pontuando 198 métodos classificados em 3 grupos: 1) protesto e persuasão; 2) não cooperação e 3) intervenção não violenta. O autor ressaltou que a lista identificada por ele estava longe de estar completa. As ações dos movimentos estudados foram identificadas em cada um destes grupos, caracterizando-os como movimentos de resistência não violenta.

Shock, por sua vez, define a resistência civil como a utilização sustentada de métodos de ação não violenta por civis envolvidos em conflitos assimétricos com oponentes não adversos a usarem a violência para defender seus interesses e desenvolveu três conceitos centrais para compreender a dinâmica da ação não violenta - mobilização, resiliência e influência. As dinâmicas definidas pelo autor aparecem ao longo da análise dos movimentos, com especial ênfase para a questão da resiliência.

Chenoweth e Stephan (2011) realizaram grande contribuição para o estudo de movimentos de resistência não violenta, analisando 323 campanhas de resistências violentas e não violentas entre 1900 e 2006. As autoras computaram que as campanhas de resistência não violentas aumentaram ao longo do tempo, bem como seus sucessos, e trazem o argumento central de que as campanhas não violentas têm vantagens a respeito da participação de pessoas, já que as barreiras - físicas, morais e informativas - são muito poucas.

Acerca da teoria sobre não violência, a tese embasou-se significativamente na obra de Judith Butler (2020). A autora desafia algumas das grandes pressuposições que são comuns acerca da não violência. Ela reflete sobre a questão de que a não-violência tem que ser menos entendida como uma pressuposição moral do que como uma prática política e social contextualizada que culmina em formas de resistência contra formas sistêmicas de destruição. Em outro ponto, Butler traz que a não-violência não necessariamente emerge de um lugar calmo e pacífico da alma. Muitas vezes, ela surge como uma expressão de raiva, indignação e agressão. Ao longo de seu trabalho, a autora fala sobre a importância de haver o que ela chama de uma igualdade radical do enlutamento para que todas as vidas possam ser entendidas como tendo o mesmo valor e para que argumentos que costumam legitimar o uso da violência, como o da autodefesa, sejam reavaliados.

Essa pesquisa começou em 2019 e, inicialmente, tinha a intenção de ser desenvolvida através de trabalho de campo e observação presencial das organizações e projetos desenvolvidos, bem como de entrevistas com seus ativistas. Com o advento da pandemia em 2020 e as consequentes limitações impostas por motivos de isolamento e restrições de viagens, o trabalho de campo - que espero poder desenvolver no futuro - ficou impedido de acontecer durante os anos do doutorado. Passando a viver em um mundo que se tornou bastante conectado à internet nestes últimos anos, realizei a verificação de fontes disponíveis online e entendi que era possível seguir com a pesquisa através da documentação disponibilizada em sites eletrônicos diversos, especialmente os das próprias organizações. Estes sites oferecem a descrição dos projetos, vídeos, relatos de seus ativistas e produções de diversas atividades. Ao longo destes anos, também estive em contato com as organizações, que foram muito solícitas em colaborar com a pesquisa e enviaram relatórios e outros materiais. Ao longo da análise acompanhei cotidianamente as redes sociais das organizações. Concomitantemente, os próprios

membros do Combatentes pela Paz e do Círculo dos Pais escreveram artigos e livros sobre sua atuação conjunta não violenta, que foram igualmente lidos e analisados. Recorri, neste tempo, a materiais diversos, como artigos e entrevistas em jornais escritos e gravados. E, por fim, a disponibilidade de participação através de plataformas online em atividades dos dois movimentos aumentou significativamente de 2020 pra cá, o que permitiu que eu pudesse participar delas de forma remota ao longo da pesquisa.

O texto está estruturado em duas partes: antes de falar sobre o tema da não violência, a parte I é dedicada à discussão sobre o contexto local e sobre a teoria. O capítulo 1 realiza uma análise breve sobre o conceito de violência, das violências desenvolvidas pela ocupação militar na Palestina e sobre sua intensificação nos últimos anos. Para desenvolver sobre o agravamento da violência no contexto em questão, foram utilizados relatórios de organizações de trabalho humanitário que atuam na região. O capítulo 2 discute acerca dos conceitos de resistência e de resistência não violenta, ou resistência civil, de acordo com o quadro teórico apresentado.

A parte II do texto é dedicada à pesquisa nas fontes e às considerações desenvolvidas a partir dela. No capítulo 3 apresento mais profundamente sobre as organizações estudadas, o Círculo dos Pais e o Combatentes pela Paz, e desenvolvo uma reflexão acerca do sujeito que participa destes movimentos. Entendi que a atuação não violenta conjunta produz uma nova subjetividade, que chamo nesta tese de sujeito pacificador. O capítulo 4 fala sobre a imaginação moral, como pensada por Lederach (2005), como produção central das atividades desenvolvidas pelo Círculo dos Pais e pelos Combatentes pela Paz. O capítulo 5 é dedicado à análise de algumas dessas atividades como forma de ilustração e explicação do capítulo anterior. Nesta parte, desenvolvo acerca de uma série de projetos pensados e desenvolvidos pelas organizações, e acho relevante apontar que existem muitos outros e que cada um deles merece um trabalho de pesquisa aprofundada próprio, o que pretendo seguir como continuação desta tese.

No capítulo 6 desenvolvo sobre o significado de parceria, palavra bastante utilizada ao longo do texto e que reflete a atuação conjunta das organizações, que são não somente compostas por palestinos e israelenses, mas também governadas e administradas conjuntamente. O capítulo 7, que a princípio seria o capítulo final, fala sobre os desafios enfrentados pela não violência conjunta.

Desde o dia 7 de Outubro de 2023, o contexto que já se apresentava como um cenário de intensificação da violência, sofreu um agravamento significativo, possivelmente sem precedentes. Neste dia, membros do grupo palestino Hamas invadiram o sul de Israel, entraram em kibutzim e atacaram residências civis e festivais de música, assassinando, violentando e sequestrando centenas de israelenses. Nunca antes na história do conflito o número de israelenses mortos e sequestrados no mesmo dia foi tão grande. Decorrendo-se dos ataques do dia 7 de Outubro, o governo de Israel iniciou mais uma investida militar na Faixa de Gaza que, até o momento, deixou mais de 25 mil mortos, de acordo com o Ministério da Saúde de Gaza⁴. Estes acontecimentos começaram - e seguiram - a se desenvolver durante o período final de escrita da tese, o que me levou a adicionar mais um capítulo sobre a atuação dos movimentos de resistência não violenta conjunta neste cenário. O capítulo 8, assim, é uma sessão particular, escrita concomitantemente com os acontecimentos, que tem a intenção mais de reflexão do que de compreensão ou desenvolvimento de conclusões. Para escrevê-lo, da mesma forma como ocorreu no período anterior da pesquisa, acompanhei publicações, depoimentos, falas públicas, entrevistas e participei dos eventos e atividades online proporcionados pelo Círculo dos Pais e pelo Combatentes pela Paz nos últimos meses.

Na conclusão do texto, discuto a importância do enfoque em movimentos conjuntos e não violentos entre palestinos e israelenses como modelos de processos que necessitam e devem receber maior investimento da academia e da comunidade internacional para que possam ser expandidos e replicados, de forma a trazer as populações para o centro de uma possível futura resolução de paz, com foco nas dinâmicas relacionais entre as partes. Assim como apontado por estudiosos do tema da não violência, como Shock (2005) e Chenoweth e Erica (2011), acredito também que esta pesquisa vem a colaborar com o aprofundamento do debate na área de Relações Internacionais e servir como mais uma ponte para que este debate ultrapasse os limites da academia, estabelecendo conexão com setores da sociedade civil e governos, servindo como base de ações concretas.

⁴ Disponível em <https://www.moh.gov.ps/portal/>. Acesso em 05/02/2024.

PARTE I: Contexto e Teoria

1

Reflexões sobre a violência

Então, em 2001, começou a Segunda Intifada, quando os palestinos usaram armas e não pedras. Eu sabia que como reservista eu seria agora convocado a responder com tanques, não bastões. A estratégia era sitiar e bloquear tudo.

Os vilarejos palestinos se tornaram prisões, com uma saída para entrar e sair. Em certa ocasião, quando eu estava parado em um bloqueio de estrada, me pediram que eu deixasse passar um táxi cheio de crianças palestinas doentes (que não tinham uma permissão) para ir ao hospital de Bethlehem. Ao mesmo tempo, eu recebi uma ligação da minha esposa me contando que ela estava tendo problemas para buscar nossa filha de três anos no jardim de infância.

Então lá estava eu, parado em um bloqueio de areia falando com a minha esposa, enquanto crianças palestinas doentes esperavam no carro. Eu não podia aguentar mais: de um lado, eu era um pai gentil e devotado, e do outro lado eu estava sendo tão insensível com essas pessoas. Eram essas crianças nada mais do que terroristas em potencial?

Minhas crianças eram humanas, e ainda assim nós tínhamos desumanizado completamente crianças palestinas. Eu comecei a entender que ao desumanizar o outro, você começa a desumanizar a si próprio.⁵

Chen Alon, membro do Combatentes pela Paz.

Toda vez que pedras eram jogadas nos soldados, os soldados entravam na nossa casa e checavam tudo, incluindo nós: minha mãe, meus irmãos e eu. Eles nos batiam quase que em uma base diária e nos aterrorizavam. Eles chamavam a minha mãe de todos os tipos de nomes terríveis. Eu perguntava pra ela: 'Por que esses soldados estão aqui? Por que nós não temos um exército para nos proteger? Por que não podemos voltar para a nossa vila natal? Eu costumava ter muitas perguntas, mas minha mãe me deu apenas uma resposta: "O exército israelense está ocupando e controlando o povo Palestino."⁶

Jamil Oassas, membro do Combatentes pela Paz.

Em um trabalho sobre não violência, ironicamente, existe a necessidade de se debater, primeiramente, a violência. Para poder compreender a ideia, a metodologia, as estratégias e a decisão por trás da adoção de táticas não violentas em movimentos de resistência à ocupação, será, primeiro, analisada a violência que ela perpetra. Como o foco da pesquisa não é propriamente a violência, este primeiro capítulo trata de forma breve do histórico da ocupação militar israelense na Palestina, das formas de violências perpetuadas por ela nos âmbitos cultural, estrutural e direto (Galtung, 1969; 1990) e do ciclo de violência que desdobra no que é conhecido como o conflito entre Israel e Palestina. Ao longo desta primeira

⁵ Depoimento disponível no sítio eletrônico dos Combatentes pela Paz, traduzido pela autora: <https://afcfp.org/speakers/jamil-qassas/>. Acesso em 05/02/2024.

⁶ Depoimento disponível no sítio eletrônico dos Combatentes pela Paz, traduzido pela autora: <https://afcfp.org/speakers/chen-alon/>. Acesso em 06/02/2024.

parte, também, ficará mais claro ao que me refiro quando utilizo a expressão "dinâmica da ocupação", reproduzida ao longo do trabalho.

A complexidade do conflito em questão é profunda e remonta há mais de um século de tensões, quando ondas imigratórias de judeus europeus começaram a chegar cada vez em maiores números na região no final do século XIX e início do século XX. As consequentes chegadas dos novos imigrantes foram logo seguidas de tensões armadas entre os judeus sionistas e os palestinos que viviam na região. A história do conflito, desde então, além de complexa, é bastante longa e repleta de intervenções de atores distintos, internos e externos. O trabalho aqui apresentado trata de movimentos de resistência que se opõem especificamente à ocupação israelense na Palestina, entendendo que ela é necessária para que seja possível um acordo de paz justo entre as partes. Dessa forma, a fim de delimitar o contexto da pesquisa em questão, os próximos parágrafos analisam especificamente o tópico da ocupação.

Tendo em vista a tamanha complexidade do tema, cabe também lembrar que o debate histórico a respeito dele é bastante profundo, diversificado e inclusive contraditório entre pesquisadores da área, envolvendo uma série de perspectivas diferenciadas. Na própria academia israelense, por exemplo, na década de 1980 surgiu um grupo de historiadores que ficou conhecido como "Novos Historiadores". O termo foi inicialmente cunhado por Benny Morris e englobava um grupo de estudiosos do conflito entre Israel e Palestina que questionava a então central narrativa sionista vigente em Israel sobre os eventos que levaram ao início e ao desenvolvimento do ciclo de violência e da animosidade na região. Os Novos Historiadores, incluindo pesquisadores como o próprio Morris, Ilan Pappé e Avi Shlaim, tiveram acesso a fontes primárias compostas de documentos que foram classificados como confidenciais pelo governo de Israel por mais de trinta anos e foram liberados para análise na década de 1980. A partir deles, os historiadores citados e outros que se juntaram ao grupo passaram a questionar o papel de Israel na história do conflito Árabe-Israelense. Também conhecidos como historiadores revisionistas, as obras de Pappé e de Shlaim apontam para a argumentação de que a responsabilidade primária tanto para a persistência quanto para o escalonamento do conflito é de Israel. Benny Morris mudou o direcionamento de seus artigos e

argumentos depois da Segunda Intifada⁷, passando a associar virtualmente a responsabilidade de não se chegar a um acordo político majoritariamente aos palestinos. Ao falar sobre a ocupação neste primeiro capítulo, recorro bastante ao trabalho de Ilan Pappé, à sua perspectiva de pesquisador israelense, à profundidade que se dedicou ao tema, bem como à sua metodologia de pesquisa e às fontes que ele utiliza. Ao longo do trabalho busco trazer as pesquisas e reflexões também de estudiosos palestinos, como Edward Said e Lila Abu-Lughod, que costumam ter perspectivas menos contraditórias no sentido que se posicionam criticamente contra qualquer justificativa para a ocupação, ao mesmo tempo que desenvolvem debates profundamente diversificados em abordagens e temáticas de estudo.

1.1

A ocupação militar israelense na Palestina - um breve histórico

Após décadas de escalonamento do conflito armado e disputa territorial, em 1947 através de votação pelos Estados membros, as Nações Unidas aprovaram a Resolução 181, que designava a partilha da Palestina em dois Estados: um judeu e um árabe (imagem 1). A votação da ONU foi seguida pela Declaração de Independência do Estado de Israel - que aceitou os termos da resolução - e, ao longo dos meses seguintes, de uma guerra entre o Estado recém-criado e países árabes vizinhos que não aceitaram a resolução: Egito, Líbano, Jordânia, Iraque e Síria. Após meses de confronto, Israel obteve vitória na guerra - que na narrativa israelense ficou conhecida como Guerra de Independência e na narrativa palestina ficou conhecida como *Nakba*⁸, que significa catástrofe ou desastre.

⁷ O termo "intifada" (em árabe: انتفاضة) pode ser traduzido como revolta ou levante. Ele é associado a dois levantes palestinos contra a ocupação israelense na Cisjordânia e na Faixa de Gaza: a Primeira Intifada, que ocorreu entre os anos de 1987-1993, representou um levante popular palestino contra a ocupação israelense que começou em dezembro de 1987. A Primeira Intifada envolveu uma série de protestos, greves, boicotes e confrontos entre manifestantes palestinos e forças israelenses. A Primeira Intifada marcou uma mobilização civil palestina massiva contra a presença israelense na Cisjordânia e Gaza; a Segunda Intifada se desenvolveu entre os anos de 2000 e 2005. Ela teve início em Setembro do ano 2000, após uma visita do então Primeiro Ministro de Israel Ariel Sharon ao Monte do Templo em Jerusalém. A Segunda Intifada envolveu uma escalada de violência ainda maior que a Primeira, incluindo atentados suicidas e confrontos armados entre palestinos e forças israelenses (Harel e Isacharoff, 2004).

⁸ A palavra *Nakba* significa catástrofe ou desastre e é utilizada pelos palestinos como forma de marcar a Guerra de 1948, bem como suas consequências. Cerca de 80% dos palestinos que viviam em grande parte da região até então denominada Palestina se tornaram refugiados após Israel ter vencido a guerra. A outra parte que ficou no local, uma minoria da população entre 60 mil e 156 mil pessoas, dependendo da fonte, se tornaram cidadãos nominais de Israel sob um sistema de cidadania diferenciada e dominação militar. Em 1948, os palestinos da Cisjordânia, tanto os que viviam lá

Após a Guerra de 1948 não foi criado um Estado árabe na Palestina. O governo egípcio assumiu a tutela e administração da Faixa de Gaza, onde neste momento já se encontravam milhares de palestinos que se deslocaram ao longo do confronto armado, e a Jordânia declarou estar sob seu governo a responsabilidade sobre a Cisjordânia e Jerusalém oriental.

quanto os que chegaram após fugir de outras regiões em consequência da guerra, ficaram sob o governo repressivo dos Hashemitas, que governavam a Jordânia na época. Os palestinos que estavam na Faixa de Gaza ficaram sob o governo egípcio. Após a Guerra de 1967, tanto a Cisjordânia quanto a Faixa de Gaza foram dominadas por Israel e passaram a viver sob ocupação militar (Lughod, 2007).



UN Partition Plan 1947

Imagem 1 - Plano de Partilha das Nações Unidas, 1947. Fonte: Pappé, 2017, p. 259.

Cerca de dez anos depois, em 1967, ocorreu uma nova guerra entre Egito, Líbano, Síria e Israel. Apesar de não ter sido a primeira nem a última guerra na região entre os países envolvidos, a Guerra de 1967 foi um divisor de águas na história do conflito entre Israel e Palestina (Oren, 2004). Pela primeira vez no curso da guerra, Israel avançou territorialmente em áreas que eram designadas como

sendo destinadas ao Estado árabe da Palestina de acordo com a resolução 181 das Nações Unidas, adentrando Jerusalém Oriental, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, anexando-as e dominando-as militarmente.

De acordo com Pappé (2017), quando o sexto dia da Guerra de 1967 chegou ao fim, o Estado de Israel tinha se estendido por uma área mais de três vezes maior do que seu tamanho original e adicionado um milhão de palestinos aos 300.000 já residentes do Estado desde 1948. Esse número, ainda de acordo com o autor, era aproximadamente o mesmo número de palestinos expulsos da região desde 1948. Desde então, esse milhão dobrou, triplicou e continuou a crescer conforme os anos foram passando, junto com os palestinos vivendo dentro do Estado de Israel, chegando ao marco de quase cinco milhões no início do século XXI. Junto com eles, meio milhão de colonos judeus passaram a habitar a área dos territórios ocupados, um número que segue crescendo. A Guerra de 1967 ficou conhecida na narrativa israelense como a Guerra dos Seis Dias e na narrativa palestina como a Naksa (o retrocesso, ou revés em português).

Pappé explica que o destino destes palestinos e da terra na qual eles estavam vivendo neste contexto de 1967 foi debatido pelo governo israelense ao final da guerra. A conclusão final, adotada ainda em Junho de 1967, foi de que a Cisjordânia e a Faixa de Gaza seriam excluídas de qualquer negociação de paz futura. O desejo era tomar uma decisão unilateral sobre os territórios e buscar endosso internacional desta nova política de anexação.

Mas não foi isso que aconteceu. Como analisa Scalercio (2003, p. 168), ficou imediatamente claro que o sistema internacional não estava inclinado a aceitar as anexações territoriais com base na força. Logo nas semanas e meses que se seguiram à Guerra de 1967, a ONU passou a se manifestar sobre a necessidade dos israelenses se retirarem dos territórios conquistados, o que foi oficialmente expresso com a publicação da Resolução 242 do Conselho de Segurança, que afirmava que para o cumprimento dos princípios presentes na Carta da Nações Unidas se requeria

"de uma paz justa e duradoura no Oriente Médio, que deveria incluir a aplicação de ambos os princípios seguintes: (i) retirada das forças armadas de Israel dos territórios ocupados no recente conflito; (ii) terminação de todas as alegações ou estados de beligerância e respeito por e reconhecimento da soberania, integridade territorial e independência política de todos os Estados na área e seu direito de viver em paz dentro de fronteiras seguras e reconhecidas, livres de ameaças ou atos de força".

Os palestinos das regiões anexadas passaram a ser governados pelo Estado israelense, porém sem a cidadania do país. Nesse sentido, ainda de acordo com a pesquisa de Scalercio, essa nova realidade política após 1967 impôs aos palestinos um modo de vida praticamente impossível, tanto na Faixa de Gaza, como na Cisjordânia e em Jerusalém. Não tendo seu próprio poder civil e nem sequer tribunais constituídos por alguma autoridade palestina, tornou-se claro o fato de que essas áreas habitadas pelos palestinos eram alvo de uma ocupação militar.

O autor segue sua reflexão sobre o tema afirmando que para as gerações de palestinos nascidos após 1967 nos campos de refugiados e nas cidades controladas pelas Forças de Defesa de Israel (FDI), opor-se aos israelenses passou a significar combater um exército de ocupação que está ali exercendo um poder opressor. A ocupação e a opressão, de acordo com o autor, fertilizaram o solo no qual cresceu uma forte identidade palestina, militante e hostil aos israelenses.

Quando se utiliza a expressão "ocupação militar israelense na Palestina", então, comumente ela se relaciona a essa anexação por parte do governo de Israel dos territórios designados para um Estado árabe na Palestina, não reconhecida internacionalmente e levada a cabo através de um controle militar. Alguns pesquisadores e estudiosos do assunto, no entanto, discordam desse recorte, como é o caso do sociólogo israelense Yehouda Shenhav (2007), que argumenta que a ocupação não começou em 1967. De acordo com ele, as práticas de ocupação territorial, dominação violenta e deslocamento forçado são anteriores a este ponto na História. Shenhav aponta, ainda, que o termo ocupação militar não é suficiente para abarcar a abrangência da dominação territorial violenta a ser resolvida no conflito entre Israel e Palestina, já que todas as questões decorrentes do conflito não podem chegar a uma resolução simplesmente com um suposto retorno ao que ficou conhecido como linha verde. O autor levanta pontos como o governo de Jerusalém, a cidadania diferenciada que muitos árabes palestinos possuem em Israel, o retorno a outras áreas que estão dentro das fronteiras de 1967 e a violência cultural como tópicos profundos que vão além desta questão.

Edward Said (1992) havia debatido acerca desta complexidade, já existente antes de 1967 e ainda mais aprofundada após este marco. Ao refletir sobre a identidade palestina, o autor aponta que desde 1948 o dilema dos palestinos era literalmente o fato de que ser palestino era viver em uma utopia, em um lugar

inexistente. Por um período de tempo, explica Said, o fato passado de já ter tido esse lugar ou o fato então contemporâneo de não ser ninguém nesse lugar, não puderam dar aos palestinos a retidão ou a raiva suficiente para continuar com a luta. O autor afirma que foi ironicamente a Guerra de 1967 e a expansão territorial israelense que resultou dela que colocou os palestinos exilados em contato com aquele que era seu lugar. De 1967 em diante, segue Said, a política de Israel passou a funcionar de forma a tratar os palestinos como se não estivessem lá, quase como seres utópicos cuja presença material poderia se distribuir e fazer desaparecer em um emaranhado de leis que proibem a sua presença no país. Naquele momento, o autor explica, eram centenas de milhares de palestinos e sobre eles, dominando-os militarmente, estava Israel. A partir de então, a busca de paz tomou uma forma muito concreta para os palestinos: acabar com a ocupação israelense. A autodeterminação da Palestina acabou, assim, naquele momento, por se apoiar na necessidade de um Estado independente em uma parte liberada do território que havia sido original da Palestina. Porém, Said explica que a questão palestina evoluiu, se desenvolveu, mudou e se complexificou desde então. Em uma versão atualizada da obra que o autor havia escrito entre 1977 e 1978, em 1992 ele fala sobre uma dimensão mais ampla interárabe, internacional e, inclusive, interpalestina⁹, da Palestina como um grito de guerra. Segundo o autor, a ideia da resistência para o mundo não branco ganhou conteúdo e força a partir da Palestina e a resistência ganhou detalhes e abordagens novas da microfísica da opressão também a partir da Palestina. A Palestina passava a ser, então, pensada como um lugar para onde retornar, porém também como um lugar inteiramente novo, como "uma visão parcial de um passado restaurado e um futuro inusitado, talvez até como um desastre histórico transformado em esperança em um futuro diferente" (p. 144).

Ainda de acordo com Said, a oscilação da luta palestina passou a estar entre o retorno - referindo-se a sua terra, ao contato com a sua história e a sua realidade política - e o novo - abrangendo questões referentes a uma sociedade pluralista e democrática, um governo sem discriminação religiosa ou racial, conquista não somente de independência política, mas também de um governo representativo. Nessa complexa evolução da História, os palestinos exilados querem retornar e os palestinos que estão no que Said chama de exílio interno (sob ocupação ou vivendo

⁹ Termo utilizado por Said (1992, p.125).

dentro de Israel) querem independência, liberdade e um governo autônomo onde estão. Um quer mudar, o outro quer permanecer. A profundidade da questão que, neste ponto refere-se à própria identidade palestina, não seria resolvida apenas com a retirada de Israel dos territórios ocupados em 1967.

Também analisando a profundidade da questão, ao refletir sobre a definição de "ocupação militar" para essa situação nos territórios palestinos, Pappé (2017) expressa que se sente desconfortável com o termo, principalmente por dois motivos. O primeiro é que ele cria a ideia de uma falsa separação entre Israel e as áreas ocupadas. Essa ideia de separação indiretamente legitima a presença israelense em todas as outras regiões que antes faziam parte da Palestina Mandatária¹⁰ e produz uma dicotomia inaceitável entre Israel "democrática" e a região "não democrática" dos territórios ocupados. O segundo motivo se refere às implicações políticas e legais que usualmente são associadas com o termo "ocupação", já que ele é geralmente utilizado como um meio temporário para proteger um território seguido de um conflito armado ou guerra. Essa situação teria um começo e um fim e possui regulações internacionais muito claras e imperativas que decorrem da temporalidade de qualquer ocupação.

De acordo com Pappé, a realidade na Cisjordânia e na Faixa de Gaza¹¹ é diferente do que se entende por ocupação em dois aspectos muito significativos. O primeiro é exatamente essa questão da temporalidade. O autor analisa que temporalidade não faz parte da história dessa "ocupação", palavra que ele mesmo coloca entre aspas para se referir e ao mesmo tempo criticar o termo comumente utilizado para a presença e administração militar de Israel nestes territórios. Ele argumenta que os poderes que detém os territórios e aqueles que apoiam o "ocupante" (também colocado entre aspas pelo autor), aceitam a realidade da ocupação como um dado para muitos anos à frente. Em 1987, a ocupação militar israelense na Palestina já tinha entrado para a história como a ocupação militar mais longa existente até então.

¹⁰ Entre 1923 e 1948, como decisão da Liga das Nações, ocorreu o Mandato Britânico na Palestina, no qual a Inglaterra recebeu o aval de governar a região.

¹¹ A primeira edição da obra em questão, de Ilan Pappé foi publicada em 2017. Desde 2005, Israel retirou oficialmente sua presença militar e política da Faixa de Gaza, porém impôs fortes restrições de fronteiras terrestres, marítimas e aéreas, controlando o fluxo de bens e de pessoas. Nos anos que se seguiram, repetidas vezes o exército de Israel realizou investidas violentas dentro da Faixa de Gaza. Desta forma, o autor entende que a Faixa de Gaza segue sob dominação militar israelense.

O segundo aspecto que diferencia este de outros casos que foram analisados como ocupação militar é a totalidade do controle exercido pelo ocupante. Tais instâncias de controle absoluto são vistas nos primeiros dias de qualquer ocupação militar, mas nunca duram tanto tempo. Pappé argumenta que a extensão dessas práticas de controle total no que veio a ser conhecido como "Territórios Ocupados" deveria nos levar a busca de um termo mais apropriado. O autor aponta suspeitar, ainda, de acordo com essas análises, que os significados legais internacionais e associações com o termo "ocupação" não são somente inaplicáveis à realidade nos territórios em questão, mas também permitiram que o Estado de Israel desviasse de qualquer repressão ou condenação internacional mais séria.

No decorrer deste trabalho, o termo ocupação militar será mantido para entender a dominação executada pelo Estado de Israel nos territórios palestinos designados pela Resolução 181 desde 1967, compreendendo-se que a prática de dominação militar sobre a população palestina é muito mais que territorial e que se iniciou anteriormente a 1967. Mas o principal motivo da manutenção do termo é para fins de entendimento comum, já que ele é o mais utilizado para tratar do assunto. Logo, como o objetivo desta pesquisa tem outro foco, ele será mantido por ora. Ademais, este é o termo utilizado pelos movimentos analisados neste trabalho, que se afirmam opostos à ocupação militar israelense na Palestina.

No entanto, levantar os argumentos de Pappé neste trabalho é de extrema importância, uma vez que o autor traz uma reflexão e uma percepção fundamental acerca da realidade da ocupação - acerca do controle total que ela exerce sobre a vida dos palestinos nos territórios e sua temporalidade, se estendendo já por mais de 56 anos e sem previsão de terminar.

Neste mais de meio século, o contexto da dominação dos territórios mudou bastante. A primeira questão a se levar em consideração, é que ao longo dos anos de ocupação, centenas de assentamentos israelenses foram se formando nos territórios ocupados, levando a um processo que, de acordo com Pappé, seria definido como "colonialismo de assentamento". O aumento gradativo de israelenses vivendo nestes territórios - e bastante significativo nos últimos anos - aumenta ainda mais a falta de perspectiva de uma possível devolução dos mesmos aos palestinos. Além disso, a dicotomia com a qual cidadãos legais israelenses são tratados nestas regiões em relação ao tratamento dado aos palestinos, que não possuem cidadania,

torna ainda mais óbvia a falta de temporalidade da ocupação explicitada por Pappé, bem como o que o autor quer dizer quando se refere a controle total.

Outro ponto importante a ser apontado é a formação, o fortalecimento e o desenvolvimento de grupos políticos palestinos, alguns anteriores a 1967 - como é o caso do Fatah¹² e da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) - e alguns posteriores, como é o caso do Hamas. Falo especificamente destes, uma vez que serão citados ao longo da tese e, também, por sua profunda relevância política no processo da ocupação militar e do conflito enquanto atores centrais. A OLP foi fundada em 1964 como uma coalizão nacionalista palestina, que a princípio buscou reivindicar a fundação de um Estado em todo o território do Mandato Palestino. Na década de 1990, no entanto, a OLP, sob a liderança de Yasser Arafat, se engajou nos Acordos de Oslo, reconhecendo o Estado de Israel e aceitando um acordo político que definisse o Estado palestino dentro dos territórios previstos pela Partilha da ONU de 1947.

O Fatah foi fundado em 1959 por palestinos na diáspora, incluindo o próprio Arafat, que vivia no Cairo. Com ideologia nacionalista e secular, quando formado, o Fatah trouxe a ideologia de que os palestinos seriam libertados por suas próprias ações. Depois da guerra de 1967 se tornou o grupo político dominante entre os palestinos, tendo Arafat assumido a presidência da OLP em 1969. Inicialmente engajado em ações armadas contra os israelenses, mas na década de 1980 o Fatah declarou abrir mão oficialmente de ações armadas, reconheceu o Estado de Israel e passou a buscar pelo cumprimento da Resolução 242, que previa um Estado palestino nas fronteiras designadas pela ONU em 1947. Atualmente o Fatah é o partido político à frente do governo da Cisjordânia (Khalidi, 2020).

O Hamas¹³, por sua vez, foi fundado em 1987, durante a Primeira Intifada. O grupo se define como uma organização política e militar islâmica e sunita. Diferente do Fatah, o Hamas se opôs aos Acordos de Oslo, não chegou até o momento a reconhecer Israel, e segue atuando também através da luta armada. Atualmente o Hamas está à frente do governo da Faixa de Gaza, compondo

¹² O nome original do Fatah era Movimento Palestino de Libertação Nacional - em árabe, حركة التحرير الوطني الفلسطيني, que pode ser lido como *Ḥarakat al-Tahrīr al-Waṭanī l-Filasṭīnī*. Seus membros utilizaram as iniciais na ordem reversa e criaram o acrônimo Fatah.

¹³ O nome oficial do Hamas é Movimento de Resistência Islâmica, em árabe حركة المقاومة الإسلامية, que pode ser lido como *Ḥarakah al-Muqāwamah al-'Islāmiyyah*. A palavra Hamas que se desenvolve a partir das iniciais também significa zelo em árabe.

numericamente o maior grupo político dentre os palestinos. O Estado de Israel corriqueiramente coloca a responsabilidade pela intensificação da violência perpetrada pelo exército israelense e a falta de um acordo político com os palestinos sobre o Hamas, afirmando que o grupo representa uma ameaça à existência do Estado judeu (Kirchofer, 2015)¹⁴.

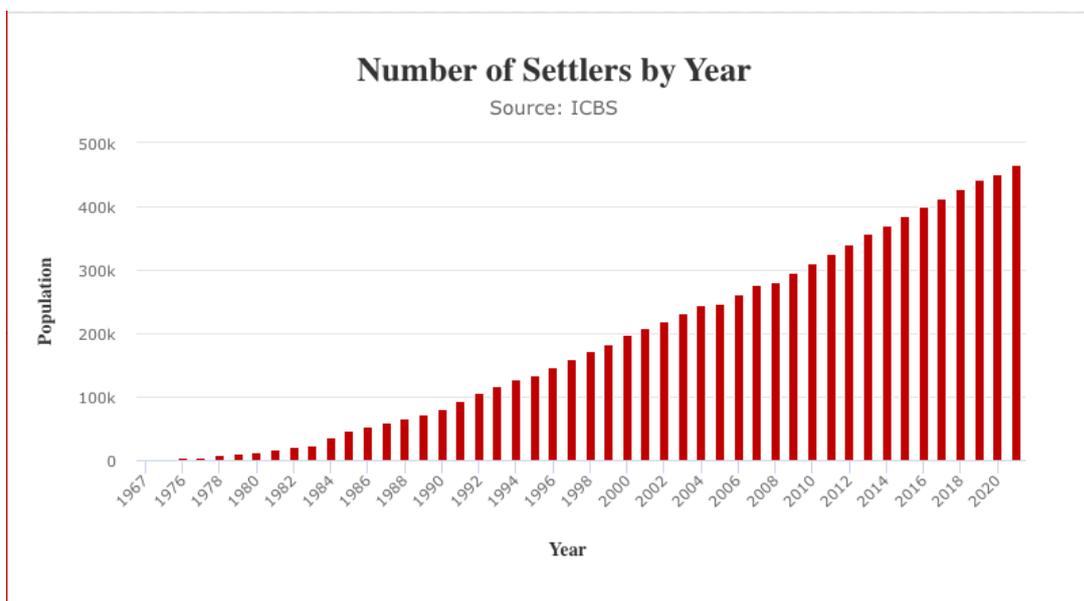


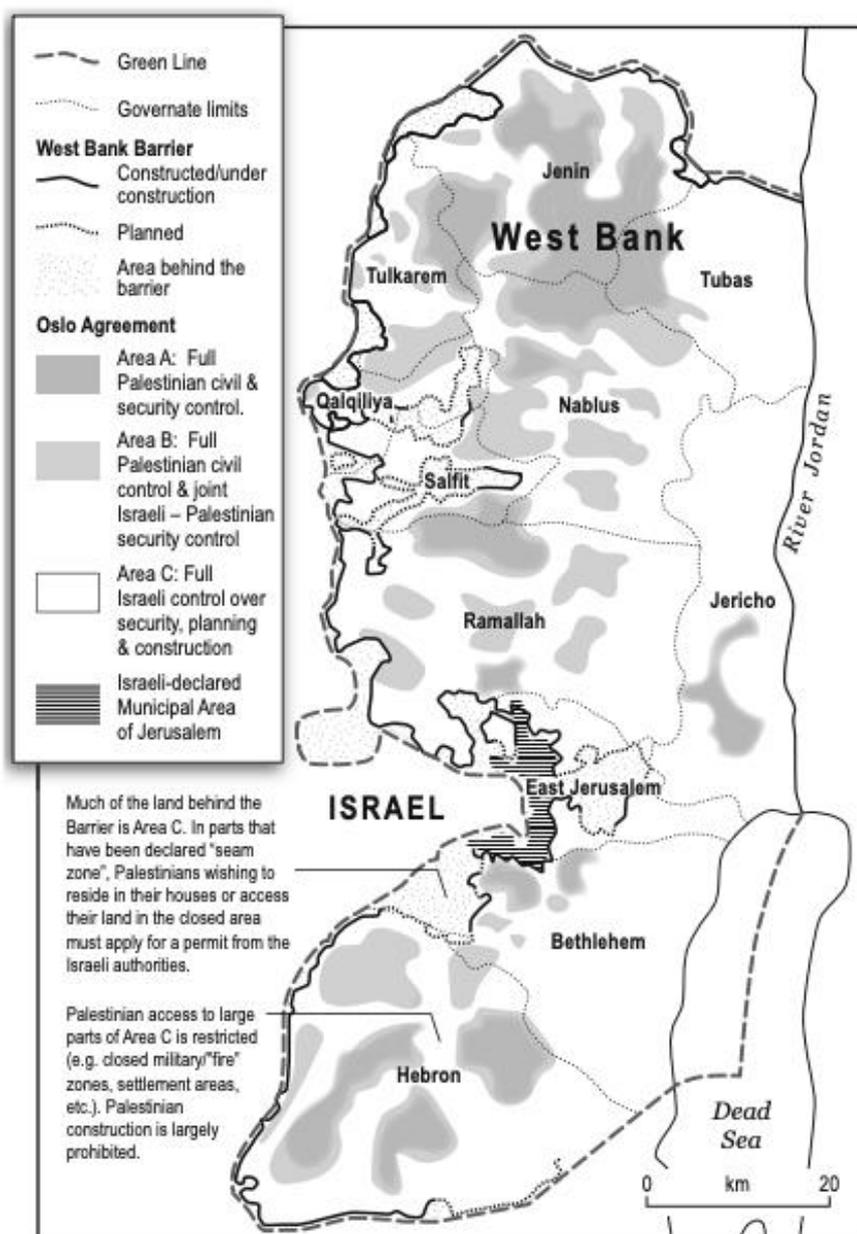
Imagem 2 - Número de colonos vivendo em assentamento por ano. Fonte: Peace Now.¹⁵

Historicamente, algumas mudanças políticas relevantes ocorreram no processo da ocupação militar israelense na Palestina, mas Pappé e Shalim (2009) opinam que nenhuma delas com a real intenção de resolver a questão. Uma destas mudanças aconteceu em meados da década em 1995, seguida dos Acordos de Oslo, quando o governo de Israel liderado por Yitzhak Rabin e a Organização pela Libertação da Palestina (OLP), na época liderada por Yasser Arafat, assinaram o Acordo Provisório Israelense-Palestino para a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, também conhecido como Oslo II. Em relação às mudanças práticas em solo, o

¹⁴ As descrições acerca da OLP, Fatah e Hamas foram desenvolvidas de forma muito breve, com a intenção de explicar basicamente quem são os grupos políticos palestinos que aparecem ao longo da pesquisa. É importante ressaltar que suas histórias e atuações são profundamente complexas e envolvem interações com outros atores, bem como os contextos políticos nos quais se desenvolveram.

¹⁵ Disponível em <https://peacenow.org.il/en/settlements-watch/settlements-data/population>. Acesso em 05/02/2024.

Acordo providenciava eleições para o Conselho Palestino, a transferência da autoridade legislativa para o mesmo, a retirada de forças israelenses dos centros populacionais palestinos e a divisão dos territórios em três áreas - A, B e C. A área A, a partir de então, estaria sob exclusivo controle palestino, a área C sob exclusivo controle israelense e a área B estaria sob exercício da autoridade civil palestina, enquanto Israel seguiria sendo responsável pela segurança da região (Shlaim, 2009, p. 202).



Areas A, B and C in the West Bank 2010

Imagem 3 - Cisjordânia e as divisões das áreas A, B e C. Fonte: Pappé, 2017, p 264.

Outro fato histórico importante que alterou de forma a intensificar a dinâmica da ocupação, tornando-a ainda mais profunda, foi a construção do Muro da Cisjordânia. Um projeto controverso, que tem a intenção de separar o território israelense da Cisjordânia, construído por Israel sob o argumento de servir como uma barreira de segurança, para que possíveis militantes palestinos armados não possam cruzar o território e servir de ameaça à população civil israelense. O muro começou a ser construído em Junho de 2002, em meio a Segunda Intifada, e atualmente 85% de sua extensão passa em meio a territórios da Cisjordânia. Ao longo de sua construção, vilarejos e plantações palestinas foram atravessados, propriedades, escolas e cemitérios destruídos e vilas inteiras foram separadas. O muro estabeleceu, ainda, um sistema estrito de *checkpoints*, nos quais palestinos são revistados e avaliados para passar de um lado a outro.

Na sequência do início da construção do Muro da Cisjordânia, em 2005 uma outra mudança significativa ocorreu na dinâmica da ocupação. O Estado de Israel, então sob o governo do Primeiro Ministro Ariel Sharon, do partido Likud, realizou uma retirada unilateral da Faixa de Gaza, removendo os oito mil habitantes israelenses que viviam no local e demolindo suas casas. Embora o governo de Sharon tenha se retirado de Gaza sob o discurso de uma ação como contribuição a um processo de paz, os resultados foram outros. Um ano após a retirada de Israel de Gaza, mais de doze mil israelenses passaram a morar em assentamentos na Cisjordânia. Além disso, embora colonos israelenses tenham sido removidos da Faixa de Gaza, o exército de Israel continuou a controlar todos os acessos à região, por terra, ar e água. De acordo com Shlaim (2009, p. 309), Gaza se converteu em uma prisão da noite para o dia.

Essas mudanças nas dinâmicas da ocupação, ocorridas ao longo das décadas pelas quais ela tem se estendido, embora que por diversas vezes tenham sido realizadas sob o discurso de fazer parte de um possível processo de paz, na realidade não representaram qualquer alteração positiva visando a autonomia palestina. Inclusive, em muitos casos, como na construção do Muro da Cisjordânia e na retirada seguida de cercamento da Faixa de Gaza, o que aconteceu foi um aumento do controle e da violência em relação aos habitantes palestinos dos territórios ocupados.

Os movimentos estudados nesta pesquisa são movimentos que visam resistir à ocupação militar na Palestina. De acordo com suas próprias descrições, um de seus objetivos é chegar à possibilidade de um acordo de paz que seja justo para os dois lados e para isso acontecer, o término da ocupação seria necessário. A próxima seção propõe uma reflexão sobre as práticas violentas perpetradas cotidianamente na estrutura da ocupação para que se possa compreender a que se referem os movimentos que trabalham para sair do ciclo violento e alcançar o fim da violência em questão.

1.2

Sobre as violências da ocupação

Tanto a organização Combatentes pela Paz (CFP) quanto a organização Círculo dos Pais Fórum das Famílias (PCFF) trabalham em prol de uma sociedade na qual tanto palestinos como israelenses tenham direito à autodeterminação e possam ter seus Estados, vizinhos e em coexistência pacífica. Mais adiante este tema será aprofundado para que se possa examinar, também, o significado do conceito de paz. Primeiro, para entender sobre os métodos da não violência, é preciso esclarecer o que se entende, neste contexto, como violência.

Quando acessamos as informações sobre ambas as organizações, na parte "sobre nós" dos sites eletrônicos, esta é a descrição que encontramos:

A missão do CFP é construir a infraestrutura social necessária para terminar o conflito e a **ocupação**: comunidades de Palestinos e Israelenses trabalhando conjuntamente através de meios não-violentos para promover a paz. Nós acreditamos que tais comunidades podem servir de modelo para os dois povos, demonstrando através da ação que existe uma alternativa real para o ciclo de violência. Nós acreditamos que a disseminação ampla de tais atividades irá gerar mudança atitudinal em um nível social e mudança política no nível político. Nós vemos Combatentes pela Paz como uma comunidade forte, significativa, influente e bi-nacional - uma comunidade que exemplifica a cooperação viável e a coexistência entre Palestinos e Israelenses. É um movimento baseado em ativismo não-violento desenhado para avançar o **fim da ocupação** e para providenciar a fundação de relações entre os dois povos, subsequente a um acordo de paz. Nosso objetivo final é **terminar com a ocupação** e o estabelecimento de um Estado Palestino baseado nas fronteiras de 1967; dois estados vivendo lado a lado em paz e cooperação ou qualquer outra solução acordada em negociações. Combatentes pela Paz, fundado em 2006, é uma organização sem fins lucrativos, voluntária, de ex-combatentes Israelenses e Palestinos, homens e mulheres, que baixaram suas armas e rejeitaram qualquer meio de violência. Nós estamos trabalhando juntos

para o **fim da ocupação** da Palestina, para trazer paz justa ao território e para demonstrar que Israelenses e Palestinos podem trabalhar e viver juntos.¹⁶

Trabalhar para o fim da violência e para alcançar um acordo político aceitável. Os membros do PCFF são **opostos à ocupação** e acreditam que é possível acabar com o conflito. Eles desejam influenciar os tomadores de decisão pública e política a escolher a reconciliação e o caminho da paz ao invés da violência e da guerra. Criar um modelo para reconciliação entre os 2 povos que leve em consideração que qualquer acordo político de paz precisa incluir uma infraestrutura para o processo de reconciliação. Trabalhar para o fim da violência para a aceitação de um acordo político. Influenciar tomadores de decisão pública e política a escolher a reconciliação e o caminho da paz ao invés da violência e da guerra para alcançar um acordo justo baseado em empatia e entendimento. Evitar a utilização do luto para mais violência e retribuição. Os membros enlutados do PCFF são **opostos à ocupação** e acreditam que atingir uma reconciliação histórica entre as duas nações é um pré-requisito para transformar um futuro acordo de paz em uma Paz sustentável. O Círculo dos Pais Fórum das Famílias convida qualquer pessoa que tenha perdido um membro da família por causa do conflito a se juntar a nós. Juntos, nós vamos trabalhar para prevenir mais enlutamento, e para promover diálogo, tolerância, reconciliação e paz.¹⁷

Ambos os textos contêm diversas mensagens, palavras e significados profundamente importantes. Mas neste momento, o foco será ao fato de que ambos buscam a paz entre Israel e Palestina, a fundação de um Estado Palestino e relações normalizadas entre os dois povos. Ambos conectam esse objetivo à necessidade de se conquistar o fim da ocupação.

Através da atuação, depoimentos e atividades desenvolvidas por estes grupos, entende-se que o conflito em voga, o famoso "conflito Israel-Palestina" é, atualmente, na realidade, o ciclo de violência decorrente da ocupação. O Estado de Israel pratica a ocupação militar e todas as violências que estão inseridas nela. Indivíduos, grupos e organizações palestinas muitas vezes respondem a isso - como forma de resistência, contestação ou mesmo vingança e expressão de raiva - diversas vezes utilizando práticas também violentas e que, corriqueiramente, são direcionadas a alvos mais possíveis de serem atingidos: civis. Em decorrência disso, o Estado de Israel acusa tais atos de violentos, direcionados a civis, geralmente apontando-os como atos terroristas¹⁸ e alega ter seu direito de autodefesa. A

¹⁶ Tradução e grifo da autora. Disponível em: <https://cfpeace.org/about-en/> . Acesso em 05/02/2024.

¹⁷ Tradução e grifo da autora. Disponível em: https://www.theparentscircle.org/en/about_eng-2/vision_eng/ . Acesso em 05/02/2024.

¹⁸ A utilização da palavra terrorismo para se referir às ações de grupos armados palestinos, que no geral têm como alvo a população civil israelense, é um debate profundo e bastante complexo. Na medida em que o termo não possui uma definição universal, diferentes atores políticos o enxergam e utilizam de diferentes formas. De acordo com Yesa Ormond, o termo terrorismo é escorregadio,

resposta é, grande parte das vezes, apresentada em atos de violência muito mais intensos que os cotidianos, como bombardeios aéreos, demolições e ataques por via de tanques. Eventualmente, esses escalonamentos de violência mais intensos se acalmam através de acordos de cessar fogo (nunca acordos de paz a longo prazo). Retorna a prática cotidiana da ocupação. Assim o ciclo segue.

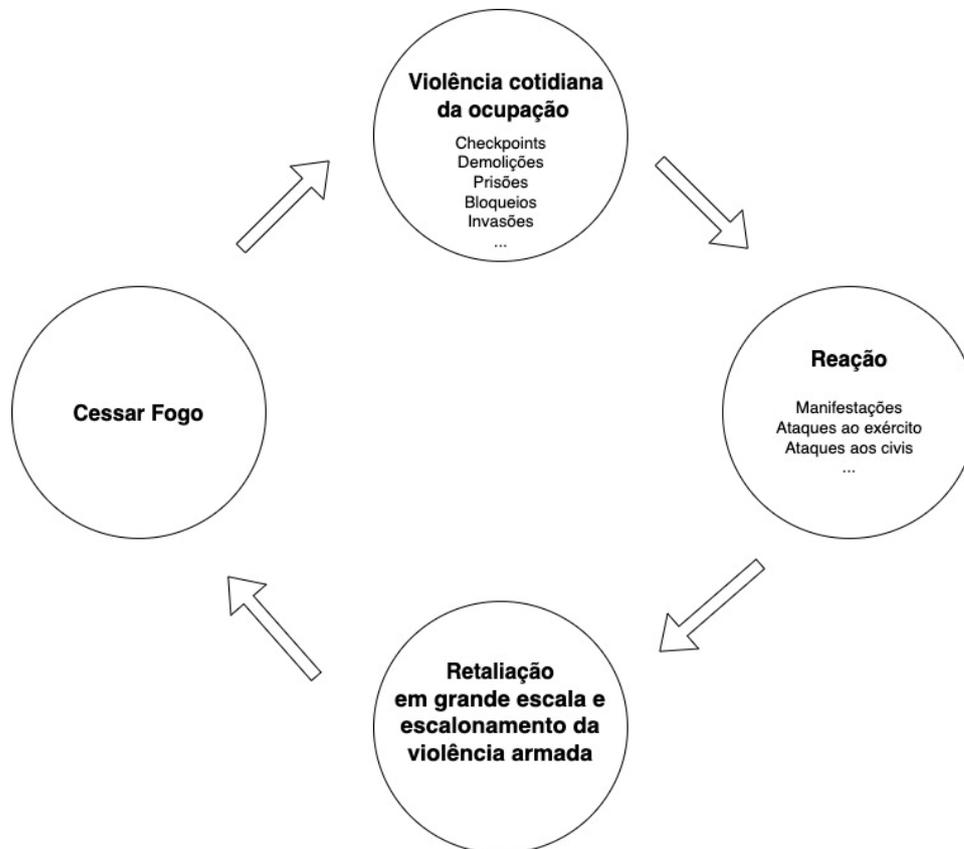


Imagem 4 - Ciclo da violência entre Israel e Palestina.

Para uma melhor compreensão desse ciclo, que será mencionado repetidamente ao longo da pesquisa, é interessante perceber e localizar o conflito

polissêmico e escapa a fechamentos, na medida em que para alguns ele significa um ato de violência subnacional, enquanto que para outros, um ato de resistência (Guerra, 2023), como é o caso em questão. As ações violentas por parte de grupos palestinos que ferem e, muitas vezes, matam civis israelenses, são consideradas pelo Estado de Israel, bem como por uma diversidade de atores, como atos terroristas. Para muitos palestinos, no entanto, elas são ações de resistência e reação às práticas da ocupação militar israelense. Ainda de acordo com Ormond, o termo terrorismo não é puramente descritivo ou neutro. Ela afirma que, por um lado, "terrorismo" é oferecido como um conceito organizador – ações contra "terrorismo" tomam lugar em nome da "segurança nacional" mas, de outro, o apelo a ele lança mão de juízos morais – que distinguem o "certo" e o "errado", o "bem" e o "mal". É nesta linha de pensamento que Phillipe Bonditti (2014, p. 194) opina que "analisar como o termo terrorismo está sendo usado fala muito mais sobre aqueles que falam sobre "terrorismo" do que sobre a violência em si mesma".

Israel-Palestina no contexto definido por Lederach (1997) como um conflito armado contemporâneo, já que ele possui as características definidas pelo autor neste sentido. Ele é, primeiramente, um conflito que ocorre dentro de limites geográficos muito próximos. Israelenses e palestinos são, literalmente, vizinhos, o que é importante de pontuar já que este fator é relevante no imediatismo da experiência violenta. Embora ocorra dentro deste espaço territorial, ele se internacionaliza muito facilmente. Isso acontece de diversas formas, estando grupos armados que atuam no conflito baseados em países vizinhos, o deslocamento de pessoas em situação de refúgio para outros países e mesmo através da mobilização do dinheiro que financia o conflito vindo de nações próximas e distantes. No caso de Israel e da Palestina, essa internacionalização acontece fortemente, ainda, através da divisão de opiniões, retratação do conflito por diversos meios de comunicação e movimentos de boicotes econômicos, por exemplo. Com a internacionalização do conflito, internacionalizam-se também preconceitos que fazem parte dele e o alimentam, como o antisemitismo e a islamofobia.

É importante apontar, ainda, que dentro desse cenário, que Lederach chama de conflito armado contemporâneo, coesão e identidade tendem a se formar dentro de linhas cada vez mais estreitas do que aquelas que abrangem a identidade nacional. Na situação de conflitos armados, as pessoas buscam por segurança ao se identificar com algo próximo à sua própria experiência e sobre a qual elas tenham algum controle. Nos cenários atuais, essa identificação pode ser representada por clãs, religião, etnicidade, ou afiliação geográfica/nacional, ou ainda um mix de todas elas. O processo no qual isso acontece tem embasamento em raízes profundas de rompimento, medo e paranoia, que são reforçados pela experiência imediata da violência, divisão e atrocidades. Essa experiência imediata, por sua vez, exacerba ainda mais o ódio e o medo que alimentam o conflito.

O autor chama a atenção para um fator que é bastante relevante nesta tese: a diferença entre os conflitos internos e o conceito tradicional de conflitos internacionais é exatamente este imediatismo da experiência. Ele é o resultado da proximidade dos grupos conflitantes, da história comum partilhada entre eles e da dinâmica da estereotipação severa junto com a radicalização das diferentes percepções em relação ao outro. Esses conflitos estão, por natureza, alojados em relacionamentos de longa data. Em outras palavras, eles são “prolongados” ou “intratáveis” (Lederach, 1997, p.14). Parte do desafio colocado por boa parte dos

conflitos armados é exatamente a natureza de longo prazo da animosidade, da percepção de inimizade e do medo profundamente enraizado dos grupos em conflito.

Dentro dessa percepção sobre o cenário geral do conflito entre Israel e Palestina enquanto um conflito armado contemporâneo, a compreensão de que a prática da ocupação militar israelense está no centro desse ciclo de violência é essencial para entender que a atuação de grupos não violentos de ação conjunta de civis palestinos e israelenses afirmem que, para haver uma paz sustentável, é necessário o fim da ocupação. Nos próximos parágrafos, será realizada uma discussão do que se entende aqui, por violência e de que forma ela é perpetrada na dinâmica da ocupação militar, envolvendo tanto palestinos como israelenses no ciclo.

1.2.1

A violência é mais do que somente física

"Violência gera violência". A afirmação feita por Galtung (1990, p. 295) no artigo em que o autor apresentou o conceito de violência cultural parece óbvia, mas é ao mesmo tempo extremamente importante de ser compreendida. Os movimentos analisados nesta tese são de atuação conjunta entre civis palestinos e israelenses que se opõem à ocupação militar dos territórios palestinos e buscam uma solução para sair do ciclo de violência. Esse ciclo, embora assumidamente desigual do ponto de vista dos participantes dos movimentos aqui tratados, atinge ambos os lados e um dos propósitos da adoção de métodos não violentos é que os dois lados abram mão de utilizar a violência e deixem de ser atingidos por ela.

A palavra violência, muito utilizada nesta pesquisa, seja sozinha ou seguida do "não" como aparece na maioria das vezes, possui muitas conotações. Ela é, em grande parte, ligada à concepção de agressão física. Mas na realidade as formas de praticar violência (e os meios através dos quais ela se torna estrutural) vão além desse entendimento. Neste trabalho, utilizo o conceito conforme foi desenvolvido por Johan Galtung (1969;1990), que afirmou que a violência está presente quando seres humanos estão sendo influenciados de tal forma que suas realizações somáticas e mentais reais estão abaixo das suas realizações potenciais (Galtung,1969, p.168). Dessa forma, a violência é a causa da diferença entre o

potencial e o real, entre o que poderia ser e o que é. Violência é aquilo que aumenta a distância entre o potencial e o real e o que impede que essa distância diminua. Em outras palavras, quando o potencial é superior ao real é, por definição, evitável e quando é evitável, então a violência está presente.

Em 1969, a partir desta definição, Galtung desenvolveu seis distinções importantes que devem ser levadas em consideração no estudo sobre a violência. Através da pesquisa aqui apresentada, é possível entender a relevância de cada uma dessas seis distinções, já que elas estão presentes na dinâmica da ocupação.

A primeira delas é a distinção entre a *violência física* e a *violência psicológica* (Galtung 1969, 170). A primeira sendo a ideia de violência mais óbvia, aquela violência que atinge o corpo. A segunda, de acordo com o autor, é a violência que atinge a alma. Ao sofrer violência física, os seres humanos são feridos de forma somática, até o ponto no qual isso possa matar. Já a violência que machuca a alma inclui mentiras, lavagem cerebral, doutrinação de várias formas, ameaças e outras mais, que servem o propósito de diminuir potencialidades mentais. A presença da violência física na ocupação militar é bastante clara e a violência psicológica, que ocorre no cotidiano dos palestinos residentes nos territórios ocupados, é intensa. De acordo com um relatório publicado pela *Save the Children*, em junho de 2022¹⁹, por exemplo, quatro em cada cinco crianças entrevistadas em Gaza relataram viver com depressão, tristeza e medo após 15 anos de encerramento. Do lado israelense a violência psicológica decorrente do conflito e da ocupação também está presente, embora em proporções e com estruturas bastante diferentes, como analisado por Greenbaum e Elizur (2012) em um estudo que demonstra como israelenses de várias idades foram expostos a diversos tipos de traumas decorrentes do estresse da manutenção da ocupação e do medo da reação dos palestinos a ela.

A segunda distinção feita por Galtung (1969, p. 171) acerca da violência é entre a abordagem da *influência positiva* e *negativa*. Uma pessoa é influenciada não só quando é punida ao fazer algo que desagrade o influenciador, mas também sendo recompensada quando age de forma que o influenciador acha correto. Para exemplificar essa distinção, o autor aponta que pensadores contemporâneos diriam que a sociedade consumista recompensa amplamente aqueles que cedem ao

¹⁹ Disponível em: <https://resourcecentre.savethechildren.net/document/trapped-the-impact-of-15-years-of-blockade-on-the-mental-health-of-gazas-children/> . Acesso em 04/02/2024.

consumo enquanto pune aqueles que não o fazem. De acordo com relatos dos participantes dos movimentos analisados neste estudo, existe uma série de consequências sociais decorrentes da decisão de adotar a não violência e de atuar conjuntamente com indivíduos do outro lado. Em Israel, por exemplo, de acordo com a organização *New Profile*²⁰ os jovens que optam por não servir ao exército recebem a crítica social de tomarem uma escolha de cunho egoísta e têm que lidar com impasses profissionais, barreiras sociais, discriminação e rotulagem negativa em sua vida civil²¹. Do lado palestino, Ma'ari (1999) analisa alguns dos desafios enfrentados por palestinos que apoiam a possibilidade de estabelecer relações sociais com israelenses - comumente chamados pejorativamente de normalizadores - citando intelectuais que foram fortemente criticados pela imprensa e profissionais que chegaram a ser expulsos de suas organizações²².

A terceira distinção que Galtung faz (1969, p. 171) é em relação ao objeto da violência, ou seja, a pessoa - ou pessoas - alvo do ato violento: se há ou não um objeto a ser machucado. Desta forma, Galtung questiona se podemos falar de violência quando não há objeto físico ou biológico a ser machucado. Ele mesmo responde que esse seria o caso do que chama de violência truncada. Quando uma pessoa, um grupo ou mesmo uma nação está exibindo os meios de violência física, seja jogar pedras ao redor ou testar armas nucleares, pode não haver violência no senso de que ninguém é machucado, mas há mesmo assim a ameaça da violência

²⁰ A *New Profile* é uma organização israelense que se define como um movimento feminista que se opõe ao militarismo. Ela atua para diminuir a influência do militarismo em Israel, oferecendo auxílio psicológico, administrativo e legal a israelenses que não querem servir no exército e promovendo discurso crítico acerca do tema militarismo e sociedade civil israelense.

²¹ Disponível em: <https://newprofile.org/en/refusing-and-avoiding-military-service/>. Acesso em 05/02/2024.

²² O Professor de Sociologia da Universidade Birzeit, Mahmoud Ma'Ari (1999), analisa o termo normalização, relacionando-o com conceitos como distância social, estereótipos, e preconceito, que explicam algumas das relações entre grupos étnicos, incluindo aquelas entre povos ocupados e ocupantes. É natural, segundo o Professor, que pessoas sob ocupação queiram manter distanciamento social de seu opressor. Normalização, neste sentido, seria aceitar estabelecer o movimento de ter relações sociais com o grupo que perpetra a ocupação. Ao discorrer sobre o tema especificamente no caso de Israel e da Palestina, Ma'Ari analisa que pensar em normalização entre judeus e árabes na região é algo visto de perspectivas muito diferentes pelas partes. Enquanto que para a sociedade israelense a normalização é um objetivo básico para que se possa desenvolver um acordo político, para a sociedade palestina e árabe como um todo, segundo o autor, a maioria opina que a normalização não pode acontecer antes que se estabeleçam passos mínimos de um acordo político, como a retirada das forças militares israelenses dos territórios ocupados e a devolução de regiões aos palestinos. Desta forma, palestinos que estabelecem relações sociais com israelenses são muitas vezes vistos como traidores, de forma que o termo "normalizador" ganha uma conotação pejorativa.

física e ameaça indireta de violência mental, que pode inclusive ser caracterizada como um tipo de violência psicológica, uma vez que restringe a ação humana.

Outra reflexão inserida no contexto desta distinção é se a destruição de coisas pode ser considerada como violência. Galtung (1969, p. 171) afirma que, pelo menos em dois sentidos, a destruição de coisas pode ser vista como violência psicológica: a destruição de coisas representando a possível ameaça de destruição de pessoas e a destruição de coisas como a destruição de algo muito querido para as pessoas que a possuem. Como será analisado de forma mais profunda a frente, a destruição de casas em territórios palestinos é uma das práticas cotidianas comuns perpetradas pela ocupação militar israelense (Hatz, 2020).

A quarta distinção proposta por Galtung (1969, p. 171) se refere ao sujeito: se há ou não um sujeito (pessoa) que age. Pode haver violência quando não há ninguém realizando a violência? Este também seria o caso do que ele chama de violência truncada - e um caso muito importante a ser considerado por estudiosos do tema. Referimo-nos a esse tipo onde há um ator que comete a violência como pessoal ou direta e a violência na qual não há este ator como estrutural ou indireta. Nos dois casos, indivíduos podem ser mortos ou mutilados, atingidos ou machucados e manipulados. Porém, no primeiro caso essas consequências podem ser traçadas a pessoas concretas como atores, no segundo caso não há sentido em fazer isso. Pode não haver nenhuma pessoa que diretamente atinge outra pessoa na estrutura. A violência é construída na estrutura e aparece como poder desigual e conseqüentemente como chances de vida desiguais. Recursos são distribuídos de forma desigual, como quando a distribuição de renda é muito desigual, a distribuição da saúde e da educação são desiguais. Acima de tudo, o poder de decidir sobre a distribuição de renda é desigual. A violência como uma relação clara de sujeito-objeto é manifestada porque é visível como ação. É pessoal, porque há pessoas cometendo a violência. A violência sem essa relação é estrutural. Segundo Butler (2020, p. 2), nesse sentido, para entender violência estrutural ou sistêmica, é necessário ultrapassar a compreensão positiva que limita nossa compreensão de como a violência funciona. É preciso ir além da imagem de dois atores, onde um ataca e o outro é atacado.

A quinta distinção feita no artigo (1969, p. 172) é entre violência que é *intencional* e violência que *não é intencional*. Essa distinção é importante quando

há a decisão a respeito da culpa, já que o conceito de culpa tem sido mais relacionado à intenção, tanto na ética Judaico-Cristã como na jurisprudência romana, do que à consequência - enquanto a discussão sobre violência desenvolvida pelo autor está completamente alocada no lado da consequência. Como ressalta Galtung, essa conexão é importante porque traz ao foco um viés presente em muitos dos pensamentos sobre violência, paz e conceitos relacionados - sistemas éticos direcionados contra violência intencional são facilmente passíveis de falha na captura de violência estrutural em suas redes.

O autor segue, então, para a sexta e última distinção (1969, p. 172) entre dois níveis de violência: *a manifesta e a latente*. A violência manifesta, seja ela pessoal ou estrutural, é observável. Violência latente é algo que não está ali, mas pode facilmente acontecer. Nesse sentido, podemos dizer que há violência latente quando a situação é tão instável que o nível de realização verdadeira facilmente decai. No caso da violência pessoal, isso significaria uma situação na qual um pequeno desafio iria desencadear matanças e atrocidades consideráveis. Nesses casos, nós precisamos de uma forma para expressar que a violência pessoal está lá no dia, hora, minuto, segundo antes da primeira bomba, tiro, luta e esse é o que o conceito de violência latente, pessoal, busca abranger. Indica uma situação de equilíbrio instável, quando o nível de realização verdadeiro não é protegido suficientemente contra a deterioração. A violência latente neste caso estudado permeia a rotina da ocupação. A tensão da violência latente está presente tanto no cotidiano dos palestinos que estão sob dominação militar e sabem que a qualquer momento algo mais grave pode irromper, quanto para os israelenses que temem frequentemente a reação armada de um (ou um grupo) palestino armado, ou ainda, para ambos os lados, a constante possibilidade de maior tensionamento e escalonamento do conflito.

Após realizar as seis distinções, Galtung chama atenção para o fato de que não é de se estranhar que se dê mais atenção à violência pessoal do que à violência estrutural. A violência pessoal aparece. O objeto da violência pessoal percebe a violência, enquanto o objeto da violência estrutural pode ser persuadido a não perceber. A violência estrutural é silenciosa e essencialmente estática. Em outras palavras, ele concebe a violência estrutural como algo que apresenta certa estabilidade, enquanto a violência pessoal (por exemplo, medida pelo número de vítimas causado por um conflito ou uma guerra) demonstra flutuações tremendas

com o tempo. Neste ponto, é importante apontar para o fato de que a dinâmica da ocupação militar israelense na palestina, embora envolva muitos casos de violência pessoal e momentos de escalonamento de conflito armado, é, na realidade, um acontecimento estrutural, como apontado por Pappé (2017, p.3).

Alguns anos depois, em 1990, Galtung introduziu o conceito de violência cultural. Somada à violência pessoal (executada diretamente por um sujeito) e à violência estrutural explicada acima, estes três tipos formariam o *triângulo da violência*, no qual um tipo sustenta a execução dos outros dois, mantendo o fluxo da violência em um determinado grupo ou sociedade.

Com *violência cultural* ele quer dizer os aspectos de uma cultura, a esfera simbólica da nossa existência, exemplificados por religião e ideologia, linguagem e arte, ciência empírica e ciência formal (lógica, matemática) - que podem ser utilizados para justificar ou legitimar violência direta ou estrutural. Galtung escreve que, neste caso, estrelas, cruzeiros e crescentes, bandeiras, hinos e passeatas militares, discursos inflamados, tudo isso vem à mente (p. 291). O autor, no entanto, chama a atenção para o fato de que culturas inteiras dificilmente podem ser caracterizadas como violentas, mas certos aspectos de uma cultura podem ser exemplos de violência cultural.

No triângulo proposto por Galtung, o papel da violência cultural é de fazer com que a violência direta e a violência estrutural sejam vistas, mesmo sentidas, como certas - ou, pelo menos, não erradas. Ele aponta para o importante aspecto de que o estudo da violência é sobre dois problemas: a utilização da violência e a legitimação dessa utilização. O estudo da violência cultural destaca a forma na qual o ato da violência direta e o fato da violência estrutural são legitimados e, dessa forma, se tornam aceitáveis pela sociedade. Muito do trabalho dos grupos estudados por essa pesquisa tem como objetivo romper essa legitimidade.

Uma forma através da qual a violência cultural opera é trocar a cor moral de um ato de vermelho/errado para verde/correto ou pelo menos amarelo/aceitável - um exemplo seria "matar em nome do país é certo, em nome do próprio indivíduo é errado". Outra forma é tornando a realidade opaca, de forma que nós não vemos o ato ou fato violento, ou pelo menos não o vemos como violento. Entre Israel e Palestina, estes exemplos são muitos, sendo bastante ressaltados pelos *checkpoints* e pelo Muro da Cisjordânia que separa o território palestino do israelense.

Ao tratar do triângulo que envolve os três tipos de violência - pessoal, estrutural e cultural - o autor ressalta que apesar das simetrias, existe uma diferença básica na relação temporal dos três tipos de violência: a violência direta é um *evento*; a violência estrutural é *um processo* com altos e baixos; e a violência cultural é *uma invariante*, uma permanência, sendo a mesma, essencialmente, por longos períodos de tempo. O triângulo pode girar de seis formas diferentes, mas usualmente a violência cultural aparece na base, dando nutrientes para as outras duas. Normalmente, a partir da violência cultural, pode ser notado um fluxo causal via violência estrutural para a violência direta. Isso explica bastante sobre a dinâmica da ocupação e os recorrentes escalonamentos no conflito armado entre o exército de Israel e grupos militantes palestinos, como explico a seguir.

Basicamente, segundo Galtung, funciona da seguinte forma: a cultura prega, ensina, adverte, incita e nos induz a ver a exploração e/ou a repressão como normais e naturais, ou a não vê-las. Eventualmente, ocorrem erupções, os esforços para usar a violência direta para sair da jaula estrutural de ferro, e a contra violência para manter a jaula intacta. Segundo ele, é importante entender que a atividade criminal regular é parcialmente um esforço realizado pelo dominado para "sair", ou mesmo se vingar. Isso porque tanto a violência direta como estrutural criam um déficit de necessidade. Quando acontece com um grupo, gera-se um trauma coletivo que pode sedimentar no subconsciente da coletividade e se tornar matéria-prima para grandes processos e acontecimentos históricos, como vemos no caso específico entre Israel e Palestina, tanto do lado de israelenses - que possuem traumas coletivos anteriores e decorrentes do conflito - como para os palestinos, que têm vivido sob ocupação há décadas.

Nesse cenário, a suposição subjacente é simples: “a violência gera violência”. A violência é privação de necessidades; a privação de necessidades é grave; uma reação é a violência direta. Mas essa não é a única reação. Também pode haver um sentimento de desesperança, uma síndrome de privação e frustração que se manifesta internamente como agressão autodirigida e externamente como apatia e retraimento. Dada a escolha entre uma sociedade fervente, violenta e uma sociedade congelante e apática como reação à privação massiva de necessidades, Galtung (1990, p. 294) opina que os líderes tendem a preferir a última, já que preferem a “governabilidade” a “problemas, anarquia”. Na verdade, ainda de acordo com o autor, uma das principais formas de violência cultural praticada pelas

elites dominantes é culpar a vítima da violência estrutural que atira a primeira pedra, não em uma parede de vidro, mas para sair da jaula de ferro, carimbando a vítima, assim, como “agressor”.

É desta forma que, em decorrência da ocupação militar israelense na Palestina, o ciclo de violência que envolve tanto civis palestinos como civis israelenses (claramente em escalas diferentes) segue acontecendo. Como resultado da opressão gerada pela ocupação, diversos indivíduos, grupos e organizações palestinas realizam atos violentos - usualmente direcionados à população civil israelense, mais fácil de ser atingida. Quando isso acontece, o governo de Israel responde com forças militares, argumentando que suas ações são respostas para a proteção dos civis. É usualmente alegado, também, que os indivíduos ou grupos palestinos que realizaram a ação violenta o fizeram sem motivação, rompendo com o *status quo* e, portanto, sendo eles os responsáveis por uma impossibilidade de paz. Mais à frente, ao tratar do conceito da não violência, será feita uma reflexão sobre o tema específico da autodefesa, bastante utilizado pelo Estado de Israel neste contexto.

Na sessão a seguir serão analisados os diversos tipos de violência perpetrados pela ocupação militar de forma estrutural, embasados em uma cultura violenta, e os tipos de violência que decorrem deste processo como reação - seja na forma de resistência ao sistema ou mesmo vingança - em relação à população tanto da Palestina como de Israel.

1.2.2

As violências da ocupação e o funcionamento do ciclo

Existem muitas formas e práticas violentas na dinâmica da ocupação. Este não é um estudo sobre elas. Aqui, faremos uma análise mais simplificada, que nos permitirá, então, levantar o foco central do trabalho - as práticas conjuntas de não violência. Outros trabalhos que tratam sobre o tema de forma mais aprofundada e podem ser consultados com o objetivo de entendê-lo em maiores detalhes são, por exemplo, o de Pappé (2017), Shlaim (2009), Khalidi (2020) e Azoulay e Ophir (2013).

Aqui, nesta análise mais resumida, iniciarei com a observação de Galtung a respeito da violência cultural. Existem diferentes aspectos da cultura presente no Estado de Israel que justificam a prática da ocupação, que resultam que ela seja normalizada ou, pelo menos, não condenável. A primeira delas, como apontado pelo próprio Galtung (1990, p. 297) é o direito histórico do povo judeu à terra mencionada na Torah (Bíblia judaica). Para muitos israelenses de perfil religioso, essa é justificativa suficiente para a ocupação de territórios que ultrapassam as linhas verdes e a criação de assentamentos nestes locais. Um outro aspecto cultural presente é exatamente a cultura da defesa (Simonsen, 2019). Tendo seu exército nomeado "Exército de Defesa de Israel", existe bastante enfoque por parte do governo em fortalecer a ideia de que as ações violentas relativas à Ocupação - desde a dominação militar dos territórios, até os *checkpoints* e a construção do Muro da Cisjordânia, bem como qualquer ação armada, são em nome da autodefesa. Esta defesa de Israel se estende para a ideia de defesa do povo judeu e ultrapassa o conflito Israel-Palestina. Como pode ser notado em muitos discursos políticos (Bankel, 2015), a ideia da necessidade da defesa está presente no imaginário de Israel de diversas formas - como sendo um país isolado regionalmente no meio de governos hostis, como sendo o único refúgio do povo judeu depois de séculos de perseguições antissemitas históricas, constantes referências ao Holocausto e o direito à defesa para que algo assim nunca mais aconteça.

Do aspecto estrutural da violência da ocupação existe, de fato, toda uma estrutura, também embasada nestas construções militares de *checkpoints* e muros de separação, torres de segurança, fronteiras e diferenciações de *status* políticos entre israelenses com cidadania integral, árabes israelenses, palestinos que vivem nos territórios ocupados e possuem permissões de trabalho e palestinos que não possuem permissões de trabalho e, logo, não podem se deslocar para o território israelense. De acordo com Friedman e Nuri (2017) ocorre, desta forma, na sociedade israelense, a regularização dessa ocupação, uma forma de conviver com ela que não levante constantes críticas por grande parte de seus cidadãos, a partir de duas perspectivas - o que os autores chamam de "normalização da ocupação" e o "estranhamento da ocupação" (p. 7). Com esses termos eles querem dizer que existe normalização das práticas cotidianas da ocupação, acostuma-se a viver nesse sistema de forma que ele parece "normal". Concomitantemente, para muitos israelenses, o que permeia essa falta de percepção das práticas da ocupação está

mais relacionado ao "estranhamento", um distanciamento desses acontecimentos. Os *checkpoints* não ficam dentro do território por onde cidadãos israelenses passam corriqueiramente. Não há a presença usual de tanques militares pelas ruas de Israel e um cidadão comum israelense, muitas vezes, nunca chegou a conhecer um território palestino (e muitas vezes, nunca chegou sequer a conhecer uma pessoa palestina que viva nos territórios).

Da ordem da violência direta, a lista é enorme. Alguns pontos que são bastante conhecidos são os *checkpoints*, a separação pelo Muro da Cisjordânia, a prática de demolição de casas nos territórios palestinos, a presença constante de militares, inspeções em residências particulares, bloqueios que privam os territórios palestinos de água e energia elétrica e, principalmente no caso de Gaza, inclusive a dificuldade de chegada de bens como remédios e comida. Existe, ainda, na Cisjordânia, toda uma outra esfera da violência, que é praticada também por parte dos colonos que vivem em assentamentos e são usualmente protegidos pelo exército.

A violência atinge também os israelenses, das mais variadas formas. Como apontam Greenbaum e Elizur (2012) elas podem ser conectadas, primeiramente, por viver sob a constante sensação de uma possível guerra, de um estado de alerta contínuo. O medo de possíveis ataques armados direcionados a civis, que podem acontecer em praticamente qualquer local, é outra constante que permeia a sociedade israelense. Ademais, carregar a violência perpetrada pela ocupação também é uma tarefa que envolve um grande número da população, já que o alistamento militar é obrigatório aos 18 anos.

Ambas as populações - sempre ressaltando que de formas muito diferentes e com estruturas para lidar também diferentes - estão constantemente vivendo em um ambiente violento que as atinge fisicamente, psicologicamente e de forma estrutural.

Ao longo da última década, a violência perpetrada pela ocupação vem se intensificando²³. Segundo o relatório do *Human Rights Watch*, publicado no início de 2023²⁴, as autoridades israelenses dobraram a violência em relação aos palestinos nos territórios ocupados no ano de 2022. O relatório do Alto Comissariado das

²³Os relatórios analisados estão listados na bibliografia.

²⁴ Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2022/country-chapters/israel-and-palestine-0>. Acesso em 03/02/2024.

Nações Unidas para os Direitos Humanos sobre a situação dos territórios ocupados, lançado em Fevereiro de 2023, indicou que em 2022 houve o maior número de palestinos mortos pelas Forças de Segurança de Israel nos últimos 17 anos, bem como o maior número de israelenses mortos no conflito desde 2016. Estes números seguiram subindo no início de 2023.

Ainda de acordo com este relatório, em 31 de Outubro de 2022, Israel mantinha 820 palestinos sob detenção administrativa, dentre eles 812 homens, cinco meninos menores de idade e três mulheres. Esse foi o maior número desde 2008 e um aumento significativo em relação ao ano anterior, no qual o número de detentos foi de 500 pessoas.

O ano de 2022 também ficou marcado pelo aumento de construções de casas de assentamento e alocação de cidadãos judeus nestas regiões, processo facilitado pelas autoridades de Israel. De acordo com o grupo israelense *Peace Now*²⁵, o governo Bennett-Lapid, nesse período, avançou planos para 7.292 unidades habitacionais em assentamentos desde sua posse até o final de junho de 2022, o que representou um aumento de 26 por cento em comparação com a média anual até então.

De acordo com o relatório do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), entre Janeiro e Novembro de 2002, o governo israelense demoliu 851 casas palestinas e outras estruturas na Cisjordânia, incluindo Jerusalém Oriental, deslocando 966 pessoas²⁶. A maioria dos edifícios foi demolida por falta de licenças de construção, o que as autoridades tornam quase impossível obter para os palestinos nestas áreas. Ainda de acordo com o OCHA, em Maio deste ano, o Supremo Tribunal de Justiça de Israel deu luz verde para demolir casas de mais de mil pessoas no vilarejo de Masafer Yatta, no sul da Cisjordânia, por estarem localizadas numa zona de tiro do exército israelita. O tribunal disse que o poder dos militares de declarar zonas militares fechadas substitui o direito internacional. No mesmo relatório consta que, em 2022, as pessoas residentes em Gaza tiveram que viver sem eletricidade fornecida centralmente durante cerca de 12 horas por dia, em média.

²⁵ Disponível em <https://peacenow.org.il/en/the-first-year-of-the-bennett-lapid-government> . Acesso em 03/02/2024.

²⁶ Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/west-bank-demolitions-and-displacement-november-2022> . Acesso em 03/02/2024.

Ainda no ano passado, uma série de ataques armados conduzidos por militantes palestinos, incluindo um tiroteio em Hedera e em Bnei Brak e um esfaqueamento e batida de carro em Beersheva, causaram a morte de nove civis israelenses e dois oficiais da Polícia.

Estes foram alguns dos números coletados nos relatórios divulgados no início de 2023, que trouxeram a percepção alarmante do aumento da violência na dinâmica da ocupação militar no ano anterior, sendo que todos apontavam para uma piora já detectada no início de 2023.

No dia 07 de Outubro deste ano, enquanto este trabalho já estava sendo escrito, palestinos pertencentes à organização Hamas conseguiram ultrapassar o bloqueio de fronteiras terrestres, aéreas e aquáticas, invadiram *kibutzim* ao sul de Israel e se infiltraram em residências particulares, bem como em eventos públicos que aconteciam na região, como festivais de música, assassinando mais de 1.400 israelenses, dentre homens, mulheres, idosos, adolescentes e crianças e sequestrando cerca de 200 pessoas, até então mantidas em cativeiro na Faixa de Gaza²⁷.

Seguido do ataque palestino que matou mais israelenses na história do conflito, o governo de Israel declarou guerra ao governo do Hamas na Faixa de Gaza. Neste momento, de acordo com o Ministério da Saúde de Gaza, mais de 4 mil palestinos morreram em decorrência dos bombardeios aéreos por parte de Israel e na troca de mísseis entre o exército israelense e o Hamas²⁸.

Desde os ataques do dia 07 de Outubro, a violência na Cisjordânia também aumentou. Desde então, houve enfrentamentos entre o exército de Israel - que afirma estar realizando incursões em busca de pessoas ligadas ao Hamas - e residentes locais que têm reagido às investidas dos soldados. Além disso, de acordo com organizações humanitárias na Palestina, a violência por parte de colonos que vivem em assentamentos na Cisjordânia em relação aos civis palestinos também aumentou. Até este momento foram reportadas 70 mortes de palestinos e centenas de prisões. Das prisões realizadas, o exército de Israel afirma que mais de 350

²⁷ De acordo com o jornal israelense Haaretz. Matéria disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2023-10-08/ty-article/israels-dead-civilians-soldiers-emergency-services-personnel-killed-in-war-with-hamas/0000018b-0de8-dc5d-a39f-9fecb5a30000> Acesso em 03/02/2024.

²⁸ Informação disponível em: <https://www.moh.gov.ps/portal/en/> . Acesso em 03/02/2024.

pessoas fazem parte do Hamas. Um oficial israelense também morreu, levando um tiro em um dos embates com os habitantes locais²⁹.

1.2.3

Uma estrutura de inimizades: como a ocupação produz subjetividades palestinas e israelenses que são, estruturalmente, inimigas

Acordar no sábado de manhã foi muito doloroso... anormal, nada pode justificar. De novo, a mesma coisa, eu tenho amigos do outro lado e uma das principais coisas que eu queria fazer era imediatamente me mover, ir pra lá, ir para os meus amigos, ir checar, ver o que aconteceu. E eu senti que eu estive o tempo todo impedida pelo muro de separação, que me separa de todo mundo.

Mai Shahin, palestina, membro dos Combatentes pela Paz³⁰

A fala acima foi transcrita da gravação do encontro promovido pelos Amigos Americanos dos Combatentes pela Paz, ocorrido no dia 20 de Outubro de 2023, que trouxe cidadãos palestinos e israelenses do grupo para uma roda de conversa *online* sobre os acontecimentos recentes.

Um dos principais aspectos presentes nos depoimentos dos participantes dos movimentos analisados nesta pesquisa é sobre o fato de que eles não conheciam de fato alguém do outro lado antes de se juntar às suas respectivas organizações. Israelenses relatam que não existem muitos palestinos residentes dos territórios ocupados presentes em suas vidas rotineiras, convivendo em escolas ou universidades, dividindo o ambiente de trabalho ou mesmo espaços recreativos. Muitos israelenses contam, inclusive, nunca ter visitado uma cidade ou vila palestina, embora a distância não seja longa. Muitos dos israelenses que haviam estado em locais palestinos anteriormente, só o fizeram em função de seu serviço militar, estando ali como soldados ou oficiais do exército.

Para os palestinos que vivem nos territórios ocupados, similarmente, não há israelenses em suas rotinas ou seus meios de convivência. Muitos reportam que a única interação que chegaram a ter com israelenses até conhecerem as organizações às quais se juntaram foi tendo que lidar com soldados em um *checkpoint*, por

²⁹ Reportado pelo jornal The New York Times, disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/10/20/world/middleeast/west-bank-israel-drone.html>. Acesso em 04/02/2024.

³⁰ Transcrição e tradução da autora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ldElyjw9hhU> (35 minutos e 56 segundos). Acesso em 05/02/2024.

exemplo, ou mesmo em uma investida do exército ou presenciando a demolição de uma residência.

Separados pela estrutura da ocupação, por métodos de separação físicos e culturais, palestinos e israelenses não têm chances reais de conhecer um ao outro, tendo a oportunidade, assim, de humanizar o outro, entender sua vivência, sua experiência e sua dor e poder enxergá-lo além do sujeito produzido pelo conflito - o soldado israelense, para o palestino, e o palestino que é uma possível ameaça à segurança de Israel, para o israelense. A desconexão entre as partes auxilia na manutenção da imagem do outro como inimigo. O que, por sua vez, resulta em uma diferenciação de valores sobre a própria vida em relação às pessoas do outro lado do conflito, como analisado por Butler (2020, p.56), que afirma que as vidas aparecem de uma forma ou de outra quando vistas através de uma perspectiva histórica. Elas adquirem ou perdem valor de acordo com a forma como são retratadas.

As perspectivas históricas disponíveis sob a estrutura da ocupação dão espaço, quase que exclusivamente, ao que Friedman e Nuri (2017) explicaram como o discurso do "nós" *versus* "eles". A essa discussão, Harle (1994) contribui chamando atenção para o fato de que a percepção de alguém como inimigo só acontece quando o "nós" e o "eles" são ensinados como sendo fundamentalmente diferentes. Quando a distinção é feita de forma a refletir a luta entre o bem e o mal, sendo o bem conectado a "nós" e o mal associado a "eles". O autor explica que se há a concepção de inimigo, este sujeito não é um ser humano na mente de quem o vê assim - e deve, dessa forma, ser eliminado. A existência do "inimigo" implica desordem e uma ameaça constante à existência do "nós". De acordo com Harle, este "inimigo" é sempre o "outro" (embora nem todo "outro" seja "inimigo").

Ainda de acordo com o autor, no entanto, esse "outro" tem uma importante ação social: para haver algum tipo de ordem social, uma pessoa deve poder distinguir entre aqueles que cometem crimes e aqueles que seguem as leis. O senso do outro é muito necessário para a autoidentificação. Da mesma forma como uma pessoa não pode saber o que é pequeno sem saber o que é grande, exemplifica o autor (p. 28), ela também não tem como saber o que ela é sem ter compreensão daquilo que ela não é. Em outras palavras, uma pessoa não tem como se identificar como justa sem que haja um alter ego que seja o injusto para se comparar.

É neste sentido que, ao longo da pesquisa, no que se refere a esse relacionamento normativo entre palestinos e israelenses inseridos no ciclo da violência da ocupação e do conflito, cabe a utilização do termo cunhado por Lederach (1997, p. 11), de "sociedades profundamente divididas". O autor chama assim sociedades que vivem em cenários de conflitos contemporâneos armados e explica que existem especificidades sociais em relação a estes conflitos da contemporaneidade, sendo uma delas exatamente a proximidade geográfica nas quais vivem as pessoas dos lados opostos do conflito, o que gera um imediatismo da experiência da violência, como é o caso de palestinos e israelenses. Esse imediatismo e o fato de que, como um conflito de longa data, ele representa uma experiência geracional, gera o aumento da percepção de inimizade e do medo profundamente enraizado dos grupos em conflito. Essa configuração é, ainda, muito propícia para as partes do conflito interessadas em sua perpetuação, já que a ideia de que o inimigo mora muito próximo é muito fácil de ser vendida como motivação para aumento da segurança e da autodefesa que alimentam o ciclo de violência. Isto é parte integrante da dinâmica sociológica do que Lederach chama de "causação recíproca" (p. 14), onde o mecanismo de resposta dentro do ciclo de violência e contra violência se torna a causa para a perpetuação do conflito, especialmente onde os grupos experimentaram animosidade mútua durante décadas, se não gerações, como é o caso em questão.

O autor segue explicando que o inimigo claramente definido e imediatamente identificável, bem como a percepção de que a sobrevivência do grupo está em jogo inspira apoio sem críticas à liderança deste grupo. A ideia de que "se não dominarmos, seremos dominados" se torna um lema constante. Através dos anos, a guerra vai sendo enxergada por membros do subgrupo e por pessoas de todos os lados como uma luta por sobrevivência, tanto em termos da luta individual quanto do grupo identitário. Ao mesmo tempo, a partir do contexto em que estão inseridas, é difícil para as pessoas enxergarem a guerra como um sistema opressivo para todos que estão envolvidos.

Neste sentido da causação recíproca, ao refletir sobre ciclos de violência e argumentos de autodefesa, Butler (2020, p.16) levanta o questionamento: "aquele com quem a violência é feita não é também, em algum senso, parte do *"self"* que defende a si mesmo através de atos de violência? Há um senso no qual a violência

que é feita com um outro é no mesmo ato uma violência feita contra si mesmo, mas somente se a relação entre eles os define bastante fundamentalmente".

É nesta linha de pensamento que a autora desenvolve a reflexão sobre uma ética da não violência, a qual, segundo ela, teria que levar em conta que os "*selves*" estão implicados nas vidas uns dos outros, ligados por um conjunto de relações que podem ser tão destrutivas quanto podem ser sustentáveis. Ética, essa, que embasa bastante da motivação dos movimentos não violentos de atuação conjunta entre palestinos e israelenses e sobre a qual aprofundarei a discussão mais adiante.

2

Resistência e não violência

Esta é uma pesquisa sobre o papel da não violência entre israelenses e palestinos, em um contexto no qual a violência é estrutural e tem aumentado intensamente. São movimentos que se caracterizam como organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, compostos por civis, que, primeiro individualmente e depois coletivamente, decidiram romper com o ciclo da violência explicado acima, embasado pela realidade da ocupação militar, e buscar uma solução que não depende puramente da decisão dos políticos envolvidos. Entende-se, aqui, que ao romper com as estruturas sociais e com aquilo que os poderes em questão esperam deles, estes sujeitos estão resistindo. Resistindo à ocupação, resistindo à utilização da violência prevista pelo sistema e, acima de tudo, resistindo aos seus supostos papéis como inimigos.

O método através do qual estes sujeitos desenvolvem suas resistências é embasado em práticas da não violência. E sua atuação é conjunta. Esse entendimento é essencial para que se possa compreender a proposta desta pesquisa. Antes de adentrar no papel destes movimentos neste contexto de intensificação da violência nos últimos anos, será esclarecido o que se entende, aqui, como resistência e o debate sobre resistências não violentas, ou resistências civis.

2.1

Resistir

Em Outubro de 2018, o fotógrafo Mustafa Hassouna captou uma imagem do jovem palestino A'ed Abu Amro, na época com 20 anos, em meio a um dos protestos semanais que residentes de Gaza fizeram entre 30 de Março de 2019 e 27 de Dezembro de 2019 em oposição ao bloqueio marítimo da região por Israel. A foto viralizou nas redes sociais logo após sua publicação e muitos a compararam à obra "A Liberdade Guiando o Povo" de Eugène Delacroix. Na imagem, Abu Amro

aparece segurando a bandeira palestina com uma das mãos e empunhando uma funda sobre sua cabeça com a outra, envolto em uma fumaça densa (imagem 5)³¹.



Imagem 5 - Foto de A'ed Abu Amro em um protesto na Faixa de Gaza em 2018. Fonte: Anadolu Agency.³²

De acordo com uma série de comentários nas redes sociais, a imagem é uma excelente representação da resistência palestina. A foto de um palestino, geralmente jovem, atirando pedras em tanques ou em soldados é bastante comum no imaginário da resistência palestina em relação à ocupação militar de seus territórios (Alim, 2020). A tensão do enfrentamento - e não da fuga ou silenciamento - contra aquele que é mais forte, que possui armas mais avançadas, carrega uma imagem forte do que significa resistência, conceito amplo e que é bastante conectado à ideia de força.

Ainda assim, as resistências presentes neste estudo, embora apresentem, sim, momentos de tensões e enfrentamento, possuem um processo maior e muito diferente da imagem de um palestino segurando uma pedra em oposição à força militar ou policial israelense. Embora sejam duas concepções diversas de formas de resistir, ambas são caracterizadas, aqui, como resistência.

³¹ Jornal *Al Jazeera online*, disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2018/10/24/iconic-image-of-palestinian-protester-in-gaza-goes-viral/> . Acesso em 05/02/2024.

³² Disponível em <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/anadolu-agencys-photo-of-gaza-protester-goes-viral/1293913> . Acesso em 03/02/2024.

Dessa forma, podemos enxergar na próxima imagem também uma fotografia da resistência que, sem fumaça, bandeiras ou armas, apresenta uma roda de jovens escutando as histórias e as narrativas de um palestino e de uma israelense.



Imagem 6 - Atividade de conversa entre um palestino e uma israelense com adolescentes em uma escola de Israel. Fonte: *American Friends of Combatants for Peace*.³³

Na introdução de seu livro sobre resistências, Howard Caygill (2011, p. 2 - 4) analisa um ensaio de Sartre de 1961 denominado "Um Pintor Desprivilegiado". Nele, Sartre escreveu sobre a obra "27 de Outubro", que retrata uma manifestação. A partir de sua visão sobre a pintura, o autor filosofa sobre o espaço vazio no asfalto, entre a polícia e os manifestantes, escrevendo que o espaço por si só é significado - é composto por uma multidão e determinado como uma função da ação desta multidão. Ele questiona, então, se a multidão irá correr ou resistir. Em relação a este questionamento, Caygill levanta o argumento de que aquela era uma situação muito mais complexa do que a imagem representada na pintura. A manifestação de 27 de Outubro de 1960 tinha sido, anteriormente, banida pelas autoridades. O banimento era, somente, para manifestações ao ar livre, enquanto reuniões em ambientes

³³ Disponível em: . <https://afcfp.org/pre-military-lectures/combatants-for-peace-sharing-stories-3/>
Acesso em: 06/02/2024.

fechados ainda eram permitidas. O que ocorreu, então, foi que a Organização Nacional Estudantil Francesa realizou uma reunião massiva, que foi atacada por militantes da direita com granadas de gás lacrimogêneo, o que forçou os estudantes a saírem para a rua, resultando em um confronto com a polícia que durou mais de três horas, resultando em 60 causalidades entre os estudantes, 25 entre a polícia, e 527 presos.

O que Caygill busca argumentar com a análise do texto de Sartre e com o esclarecimento sobre a cena real representada na pintura é que o momento descrito como a decisão de "resistir ou correr" só seria possível em um contexto previamente estabelecido de forças opostas. O cenário real, no entanto, era dinâmico e, a partir de uma perspectiva dinâmica, a resistência compreendida nos termos de preservação ou do aumento da capacidade de resistir não pode simplesmente ser reduzida a uma oposição binária de "correr ou resistir". Ao contrário, ela precisa ser situada em um campo espaço temporal dinâmico, que manifeste a si mesmo em posturas de dominação e desafio. A compreensão dessa dinâmica é essencial para a análise aqui presente, que vai discutir as diversas formas que movimentos não violentos de atuação conjunta estabelecem as constantes ações de desafios em relação à estrutura da ocupação.

Este trabalho dialoga com Caygill ainda em dois outros sentidos. Sendo o primeiro deles no que se refere à análise desenvolvida pelo autor acerca da resistência e sua valência em relação a outros conceitos. De acordo com ele, o discurso de enquadramento mais difundido sobre resistências ainda permanece sendo o da força - força essa que vai além da esfera política, chegando à resistência eletromagnética, imunológica e militar. Esse caráter, como é discutido nessa tese trabalho, é equívoco, o que contribui para a intratabilidade do conceito, mas também para sua desenvoltura.

O segundo ponto importante a ser aprofundado nesta tese é a respeito da produção de sujeitos resistentes. Caygill levanta a observação de que uma forma de se aprimorar e preservar a capacidade de resistir tem sido pensada e praticada através da invenção desse sujeito resistente, ou seja, que a prática da resistência contribui para a formação de identidades resistentes, de resistentes exemplares, que habitam e fomentam uma cultura de desafio mais ampla. Um dos pontos centrais desta pesquisa é exatamente discutir, analisar e entender o papel dessa identidade

específica, do sujeito resistente no contexto de Israel e da Palestina, que se opõe à ocupação militar e luta contra ela através de métodos não violentos e da atuação conjunta. Nesta tese, esse sujeito será denominado como sujeito pacificador.

A formação desse sujeito pacificador é altamente complexa, implicando que um sujeito de um dos lados do conflito esteja disposto a negar e sair do papel que lhe foi planejado pelo sistema - o de opositor, que pode e deve usar a violência para a manutenção do sistema e/ou se defender ou mesmo se vingar da violência do outro. Um sujeito que foi planejado para não colaborar com o outro lado, tendo tido raras oportunidades de interação normalizada com o outro sem que fosse em espaços e dinâmicas proporcionados pela ocupação militar. Ele é um sujeito que 1) primeiro entende esse papel; 2) questiona sua vivência como tal e decide, então, negá-lo; 3) reconstrói sua forma de atuar na sociedade, inventando e reinventando uma nova maneira de se entender como israelense ou como palestino que não são inimigos, mas atuam em conjunto e em parceria em prol de uma causa comum e se negam a utilizar a violência em qualquer situação.

Para entender esse processo, que é constante e contínuo, podemos recorrer a Foucault, que discorreu sobre o tema da resistência em diversos trabalhos e falas ao longo de sua vida. O primeiro ponto da obra de Foucault importante para este trabalho é, talvez, o mais famoso deles. O autor relata que "onde há poder, há resistência" (2009, p. 105). A resistência, de acordo com Foucault, está sempre presente, sem ela não há relações de poder.

Em uma entrevista concedida em 1982, Foucault recebe o seguinte questionamento (2004, p.268):

— Politicamente falando, o elemento mais importante pode ser, quando se examina o poder, o fato de que, segundo certas concepções anteriores, “resistir” significa simplesmente dizer não. É somente em termo de negação que se tem conceitualizado a resistência. Tal como você a compreende, entretanto, a resistência não é unicamente uma negação. Ela é um processo de criação. Criar e recriar, transformar a situação, participar ativamente do processo, isso é resistir.

Ao que o autor responde:

— Sim, assim eu definiria as coisas. Dizer não constitui a forma mínima de resistência. Mas, naturalmente, em alguns momentos é muito importante. É preciso dizer não e fazer deste não uma forma decisiva de resistência.

Fazer desse não uma forma decisiva de resistência é exatamente o processo analisado nas próximas páginas. Encontramos bastante clarificação a respeito do desenvolvimento dessa identidade do sujeito pacificador e de seu processo de resistência que envolve, primeiro, a desconstrução de sua atuação social anterior e, segundo, a construção dessa nova identidade resistente, na análise do que Foucault chama de resistência ativa.

Em seu trabalho o autor reflete sobre duas formas de resistência, sendo uma delas reativa e a outra, ativa. Ao analisar os conceitos de resistência na obra de Foucault e levantar sobre os dois formatos, Daniel Smith (2016) explica que a resistência reativa é exatamente aquele formato que tendemos a pensar à primeira vista: existe um exercício de poder e existe aquilo que se opõe a ele. É uma reação, uma resposta. Smith cita um exemplo clássico disso: o aluno na universidade que reage a cada comando de se sentar ou se levantar, de formar uma fila, de parar de falar durante a aula, de levantar a mão toda vez que quiser se manifestar. Essa pessoa resiste ao poder em questão, constantemente testando seus limites (p. 268). Essa concepção é, então, repetida em escalas maiores, socialmente e politicamente. No entanto, Foucault chama a atenção para o fato de que a resistência como forma de resposta ao poder, em sua ação reativa, é usualmente reapropriada e reestruturada de maneira significativamente rápida, permitindo que os nós de poder se reformem rapidamente em torno dela.

Então vem à tona o que o autor chamou de resistência ativa, o tipo de resistência que é estudada neste trabalho. Neste caso, o poder é ativo quando se direciona em relação a si próprio e não contra um exercício de poder externo. Desta forma, a resistência se torna ativa em relação a si mesma, ou seja, a habilidade que cada um de nós possui de afetarmos a nós mesmos. Quando uma pessoa se auto afeta, ela abre a possibilidade de se recriar de uma maneira que difere das formas de conhecimentos presentes e das restrições de poder presentes. Foucault fala sobre este tema na mesma entrevista citada anteriormente. Ao discutir sobre questões de identidade sexual e liberdade, ele discorre sobre sua opinião de que homossexuais deveriam tentar tornar-se gays ao invés de se afirmarem como gays. Para explicar esse ponto de vista, ele conta que ao longo dos anos em que lecionou em Berkley, entrou em contato com uma comunidade gay em São Francisco que, segundo ele, tinha pouco paralelo com aquelas existentes então em Paris e que havia sido criada não como uma reação frontal contra uma cultura homofóbica, mas passo a passo na

definição de suas identidades, no sentido de que indivíduos estavam praticando poder sobre si mesmos, afetando a si mesmos, constituindo a si próprios como *gays* e, posteriormente, se conectando, devagar mas assertivamente, até formar um grupo ou uma comunidade que, na época em que Foucault chegou, possuía presença e poder políticos significativos.

O que será desenvolvido na segunda parte da tese através da análise dos movimentos Combatentes pela Paz e Círculo dos Pais é um processo de resistência ativa. Ela confronta o poder, sim, e seu objetivo final é o fim da estrutura vigente. Porém faz isso não de forma puramente reativa, mas através da redefinição de subjetividades individuais - e posteriormente coletivas - que estão focadas, primeiro, em transformar suas atuações e suas relações, levando essa existência para um público mais amplo, até que o sistema possa mudar como consequência de seu desenvolvimento.

2.2

Resistir através da não violência

Neste trabalho, o termo resistência não violenta e resistência civil é utilizado de forma intercalada, para definir meios não convencionais e não violentos de luta contra oponentes que têm poder superior, compreendido em capacidades materiais (Mouly e Delgado, 2019). Essa definição remonta ao trabalho de Kurt Shock (2013, p. 277), que define resistência civil como "o uso sustentado de métodos de ação não violenta por civis engajados em conflitos assimétricos", mas "com oponentes não aversos a utilizar a violência para defender seus interesses". Ação não violenta, neste contexto, se refere a "atos políticos não rotineiros que não envolvem violência ou a ameaça de violência". A definição está de acordo, também, com Erica Chenoweth e Kathleen Cunningham (2013, p. 271), que escreveram sobre resistência civil no número especial que editaram sobre o tema no *Journal of Peace Research*, definindo o termo como "a aplicação de poder civil não armado, utilizando métodos não violentos como protestos, greves, boicotes e demonstrações, sem utilizar ou ameaçando utilizar mal físico contra seu oponente".

Os estudos sobre resistências não violentas, ou resistências civis, têm crescido nas últimas décadas, bem como a utilização de seus métodos, que subiu a

níveis de significância política sem precedentes pelo mundo ao longo dos séculos XX e XXI (Sharp, 2013; Shock, 2015).

Um dos trabalhos mais fundamentais neste campo foi desenvolvido por Gene Sharp, que começou a escrever sobre o assunto em 1950. O autor apresentou (1973) uma teoria de poder na qual afirma que os governantes dependem do consentimento ou aquiescência dos governados. Logo, se as pessoas retiram o consentimento ou a cooperação, então a capacidade de governar do regime começa a diminuir. Desta forma, se um número suficiente de pessoas se recusa a obedecer ou se engajar em ações que apoiam o regime por um tempo suficiente, então seu poder pode ser minado ou até mesmo eliminado.

De acordo com Schok (2013, p.17), embora os estudiosos tenham criticado a sua falta de atenção às restrições estruturais da retirada do consentimento, a teoria do poder é útil para ativistas que estão tipicamente conscientes, implicitamente, se não explicitamente, das restrições dos contextos em que vivem. Ou seja, em termos políticos, a ação não violenta é baseada em um princípio básico: as pessoas nem sempre fazem aquilo que são mandadas fazer, e às vezes elas agem de formas que foram proibidas. Quando isso acontece, aqueles que atuam como os "governantes" tornam-se apenas outras pessoas. A dissolução de poder pode ocorrer de variadas formas em decorrência de conflitos políticos e sociais.

Dessa forma, o método da não violência está relacionado ao fato de que quando as pessoas recusam a cooperação, elas estão negando aos seus oponentes a assistência e a cooperação humanas básicas que qualquer governo ou sistema hierárquico necessitam. Se as pessoas fizerem isso em números suficientes e pelo tempo suficiente, aquele governo ou sistema hierárquico não terá mais poder. Essa é a suposição política básica da ação não violenta.

Sharp agrega, ainda, que a ação não violenta é um termo genérico que engloba dezenas de métodos específicos de protesto, não cooperação e intervenção, todas através das quais os resistentes conduzem o conflito realizando - ou se negando a realizar - certas questões sem utilizar violência física (Sharp, 1973, p.18). Nesse sentido, é muito importante ressaltar que enquanto técnica, portanto, a ação não violenta não é passiva. Qualquer que seja o problema e qualquer que seja a escala do conflito, a ação não violenta é a técnica pela qual as pessoas que rejeitam a passividade, a submissão, e que vêem a luta como essencial, podem manejar o

conflito sem violência. Logo, a ação não violenta não é uma forma de ignorar ou evitar o conflito. É uma resposta ao problema de como agir efetivamente na política, especialmente, como manejar o poder efetivamente.

Inclusive, de acordo com Butler (p. 24), a ação não violenta é, muitas vezes, agressiva. Concordando com o entendimento da não violência enquanto método, técnica, e não simplesmente como uma pressuposição moral, a autora afirma que devemos pensar sobre ela como uma prática política e social contextualizada que culmina em formas de resistência contra formas sistêmicas de destruição. Assim, a não violência não necessariamente emerge de um lugar calmo e pacífico da alma. Muitas vezes, ela surge como uma expressão de raiva, indignação e agressão. É comum, como aponta Butler, que se associe agressão à violência, mas, na realidade, formas de resistência não violentas muitas vezes são realizadas super agressivamente. A autora fala que aquilo que Albert Einstein chamou de pacifismo militante³⁴, ela chama de não violência agressiva.

Os motivos para se utilizar a ação não violenta ao invés de algum tipo de ação violenta diferem largamente. Diferente do que muitas pessoas podem pensar ao escutar o termo não violência, na maioria das vezes, a violência pode ser rejeitada por conta de considerações sobre sua falta de eficiência e raramente por motivos éticos, religiosos ou morais. É claro, também pode ocorrer uma mistura de motivações.

Sharp buscou classificar os diversos métodos, ou como ele mesmo fala, as "armas" (Sharp, 1973, p. 23) da ação não violenta, a fim de concretizar uma metodologia sobre o assunto, que possa ser estudada e reproduzida. O autor classificou esses métodos em três grupos, sendo eles: 1) protesto e persuasão; 2) não cooperação e 3) intervenção não violenta. Dentro destes grupos, Sharp desenvolveu uma lista de 198 métodos, afirmando que ela está longe de estar completa.

³⁴ Em 16 de Fevereiro de 1931, Albert Einstein realizou uma fala para centenas de alunos no California Institute of Technology, na qual afirmou que "Eu não sou apenas um pacifista, mas um pacifista militante. Eu estou disposto a lutar pela paz. Nada vai terminar com a guerra a menos que as próprias pessoas se recusem a ir para a guerra". Essa e outras declarações de Einstein são analisadas por estudiosos, que discutem e interpretam o conceito de pacifismo militante como uma luta através de meios pacifistas, que não envolve violência, mas que, ainda assim, representa uma luta. Como Butler reflete, a utilização da não violência, por meios agressivos, desconectando a relação entre violência e agressividade e denotando que a não violência também pode ter um caráter agressivo, de luta (McCarthy, p. 138).

Os métodos de protesto e persuasão seriam aqueles relacionados principalmente a atos simbólicos de oposição pacífica ou tentativa de persuasão. Esses atos, embora não se resumam a expressões verbais, não chegam a ser medidas de não cooperação ou de intervenção não violenta. A intenção de quem utiliza estes métodos é convencer os oponentes a corrigir ou parar de fazer algo, ou a realizar o que o grupo está requisitando. Os métodos de não cooperação, por sua vez, podem se subdividir em três subgrupos de não cooperação: social, econômica e política. *Não cooperação social* envolve atos como greves, boicotes a eventos sociais, suspensão de serviços religiosos, dentre outros. *A não cooperação econômica* está ligada a ações de recusa de comprar, vender, lidar ou distribuir bens e serviços específicos. *A não cooperação política* pode ser praticada para expressar protesto, para interromper o funcionamento da unidade política ou para contribuir para a desintegração do governo. Nessa lista estão métodos como a retenção ou retirada de lealdade, a recusa de apoio público, desobediência civil, realização de discursos e literatura advogando pela resistência.

Por fim, os métodos de intervenção atuam diretamente para mudar a situação. Como explica Sharp, intervenções negativas podem perturbar e até destruir padrões de comportamento estabelecidos, políticas, relações ou instituições. Intervenções positivas podem estabelecer novos modelos de comportamento, políticas, relações ou instituições. Os métodos da intervenção não violenta apresentam um desafio mais direto e imediato. Eles são mais difíceis tanto de sustentar quanto de aguentar. Também podem trazer repressões mais rápidas e mais severas.

Os métodos de intervenção podem ser utilizados defensivamente: para manter padrões de comportamento, instituições, iniciativa independente, dentre outros, ou podem ser utilizados ofensivamente para levar a luta pelos objetivos de quem os pratica para o próprio campo dos oponentes, mesmo sem qualquer provocação imediata. Sobre intervenção, Sharp descreveu 40 métodos, muitos dos quais são analisados na pesquisa aqui presente, sendo os principais deles a intervenção física, composta de protestos, reuniões em lugares de significado simbólico, obstrução não violenta, ocupação não violentas e intervenções sociais, como o Teatro do Oprimido, que será analisado na parte II da tese.

As atividades realizadas pelos movimentos estudados por esta tese possuem importantes componentes dos três métodos citados por Sharp, desde protestos e persuasão, passando por tipos de não colaboração, como é o caso de alguns israelenses que se recusam a servir ao exército, mas são, majoritariamente, casos de intervenção.

Sharp analisa, ainda, as dinâmicas da ação não violenta, afirmando que a operação da luta não violenta é um processo que está sempre em mudança, é fluido e interativo; nunca estático. O autor afirma - e veremos nos casos analisados aqui - que seu funcionamento também é muito complicado, inclusive mais do que a operação da guerra convencional ou da guerra de guerrilha. Ele afirma que a ação não violenta é uma forma de controlar e exercer o poder sem usar violência. O grupo não violento deve ser capaz de usar o seu poder contra o poder dos oponentes e, para isso, utiliza métodos completamente diferentes daqueles da violência política (Sharp, 2013, p. 51).

Outra observação importante e pertinente do autor para este estudo é de que, usualmente, os oponentes são governos. Ainda quando não são, os oponentes costumam ter o suporte do Estado, com suas cortes, polícias, prisões e forças militares. Na ação não violenta, não há a tentativa de confrontar o oponente com as mesmas armas que eles estão usando. Ao invés disso, em termos estratégicos, o grupo não violento atua contra a expressão violenta do poder oponente indiretamente, de várias formas. Faz isso principalmente usando uma técnica de luta completamente diferente, alguma que seja desenhada para operar em vantagem do resistente. É exatamente isso que produz um conflito assimétrico, com dois lados lutando por diferentes meios. De forma resumida, a ação não violenta opera para enfraquecer a posição de poder do oponente, visando alienar as instituições e grupos que fornecem suas fontes de poder, frustrar a utilização efetiva da sua força e enfraquecer sua vontade de utilizar suas capacidades disponíveis. Porque sua fonte de poder é reduzida ou removida, o resultado é a redução ou eliminação da capacidade do oponente de seguir na luta.

Sharp afirma, ainda, que como em todas as lutas, a ação não violenta envolve riscos. Existe, por exemplo, o risco da derrota. Não há garantia de sucesso. Durante a atuação, existe a insegurança e o perigo para os participantes envolvidos. Como sabemos, em todos os tipos de lutas, as pessoas podem ser feridas, sofrer

perdas econômicas, serem presas ou até mesmo mortas, embora esses riscos tendam a ser significativamente reduzidos em lutas não violentas, comparando-se com casos em que os dois lados utilizam a violência.

O mesmo ponto é levantado por Chenoweth e Stephan (2011), que analisaram 323 campanhas de resistência violentas e não violentas entre 1900 e 2006. Neste estudo, as autoras perceberam que as campanhas de resistência não violentas aumentaram, assim como seus sucessos. Enquanto isso, as campanhas de resistência violentas obtiveram menos sucessos ao longo do tempo. De acordo com o trabalho, neste período estudado por elas, as campanhas de resistência não violentas tiveram o dobro de chances de atingir sucesso (completo ou parcial) do que as campanhas violentas. O argumento central das autoras é que as campanhas não violentas têm vantagens a respeito da participação de pessoas, já que as barreiras são muito poucas.

Como as barreiras de participação são menores, logo os níveis de participação são maiores e maiores níveis de participação contribuem para um número de mecanismos necessários para o sucesso, incluindo aumento da resiliência, maiores probabilidades de inovações táticas, ruptura cívica prolongada (o que aumenta os gastos para o regime na manutenção do *status quo*), e mudanças quanto à lealdade dos antigos apoiadores do oponente, incluindo membros das forças de segurança.

As autoras explicam o que querem dizer por barreiras de participação menores: primeiro, seriam as barreiras físicas, que estão relacionadas às demandas físicas de participar de uma campanha. As demandas físicas de movimentos violentos são muitas, desde força, agilidade, resistência, habilidade para utilizar armas. Mas, mesmo que campanhas não violentas apresentem demandas comuns às violentas - como por exemplo, a resistência física, a possibilidade de se sacrificar e a necessidade de treinamento - ainda assim as barreiras são menores. Isso porque campanhas não violentas possuem possibilidades de atividades e práticas muito amplas, que variam de enfrentamentos de alto risco a enfrentamentos de risco muito baixo. Algumas atividades não violentas - como greves, *sit-ins*, boicote de consumo e *lockdown*, por exemplo - não exigem força ou juventude para o participante. As autoras constataram, também, que embora em algumas campanhas violentas haja a participação de mulheres, ela é mais expressiva em campanhas não violentas. As

campanhas não violentas são mais abrangentes tanto em relação a gênero quanto em relação à idade.

O segundo tipo de barreiras seriam as dificuldades de informação. Estudiosos demonstraram que as pessoas são mais favoráveis a se engajarem em atividades de protesto quando se espera que haja grande participação. Para recrutar membros de forma bem-sucedida, as campanhas devem publicizar suas atividades para demonstrar seus objetivos, habilidades e número de participantes já envolvidos. Por conta dos altos riscos relacionados a movimentos violentos, os ativistas podem estar limitados à quantidade de informação que podem divulgar. Embora campanhas violentas sejam públicas (como assassinatos, sequestros, explosões), grande parte da sua parte operacional é secreta, exatamente para que não seja descoberta. Na contramão disso, a publicidade de um ato ocorrido muitas vezes é maior em campanhas violentas. Um ato terrorista, por exemplo, ganha muito espaço na mídia sem muito esforço para que isso aconteça, enquanto vários atos não violentos altamente coordenados, às vezes, não ganham quase espaço. Por outro lado, de acordo com elas, táticas públicas têm importantes efeitos de demonstração, o que é positivo para o caso dos movimentos não violentos. Quando as comunidades observam apoio massivo e aberto e atos coletivos de enfrentamento, a percepção de risco pode declinar, reduzindo as restrições para a participação. A coragem gera coragem, especialmente quando aqueles envolvidos em atividades de protesto são pessoas comuns. Outro fator que aumenta a participação em campanhas não violentas é o aspecto de festival de muitas das atividades desenvolvidas - que envolvem concertos, música, canto coletivo ou teatro de rua. Isso atraiu um grande número de pessoas, especialmente jovens, interessados em se divertir enquanto lutavam por um bem social. Humor e sátira, que também são proeminentes em campanhas de não violência, ajudam a derrubar barreiras de medo e promovem solidariedade entre vítimas de opressão do Estado.

A terceira forma seriam as barreiras morais, que podem representar restrições para que pessoas se juntem a campanhas de resistência. Mas essas restrições são bem menores no caso de campanhas não violentas. Embora a decisão de um indivíduo de resistir ao *status quo* possa ter que ser precedida de um processo de introspecção moral, pegar em armas e ferir outros, mesmo matar, tem todo um outro nível moral envolvido. A contrariedade de pegar em armas pode significar uma barreira para pessoas que simpatizam com um movimento de resistência, mas

não querem se envolver com violência. Enquanto as campanhas violentas enfrentam essa dificuldade e tem que se contentar com a simpatia e o apoio inativo de grande parte da população, campanhas não violentas podem envolver toda uma população atingida sem precisar lidar com essas questões morais. Se juntar a um movimento não violento também inclui questões morais, como de estar colocando a si próprio ou a sua família em risco, mas ainda assim se juntar a esse tipo de campanha requer menos debate moral interno.

Outro tipo de barreiras são os problemas de comprometimento. Chenoweth e Stephan analisam como movimentos violentos exigem uma forma de comprometimento muito impactante (desde pegar em armas muito cedo, como ter que treinar novatos e, principalmente, o possível afastamento de sua vida, família e trabalho). Além disso, o preço de ser pego em movimentos violentos geralmente é a morte. Embora movimentos não violentos também exijam muito, em muitas atividades a pessoa consegue manter sua vida relativamente normal, voltar para sua casa e para seu trabalho, suas relações sociais. Movimentos não violentos também têm maiores oportunidades de anonimato, como em caso de boicotes, por exemplo. Embora existam sim casualidades, a chance de morrer em um movimento de resistência não violento é muito menor do que em um movimento violento (Chenoweth e Stephan, 2011, p. 60).

O resultado de toda essa análise é que movimentos não violentos têm mais sucesso em gerar uma base larga de participantes. Quando grandes números de pessoas em setores chave da sociedade param de obedecer e se engajam em atos prolongados de disrupção social, política e econômica, eles podem alterar fundamentalmente a relação entre governante e governado. Se a participação massiva está associada ao sucesso da campanha, então campanhas não violentas têm vantagem sobre campanhas violentas.

De acordo com a pesquisa das autoras, ainda, é importante destacar que menores barreiras para a oposição indicam não só maiores números, mas também maior possibilidade de diversidade. Quanto mais diversa for a participação de um movimento em termos de idade, gênero, religião, etnia, ideologia, profissão e *status* socioeconômico, mais complicado fica para o oponente isolar os participantes e criar uma estratégia tática de repressão. Isso não quer dizer que os movimentos não violentos estejam imunes à violência de estado, apenas que é mais provável que

essa violência "saia pela culatra". A diversidade também promove uma maior variedade de táticas, já que membros de grupos sociais diferentes são familiares com conhecimentos múltiplos (Chenoweth e Stephan, 2011, p. 64).

Como em qualquer campanha, fatores como atingir uma unidade em relação aos objetivos e métodos compartilhados, estabelecer metas realistas, acessar as vulnerabilidades do oponente e fontes de alavancagem, sequenciar táticas e navegar nas restrições estruturais (como a própria repressão do governo) também são determinantes para os resultados da campanha. Elas afirmam que a execução de qualquer estratégia de resistência - violenta ou não violenta - e a habilidade de permanecer na disputa com o adversário dependem da disponibilidade de participantes dispostos. Assim, um movimento de participação em larga escala e diversa tem uma vantagem estratégica (Chenoweth e Stephan, 2011, p. 64).

A habilidade das campanhas não violentas de poderem explorar mais facilmente essas vantagens de ter uma mobilização diversa e os altos custos da desobediência prolongada e não cooperação por um grande número de dissidentes explica parcialmente por que a resistência civil tem sido tão mais eficiente do que movimentos violentos.

Outro ponto importante notado pelas autoras é de que as transições ocorridas após campanhas de resistência não violentas bem-sucedidas tendem a criar democracias mais sustentáveis e internacionalmente pacíficas do que transições provocadas por movimentos violentos. Em outras palavras, campanhas de resistência não violentas são mais eficientes em atingir resultados e, uma vez atingidos, são mais capazes de estabelecer regimes democráticos com menor probabilidade de regressar a uma guerra civil.

Em resumo, Chenoweth e Stephan explicam essa eficiência relativa da resistência não violenta da seguinte forma: as campanhas não violentas facilitam a participação ativa de muito mais pessoas do que as campanhas violentas, aumentando a base da resistência e subindo os custos do oponente de manter o *status quo*. A participação civil massiva em uma campanha não violenta tem muito mais probabilidade de fazer com que a repressão se apresente como algo negativo, encorajando mudança de lealdade entre apoiadores do regime e providenciando aos líderes do movimento uma maior diversidade de táticas e estratégias para serem escolhidas. Para as elites do regime, aqueles engajados em resistência civil

aparecem muito mais como parceiros de negociação confiáveis do que insurgentes violentos, aumentando, assim, a chance de atingir concessões (Chenoweth e Stephan, 2011, p. 36).

Assim como Sharp (1973), as autoras também entendem que uma campanha não tem garantia de funcionar só por ser não violenta. De acordo com elas, uma a cada quatro campanhas não violentas desde 1900 foi completamente falida. Em explicação, elas argumentam que campanhas não violentas falham em atingir seus objetivos quando são incapazes de superar o desafio da participação, quando falham em recrutar uma filiação robusta e diversa que possa erodir a base do poder do adversário e manter a resiliência à face da repressão.

Kurt Schock (2013) agregou a este debate, apontando três conceitos centrais para compreender a dinâmica das resistências civis, sendo eles a mobilização, a resiliência e a alavancagem.

Sobre a mobilização, o autor se refere ao processo de adquirir recursos, pessoas e apoio para uma campanha. Ele aponta o estudo de Chenoweth e Stephan (2011) como sendo um foco na extensão da mobilização, já que elas argumentam sobre a participação ampla como facilitadora de sucesso nestas campanhas. Neste sentido, Kuran (1989) também concorda, argumentando que o custo da participação coletiva diminui quando o tamanho de um movimento de protesto aumenta e que, quando a oposição política a um regime atinge um nível crítico, é provável que o regime mude.

Os outros dois conceitos foram estabelecidos pelo autor, já que a mobilização é importante, mas não é suficiente para que as campanhas tenham sucesso. A mobilização precisa permanecer resiliente em face da repressão e ganhar vantagem sobre seus adversários para conseguir atingir seus objetivos.

Neste sentido ele adiciona o segundo aspecto, a resiliência, que se refere ao desafio de resistir e se recuperar da repressão. Ou seja, sustentar a campanha apesar das ações do oponente para restringir ou inibir. As atividades promovidas pelos movimentos estudados por esta tese nas últimas semanas, desde os acontecimentos do dia 07 de Outubro, têm apontado bastante para a importância do aspecto da resiliência. Tanto na vigília conjunta por vítimas palestinas e israelenses destas

semanas, organizada pelo Círculo dos Pais³⁵, quanto na roda de conversa com civis do movimento realizada pelos Combatentes pela Paz³⁶, os membros alegaram uma primeira reação de desânimo e impotência, chegando ao questionamento da viabilidade de seguirem em frente com suas causas e atuações. Ao que eles próprios acrescentam que tem sido importante perceber que é exatamente frente a este tipo de obstáculo para a paz que eles atuam e que embora seja muito desafiador, manter a resiliência de seguir em momentos como esses é fundamental.

Quando falamos de resiliência aqui, Schock (2005) levanta a importância de esclarecer que, embora valores morais sejam importantes nesse caso, a resiliência de uma campanha depende de interações táticas entre os desafiadores e os oponentes. O autor afirma que quando os desafiadores implementam diversos métodos de ação não violenta e conseguem combater a repressão do regime que se dá através de métodos de concentração (como manifestações) com métodos de dispersão (como boicotes), a resiliência é mais provável.

De acordo com ele, as campanhas resilientes têm maior probabilidade de produzir mudanças políticas quando as relações de dependência do oponente são alavancadas. Alavancamento, portanto, refere-se à capacidade que um desafio possui de separar o oponente das fontes de poder das quais depende, seja diretamente ou através de aliados ou terceiros. O alavancamento é um potencial que pode ser alcançado quando os desafiadores estão suficientemente organizados para ameaçar ou, de fato, retirar o apoio do oponente ou quando suas ações contribuem para que uma terceira parte ameace ou retire o seu apoio do qual o oponente depende (Schock, 2013, p. 283).

Logo, e muito diferente das formas de resistências armadas, o poder da resistência civil não provém de atacar um oponente através de ataques armados diretos ou de guerras assimétricas de desgaste; pelo contrário, é inerente à sua capacidade de minar o poder desse oponente através de ações coletivas que drenam diretamente seu poder e legitimidade ou que catalisam a retirada do apoio de atores-

³⁵ Vigília pelas vítimas palestinas e israelenses organizada pelo Círculo dos Pais no dia 15/10/23. Gravação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w-k5TUvKOF4>. Acesso em 06/02/2024.

³⁶ Roda de conversa com membros da organização palestinos e israelenses intitulada " *Holding on to Humanity and Hope*" realizada pelo Combatentes pela Paz no dia 20/10/2023. Gravação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ldElyjw9hhU&t=2156s>. Acesso em 05/02/2024.

chave dos quais o oponente depende. Uma forma de ver é que a violência funciona como um martelo, enquanto a não violência funciona mais como uma alavanca.

A análise dos autores citados aqui é importante para o tema, uma vez que busca desenvolver discussões, teorias e produção significativa do conhecimento a respeito do assunto para que movimentos de resistência civil possam se informar e se reproduzir. Como apontado ainda, por Schock (2005), estudiosos de movimentos sociais e revoluções geralmente orientam seus estudos para outros acadêmicos, enquanto estudiosos da resistência civil usualmente orientam seus trabalhos para uma audiência maior, que pode incluir praticantes e *policymakers*, bem como acadêmicos. O autor afirma, inclusive, que os estudos de Gene Sharp foram úteis para o desenvolvimento da Primeira Intifada, por exemplo.

Ao comentar a relevância de sua pesquisa, Chenoweth e Stephan escrevem que além do trabalho funcionar como uma contribuição acadêmica, esse e outros projetos que estudam não violência têm outras implicações - como a fundamentação de políticas públicas, por exemplo. Analisar os sucessos e as falhas de movimentos não violentos pode informar outros atores - governos e organizações não governamentais - como melhor apoiar esses movimentos. Além disso, uma das questões que elas levantam é que não há evidências de que atores externos possam gerar ou sustentar um movimento não violento, mas sim houve casos nos quais o suporte externo foi claramente importante, como por exemplo nos boicotes ao governo do *Apartheid* na África do Sul (Chenoweth e Stephan, 2011, p. 48). Nesse sentido, este trabalho tem a intenção de agregar à pesquisa e ao debate acerca do tema, entendendo sua relevância fundamental para a área de Relações Internacionais.

No que se deve particularmente ao conflito entre Israel e Palestina, há bastante foco na violência, como os acontecimentos da segunda metade deste ano vem comprovado. Estudar, pesquisar, teorizar, desenvolver e propagar metodologias acerca dos movimentos não violentos - especialmente aqueles que são desenvolvidos através da atuação conjunta - é fundamental para que essas ações possam ter mais atenção, suporte e para que se possa compreender os modelos de ação desenvolvidas por elas.

2.3 Por uma ética da não violência

Como mencionado na sessão anterior por diversos autores especialistas no tema, as práticas e métodos de resistências não violentas são múltiplos, fluidos e estão em constante desenvolvimento. Mas os casos estudados aqui, para além de se caracterizarem como movimentos de resistência não violentos, possuem uma especificidade. São compostos por pessoas originalmente de lados opostos do conflito, que desenvolveram metodologias de ação conjunta para o fim do ciclo de violência, o término da ocupação militar nos territórios palestinos e a criação de dois Estados que se relacionem através de interações e trocas pacíficas. Para poder compreender o processo de desenvolvimentos de tais movimentos, bem como suas estratégias e atividades, faz-se necessário entender o que Judith Butler (2020) chamou de uma *ética da não violência*, que vai além da definição, método e dinâmica referentes ao termo.

Em seu trabalho, discutido anteriormente, Galtung analisou o conceito de violência para poder falar sobre a paz. Segundo ele, a paz é a ausência da violência (Galtung, 1969, p.168). Contrariando o que pode ser comumente entendido, a paz não é o oposto da guerra, essa seria uma visão muito limitada. Dessa forma, ao limitar os estudos da paz a estudos de como evitar guerras - mais particularmente grandes guerras - e ainda mais à limitação, abolição ou controle de armas, interconexões importantes entre os tipos de violência são deixadas de fora. Particularmente, a forma como cada tipo de violência pode ser reduzida ou controlada às custas do aumento de outro. Quando, em 1990, o autor apresentou o conceito de *violência cultural*, escreveu que já que para haver paz, não pode haver violência, para se eliminar uma cultura violenta, deve haver uma *cultura de paz*.

Muito do que os movimentos estudados por essa pesquisa desenvolvem é em torno exatamente deste tópico. Criar uma cultura de paz entre sujeitos israelenses e palestinos de forma a eliminar os aspectos da violência cultural do contexto no qual vivem, para que possam sair do ciclo de violência e desconstruir a estrutura violenta desenvolvida e mantida pela ocupação militar desde um nível de base social, através da utilização de métodos não violentos. Compreender este espaço tão específico de desenvolvimento do *sujeito pacificador* - no qual subjetividades que foram produzidas pela estrutura de forma a se manterem em

lados opostos do conflito possam desconstruir estes papéis, desenvolver uma nova identidade resistente, desafiar a cultura e a estrutura da violência - é a linha de reflexão desenvolvida por Butler (2020) acerca da adoção da não violência.

A autora inicia o pensamento acerca deste tema da mesma forma que Galtung iniciou sua discussão sobre a paz – antes de tudo levantando questionamentos e reflexões em torno da própria violência. Ela aponta para a necessidade de olharmos, em primeiro lugar, para como ocorre o processo no qual se decide utilizar a violência em movimentos de resistência, principalmente nos casos em que são considerados como reação à opressão ou autodefesa.

Com o propósito de olhar para este processo, Butler aponta que um dos principais argumentos - bastante utilizados pela esquerda, ela ressalta - para defender o uso tático da violência é que muitas pessoas já vivem em um meio que as submete à violência. Dessa forma, utilizar a violência ou não, não chega a ser uma opção, já que a violência já está em uso. Porque a violência está acontecendo o tempo todo - e geralmente direcionada às minorias - usar a violência para resistir seria uma espécie de contraviolência. Além da prerrogativa geral e tradicional da esquerda sobre a necessidade de uma luta violenta para fins revolucionários, existem estratégias de justificativas mais específicas em voga: a violência está acontecendo contra nós, então é justificável que nós utilizemos a ação violenta contra aqueles que a) começaram a violência e b) a direcionaram contra nós. Fazemos isso em nome das nossas próprias vidas e nosso direito de permanecer no mundo (Butler, 2020, p.15).

Outros argumentos subsequentes, de acordo com autora, podem girar em torno de pensamentos como, por exemplo, "os outros fazem, então nós devemos fazer também". Ou "já que os outros fazem contra nós, então nós temos que fazer contra eles", em nome da autopreservação. São dois pensamentos diferentes, mas ambos importantes. O primeiro fala sobre reciprocidade direta, sugerindo que qualquer tipo de ação que o outro tome, eu tenho licença para tomar também. Essa linha de argumentação, no entanto, contorna a questão em torno de se o que o outro faz é justificável. O segundo argumento toma a violência em uma linha de autopreservação e autodefesa (Butler, 2020, p.16).

Butler argumenta que no momento em que um indivíduo ou um movimento opta por sua metodologia de resistência, com os argumentos acima em mente,

alguns questionamentos podem e devem ser levantados em resposta a eles. Primeiro, as pessoas devem se perguntar se querem que a violência continue circulando e se é inevitável que ela circule. Especificamente, no que tange ao pensamento da autodefesa, é necessário buscar compreender o que se quer dizer com o *self* presente na ideia de *self preservation*. Como esse *self* se autodelineia em relação aos outros *selfs*, no que tange à história, ao território e outras relações de delimitação? Aquele com quem a violência é feita não é também, de alguma forma, parte do *self* que defende a si mesmo através de atos de violência? Ela argumenta, nesse sentido, que há um senso no qual a violência que é feita com um outro é no mesmo ato uma violência feita contra si mesmo, mas somente se a relação entre eles os define bastante fundamentalmente.

Para dar seguimento a estas reflexões em direção ao entendimento de uma ética da não violência, Butler esclarece que é necessário que se desenvolva uma compreensão de que todas as vidas são passíveis de serem enlutadas e de que é necessário adotar uma nova concepção de igualdade frente às vidas, como explicado a seguir.

2.4

Contrariando o argumento da autodefesa: todas as vidas são passíveis de luto

O argumento da autodefesa talvez seja uma das narrativas mais presentes no conflito entre Israel e Palestina. Podemos notar isso de forma bem direta ao contemplar o nome dado ao exército de Israel, que se chama oficialmente "Exército de Defesa de Israel". Discursos por parte do governo de Benjamin Netanyahu regularmente justificam ataques massivos e ações do exército nacional em nome da autodefesa (Friedman e Nuri, 2017). Da mesma forma, sempre em proporções e impactos de níveis muito diferentes, as organizações palestinas que optam pela utilização da violência, bem como indivíduos que se utilizam da mesma tática, o fazem com o princípio básico de se defender e se libertar da estrutura opressora.

Para iniciar a reflexão acerca desse tema, Butler chama atenção para o fato existir uma concepção generalizada de que violência não é algo que podemos utilizar usualmente. A origem desse argumento pode ser por vezes religioso e por vezes político. Mas existem situações nas quais essa interdição à violência tem uma

exceção. Uma dessas exceções é exatamente a autodefesa (Butler, 2020, p. 40). Conectando essa reflexão ao conceito de violência cultural exposto por Galtung (1969), admitimos aqui o argumento de que a autodefesa é um componente básico para fomentar a cultura violenta e, logo, a violência cultural da ocupação. Por isso, para pensar em uma resistência não violenta a esse sistema, é fundamental que a atuação de organizações que adotam essa metodologia possa criticar este pensamento.

Para isso, a autora levanta o questionamento de quem se protege quando se pensa neste "auto" de "autodefesa"? Em algumas situações, este pensamento pode estar ligado a nós mesmos, outros aplicariam esta ideia a parentes próximos ou a pessoas do mesmo grupo de convivência. Então quem faz parte do nosso *self*, a ponto de nos dar a permissão de agir violentamente em relação ao outro como autodefesa?

Em muitos casos, como o estudado aqui, a violência é justificada na defesa de pessoas que vivem na mesma região ou mesmo regime que o *self*. Algum grupo é, então, coberto pelas minhas reivindicações estendidas de autodefesa, e este grupo é encarado como digno de proteção violenta contra a violência; ou seja, uma violência realizada em direção a outros para que ela não seja feita a você mesmo.

Quando um indivíduo ou um grupo se sente atacado, embora possa argumentar ser contra a utilização da violência, entende que tal interdição contra a violência reemerge na exceção. A interdição agora é imposta sobre o outro grupo, aquele que não faz parte da região do *self*, para que não se engaje em atos violentos. Se essa interdição for ausente, eu - ou nós - aparentemente temos justificativa para matar.

Eventualmente, como é muito comum na região enfocada nesta pesquisa, a exceção à interdição se abre para a situação de guerra, na qual se entende e argumenta que é correto defender a si próprio, mas não defender todo um grupo de "outros" que não pertencem ao nosso "*self*". Isso quer dizer que sempre haverá aqueles cujas vidas eu não vou defender. Esta é uma linha de pensamento bastante comum na dinâmica da ocupação militar e do conflito entre Israel e Palestina.

Então, se uma pessoa mataria por essa ou aquela outra pessoa que é próxima e afiliada, o que finalmente distinguiria a próxima da não próxima e sob quais condições essa distinção pode ser considerada como eticamente justificada? A

sugestão da Butler aqui é que a medida para a qual a exceção à não violência é tomada também é uma medida de distinção entre as populações: aqueles que não estão prontos para sofrer ou que não se qualificam como vidas a serem lamentadas; e aqueles que estão preparados para sofrer e cuja morte deve em todas as instâncias ser prevenida. Então, se nós fazemos exceções a não violência, isso quer dizer que estamos prontos para lutar e ferir, inclusive assassinar, e que estamos também preparados para oferecer razões morais para fazer isso (Butler, 2020, p.45).

Se essa lógica é verdadeira - que há pessoas que estamos prontos a machucar ou matar em nome de pessoas, com as quais dividimos uma identidade social - então existe uma justificativa moral para a violência, que emerge precisamente em uma base demográfica. Neste momento, Butler questiona o que demografia está fazendo no meio de um debate moral sobre exceções à interdição contra a violência? Com essa pergunta, ela está, na realidade, sugerindo simplesmente que o que começa como um enquadramento moral para entender a não violência se torna um tipo de problema diferente: um problema político. Na primeira instância, a norma que invocamos para distinguir as vidas que estamos dispostos a defender daquelas que são efetivamente dispensáveis é parte de uma operação de biopoder que distingue sem justificativas entre vidas que são dignas de serem lamentadas e vidas que não são dignas de serem lamentadas (Butler, 2020, p. 45). É exatamente o que vemos na estrutura da ocupação e suas constantes violências que englobam o conflito entre Israel e Palestina.

No momento em que movimentos e indivíduos entendem que através do método não violento se pode sair desta lógica, estão propondo um caminho diferente para este tipo de pensamento, que é o seguinte: se aceitarmos a noção de que todas as vidas são igualmente dignas de luto e que, portanto, o mundo político deve justamente ser organizado de uma forma na qual este princípio seja afirmado pela vida econômica e institucional, então chegaremos em uma conclusão distinta da explicada anteriormente. Afinal se uma vida, desde seu princípio, é considerada como digna de luto, então toda a precaução deve ser tomada para preservar e proteger essa vida contra danos e destruição. Butler chama isso de "igualdade radical do enlutamento" (Butler, 2020, p. 46), que pode ser entendida como uma pré-condição demográfica para uma ética da não violência que não faça exceção. Ao levantar esse ponto, a autora afirma que não está dizendo que uma pessoa não deve se defender ou que não há casos nos quais as intervenções não sejam

necessárias. Porque a não violência não é um princípio absoluto, mas uma luta com final aberto com a violência e suas forças de compensação.

Butler sugere que uma completa abordagem igualitária à preservação das vidas importa para a perspectiva de uma democracia radical na consideração ética de como melhor praticar a não violência. Como veremos nos próximos capítulos, essa abordagem é adotada pelos movimentos tratados aqui na tese, que possuem como uma de suas bases a visão igualitária de valor da vida de indivíduos palestinos e israelenses. O tema será discutido na segunda parte do texto, principalmente no capítulo a respeito do Dia da Memória Israelense e Palestina, uma celebração anual promovida por ambas as organizações em lembrança aos mortos dos dois lados no conflito.

A questão sobre a possibilidade ou não de luto sobre uma vida governa a forma pela qual as criaturas vivas são gerenciadas e prova ser uma dimensão integral da biopolítica e de formas de pensar sobre igualdade entre os vivos. Logo, como afirma Butler, este argumento em favor da igualdade se relaciona diretamente com a política da não violência. A prática da não violência pode bem incluir uma proibição de matar, mas ela não se reduz a essa proibição. Para ilustrar seu pensamento, a autora dá o exemplo da campanha "pró-vida" que, enquanto preza pelo lema de que todas as vidas tem o mesmo valor, na realidade está comprometida com a desigualdade de gênero, já que preza que um feto tem direito a viver, enquanto a mulher não tem o direito de opinar sobre seu próprio corpo e tomar decisões em prol de sua própria vida. Esta posição pró-vida é incompatível com uma igualdade social e intensifica a diferença entre o que é digno de luto e o que não é digno de luto. Uma vez mais, nesse caso, as mulheres não são dignas de luto (Butler, 2020, p. 46).

Tendo isso em mente, então, um questionamento central que está na base dos movimentos estudados para que possam desenvolver seu ativismo é: quais são as formas de pensar diferente necessárias para que esse enquadramento funcione? De acordo com Butler, só aquelas pessoas ou grupos das quais nós sabemos o nome são passíveis de serem protegidas pelo pensamento de interdição à violência. Para considerarmos que algo é vivo, devemos conhecê-lo minimamente. Este é outro método adotado pelos movimentos aqui estudados, que funcionam de forma conjunta, no sentido de que palestinos e israelenses dirigem, coordenam e trabalham

nos grupos, convivendo e estabelecendo relações interpessoais. O foco de sua resistência não violenta está exatamente no relacionamento. Conhecer o outro é um dos primeiros passos do processo.

A conclusão de Butler sobre o tema é que a postura ética da não violência precisa ser vinculada a um comprometimento radical com a igualdade. Mais especificamente, a prática da não violência requer uma oposição a formas biopolíticas de racismo e lógicas de guerra que regularmente distinguem vidas que são dignas de serem protegidas daquelas que não são dignas de proteção - populações consideradas como dano colateral ou como obstruções à política ou aos objetivos militares (Butler, 2020, p. 49).

2.5

Por que preservar a vida do outro importa? Introduzindo uma nova igualdade

Com a proposta de pensar nesse comprometimento radical com a igualdade, Butler levanta o questionamento: o que leva qualquer um de nós a querer preservar a vida do outro? Essa, inclusive, não é uma pergunta que cabe somente a uma decisão individual - é algo que podemos e devemos perguntar também aos governos, instituições e sistemas econômicos. Quando um grupo é chamado de vulnerável, ele ganha um *status* de proteção. A pergunta que se coloca nesse caso, logo, é: a quem essa demanda é direcionada? Quem é o grupo responsável por essa proteção?

Ainda levantando questionamentos a serem respondidos através de reflexões, a autora adiciona a pergunta: somos capazes de proteger e salvar vidas de modos de destruição, incluindo as formas de destruição que nós mesmos praticamos? A resposta de Butler a este questionamento é uma das bases desta pesquisa: a aposta dela é a de que nós temos não somente a possibilidade de proteger vidas que nós mesmos temos o poder de destruir, mas que essa possibilidade requer estruturas organizadas com este propósito em mente (Butler, 2020, p.55). Logo, as organizações de resistência não violenta.

Para entendermos o funcionamento das organizações aqui trabalhadas, os Combatentes pela Paz e o Círculo dos Pais, é importante lembrar que, como colocado pela própria Butler, as vidas aparecem de uma forma ou de outra quando

vistas através de uma perspectiva histórica. Elas adquirem ou perdem valor de acordo com a forma como são retratadas e esse enquadramento torna difícil a compreensão de que uma comunidade pode estar lamentando a morte de uma pessoa que, ao mesmo tempo, é completamente ignorada por um contexto nacional ou internacional. É exatamente por isso, segundo a autora, que muitas vezes o luto vem acompanhado de protesto. As pessoas estão querendo anunciar que aquela vida é passível de luto. Muitas vezes, inclusive, o luto se apresenta na forma de manifestação.

A lógica do funcionamento dos movimentos aqui trabalhados se baseia, acima de tudo, na percepção colocada pela própria Butler, de que uma das razões pelas quais nós não podemos, ou não devemos, tirar a vida das pessoas que nós preferimos que sumissem é porque se todos fizermos isso, nós mesmos também podemos ser assassinados por essa lógica. Não é possível viver consistentemente em um mundo assim, já que pensar que o outro pode morrer por minha causa reflete, na verdade, o oposto: eu posso morrer nas mãos do outro também. Isso fundamenta o ciclo de violência.

A forma de quebrar esse ciclo é me aproximando do outro, de forma que a vida dele importe tanto quanto a minha e a dos meus. Para que seja possível desenvolver este tipo de ação é necessário recorrer ao pensamento de Melanie Klein (1975), que argumenta que nós só somos capazes de desconsiderar ou até certo ponto sacrificar nossos sentimentos e desejos e, portanto, por um certo tempo, colocar o desejo e sentimento de outra pessoa em primeiro lugar, se temos a capacidade de nos identificar com essa pessoa. Klein adiciona, ainda, que quando eu me movo em direção ao outro, estou também reparando a mim mesmo (reencenando e curando lutos). Nenhum desses movimentos pode acontecer sem o outro.

O entendimento desta ética da não violência é fundamental para a compreensão dos movimentos aqui estudados e suas atividades. Enquanto buscam resistir à ocupação militar israelense na Palestina, eles resistem, também, aos papéis de subjetividades inimigas e passam a estabelecer uma relação de igualdade, ainda vivendo em uma realidade desigual - a igualdade do valor à vida e, logo, do enlutamento. Desta forma, é possível perceber que a não violência enquanto metodologia é embasada por uma ética que funciona no sentido de se aproximar do

outro, na medida em que se repara a si mesmo. Essa reflexão será aprofundada e compreendida de forma mais clara na próxima parte da tese, na qual serão analisados o processo de formação do *sujeito pacificador* e também sua criatividade na formulação de ações de resistência não violenta desenvolvidas pelas organizações conjuntas palestinas e israelenses.

**PARTE II - O sujeito pacificador e os movimentos
conjuntos de resistência não violenta**

3

As organizações estudadas e o sujeito pacificador

Nesta segunda parte da tese, adentrarei na análise do papel da resistência não violenta em relação à ocupação militar israelense na Palestina no contexto de aumento consecutivo da violência, explicado na Parte I, a partir de um recorte específico: a atuação de duas organizações, sendo elas os Combatentes pela Paz e o Círculo dos Pais - Fórum das Famílias. Busquei estudar as duas paralelamente porque encontrei nelas semelhanças a serem exploradas, embora cada uma tenha um perfil de atuação próprio. O que despertou meu interesse nesta pesquisa foi o fato de ambas possuírem perfil de atuação conjunta, sendo compostas por israelenses e palestinos.

Após a análise de um contexto mais geral, envolvendo diversas organizações que atuam pelo fim da ocupação, as duas foram selecionadas para o estudo mais aprofundado por alguns motivos. O primeiro deles, muito simples e que responde à proposta inicial da pesquisa, é que as duas se autodeclaram organizações que atuam através da não violência. De acordo com a pergunta inicial da tese, um dos objetivos é de fato buscar entender o papel da não violência neste cenário.

O segundo fator que incentivou fortemente a definição do recorte, é que as duas são compostas por israelenses e palestinos, como mencionado acima. Esse também é o caso de outras organizações, como o *Standing Together* e o *Women Wage Peace*, por exemplo. Na maioria dos movimentos de atuação conjunta, no entanto, a maior parte dos palestinos participantes são cidadãos israelenses. O que chamou a minha atenção para os Combatentes pela Paz e o Círculo dos Pais é que ambos possuem centenas de membros atuando no território israelense e também nos territórios ocupados na Cisjordânia. Existem casos de pessoas que participam dos movimentos inclusive a partir da Faixa de Gaza.

Compreendendo a enorme relevância e a necessidade de estudo de todas as organizações de atuação conjunta, a decisão de dar enfoque aos dois movimentos que ultrapassam as fronteiras políticas foi tomada pela complexidade de atuação e

colaboração impostas pelo sistema da ocupação militar, em diversos sentidos. A separação física, por exemplo, é um dos elementos que mais chama atenção pois dificulta bastante o acesso de cidadãos palestinos a atividades e projetos que acontecem em localidades de Israel que eles não podem acessar ou às quais o acesso é muito difícil e vice-versa. Dentre os relatos analisados, muitos expressam as dificuldades de mobilidade para que projetos e atividades possam acontecer e retratam meios através dos quais, muitas vezes, os ativistas dos movimentos conseguem ultrapassar estas barreiras ou desenvolver as atividades em dois territórios, de maneira que todos possam participar. Um dos casos será relatado mais a frente, em uma das manifestações desenvolvidas pelo grupo de teatro do Combatentes pela Paz em torno do Muro da Cisjordânia em 2015, na qual ativistas israelenses realizaram a manifestação de um lado da cerca e os ativistas palestinos, do outro, encontrando-se em um trecho do Muro que é vazado e pode-se ver o outro lado.

Essa colaboração que ocorre mesmo através das fronteiras políticas chamou minha atenção tanto pelo desafio que representa para que os ativistas palestinos e israelenses possam trabalhar e desenvolver projetos em conjunto, quanto pelas suas realidades afastadas. Como consequência do cotidiano imposto pela ocupação militar, israelenses e palestinos, principalmente os que vivem nos territórios ocupados, não têm muitas chances de interação social uns com os outros ao longo de suas vidas que não estejam conectadas à relação desenvolvida pelo controle do exército. Outro ponto em questão para a seleção dos Combatentes pela Paz e do Círculo dos Pais como as organizações a serem estudadas nesta pesquisa é o fato de que ambas possuem uma pauta política clara. Diversas outras organizações que trabalham através de propostas de não violência ou com o objetivo de abrir espaços de diálogo entre israelenses e palestinos evitam ou simplesmente não agregam um viés político - ao menos não de maneira declarada - às suas propostas. Tanto os Combatentes pela Paz quanto o Círculo dos Pais afirmam clara e abertamente sua oposição à ocupação militar israelense, que seu ativismo busca o encerramento da mesma e que estão abertos a um acordo político que seja justo para todos, no qual palestinos e israelenses tenham direito a um Estado.

Ainda um último ponto que orientou a escolha do recorte dos movimentos a serem analisados em maior profundidade foi a parceria, ponto a respeito do qual me aprofundarei mais adiante. Em poucas palavras, os dois movimentos são de fato

gerenciados de forma conjunta, com o propósito de construir um futuro não só justo, mas compartilhado. Nesse sentido, por exemplo, para cada cargo de cada um dos movimentos há um israelense e um palestino designados - ambos possuem presidentes israelenses e palestinos, porta vozes israelenses e palestinos e assim por diante. Os dois desenvolvem atividades em Israel e na Cisjordânia e seus projetos ocorrem em árabe e em hebraico.

3.1 Das Organizações

Tendo esclarecido a motivação que me levou a estudar essas duas organizações especificamente, apresento a seguir um pouco mais sobre cada uma delas.

3.1.1 "Nós não queremos você aqui" - sobre a organização Círculo dos Pais - Fórum das Famílias (CPFF)

"Nós não queremos você aqui" é uma frase utilizada em uma das campanhas desenvolvidas pelo Círculo dos Pais - Fórum das Famílias. Em um vídeo curto³⁷, israelenses e palestinos membros da organização falam essa frase em suas línguas - árabe e hebraico. A primeira impressão que o espectador pode ter, como foi o meu caso, é a de que palestinos estão dizendo que não querem israelenses ali e israelenses estão dizendo que não querem palestinos ali. Mas quando as pessoas que declaram essa frase no vídeo, que tem menos de um minuto de duração, terminam de falar, aparecem os dizeres escritos: "Nós não queremos você aqui. O Fórum de Pais e Famílias Enlutadas não quer novos membros".

Tendo uma de suas prerrogativas que o luto não seja usado para mais retaliação e sim para a prevenção de mais violência, o Círculo dos Pais - Fórum das Famílias é uma organização conjunta palestina e israelense composta, atualmente, por mais de 600 famílias enlutadas que perderam algum parente direto no conflito. Ela foi fundada em 1995 pelo israelense Yitzhak Frankenthal e algumas outras famílias israelenses. A primeira reunião entre famílias enlutadas de palestinos da

³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KTXaty7oVsQ>. Acesso em 06/02/2024.

Faixa de Gaza e de famílias israelenses aconteceu em 1998. O objetivo inicial deste grupo era, então, estabelecer diálogo mútuo através do luto e atuar para prevenir que mais pessoas se tornassem enlutadas pela ocupação e pelo conflito.

As trocas entre este primeiro grupo terminaram com o advento da Segunda Intifada. Ainda no mesmo contexto, no ano 2000, as famílias israelenses estabeleceram contato com famílias palestinas da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental, que se juntaram às atividades da organização dando origem à essência do que o grupo realiza atualmente. O CPFF está registrado como uma organização sem fins lucrativos, é coordenado profissionalmente por um conselho palestino-israelense que trabalha a partir de dois escritórios, o palestino em Beit Jala e o israelense em Ramat Ef'al.

A organização tem como visão central a expressão do luto e do enlutamento decorrente da perda de um parente direto para evitar que mais pessoas e famílias se encontrem nessa situação e não para que seja um maior motivador de retaliação e reprodução do ciclo da violência. O movimento se autodeclara como sendo de atuação não violenta e em oposição à ocupação militar israelense na Palestina. De acordo com suas declarações oficiais em seus sítios eletrônicos e redes sociais, seus componentes acreditam que o fim do conflito é possível e querem influenciar o processo de tomada de decisão política e pública a escolherem a reconciliação e a construção da paz ao invés da guerra.

Nesse sentido, o Círculo dos Pais afirma que tem o objetivo de criar um modelo metodológico de reconciliação entre os dois povos, levando em consideração que qualquer futuro acordo de paz político deve incluir um processo e uma infraestrutura de reconciliação, de forma que não seja apenas mais um cessar-fogo.

A organização promove uma diversidade de projetos para seus membros e para o público em geral. A principal atividade que desenvolvem são as reuniões de diálogo, que acontecem tanto para as famílias que fazem parte do grupo quanto para outros coletivos. Nas reuniões, as famílias enlutadas contam sobre as pessoas que foram assassinadas, seu sentimento de perda e sua narrativa a partir de um ponto de vista pessoal e humano. Outras atividades incluem visitas a museus e locais em Israel e na Palestina com o propósito de discutir narrativas paralelas, projetos artísticos, encontros de convivência entre seus membros e celebrações conjuntas,

como o Dia da Memória Israelense e Palestina, desenvolvido conjuntamente com os Combatentes pela Paz, e o Dia Internacional da Paz. Algumas dessas atividades serão analisadas em maior profundidade nas próximas sessões.

3.1.2

"Nós vimos a violência. Nós participamos dela. Nós escolhemos não mais violência" - os Combatentes pela Paz (CFP)

Essas são frases faladas por membros da organização em um vídeo intitulado "Nós Somos os Combatentes Pela Paz"³⁸, que apresenta o movimento fundado em 2006 por um grupo de israelenses e palestinos que haviam utilizado diretamente a violência armada no contexto da ocupação. Seus fundadores passaram a se reunir inicialmente em segredo e destas reuniões surgiu o Combatentes pela Paz, que tem a prerrogativa de unir em trabalho conjunto pessoas que já estiveram ativamente envolvidas no ciclo de violência e entendem que é necessário abrir mão das armas e atuar através da não violência pelo fim da ocupação militar israelense na Palestina e por uma resolução política justa para os dois lados, com a ideia de que será necessário seguir mantendo relações amigáveis em um cenário pós-acordo.

Os Combatentes pela Paz se definem como uma organização popular, igualitária e binacional. O propósito do movimento é, através da atuação não violenta desde a sua fundação, construir a infraestrutura necessária para o fim do conflito e da ocupação, através de comunidades de palestinos e israelenses que trabalham juntos por este objetivo. A ideia é que essas comunidades possam servir de modelo para a sociedade, comprovando que há uma alternativa para o ciclo da violência e que a disseminação das atividades desenvolvidas de forma conjunta pode afetar o contexto atual em direção a uma mudança atitudinal no plano social e também na dimensão política.

A organização teve seu início a partir de um encontro entre palestinos e israelenses que já vinham atuando através da não violência. Em 2002, um grupo de soldados e reservistas israelenses assinaram uma carta na qual declaravam que não iriam mais servir no exército nos territórios ocupados, como forma de perpetração da ocupação militar na Palestina. Os signatários afirmavam que não eram contra

³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ui7a7PC27Ow>. Acesso em 06/02/2024.

servir no exército para fins de segurança nacional, mas não agiriam mais em prol da dominação dos territórios ocupados e dos palestinos. A carta foi publicada pelo jornal israelense Haaretz e a partir daí se tornou um assunto público, sendo divulgada em telejornais e diversos meios de comunicação como notícia em destaque³⁹. Um grupo de palestinos que vinha atuando através da não violência ficou sabendo da carta e entrou em contato com israelenses signatários apresentando interesse de se reunir com eles. A reunião aconteceu em Beit Jala, não sem desconfiança entre os presentes e com bastante dificuldade emocional por todas as partes, conforme relatado pelos participantes.

Depois de algumas reuniões, o grupo se autodenominou Combatentes pela Paz, e passou a agregar pessoas que estiveram ativamente envolvidas na atuação violenta do conflito e, em algum momento, através de processos pessoais próprios decidiram abrir mão da violência. De acordo com a organização, o CFP é o único movimento no mundo de ex-combatentes de um conflito que passaram a atuar conjuntamente em prol de uma decisão mútua para a resolução. A organização foi nominada ao Prêmio Nobel da Paz em 2017 e 2018⁴⁰.

Assim como o Círculo dos Pais, os Combatentes pela Paz também desenvolvem uma gama muito diversificada de atividades que promovem a convivência e a colaboração de palestinos e israelenses, como reuniões de diálogo, atividades de educação sobre temas relacionados à ocupação e a práticas da não violência, passeatas, manifestações artísticas e celebrações conjuntas, como o Dia da Memória Israelense Palestina e o Dia da *Nakba*.

As duas organizações colaboram em diversos projetos. É bastante comum em falas de membros de uma delas que se mencione alguém ou algum projeto da outra. Elas se identificam fortemente por serem co-desenvolvidas e colideradas por palestinos e israelenses e por terem seu foco de atuação no relacionamento entre as pessoas dos dois lados, entendendo que qualquer futuro acordo de paz precisará considerar um modelo de reconciliação e trabalho conjunto para que seja

³⁹ A carta em questão foi escrita por 51 israelenses reservistas e assinada por outras dezenas nas semanas seguintes. Afirmando que não se recusavam a servir no exército na proteção de Israel, mas se recusavam a servir nos territórios ocupados e seguir perpetrando a ocupação militar. A carta foi originalmente intitulada "A Carta dos Combatentes" por seus signatários que, depois de algum tempo, vieram a se organizar sob o nome "A Coragem de Recusar". O texto e o movimento que se seguiu representou o maior movimento de oposição interno em Israel durante a Segunda Intifada.

⁴⁰ Disponível em <https://cfpeace.org>. Acesso em 06/02/2024.

sustentável. O foco das duas também é no desenvolvimento de projetos que caminhem em direção a este objetivo através da prática da não violência.

Ainda possuindo uma série de paralelos, cada uma das organizações tem suas particularidades, que serão esclarecidas no decorrer da análise de algumas das suas atividades. O Círculo dos Pais é composto de famílias enlutadas, que perderam alguém em decorrência da violência do conflito. Os Combatentes pela Paz possuem o enfoque em pessoas que já estiveram envolvidas diretamente na utilização de violência armada e decidiram abrir mão dela. Atualmente, no entanto, os Combatentes pela Paz abrem espaço para que pessoas que não se definem como ex-combatentes se juntem ao movimento, como jovens que não chegaram a pegar em armas e servir no exército.

O Círculo dos Pais desenvolve majoritariamente atividades que trabalham o relacionamento entre palestinos e israelenses e utilizam a contação de histórias como forma de levar esse exercício para outras pessoas que não fazem parte do movimento em atividades desenvolvidas em escolas e com outros grupos, por exemplo, na região e internacionalmente. Seus projetos giram em torno do objetivo de humanizar o outro e abrir espaço para a construção de relações sociais entre israelenses e palestinos que não sejam derivadas da ocupação militar e do ciclo de violência. Embora esse também seja um eixo central nos projetos dos Combatentes pela Paz, a organização possui um segundo foco de atuação na medida em que desenvolve diversos projetos focados em exercer intervenções não violentas em oposição à ocupação, como protestos, passeatas, manifestações, trabalhos de melhorias em vilarejos nos territórios ocupados e a proteção de casas ameaçadas de demolição, por exemplo.

Ao estudar as duas organizações, com suas semelhanças e particularidades, emergiu fortemente a percepção do complexo processo que seus membros experimentam no caminho de se responsabilizar pelo ciclo de violência, decidir sair dele e passar a atuar conjuntamente com pessoas do outro lado, até então definidas como seus inimigos, na resistência ao sistema que impõe e replica a violência. Analisando este percurso processual, busquei compreender os aspectos que caracterizam esses sujeitos como atuantes ativamente na sociedade e no sistema sob os quais vivem, específicos do contexto em questão, que se refere à ocupação

militar israelense na Palestina e o contínuo conflito. Dessa forma, no exercício de compreensão dessa subjetividade, passei a denominá-la de *sujeito pacificador*.

3.2

O sujeito pacificador

Os projetos desenvolvidos por ambas as organizações foram analisados e estudados ao longo dos últimos anos com o objetivo de entender qual tem sido o papel da não violência conjunta no contexto de aumento consecutivo da violência na região, como resultado da perpetuação e aprofundamento das práticas da ocupação militar. Os próximos capítulos consistem na análise em maior profundidade sobre alguns dos projetos em questão, como as reuniões de diálogo, os espaços de convivência, os projetos voltados para a educação de jovens e adultos, o papel das artes - dando destaque para a prática do Teatro do Oprimido - as intervenções não violentas e as cerimônias conjuntas.

Ao longo do processo de análise, tornou-se latente que uma das respostas para a pergunta inicial desta tese - qual tem sido o papel da não violência conjunta no contexto em questão - está presente e perpassa todas as atividades e projetos dos movimentos aqui estudados, desde sua fundação e, inclusive, desde a concepção desses movimentos, como uma ideia, mesmo antes de seu desenvolvimento como organização. É algo que não depende necessariamente de resultados futuros, nem de acordos políticos a serem atingidos. É quase um resultado decorrente da própria ação do processo em si mesmo, desde a da tomada de decisão de fazer parte deste caminho: a formação de um novo tipo de subjetividade. Para refletir sobre esse ponto, retomo brevemente a algumas reflexões sobre resistência e o sujeito resistente previamente pontuadas na Parte I do texto.

Em sua reflexão sobre o tema, Howard Caygill escreveu (2013, p. 98-99):

A capacidade de resistir pode emergir reativamente em resposta ao predicamento da opressão, manifestando-se em atos espontâneos de violência que desafiam condições insuportáveis. Mas a subjetividade específica da resistência violenta atacando a repressão segue sendo formada pelo inimigo e é inicialmente uma resistência de ressentimento... Ainda assim, este momento de resistência reativa é volátil e vulnerável e precisa se alguma forma se metamorfosear em uma resistência afirmativa, inventiva que não somente reage a um predicamento intolerável, mas transforma a si mesmo às suas condições através do trabalho da resistência, atualizando a sua capacidade de resistir. A saída da lógica do ressentimento e a invenção de novas formas de subjetividades resistentes é alcançada na tradição Marxista através da consciência, mas outras rotas também

são possíveis. Uma delas é a consagração da violência, a criação de subjetividades através do exercício extremo da violência, um caminho preocupante com o risco de voltar a entrar no ressentimento e um escalonamento da violência autodestrutivo. Outra é através da invenção de novas formas de solidariedade e subjetividade - a formação de novas capacidades de resistir - através de tentativas de escapar da lógica da oposição e à armadilha do escalonamento nos termos do inimigo. Saídas do curso do mundo através de votos e comunidades e invenções de novas capacidades e sujeitos caracterizam essas subjetividades resistentes afirmativas.

Nesse sentido, através da análise dos movimentos e seus processos, torna-se interessante a compreensão da formação da subjetividade resistente, que se propõe a resistir à ocupação militar na Palestina fugindo da lógica imposta por ela, a perpetração do ciclo de violência com seus constantes pontos de escalonamento e a imposição de uma realidade social na qual israelenses e palestinos têm como seu principal ponto de relacionamento trocas que envolvem opressão e ações violentas, mantendo-se no imaginário um ao outro como aquele que sempre apresenta ameaça de violentá-lo.

As pessoas que passaram a fazer parte dos movimentos aqui estudados viveram, primeiro, um processo próprio de questionamento do sistema e de seu papel ativo nele. No caso do Círculo dos Pais, pessoas enlutadas relatam que a partir de sua dor percebem que permanecer no ciclo de violência através da vingança tem a consequência de gerar mais dor para outras pessoas - havendo a possibilidade de a perda de um familiar acontecer novamente a elas próprias, como é o caso de muitas famílias que perderam mais de um ente querido em decorrência ao conflito. Algumas vezes, também de acordo com os relatos e depoimentos dos ativistas da organização, é um processo que se inicia individualmente. O luto em si traz a percepção, o questionamento e o desejo de passar a atuar de forma diferente no sistema, deixando de fazer parte do ciclo de violência e passando a agir em prol de seu término. Em outros casos, uma pessoa enlutada que perdeu alguém como consequência da violência é convidada por alguém para conhecer a organização.

No Combatentes pela Paz, indivíduos que estiveram envolvidos de alguma forma nesse ciclo perpetrando violência direta relatam ter vivido uma ou mais situações que fizeram com que elas percebessem a sua participação ativa no ciclo de violência e na desumanização do outro. Para alguns, este momento bastou para que decidissem abrir mão das armas. Para outros, o processo foi um pouco mais longo, mas de igual maneira resultou na adoção da não violência.

É nesse ponto que conecto as resistências não violentas aqui estudadas e a ideia da subjetividade da resistência afirmativa pontuada por Caygill com a reflexão desenvolvida por Foucault acerca da resistência ativa. Como explicado na primeira parte, o autor pensa a resistência de duas formas, a reativa e a ativa, sendo a reativa um movimento similar ao apontado por Caygill, que reage ao poder, opondo-se ao que ele impõe, muitas vezes abrindo espaço para um possível escalonamento ou inclusive uma apropriação e remodelação do poder em questão dos movimentos desenvolvidos pela resistência. A resistência ativa tal qual concebida por Foucault, por outro lado, é um movimento diferente, que se direciona a si própria e não a um poder externo, representando a capacidade de afetar a si mesmo, de tal modo que abre a possibilidade de se recriar de uma nova maneira, diferente das formas existentes de conhecimento e que fogem, assim, das restrições do poder que já existem (Smith, 2016, p. 270).

Dessa forma, as organizações aqui estudadas representam movimentos de resistência ativa, ao passo que em seus processos civis israelenses e palestinos têm que, primeiro, questionar sua subjetividade e seu papel ativo no conflito em questão, entendendo sua própria responsabilidade na continuação do mesmo; segundo, buscar conhecer o outro lado, criando novos vínculos e abrindo espaço para a percepção de uma nova narrativa; terceiro, desconstruir seu papel no contexto complexo do ciclo de violência, passando a buscar criativamente novas formas de atuar; e, em quarto lugar, passa a construir uma nova subjetividade, que dialoga e trabalha conjuntamente com o outro lado que lhe foi apresentado e reafirmado como inimigo pelo sistema, ressignificando relações sociais profundamente enraizadas. Antes destes movimentos se tornarem projetos ou darem origem a organizações, os sujeitos em questão passam por um processo próprio de autoquestionamento e autoafetação, como sugerido por Foucault como sendo a resistência ativa. É só então que pensam em construir um novo entorno. A proposta é, primeiro, se autoafetar para, depois, promover mudanças que sejam direcionadas ao poder externo, neste caso ao sistema da ocupação militar israelense na Palestina.

É muito importante ressaltar e repetir quão complexo pode ser para israelenses e palestinos fazer esse movimento. As complexidades são, na realidade, muitas. Israelenses e palestinos vivem muito próximos, porém não possuem usualmente possibilidades e espaços de relacionamento que não estejam inseridos dentro da lógica da ocupação militar, reproduzindo a relação entre opressor e

oprimido - e conseqüentemente entre o oprimido que reage e o opressor que o vê como ameaça constante (Morris, 2009), e essa é uma realidade que já se repete há muitas décadas. Como apontado por Lederach (1997), parte do desafio colocado por muitos dos conflitos armados é exatamente a natureza de longo prazo da animosidade, da percepção de inimizade e do medo profundamente enraizado dos grupos conflituosos, o que está diretamente associado ao imediatismo de ter o inimigo morando virtualmente na casa ao lado.

O autor explica que para o fornecedor de propaganda inflamatória essas configurações não são difíceis de vender - e, nesse ponto, o atual governo de Israel e grupos extremistas⁴¹ dos dois lados têm um grande papel. O inimigo não está do outro lado do globo; o inimigo mora a apenas uma aldeia de distância ou, em alguns casos, na vizinhança. Logo, como aponta Lederach (1997, p. 14)

para as dinâmicas que direcionam os conflitos armados contemporâneos, são críticas as percepções sócio-psicológicas, emoções e experiências subjetivas, que podem ser totalmente independentes das questões substantivas ou originárias.

Ainda de acordo com o autor, essa situação é parte integrante da dinâmica sociológica do que ele chama de “causação recíproca”, onde o mecanismo de resposta dentro do ciclo de violência e contraviolência acaba se tornando a causa para a perpetuação do conflito, especialmente onde os grupos experimentaram animosidade mútua durante décadas e através de gerações. Onde há um medo profundo e enraizado em longa data e experiências diretas de violência que sustentam a imagem do inimigo, as pessoas são extremamente vulneráveis e facilmente manipuladas. Conseguir realizar esse movimento de percepção da reprodução do ciclo de violência, de seu papel ativo nele e ainda tomar a iniciativa de se conectar ao outro, até então compreendido como inimigo, é um caminho extremamente complexo.

Tendo em vista a profundidade do desafio, nesta pesquisa chamo esta subjetividade resistente de *sujeito pacificador*. O sujeito pacificador estudado nesta tese desenvolve, como explicado acima, uma forma de resistência ativa foucaultiana, na qual se autoquestiona e se auto afeta, para depois buscar vir a afetar

⁴¹ O termo extremismo é complexo e pode ser utilizado de diferentes maneiras de acordo com a perspectiva de análise. Neste caso, o termo se refere a grupos e organizações, políticas ou da sociedade civil, que não reconhecem a legitimidade do outro lado e que, em meio ao dado conflito, pregam que o outro lado precisa ser completamente retirado do território. A falta de reconhecimento e legitimidade tira a possibilidade de conversações e acordos e usualmente está conectada a discursos de ódio e preconceito muito aprofundado em relação ao grupo oposto.

seu contexto. Desta forma, como apontado por Caygill (2013, p.98-99), ele inventa novas formas não só de subjetividade, mas de solidariedade e de novas capacidades de resistir, escapando da lógica da oposição.

Com a análise da atuação das organizações, a ser aprofundada mais à frente no texto, algumas características do sujeito pacificador ficarão mais claras, mas aponto a seguir algumas das percepções acerca dessa nova subjetividade que emerge a partir da prática da resistência ativa e afirmativa:

- primeiro: o sujeito pacificador é alguém que entende a si próprio como responsável ativamente na repetição contínua do ciclo de violência;
- ele busca, dessa forma, novas estratégias para atuar no contexto que não contribuam com a lógica da ocupação militar e com o ciclo de violência;
- a partir dessa análise, o sujeito pacificador compreende que a desumanização do outro, o medo, o ódio, o preconceito em relação a ele, estão na raiz da perpetração do ciclo de violência e que o foco de atuação que possa providenciar um caminho de resolução deve se centrar nas relações entre as pessoas dos dois lados;
- ele busca, assim, pessoas passando por um processo similar, que estejam abertas ao desenvolvimento e à construção destas novas relações;
- o sujeito pacificador percebe que o foco na relação tem que ser sustentado através de processos de reconciliação, do desenvolvimento de parcerias, atuação conjunta em atividades com um fim comum;
- nesse processo, o sujeito pacificador cria estratégias de manutenção e reconhecimento de sua própria história, ao passo que visualiza e participa ativamente na construção de um futuro diferente do que essa mesma história lhe coloca como prerrogativa;
- para isso, o sujeito pacificador foca, primeiramente, em si próprio; em segundo lugar, nas relações com sua própria comunidade e com o outro. Mantém o foco de seu trabalho, acima de tudo, na transformação dos relacionamentos;
- encarando as complexidades cotidianas do processo de construção de novas relações com o outro, que traz histórias e narrativas diferentes, experiências diferentes e percepções conflitantes, o sujeito pacificador não nega, mas

abraça a complexidade e os paradoxos do processo, trazendo-os para o centro de sua atuação;

- ainda com o foco na transformação das relações, o sujeito pacificador aqui estudado possui um posicionamento político claro em relação à ocupação militar israelense na Palestina, colocando-se contra este sistema e objetivando seu fim, entendendo que sua atuação é essencial neste sentido;
- o sujeito pacificador, forma, assim, não só uma nova subjetividade, mas uma nova comunidade em relação aos outros sujeitos pacificadores com quem atua em parceria.

O que os próximos capítulos têm a intenção de discutir através do estudo de alguns projetos e atividades desenvolvidas pelos Combatentes pela Paz e pelo Círculo dos Pais é uma reflexão acerca das formas que o sujeito pacificador coloca esse processo em prática, em especial, o processo de reconciliação. Como apontado também por Lederach, (1997, p. 32)) a reconciliação é um espaço de tensão criativa. Estando os movimentos aqui analisados e seus ativistas inseridos ainda no ciclo de violência, pensar em processos de reconciliação exige criatividade tanto para que pessoas dos lados conflitantes encontrem meios de desenvolver a parceria umas com as outras como para que seus projetos consigam se desenvolver e sobreviver, uma vez que eles são indesejados pelo sistema vigente.

Nos capítulos seguintes, ao analisar projetos e ações dos Combatentes pela Paz e do Círculo dos Pais, serão explorados estes pontos da tensão criativa, tanto no que se refere ao tensionamento quanto à criatividade, quanto ao que é produzido a partir deles neste contexto pelo sujeito pacificador. Entendo que o papel da não violência conjunta tem sido, então, produzir uma imaginação moral que torna possível a visualização da construção da paz entre Israel e Palestina.

A resistência não violenta como produtora da Imaginação Moral entre Israel e Palestina

Em uma entrevista a Jeff Smith, no programa *Daily Dose*, a porta-voz do Círculo dos Pais, Robi Damelin afirmou "você não pode forçar as pessoas a fazerem as pazes, é imoral"⁴². A fala de Damelin levanta uma reflexão muito básica e, ao mesmo tempo, extremamente profunda, especialmente no contexto do conflito entre Israel e Palestina: como produzir uma forma moral de trazer as pessoas para um caminho de construção da paz?

Como analisado anteriormente em alguns pontos deste texto, os movimentos aqui estudados levam a cabo resistências não violentas de forma conjunta à ocupação militar israelense na Palestina. Resistência a todo um sistema político e que produz sujeitos que se entendem como inimigos e que não possuem muitos espaços de relação com ou reflexão sobre o outro que não esteja inserido na lógica do ciclo de violência. Essa resistência é desenvolvida através de diversos projetos e múltiplas formas de atuação, que englobam os três grupos de métodos não violentos explicados por Gene Sharp (2013) - protestos e persuasão, não cooperação e intervenções não violentas.

Após realizar a análise de cada uma delas, sobre a qual discorrerei em maior profundidade mais adiante, o que pude compreender através da sua diversidade de métodos e propostas é que elas atuam na produção de um imaginário moral que se constrói com o propósito de apresentar um possível caminho de resolução para o ciclo de violência entre Israel e Palestina. O que quero dizer com o conceito de imaginação moral, aqui, é vinculado à ideia desenvolvida e discutida por John Paul Lederach (2005).

Na obra em questão, o autor inicia sua análise com uma pergunta básica: "como podemos transcender os ciclos de violência que enfeitiçam a comunidade humana enquanto ainda estamos vivendo neles?" (p. 5). Ao que o próprio autor

⁴² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mbEx9MwtPVk> (1 minuto 37 segundos). Acesso em 05/02/2024.

responde, argumentando que transcender a violência é um ato possível quando forjado na capacidade de gerar, mobilizar e construir imaginação moral.

Lederach esclarece sua concepção de imaginação moral como a capacidade de imaginar algo enraizado nos desafios do mundo real, porém capazes de dar à luz ao que não existe ainda. Referindo-se ao campo da construção da paz, essa seria a capacidade de imaginar e gerar respostas e iniciativas construtivas que, ainda que enraizadas nos desafios cotidianos da violência, transcendem e ultimamente quebram as garras desses padrões e ciclos destrutivos.

Este tipo de imaginação moral ao qual ele se refere é mobilizado quando quatro disciplinas e capacidades são mantidas juntas e praticadas por aqueles que encontram seu caminho para superar a violência: 1) a imaginação moral requer a capacidade de imaginar a nós mesmos em uma rede de relações que incluem nossos inimigos; 2) a habilidade de sustentar a curiosidade paradoxal que abraça a complexidade sem depender da polaridade dualista; 3) a crença fundamental e a busca do ato criativo; e 4) a aceitação do risco inerente de se adentrar no mistério do desconhecido que está além da paisagem muito familiar do cenário de violência.

Lederach explica, ainda, que a tese de que este tipo de imaginação pode ser alcançado e é necessário para transcender a violência requer que essas quatro disciplinas sejam exploradas em duas direções amplas. Primeiro, devemos compreender e sentir o cenário da violência prolongada e o porquê de ela colocar desafios tão enraizados à mudança construtiva; em outras palavras, devemos colocar nossos pés profundamente dentro da geografia e das realidades que as relações destrutivas produzem, quais são os legados que elas deixam, e o que quebrar seus padrões violentos irá requerer. Analisando suas propostas e atividades, encontrei que esta é exatamente a direção tomada pelos participantes dos movimentos em questão, que estão inseridos diretamente neste cenário. Os ativistas do Círculos dos Pais e dos Combatentes pela Paz não só possuem uma compreensão cotidiana e embasada em suas próprias experiências de vida sobre a realidade da violência que envolve o conflito, como ela é pauta constante e prioritária de seus protestos, de suas reuniões, diálogos e ações. Negar ou omitir a realidade e profundidade da violência, de ambos os lados, não faz parte da proposta destas organizações, que buscam a compreensão de como a violência funciona para poder sair dela e abrir a possibilidade para que outras pessoas também saiam.

Em segundo lugar, afirma Lederach, devemos explorar o processo criativo em si mesmo, não como uma investigação tangencial, mas como a fonte que alimenta a construção da paz. Em outras palavras, é necessário se aventurar no território quase inexplorado do caminho do artista como aplicado à mudança social, às telas e às poéticas das relações humanas, imaginação e descoberta e, em última análise, o mistério da vocação de quem empreende este caminho. Esta pesquisa se iniciou exatamente com a proposta de explorar essa criatividade mencionada por Lederach (p. 28).

Promover movimentos de resistência não violentos a uma força de opressão violenta, sendo estes movimentos desenvolvidos conjuntamente por pessoas dos lados opostos do conflito, exige bastante criatividade. Como podem sujeitos que se entenderam até então como inimigos criarem um caminho em direção ao fim do ciclo de violência enquanto ainda vivem dentro dele? E como manter este caminho em um sistema que não quer que ele exista ou se desenvolva? Como discutirei a seguir, a criatividade do sujeito pacificador se utiliza de diversos campos artísticos e metodologias de reconciliação.

Ao se pensar na construção da paz, afirma Lederach, estamos visualizando um horizonte. Um horizonte, embora seja visível, está permanentemente fora da possibilidade de ser tocado, sugerindo uma jornada épica, a busca do que no campo da construção da paz representa o forjamento de novas formas de se abordar assuntos humanos com o inimigo. Na área de *peacebuilding*, segundo ele, este tipo de jornada não é construído com um manual técnico. Ela requer que se explore a arte e a alma da mudança social e ela começa com a necessidade de explicar a essência da construção de paz e o coração das realidades em terreno nas quais padrões violentos dominaram as relações humanas.

Ao refletir sobre as possibilidades de geração de momentos de mudança no contexto de conflitos violentos, Lederach argumenta que isso que ele chama de imaginação moral emerge exatamente com a capacidade de imaginar a nós mesmos na relação, a disposição de abraçar a complexidade sem depender da polaridade dualista, a crença no ato criativo, e aceitação do risco inerente necessário para quebrar a violência e se aventurar nos caminhos desconhecidos que constroem pontes de mudança. A imaginação moral propõe que momentos de mudança e uma jornada em direção a um novo horizonte são possíveis, embora baseadas em

paradoxos perplexos. Os momentos de mudança devem encontrar um caminho de transcender os ciclos de violência destrutiva, enquanto vivendo com e sendo relevante ao contexto que produz esses ciclos.

O processo do trabalho conjunto aqui analisado é, em sua raiz, muito paradoxal. Na medida em que israelenses e palestinos decidem optar pela não violência e atuar em prol de um objetivo comum - o fim da ocupação e o fim da violência - não se exclui como num passe de mágica a complexidade que envolve suas relações. As histórias e as narrativas conflituosas com as quais cresceram, as realidades díspares nas quais ainda vivem e as décadas de inimizade nas quais estiveram inseridos. Os ativistas destes movimentos seguem existindo em um cenário profundamente complexo, polarizado e dual, e algo que percebi através da análise de seus projetos e atividades é que esta complexidade não é negada nem negligenciada, pelo contrário, ela está presente e é abraçada o tempo todo. Abre-se espaço para ela.

Nessa obra, Lederach reflete sobre a imaginação moral no campo da construção da paz e busca elencar elementos básicos que devem estar presentes para que um processo de transformação do cenário conflituoso seja possível. Nesse exercício, ele aponta quatro disciplinas básicas, que tornam a construção da paz possível e que formam, assim, a imaginação moral, sendo elas: os relacionamentos, a complexidade paradoxal, a criatividade e o risco. Tentarei resumir em poucos parágrafos o pensamento do autor, com o objetivo de embasar meu argumento de que o papel da resistência não violenta conjunta à ocupação militar israelense, levada a cabo pelo sujeito pacificador, é exatamente o de produzir a imaginação moral necessária para gerar um ponto de mudança possível no ciclo de violência.

No que se refere ao relacionamento, Lederach opina que este deve ser o foco do processo de construção da paz. O autor argumenta, baseado em sua experiência em campo, que os relacionamentos estão no centro de tudo, inclusive de outras ciências e teorias de outros campos, da física nuclear à biologia, sendo o conceito organizacional da teoria da prática. O relacionamento, e isso é particularmente importante nestes movimentos de atuação conjunta, são tanto a essência do contexto no qual os ciclos de violência acontecem, quanto a energia geradora a partir da qual irrompe a transcendência destes mesmos ciclos. Repetidamente, de acordo com ele, onde de formas pequenas ou grandes os grilhões da violência são rompidos,

encontramos uma raiz singular que dá vida à imaginação moral: a capacidade de indivíduos e comunidades de imaginarem a si mesmos em uma rede de relações até mesmo com seus inimigos.

Esse tipo de imaginação é acompanhada por e produz diversas disciplinas chave. Em primeiro lugar, onde ciclos de violência são superados, as pessoas demonstram uma capacidade de visualizar e dar luz ao que já existe, um conjunto maior de relações interdependentes. De acordo com Lederach, isso se assemelha ao processo estético e artístico. Ele explica, esclarecendo que a arte é o que a mão humana toca, dá forma e cria e, em retorno, o que toca nosso senso mais profundo de ser, nossa experiência. O processo artístico tem essa natureza dialética: ela emerge da experiência humana e então dá forma, expressão e significado a essa experiência. A construção da paz tem essa mesma qualidade artística. Ela deve experienciar, imaginar e dar luz à rede de relações. Literalmente, pessoas em contextos de violência experienciam e vêem a rede de padrões e conexões nas quais estão envolvidas. Elas vêem que indivíduos, comunidades e redes, junto com suas atividades e ações, estão conectadas e contribuem a padrões que podem fazer emergir ações construtivas ou destrutivas. A interdependência é central no trabalho desenvolvido pelos Combatentes pela Paz e pelo Círculo dos Pais, bem como a consciência da responsabilidade ativa de palestinos e israelenses na perpetração do ciclo de violência.

Diante da experiência da violência, a escolha da resposta que dá origem à imaginação moral requer o reconhecimento da interdependência. A perpetração da violência, mais do que nada, requer uma crença profunda, implícita, que a mudança desejada pode ser alcançada independentemente da rede de relações. Quebrar a violência requer que as pessoas abracem uma verdade mais fundamental: quem nós fomos, somos e seremos emerge e dá forma a si mesmo em um contexto de interdependência relacional. Este ponto é particularmente relevante nesta pesquisa. Vivendo momentos conjuntos de trocas construtivas e parceria, que dão origem a realidades momentâneas de uma paz possível, os ativistas dos movimentos em questão são constantemente trazidos de volta à realidade do contexto geral através de um irrompimento violento - seja através de discursos políticos, ações pontuais de violência direta ou mesmo a explosão de um novo escalonamento no formato de guerra. Por diversas vezes de acordo com falas dos participantes em atividades, surge para eles o questionamento sobre a possibilidade de se seguir adiante

trabalhando conjuntamente ou sobre a efetividade de seus projetos. Constantemente, a crença de que esse é o único caminho de saída possível do ciclo de violência, de que suas realidades estão intrinsecamente ligadas e o foco no desenvolvimento das relações construtivas é necessário e possível sustentam sua continuação.

Como será observado no capítulo seguinte, o foco no relacionamento entre palestinos e israelenses é a base dos dois movimentos estudados nesta tese, que tem como proposta promover, antes de mais nada, a reconciliação entre os dois grupos. Ter o relacionamento no centro de seus processos é um ponto que aparece em todas as atividades dos movimentos e ficam bastante claras nas reuniões entre os ativistas e novos membros, nos encontros de diálogo com outras pessoas, nos espaços de convivência e, inclusive, na formação de jovens.

Uma segunda e igualmente importante disciplina que emerge da centralidade do relacionamento é encontrada em um simples ato de humildade e autorreconhecimento. As pessoas não só tomam consciência da rede. Elas se situam e se reconhecem como parte do padrão. Padrões de violência nunca são superados sem que atos que têm uma qualidade confessional em sua base. Estes atos, sejam espontâneos ou planejados intencionalmente, emergem de uma voz que diz nos termos mais simples: "eu sou parte deste padrão. Minhas escolhas e comportamentos afetam ele" (p. 35). Enquanto a justificativa da resposta violenta tem muitos tributários, a imaginação moral que emerge além da violência tem apenas dois: tomar responsabilidade pessoal e reconhecer a mutualidade relacional. A decisão pela metodologia não violenta, de acordo com o Círculo dos Pais e com os Combatentes pela Paz, emerge exatamente da concepção de que cada um, israelenses e palestinos, são ativamente responsáveis pela perpetração do conflito e que devem ter consciência de ação para não colaborar mais com ele. Este ponto ficará bastante claro na análise da cerimônia conjunta do Dia da Memória Israelense e Palestina.

A construção da paz requer uma visão de relacionamento. Se não há a capacidade de imaginar a tela dos relacionamentos mútuos e situar-se a si próprio como parte dessa rede histórica e em constante evolução, a construção da paz colapsa. A centralidade do relacionamento providencia o contexto e o potencial para quebrar a violência, porque ela traz às pessoas aos momentos de gestão da

imaginação moral: o espaço do reconhecimento de que, em última instância, a qualidade da nossa vida é dependente da qualidade de vida dos outros. Ela reconhece que o bem-estar dos nossos netos está diretamente atrelado ao bem estar dos netos do nosso inimigo.

A próxima disciplina apontada pelo autor como essencial para a possibilidade de transformação de um cenário violento em direção a um contexto de paz é o que ele chama de curiosidade paradoxal. Os ciclos de violência são usualmente motivados por requerimentos tenazes de reduzir uma história complexa em polaridades duais que tentam tanto descrever quanto conter a realidade social de formas artificiais. Pessoas, comunidades, e mais especificamente escolhas sobre as formas com as quais elas vão responder a situações e expressar pontos de vista do conflito são forçadas a uma categoria de um ou de outro: nós estamos certos, eles estão errados. Nós fomos violados, eles foram os violadores. Nós somos libertadores, eles são os opressores. Nossas intenções são boas, as deles são ruins. A História e a verdade sobre a história são mais inteiramente compreendidas pelo nosso ponto de vista. A visão deles da história é enviesada, incompleta, maliciosamente não verídica e direcionada ideologicamente. Ou você está conosco ou está contra nós.

As pessoas que exibem uma imaginação moral capaz de superar os ciclos de violência nos quais elas vivem, também superam dualidades polarizadas. Ou seja, a imaginação moral é construída em uma qualidade de interação com a realidade que respeita a complexidade e se recusa a cair em containers forçados de dualismo e categorias "um ou outro". Desta forma, este tipo de imaginação é inspirada por uma curiosidade paradoxal.

Retornando às origens e significados das palavras paradoxo e curiosidade, Lederach conclui que a curiosidade paradoxal é aquilo que aborda as realidades sociais com um respeito permanente pela complexidade, uma recusa em ser vítima das pressões das categorias de verdade forçadas a serem dualistas, e uma investigação sobre o que pode unir energias sociais aparentemente contraditórias em um todo maior. Isso não seria essencialmente um impulso para encontrar um terreno comum baseado em um denominador comum estritamente partilhado. A curiosidade paradoxal busca algo além do que é visível, algo que une energias sociais aparentemente contraditórias e até mesmo violentas. Por natureza, logo, essa

qualidade de perspectiva, essa postura em relação ao outro, inclusive inimigos, é construída fundamentalmente na capacidade de mobilizar a imaginação.

A curiosidade paradoxal é outro tópico presente no cotidiano das atividades dos Combatentes pela Paz e do Círculo dos Pais. Ela aparece na prática constante de escuta e reconhecimento de seus membros e também em diversos projetos a serem descritos mais adiante, como o Narrativas Paralelas, a Escola da Liberdade e a Cerimônia Conjunta em Lembrança da Nakba, que visam quebrar com polarizações dualistas, unir energias sociais aparentemente contraditórias e buscar um campo comum no paradoxo.

Suspender o julgamento e explorar o valor da face e do coração em cenários de conflito requer a capacidade de desenvolver e viver com um alto nível de ambiguidade. Por um lado, deve-se aceitar a realidade da aparência, da forma como as coisas parecem ser. Por outro, é necessário explorar a realidade da experiência vivida, como as percepções e significados emergiram e como eles podem nos direcionar para realidades tanto do que é aparente agora quanto do invisível que está além do que é apresentado como conclusivo. A curiosidade paradoxal não se paralisa frente à complexidade, pelo contrário, a complexidade é uma amiga, não inimiga, porque é justamente da complexidade que emergem novos ângulos não contados, oportunidades e potencialidades inesperadas que superam, substituem, e quebram as correntes dos padrões relacionais atuais e históricos da violência repetida.

O terceiro ponto essencial no desenvolvimento da imaginação moral apontado por Lederach é que se abra espaço à arte criativa. A imaginação moral toma forma e expressão através de um ato. Enquanto podemos pensar inicialmente no espaço no qual a moral e a imaginação se encontram como um exercício intelectual, na realidade não podemos conhecer este tipo de imaginação fora de uma ação humana concreta. Em outras palavras, a imaginação moral encontra sua expressão mais clara na aparição de arte criativa.

A criatividade, nesse caso, se move além do que existe em direção a algo novo e inesperado, enquanto surge do e fala sobre o cotidiano. Este é, de fato, o papel do artista e o motivo pelo qual a imaginação e a arte estão às margens da sociedade. De acordo com Lederach, os artistas tendem a ser pessoas que vivem nos limites das comunidades nas quais habitam, de onde pulsa o seu trabalho e para

o qual eles falam. No entanto, por estarem nesses limiares, eles representam uma ameaça já que ultrapassam esses limites entre o que é real e possível. Exatamente por isso, uma disciplina chave que dá origem à imaginação moral é a provisão de espaço para a arte criativa emergir. O papel da arte, também presente em uma pluralidade de projetos desenvolvidos pelas duas organizações, será melhor aprofundado nos tópicos que falam sobre a arte como forma de expressão, como forma de afeto e no capítulo sobre a utilização do Teatro do Oprimido desenvolvido pelos Combatentes pela Paz.

Criatividade e imaginação, o artista dando origem a algo novo, nos sugere caminhos de investigações e ideias sobre mudanças que requerem que pensemos como nós pensamos o mundo, como nós somos no mundo e, mais importante, como o mundo é possível. O que encontramos várias vezes nos pontos de mudança e momentos nos quais algo se move além das garras da violência é a visão e crença de que o futuro não é escravo do passado e o nascimento de algo novo é possível.

Por fim, Lederach aponta a disposição para arriscar como a quarta disciplina essencial na construção da paz. Ele afirma que ela pode ser descrita simplesmente, mas requer coração e alma das pessoas envolvidas e desafia a prescrição: a disposição de se arriscar. Se arriscar, ele reflete, é entrar no desconhecido sem qualquer garantia de sucesso ou mesmo segurança. Risco, por sua própria natureza, é misterioso. É vivido misteriosamente, pois se aventura em terras que ainda não são controladas ou mapeadas. Pessoas vivendo em cenários de conflito enraizado estão frente a uma ironia extraordinária. Violência é conhecida; a paz é um mistério. Logo, por sua própria natureza, a construção da paz requer uma jornada guiada pela imaginação do risco. Risco esse presente de forma consciente nos processos não violentos propostos e pensados pelos movimentos aqui estudados.

Para entender completamente a imaginação moral, nós precisamos explorar as geografias da violência que são conhecidas e a natureza do risco e da vocação, que permitem o surgimento da imaginação que transporta as pessoas para um local novo, embora misterioso e usualmente inesperado. Em termos concretos, isso significa que nós devemos entender tanto as implicações mais profundas do risco e de manutenção da vocação a longo prazo. Vocação, ele sugere, requer que se explore as sugestões da voz interior e providencia um centro para essa jornada tão difícil de romper com o domínio histórico da violência.

A seguir, realizo uma análise de diversas atividades desenvolvidas pelos dois movimentos. Tendo encontrado em todas elas as quatro disciplinas propostas por Lederach e entendendo conexões diretas com o pensamento do autor sobre os elementos básicos necessários para que seja possível a construção da paz em cenários de conflito e a criatividade do sujeito pacificador nos movimentos de resistência não violenta, proponho a ideia de que o papel da não violência conjunta no contexto da ocupação militar e do conflito entre Israel e Palestina é o da criação da imaginação moral de possibilidades de reconciliação e construção de paz.

Uma perna na realidade e uma perna no sonho: a criatividade do sujeito pacificador através da análise das ações dos Combatentes pela Paz e Círculo dos Pais

Como um amigo meu disse, para fazer este trabalho, nós temos que manter uma perna na realidade e uma perna no sonho. Talvez, desta forma, neste lugar juntos, nós podemos começar a mudar o quadro geral - a grande realidade desta terra.

Sulaiman Khatib⁴³



Imagem 7: "Não vai parar até a gente conversar" - Divulgação do Círculo dos pais. A frase aparece em árabe, hebraico e inglês.⁴⁴

A frase acima - "não vai parar até a gente conversar" - foi parte de uma campanha de divulgação das atividades do Círculo dos Pais no ano de 2010 e segue sendo utilizada em diversos meios de comunicação da organização, inclusive na sessão "nossa visão" de seu sítio eletrônico. Também em um vídeo de divulgação dos Combatentes pela Paz, o cofundador Chen Alon declarou que:

⁴³ Trecho de Khatib em livro em coautoria com Eilberg-Schwartz (2021).

⁴⁴ Disponível em https://www.theparentscircle.org/en/about_eng-2/. Acesso em 06/02/2023.

Quando nós fundamos os Combatentes pela Paz, a gente pensou em começar com nossas histórias pessoais, com nossos depoimentos, com nossas experiências com violência, como uma ação de tomar responsabilidade do que nós fizemos do passado. Mas no caminho, nós percebemos que fazemos nosso caminho andando. Por um lado nós continuamos desenvolvendo esse processo de diálogo, reconciliação e reumanização e por outro lado nós estamos em campo, resistindo a ocupação e o apartheid, fazendo muitas atividades não violentas. O que nós encontramos ao longo do caminho é que essas não são camadas ou caminhos paralelos, são jornadas entrelaçadas. Elas estão completando uma à outra. [001]

A análise das diversas atividades e projetos desenvolvidos pelos movimentos aqui estudados, que se entendem como movimentos não violentos e que resistem à ocupação militar israelense na Palestina, mostra que o centro dessa resistência está no processo de reconciliação. Suas atuações primárias estão na promoção de espaços nos quais palestinos e israelenses podem estabelecer uma troca diferente, de forma a se perceberem como humanos, e que simultaneamente permitem que seus ativistas desenvolvam projetos juntos.

A proposta do enfoque no relacionamento como forma de resistir ao conflito e à violência também foi tema de destaque no trabalho sobre construção da paz desenvolvido por Lederach (1997). Ao refletir sobre o tema dos conflitos contemporâneos e da construção da paz, o autor aponta exatamente para a questão de que apenas acordos políticos (se entendidos estritamente como mecanismos tradicionais e diplomacia estadista) não são suficientes para transformar tais conflitos em iniciativas construtivas e pacíficas. Ele argumenta que o conflito contemporâneo exige inovação e desenvolvimento de ideias e práticas que vão além da negociação de interesses e questões substantivas, de forma que nos levem a investigar o domínio do subjetivo, as percepções acumuladas geracionalmente, o ódio e o medo profundamente enraizados. Esse encontro entre realismo e inovação, de acordo com o autor, está exatamente na ideia da reconciliação (p. 25).

Para desenvolver esta reflexão, Lederach propõe três premissas de trabalho como fundamento para uma conceituação prática da reconciliação: em primeiro lugar, a noção que é auto evidente porém usualmente negligenciada de que relação é a base tanto para o conflito quanto para sua solução a longo prazo. Essa abordagem, embora possa parecer simples em sua orientação, tem ramificações amplas: a reconciliação não é buscada através da procura de formas inovadoras de desengajamento ou minimização das afiliações dos grupos em conflito, mas, ao

contrário, é construída em mecanismos que engajam os lados de um conflito um com o outro em relacionamentos entre humanos.

Neste sentido, Lederach sugere que não consideremos essa premissa apenas a partir do ponto de vista da perspectiva de um conciliador, podemos percebê-lo em aspectos mais amplos, observando o que ele chama de novas ciências. O autor chama a atenção, por exemplo, para a Teoria Quântica e a Teoria do Caos, que indicam fortemente que somos mal aconselhados quando nos ensinam a olhar para partes do sistema. Nós deveríamos, ao contrário, olhar para o sistema como um todo e para as relações entre suas partes se quisermos entender sua dinâmica e estrutura. Essas teorias argumentam que as *relações* são a peça central, o ponto de começo e fim para se entender o sistema como um todo. Dessa forma, Lederach diz acreditar que essa é a contribuição central trazida pela reconciliação quando tomada como um paradigma. Ela vê o conflito prolongado como um sistema e foca sua atenção nas relações dentro desse sistema (p.25).

A segunda premissa proposta pelo autor na conceituação da reconciliação é a de que o engajamento de grupos em conflito pressupõe um encontro, não somente de pessoas, mas também de fluxos de atividades diversos e altamente interdependentes. A reconciliação deve encontrar formas de endereçar o passado sem se prender em um ciclo vicioso de exclusão mútua inerente a ele.

As pessoas precisam de oportunidades e espaços para expressar para (e junto com) as outras pessoas o trauma da perda, seu luto, bem como a raiva que acompanha a dor e a memória das injustiças experienciadas. O reconhecimento é decisivo na dinâmica de reconciliação. Uma coisa é saber. Reconhecer é um fenômeno social totalmente diferente. O reconhecimento através da escuta mútua das histórias um do outro valida experiências e sentimentos que representam o primeiro passo em direção à restauração da pessoa e da relação. Simultaneamente, de acordo com o autor, a reconciliação deve permitir visualizar o cenário de uma forma que aumente a interdependência. Em todos os conflitos contemporâneos, os futuros daqueles que estão lutando entre si estão ultimamente e intimamente ligados e interdependentes. Dessa forma, deve ser dada a oportunidade para que as pessoas olhem pra frente e possam visualizar seu futuro compartilhado (Lederach, 1997, p 26).

A reconciliação, em essência, representa um lugar, um ponto onde preocupações sobre o que passou e sobre o que virá podem se encontrar. A "reconciliação-como-encontro" (p. 26) sugere que o espaço para reconhecer o passado e visualizar o futuro é o ingrediente necessário para reenquadrar o presente. Para que isso aconteça, as pessoas devem achar formas de situar a si próprias, seus inimigos, suas esperanças e seus medos.

A terceira premissa de trabalho na conceituação do termo é a de que a reconciliação requer que a gente olhe por fora das tradições políticas internacionais, discursos e modalidades operacionais convencionais se quisermos achar inovação. A reconciliação representa, de fato, um espaço social. Ela é um *locus*, um lugar no qual pessoas e coisas se juntam.

A análise das propostas, projetos e atividades estudadas na pesquisa, demonstra que a construção desse *locus*, desse espaço social, está no centro do trabalho desenvolvido tanto pelo Círculo dos Pais quanto pelos Combatentes pela Paz. É a forma através da qual novos membros chegam às organizações e a principal atividade desenvolvida por cada uma delas, de acordo com as divulgações dos próprios movimentos. São espaços em que palestinos e israelenses podem falar sobre suas experiências da vida no conflito, abraçando a sua história, na medida em que são escutados, reconhecidos e acolhidos pelo outro lado e por membros da sua própria comunidade nacional.

O desenvolvimento desse lugar, inclusive, não está somente no centro do que os dois movimentos realizam atualmente, mas também na base de como eles começaram. Paralelamente a esse processo, de se relacionar com o outro de forma humana, de olhar para e reconhecer as narrativas históricas presentes, as organizações desenvolvem uma série de outros projetos e atividades, que permitem que palestinos e israelenses possam visualizar um futuro no qual terão outras trocas que não a violências. Ao analisar esses dois movimentos - o de recriação da relação com o outro e o de construção de projetos de forma conjunta no tempo presente, o cofundador dos Combatentes pela Paz, Chen Alon opinou que eles são processos paralelos.

A seguir, primeiro será realizada uma análise dos espaços de trocas pessoais entre israelenses e palestinos, nos quais eles têm a oportunidade, muitos pela primeira vez, de acessar um ao outro enquanto humanos, não como inimigos.

Posteriormente, outros projetos e iniciativas dos movimentos serão analisados, bem como seus objetivos, significados e produções no sentido de serem atividades propostas como resistências não violentas. É importante apontar para o fato de que os projetos que serão tratados a seguir são complementares uns aos outros e, portanto, alguns tópicos de discussão se entrelaçam e repetem entre eles. Por exemplo, primeiramente analisarei o papel da reconciliação nas reuniões entre israelenses e palestinos de ambos os movimentos e posteriormente atividades que possuem outras características, tais como servirem de espaços de convivência social, ativismo em campo e o envolvimento de mais pessoas com as mensagens das organizações. No entanto, a reconciliação faz parte de todas elas. Essas atividades são algumas de muitas outras desenvolvidas pelas organizações e estão sendo utilizadas como forma de ilustrar as principais ações dos movimentos.

5.1

"Não vai parar até a gente conversar" - a não violência como prática de reconciliação: reuniões entre israelenses e palestinos

Como mencionado anteriormente, os Combatentes pela Paz, enquanto organização, tiveram seu próprio início a partir de um espaço de reconciliação. De acordo com os relatos retratados no documentário *Disturbing the Peace*, quando os israelenses Avner Wishnitzer e Chen Alon souberam que havia um grupo de palestinos interessados em se reunir com eles em um vilarejo árabe, preocuparam-se com a sua segurança. Avner fala que ficou desconfiado em relação à localização da reunião e Alon relatou que

Estávamos nos recusando a servir nos territórios ocupados, mas quando alguém está organizando uma reunião com palestinos a primeira coisa que vem à minha mente é quem vai ser responsável pela nossa segurança? E a próxima coisa que vem à minha mente é que eu preciso de uma arma.⁴⁵

Sobre a mesma ocasião, Suleiman Khatib, palestino, contou que "você olha para o rosto deles e para a linguagem corporal deles, traz de volta a imagem de soldados israelenses uniformizados e com armas".

⁴⁵ Disturbing the peace (42 minutos). Disponível em www.disturbingthepeacefilm.com, acessado em 06/02/2024.

Até que o espaço social para a reconciliação explicado por Lederach seja construído, o outro possui a imagem de um inimigo, perigoso, passível de praticar violência a qualquer momento. Como o próprio autor afirma, estas dinâmicas e padrões são consequência de experiências reais, percepções subjetivas, emoções e da natureza do cenário do conflito armado contemporâneo - na qual vizinho teme vizinho, na qual ambos derramam sangue (1997, p. 29) - e fazem com que a dimensão emotiva, perceptiva, sociopsicológica e espiritual sejam preocupações centrais e não periféricas. É exatamente a percepção de que o imediatismo do ódio, do preconceito, do racismo e da xenofobia, são fatores primordiais e motivadores do conflito. Sua transformação deve ser enraizada nas dimensões sociopsicológica e espiritual.

No primeiro encontro os fundadores do Combatentes pela Paz relataram emoções como medo e raiva em relação ao outro lado do conflito. Palestinos e israelenses contaram uns aos outros suas experiências vivendo e atuando no contexto da ocupação militar. Falaram sobre seu envolvimento direto com a violência, sobre as motivações que os levaram a agir de tal forma e as vivências que os encaminharam a decidir sair do ciclo de violência. A partir desta troca complexa, decidiram formar os Combatentes pela Paz. A organização segue promovendo espaços como esse, especialmente para novos membros que estão interessados em atuar a partir da não violência.

O Círculo dos Pais, da mesma forma, tem como seu centro de atividades o desenvolvimento de espaços de trocas entre pessoas de famílias enlutadas que perderam um ou mais parentes diretos em consequência do conflito. Quando uma pessoa perde alguém, conhecidos que já são membros do movimento vão até ela e, primeiro, pedem para escutar mais sobre a história da perda. Perguntam o que ela sentiu e sente. Falam sobre a organização e sobre o fato de que, do outro lado, há pessoas que se sentem da mesma forma. A pessoa é, então, convidada para uma reunião. Nesses encontros, familiares contam sobre suas experiências da perda, falam sobre a pessoa que foi assassinada, sua vida e sua ausência.

Esses espaços desenvolvidos pelas duas organizações têm o objetivo de que palestinos e israelenses tenham oportunidade de ver um ao outro como pessoas, para além da imagem de inimigo tão bem estruturada há gerações no contexto do ciclo de violência prolongado, promovendo o que Lederach apontou como sendo

primordial na construção da paz em cenários de conflitos prolongados: o engajamento dos lados do conflito em relações entre humanos. Ao ouvir sobre a experiência do outro no conflito, seus medos, suas dores, sua perda, cria-se a possibilidade de vínculo, de aproximação e de identificação com as emoções que estão sendo compartilhadas, abrindo caminho para, antes de qualquer outro passo, iniciar um processo de reconciliação.

Sobre esses espaços, é interessante destacar alguns pontos. O primeiro deles é que, através da análise de depoimentos, participar de um desses encontros não é uma decisão fácil. Para alguém que está imediatamente envolvido no ciclo de violência e sofre com ele, seja pela necessidade política e social de participar de sua perpetuação, seja sendo diretamente impactado por um ato de violência de forma direta ou através do impacto a uma pessoa próxima, aceitar encontrar com o outro que personifica a causa deste sofrimento é um movimento bastante complexo. Como indicam os depoimentos dos fundadores dos Combatentes pela Paz, decidir sair do ciclo de violência e passar a atuar através da não violência não impediu que eles sentissem medo e raiva no encontro com o outro, ainda que esse encontro tenha sido decidido por eles próprios anteriormente. Estes sentimentos, inclusive, do medo e da raiva, dentre tantos outros muito complexos, permanecem ao longo do relacionamento já estabelecido entre os lados, como será discutido mais à frente. E parte do que estas organizações produzem são meios de expressar estas emoções, de colocá-las no mundo, dar espaço a elas, de formas não violenta.

Ainda de acordo com os relatos, o que impulsiona muitas destas pessoas a aceitarem participar de uma destas reuniões com pessoas do outro lado é, em muitos casos, a sensação de necessidade de uma outra alternativa que não seja permanecer no ciclo de ódio e vingança. Muitos membros dos movimentos, principalmente do Círculo dos Pais, que perderam algum familiar ou pessoa próxima, relatam que o ciclo da violência cobrou o preço mais caro possível. De alguma forma, vivenciar esta perda gera para algumas pessoas a concepção prática da ideia da ciclicidade da violência - de que buscar vingança ou dar espaço para a raiva do outro dentro do ciclo da violência vai mantê-los em uma dinâmica eterna de perdas.

Este sentimento, muitas vezes, é impulsionado por uma curiosidade em relação ao outro. Neste contexto em que israelenses e palestinos vivem geograficamente muito próximos, mas usualmente não possuem espaços de

relacionamento social que ultrapassem as dinâmicas relacionais inseridas no cotidiano do conflito e da ocupação, quando apresentados com a possibilidade de encontro com o outro em um novo tipo de modalidade muitas vezes são impulsionados, de fato, pela curiosidade de, enfim, encontrar este outro. Escutá-lo. Como relatado por vários ativistas dos movimentos analisados, essa curiosidade muitas vezes é alimentada, inclusive, pelo desejo de confirmar a ideia deste outro como inimigo, como perigoso, como aquele que deve ser vencido para que haja paz. Chamo a atenção para este fato por considerar ser importante, no sentido de aprendizados no campo da resolução de conflitos e construção da paz, a nutrição desta curiosidade, um investimento nela como forma de incentivo para trazer as partes à mesa de diálogo.

Isso me traz a um terceiro ponto que chama a atenção sobre o movimento de aceitar participar destes espaços de encontro e troca - o fato de que muitos dos participantes chegaram às organizações e a essas reuniões através de conhecidos seus que já as frequentavam. É possível para profissionais da área de Relações Internacionais e do campo da Construção da Paz investirem no fomento da curiosidade em relação ao outro e a possibilidade de conhecê-lo em espaços diferentes dos disponíveis até então dentro do conflito, mas esse parece ser um movimento muito impactante quando parte de alguém ou de um grupo de pessoas com as quais se tem uma relação de afeto ou confiança. Isso porque, como já estabelecido, se confia nesta outra pessoa ou grupo. Embora possa haver discordância com o que ela fala a priori, ou inclusive desconfiança, a confiança na relação com ela também está lá, o que gera alguma abertura para que alguém se abra para este passo de conhecer e escutar o outro. Além disso, como apontado por Chenoweth e Stephan (2011) e já discutido anteriormente, uma das grandes vantagens das campanhas não violentas é exatamente a disponibilidade de informações sobre elas. De acordo com as autoras, coragem gera coragem (p. 58), especialmente quando os envolvidos nestas campanhas são pessoas comuns. Isso é ainda mais potente quando estas pessoas comuns são próximas.

Outro fator bastante relevante a ser analisado acerca deste primeiro espaço de encontro que permite a fala, a escuta e o reconhecimento, é a identificação. Em

uma entrevista sobre a sua experiência no Círculo dos Pais, a ativista palestina Aisha Aktam declarou o seguinte⁴⁶

No começo não foi nem um pouco fácil, especialmente na estrada entre Nablus e Bethlehem. No caminho eu estava muito preocupada, como eu estava pensando na reunião, como seria conhecer pessoas judias? Como seria sentar com eles na mesma mesa, comer a mesma comida? Foi muito difícil, até que eu entrei no salão no qual a reunião aconteceu. Eu lembro da primeira reunião, na qual eu conheci a Sharon Meshaikeer, que hoje em dia é minha amiga. A Sharon me abraçou e começou a chorar, ela sabia que eu tinha perdido meu irmão, assim como ela. Eu estava chorando e olhando nos olhos da Sharon e nas lágrimas da Sharon, pensando comigo mesma que ela também perdeu o irmão dela, ela ama o irmão dela tanto quanto eu amo o meu irmão também.

O depoimento de Aisha é um dentre muitos que declaram sobre a identificação com a dor do outro. Em sua obra sobre não violência, Judith Butler (2020) levanta o questionamento sobre o que possivelmente nos leva a querer preservar a vida do outro, que até então não faz parte do grupo com o qual nos identificamos. Para refletir sobre o assunto, traz a obra de Melanie Klein (p. 65 - 68), psicanalista austríaca que desenvolveu contribuições intelectuais para o campo da filosofia moral, citando o seguinte trecho: "identificação nos traz o mais próximo possível da possibilidade de altruísmo". Klein explica que nós só somos capazes de desconsiderar ou até certo ponto sacrificar nossos próprios sentimentos e desejos, e, desta forma, conseguir colocar os sentimentos e desejos da outra pessoa primeiro, se nós temos a capacidade de identificar com ela. Butler segue na análise da reflexão de Klein, que afirma que para haver amor, deve haver reparação. Reparação essa com nosso próprio passado, em relação a nossas experiências de dores e lutos. Quando nós oferecemos simpatia ao outro, talvez pelas perdas que ele sofreu ou privações que viveu, de certa forma, estamos também realizando a reparação do que nós nunca tivemos. Em outras palavras, Butler reflete acerca do trabalho de Klein, quando nos movemos em direção ao outro, estamos reparando a nós mesmos. Nenhum destes movimentos pode acontecer sem o outro.

Talvez por esse motivo, da identificação com o outro e, através dela, da reparação de si próprio, que muitos dos depoimentos dados por outros membros do Círculo dos Pais e também dos Combatentes pela Paz retratam que a atuação nas

⁴⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Cn0eu26S6W8> (1 minuto e 49 segundos). Acesso em 06/02/24.

organizações trouxe sentido à vida da pessoa, como é o caso de Tamara Rabinowitz, israelense, ativista do Círculo de Pais, que relatou o seguinte em uma entrevista:

Eu conheço essas mulheres há 15 anos. Então nós estivemos por vários estágios. E eu acho que o que me ajudou no nosso encontro é que meu filho hoje está no lugar certo na minha vida. Esse é um passo enorme para alguém que perdeu seu filho. Você nunca nem sequer sonha que você pode dizer essa frase, que o seu filho está no lugar certo na sua vida. E ele está.⁴⁷

Da mesma forma que o depoimento de Aisha é um dentre muitos que mencionam a identificação com a dor do outro, o depoimento de Tamara também é um exemplo dentro de um grande número de relatos que afirmam que o trabalho conjunto serviu, de certa forma, como um tipo de cura, de ressignificação e, inclusive, de um novo sentido para a vida. A conexão com o outro, na medida em que abre espaço para reconhecê-lo e valorizar sua vida e seus sentimentos, para além de um movimento em busca da saída do ciclo de violência, funciona, em muitos casos, como um movimento de algum tipo de cura da própria pessoa, como expressado pelo trabalho de Melanie Klein.

Esse primeiro espaço desenvolvido pelas duas organizações - um espaço no qual palestinos e israelenses podem se conhecer em uma dinâmica social diferente da qual estão acostumados, podem falar sobre suas experiências e terem elas reconhecidas, tornando-se humanos aos olhos do outro - serve como base para as outras atividades que aprofundam a construção da reconciliação e da resistência à realidade da ocupação militar israelense na Palestina. É a partir dessa primeira troca que os ativistas começam a atuar nos projetos das respectivas organizações de acordo com seus interesses e desejos.

5.2

Espaços de convivência

A ideia da "reconciliação como encontro" proposta por Lederach (2005?) se desenvolve em outros espaços dentro dos movimentos de resistência conjunta, para além da primeira ponte estabelecida na fala, escuta e reconhecimento. As duas organizações promovem outras ações e outros projetos para as pessoas que passam

⁴⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Cn0eu26S6W8> (3 minutos e 14 segundos). Acesso em 06/02/24.

a atuar nelas, cada qual com diferentes objetivos, porém todos eles permitem que israelenses e palestinos convivam, criem espaços de relacionamentos que não os impostos pelo ciclo de violência. Para além do compartilhamento e reconhecimento da dor e do luto, as pessoas têm a oportunidade de estabelecer outras trocas, no sentido social e político, e, assim, podem criar vínculos reais de convivência. A seguir, trago alguns exemplos destes espaços.

5.2.1

Círculo dos Pais: sessões de geleia e doação de sangue

Muitos dos projetos do Círculo dos Pais visam expandir a ideia da reconciliação como principal forma de prevenir que mais famílias se encontrem em situação de luto como consequência do conflito. Algumas dessas atividades, no entanto, têm como proposta o estreitamento de laços dos ativistas que já fazem parte do movimento, de forma que eles possam se entender como pessoas que possuem trocas reais, tenham laços sociais intrínsecos e façam parte, assim, das vidas uma das outras - vivendo na prática o conceito da reconciliação e, ao mesmo tempo, servindo como exemplo real para outras pessoas.

Duas ações que podem ser dadas como exemplo disso são as sessões de geleia e campanhas de doação de sangue. Nas sessões de geleia, mulheres palestinas e israelenses se reúnem para cozinhar, ocasião na qual têm a oportunidade de conversar, estar juntas e trocar sobre assuntos diversos. Em um relato sobre esses encontros, a atual porta-voz do Círculo dos Pais, Robi Damelin, que participa ativamente desses espaços, relata que eles oferecem uma oportunidade para que essas mulheres conheçam outros lados umas das outras. Geralmente, nas reuniões usuais da organização, as pessoas estão presentes para falar sobre perda e luto. Nas sessões, diferentemente, elas se reúnem para cozinhar, conversar e têm a oportunidade de viverem momentos agradáveis e se divertirem juntas⁴⁸.

Uma outra ação que promoveu essa convivência e troca entre os dois lados do conflito foi o projeto de doação de sangue de israelenses e palestinos, que teve sua primeira versão em 2011 e foi intitulado de "Relações de Sangue". Palestinos e

⁴⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Cn0eu26S6W8> (1 minuto e 18 segundos). Acesso em 06/02/2024.

israelenses doaram sangue, juntos, e a doação foi encaminhada para receptores dos dois lados. A ideia, que tinha o objetivo maior de propagar sobre a atuação da não violência através do pensamento da possibilidade de ter o sangue de pessoas do outro lado correndo nas próprias veias, serviu, também, como um espaço social, no qual membros do Círculos dos Pais puderam se encontrar, conversar e produzir algo juntos.

Ações como essa são recorrentes para membros do Círculo dos Pais. Muitos ativistas em seus depoimentos citam o nome de alguém do outro lado afirmando ser seu ou sua amiga e que a pessoa faz parte de sua vida de forma cotidiana. O mesmo acontece com pessoas que atuam nos Combatentes pela Paz.

5.2.2

Combatentes pela Paz: grupos regionais

Muitas das atividades dos Combatentes pela Paz ocorrem através do que a organização chama de grupos regionais: grupos de palestinos e israelenses em cada região de atuação da organização que trabalham de forma conjunta em torno de necessidades e problemas locais. Eles são primariamente três grupos regionais: o do Norte, que inclui as cidades de Tivon e de Al Aqaba; o do Centro, que atua nas cidades de Jerusalém, Jericho, Bethlehem, Tel Aviv, Ramallah, Nablus e Qalqilya; e o grupo do Sul, que desenvolve ações em Beer Sheva e Hebron.

Os grupos regionais permitem que israelenses e palestinos estabeleçam uma convivência a longo prazo, na medida em que se reúnem para identificar necessidades locais de suas cidades, desenvolvem ideias de projetos a respeito delas e podem realizar ações. Esses espaços, na medida em que servem como desenvolvimento de comunidades de ativistas que têm o objetivo de servir como um modelo de convivência pacífica para a sociedade maior, proporcionam a possibilidade de estruturação de relações reais e cotidianas entre seus participantes.

Alguns exemplos de ações desenvolvidas pelos grupos são espaços binacionais com liderança de mulheres, construção de parques para crianças nos vilarejos beduínos de Fasail e Auja, participação na colheita de azeitonas que usualmente são alvos de colonos israelenses e reconstrução de casas palestinas demolidas pelo exército de Israel.

Os Combatentes pela Paz definem o propósito dos grupos regionais como construir comunidades de ativistas que estão trabalhando para o fim da ocupação com o desenvolvimento e prática de valores compartilhados. O conceito de comunidade, nesse sentido, reflete um espaço de convivência que permite o estabelecimento de laços reais e cotidianos.

5.3

Para além do reconhecimento, o testemunho: projetos de campo

Como analisado até aqui, os dois movimentos têm sua base de atividades bastante fundamentada na troca entre israelenses e palestinos, de modo a se escutar e reconhecer uns aos outros, bem como criar laços sociais e desenvolver interações que possam ir além da lógica relacional imposta pela ocupação e pelo conflito. Para além desses espaços de trocas, as duas organizações desenvolveram projetos que levam pessoas de um dos lados para uma vivência de campo. Para que elas possam ouvir o outro lado, mas também ver. Experimentar, dentro do possível, a realidade do outro, a história na qual ele cresceu e que faz parte da sua narrativa.

Ao discutir as limitações do reconhecimento no desenvolvimento da responsabilidade ética, a filósofa Kelly Oliver (2015) propõe que, nesse sentido, o testemunho, embasado na ética da resposta, possa servir de complemento. A autora traz em seu artigo a definição do verbo testemunhar publicada pelo *Oxford English Dictionary* (p. 483): "dar testemunho, testemunhar, dar provas, ser espectador ou auditor de algo, estar presente como observador, ver com os próprios olhos", apontando para o fato de que é importante levarmos em consideração que testemunho possui tanto a conotação jurídica, de ver algo com os próprios olhos, quanto a conotação religiosa de testemunhar aquilo que não pode ser visto. Segundo ela, é exatamente este duplo sentido que torna o testemunho uma alternativa tão poderosa para o reconhecimento no processo de uma pessoa ao reconceber sua subjetividade e, portanto, das relações éticas. Ela argumenta que o duplo sentido do testemunhar é, inclusive, o coração da subjetividade. A tensão entre ser testemunha ocular e prestar testemunho tanto posiciona o sujeito na história finita quanto necessita da infinita "resposta-habilidade" (do inglês *response-ability*) da subjetividade. Essa é a dinâmica operadora que nos move além da escolha melancólica entre fatos históricos mortos ou a repetição traumática da violência. É

a tensão entre nossos contextos sociopolíticos e nossa responsabilidade ética de imaginar a vida de outra forma.

Isso, ainda de acordo com Oliver, porque o testemunho nos leva além do reconhecimento para as dimensões afetivas e imaginativas da experiência. Ela menciona Butler ao refletir que, talvez por isso, a autora fale sobre o reconhecimento em termos de "ver como" (p. 475). "Ver como" requer não somente reconhecimento, mas também imaginação. Confessar o sofrimento de outros causado pelo meu próprio privilégio, no entanto, requer mais do que cognição ou mesmo mais do que imaginação. Requer um *pathos* que vá além do reconhecimento.

Neste sentido, as duas organizações aqui estudadas desenvolvem projetos de visita de campo que têm o objetivo de agregar o testemunho ao reconhecimento. A narrativa das pessoas que vivem no contexto do ciclo de violência segue fazendo parte das trocas propostas, mas a elas são agregadas possibilidades de visualização de fatos e realidades com os próprios olhos e, como explicado por Oliver, também daquilo que não pode ser visto (p. 219).

5.3.1 Círculo dos Pais: Narrativas Paralelas

"Narrativas Paralelas" é um projeto do Círculo dos Pais criado em 2010. Ele é voltado para que palestinos e israelenses possam realizar uma jornada através das histórias nacionais e pessoais de cada lado, sem o objetivo de anular alguma delas, mas, do contrário, através de um diálogo significativo, respeito e compreensão mútuos de que cada narrativa, tanto a pessoal quanto a nacional, carrega uma verdade.

O projeto acontece em grupos de 15 palestinos e 15 israelenses que passam um módulo de *workshops* unilaterais e bilaterais e atividades de diálogo, com o objetivo de aprender sobre a narrativa pessoal e nacional do outro, como um passo importante na direção da reconciliação entre os dois povos. O foco da experiência Narrativas Paralelas é que indivíduos possam lidar frente a frente com mudanças atitudinais, reconhecendo tanto o passado, quanto situações atuais. Após os *workshops*, os grupos visitam conjuntamente locais como o Museu Yad Vashem, que retrata a história do Holocausto e serve como ponto de estudo e reflexão sobre

um grande trauma contemporâneo judaico, e o vilarejo árabe Lifta que foi destruído em 1948 e pode ser vivenciado como forma de se compreender sobre a *Nakba*.

De acordo com a porta-voz do Círculo dos Pais, a visita ao Museu Yad Vashem e a busca da discussão sobre o Holocausto não têm o propósito de comparação de experiências de sofrimento, mas serve como um ponto de partida para que se possa entender a psique da comunidade judaica. De acordo com ela "sem entender o Holocausto, você não pode entender nunca o medo dos judeus"⁴⁹. A experiência no Museu permite que palestinos entrem em contato, muitos pela primeira vez, com documentação escrita e iconográfica sobre o genocídio, relatos de testemunhas e diálogos com pesquisadores especialistas no tema, bem como com os israelenses do grupo e seus sentimentos em relação ao assunto.

Nesse mesmo sentido, a visita ao local onde esteve o vilarejo de Lifta antes de 1948 é o ponto de partida para que os israelenses possam entender a saudade de um local que não está lá e a motivação pela qual tantos palestinos carregam chaves antigas, bem como o trauma do deslocamento forçado. Durante a visita, é possível entender o que havia no vilarejo antes da *Nakba*, como escolas e cemitérios, tornando a percepção da ausência destas instituições e a presença de outras - israelenses - em seu lugar mais prática. Ao longo do trajeto por Lifta, o guia palestino que acompanha o grupo conta detalhes da história da sua destruição, como o número de pessoas que foram expulsas dali.

Realizar visitas aos locais é uma forma de promover contextos de uma perspectiva mais concreta e ilustrar a interpretação de narrativas históricas, pessoais e nacionais dos dois lados, bem como a complexidade do conflito. Os facilitadores dos workshops e das visitas são membros enlutados do Círculo dos Pais, que buscam promover um espaço seguro para que os participantes se engajem em um diálogo empático e inclusivo. Ao final da experiência, as pessoas que vivenciaram o projeto passam a ser reconhecidos como *alumni* e são convidados a participar ativamente do trabalho do Círculo dos Pais. Atualmente, mais de 1.200 pessoas vivenciaram o projeto e são parte da comunidade de *alumni*.

⁴⁹ Tradução da autora. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8_EkSPPS_XQ (0 minutos e 42 segundos). Acesso em 06/02/2024.

5.3.2

Combatentes pela Paz: visitas à Cisjordânia para israelenses

Também como forma de promover um espaço de olhar para a narrativa do outro através da vivência do espaço, os Combatentes pela Paz oferecem visitas guiadas para israelenses na Cisjordânia. A organização afirma que a grande maioria dos israelenses nunca esteve nos territórios ocupados como civis, por motivações que incluem segurança, pressão social, medo e, inclusive, barreiras legais de entrada nestes locais. No entanto, boa parte dessas pessoas acabam servindo ali como soldados durante o serviço militar israelense, reforçando, assim, a ocupação militar e, como resultado, esta experiência usualmente fortalece o estereótipo negativo sobre a Palestina e os palestinos, a partir de uma perspectiva militarista e nacionalista.

A ideia das visitas, que duram entre cinco e seis horas, é proporcionar para israelenses uma abertura de visão em relação à vida palestina, permitindo que os participantes possam testemunhar os desafios cotidianos da vida sob a ocupação e aprender sobre a cultura e as narrativas palestinas. Através da experiência, esses passeios desafiam a narrativa convencional israelense sobre a ocupação e abrem espaço para que os participantes possam questionar seus próprios papéis no conflito, desenvolver empatia em relação aos palestinos e entender possibilidades de atuações diferentes em prol de um futuro de paz.

Os passeios são guiados por um palestino e um israelense membros do Combatentes pela Paz, que trabalham juntos e com respeito mútuo um pelo outro. De acordo com a organização, o próprio modelo de parceria no trabalho causa um impacto profundo nos participantes da atividade e auxilia na criação de um ambiente seguro para que possam se envolver em reflexões e reações emocionais sinceras em relação ao que estão percebendo e vivenciando. Os passeios são oferecidos em diversos locais da Cisjordânia, como Bethlehem, Jericó, Nablus e Jerusalém Oriental.

Embora não seja um projeto fixo do Combatentes pela Paz, o movimento já organizou diversas vezes visitas conjuntas de membros palestinos e israelenses ao museu do Holocausto em Jerusalém, *Yad Vashem*, com o objetivo de que os ativistas palestinos possam entrar em contato com o trauma coletivo judaico

decorrente do genocídio e acessar, dessa forma, compreensões sobre a narrativa israelense.

5.4

Educação para a não violência e a paz

Com o pensamento em mente de que esse processo de resistência conjunta não violenta à ocupação militar e às subjetividades inimigas entre si produzidas por ela é bastante longo - no caso do Círculo dos Pais através do objetivo da criação de uma estrutura de reconciliação que possa ser incorporada a um futuro acordo político e no caso dos Combatentes pela Paz no desenvolvimento de comunidades binacionais que também possam servir de modelo em um acordo por vir - as organizações desenvolvem ações voltadas para o público maior, incluindo crianças, adolescentes e jovens adultos, pensando em difundir a mensagem de suas propostas, educar as próximas gerações e formar lideranças que possam dar continuidade aos movimentos.

5.4.1

Encontros de diálogo

Os encontros de diálogo que envolvem um membro palestino e um membro israelense contando sua história e sua narrativa para um grupo de pessoas - crianças, jovens e adultos, israelenses, palestinos, bem como para pessoas de outros países - está no centro das atividades de ambos os movimentos, de acordo com suas publicações e relatórios. Para os Combatentes pela Paz, o projeto tem o nome de Reuniões em Casa (*House Meetings*) e o Círculo dos Pais o chama de Reuniões de Diálogo. Ambos se apoiam na perspectiva de que a contação de histórias pessoais promove a humanização da pessoa que relata sua experiência, proporcionando uma maior clareza sobre a complexidade do conflito e o fato de que são pessoas envolvidas de ambos os lados.

O papel do *storytelling* tem sido bastante estudado na área de *peacebuilding* e resolução de conflitos. Em sua análise crítica da utilização da contação de histórias no contexto pós-conflito no Norte da Irlanda, Dawson (2019), ao citar Thomson, levanta a reflexão de que contar uma história de vida oferece um meio de “compor um passado com o qual [nós] possamos conviver” (p. 11). Ao longo do estudo em

questão, Dawson aponta que a contação de histórias tem o potencial de iluminar as complexidades inerentes à reavaliação subjetiva e à negociação com experiências passadas e de permitir uma visão sobre os desafios políticos, afetivos e emocionais enfrentados por aqueles que vivem em cenários de pós-conflito. Dessa forma, o *storytelling* carrega a promessa de aprofundar a compreensão social sobre como a diferença e a alteridade podem ser negociadas e, também, acerca do terreno sobre o qual as transformações nas subjetividades produzidas pelo conflito podem ser realizadas.

As Reuniões em Casa promovidas pelos Combatentes pela Paz trazem um israelense e um palestino que contam sobre sua experiência pessoal vivendo sob a dinâmica da ocupação e inseridos no conflito, sua atuação direta com a violência armada e de que forma abriu mão da violência. Em seu sítio eletrônico⁵⁰, ao descrever o projeto, os Combatentes pela Paz afirmam que o público principal são jovens israelenses que estão para se juntar ao exército, comunidades palestinas interessadas, o público israelense em geral e delegações políticas e internacionais. De acordo com a organização, a contação de histórias pessoais é uma forma de mostrar para as pessoas que a mudança - a nível pessoal e político - é possível.

O CFP expressa sua perspectiva de que a segregação é causada e reforçada pela demonização e desumanização do outro, imagem difundida principalmente através das narrativas militares e nacionais de cada lado que retratam o outro como intransigente, responsável pela continuação do conflito e como um inimigo eterno. Com o agravamento contínuo da violência, o isolamento entre os lados tem sido maior, fazendo com que israelenses e palestinos não consigam enxergar um no outro um possível parceiro pela paz. O que, por sua vez, resulta em uma falta de esperança em qualquer tipo de medida ou resolução que fale sobre a possibilidade de paz.

O movimento enxerga no encontro cara a cara entre israelenses e palestinos para conversar abertamente a possibilidade de gerar uma maior abertura para que as pessoas se disponibilizem a escutar e enxergar as perspectivas uns dos outros. O site afirma que "quando nós escutamos as histórias uns dos outros, nós somos capazes de humanizar o inimigo". Ademais, os Combatentes pela Paz também enxergam nas reuniões de diálogo uma forma de demonstrar que existem

⁵⁰ O endereço é <https://afcfp.org/house-meetings/>. Acesso em 04/02/2024.

israelenses e palestinos lutando conjuntamente pelo fim da ocupação, o que proporciona às pessoas presentes uma maior compreensão do sofrimento que a ocupação gera nos dois lados.

Nas Reuniões de Diálogo do Círculo dos Pais, também dois ativistas da organização - um israelense e um palestino - contam sua história. No caso desse movimento, o foco é nas histórias de enlutamento de seus membros e de que forma, após sofrer a dor da perda de um familiar, eles escolheram trocar sentimentos de raiva, vingança, desamparo, desespero e vazio por atividades de esperança e reconciliação. A atividade acontece com grupos jovens e adultos, em escolas, centros comunitários e outros. Na mesma lógica, membros do Círculo dos Pais são convidados internacionalmente para contar sua história de forma conjunta em universidades no exterior, meios de comunicação e conferências. De acordo com a organização⁵¹, cada reunião dura 90 minutos, inclui as histórias pessoais de cada ativista, seu caminho em direção à reconciliação, uma pequena apresentação das atividades da organização e proporciona um espaço para perguntas e colocações. Segundo o último relatório do movimento, o PCFF já realizou mais de 8.500 reuniões de diálogo, atendidas por cerca de 250 mil pessoas.

Tanto o Combatentes pela Paz quanto o Círculo dos Pais desenvolvem as atividades de diálogo em árabe, hebraico e inglês, de acordo com a audiência presente.

5.4.2

Acampamento Juvenil para a Paz: Círculo dos Pais

O acampamento é um projeto desenvolvido pelo Círculo dos Pais desde 2003. Ele acontece todo ano no verão e é voltado para adolescentes israelenses e palestinos entre as idades de 14 e 18 anos, com a duração de cinco dias de atividades. A ideia central do acampamento, de acordo com a organização, é auxiliar na desconstrução de estereótipos, proporcionar a possibilidade do estabelecimento de novas relações e formar a próxima geração de líderes da paz.

As atividades que fazem parte do acampamento são planejadas de forma a proporcionar quatro etapas no encontro entre os adolescentes. Tendo em mente o

⁵¹ Disponível em https://www.theparentscircle.org/en/pcff-activities_eng/dialogue_meetings_eng/. Acesso em 05/02/2024.

fato de ser um movimento bastante complexo, o primeiro dia é dedicado a uma chegada gentil, para que os jovens possam conhecer uns aos outros, verem uns aos outros e se juntarem em um primeiro contato. Neste dia, os adolescentes participam de atividades de treinamento ao ar livre, como quebra gelos que têm o objetivo de desenvolver um espaço seguro entre os participantes do acampamento e construir confiança entre eles. Nestas atividades eles podem se unir enquanto grupo, trabalhar como equipe e desenvolver suas habilidades de liderança.

O segundo dia é dedicado à escuta, envolvendo atividades nas quais cada um pode contar sua história. Nesse dia eles vivenciam atividades com o objetivo de desenvolver habilidades de escuta. Depois, falam primeiramente entre grupos de palestinos e israelenses para depois se juntarem e poderem falar para as pessoas do outro lado. Ainda no segundo dia, os jovens participam de reuniões de diálogo com um israelense e um palestino membros do Círculo dos Pais, que compartilham suas histórias pessoais de enlutamento, bem como sua jornada na escolha da reconciliação e do diálogo ao invés do ódio e da vingança. Depois da conversa, os adolescentes podem fazer perguntas e, ao final, têm tempo para expressar suas emoções em relação à experiência, sempre acompanhados de facilitadores palestinos e israelenses no processo.

O terceiro dia é voltado para a conversa. Apoiado por facilitadores da organização treinados e experientes, os participantes vivenciam uma primeira atividade na qual têm espaço para fazerem perguntas difíceis uns aos outros. De acordo com o relatório do acampamento de 2022⁵², por exemplo, israelenses colocaram a pergunta aos colegas palestinos acerca do que eles pensam que deveriam fazer, não servir ao exército ou servir de forma mais humana, cobrando que essa humanidade seja praticada por outras pessoas. Palestinos, por sua vez, perguntaram aos israelenses por que a maioria dos israelenses não acredita na paz e por que aqueles que acreditam não trabalham em busca dela. Neste dia, ainda, os participantes do acampamento vivenciaram atividades de diálogo através de *workshops* que envolveram dinâmicas de teatro, som e escrita.

O quarto dia de acampamento, segundo o PCFF, é dedicado a sonhar. Os adolescentes têm espaço para pensar e expressar as visões do futuro que desejam,

⁵² Disponível em <https://parentscirclefriends.org/wp-content/uploads/2021/09/2021summercampreport.pdf>. Acesso em 06/02/2024.

com uma Israel e uma Palestina da forma que gostariam de ver. As atividades envolvem bastante o envolvimento com a arte, como a observação e diálogo sobre exposição de fotos, meditação, *workshop* com atividades de arte terapia e atividades de culinária.

O último dia é dedicado à reflexão sobre a pergunta "o que eu quero levar desse acampamento?". Nesse dia, mães dos adolescentes são convidadas a se juntarem às atividades, tanto nos espaços informais como momentos de lazer e refeições como nas atividades planejadas, junto com seus filhos.

Durante a programação do acampamento, os jovens também participam de visitas de campo e atividades comunitárias locais. A organização desenvolve o acampamento em uma localidade diferente a cada ano, usualmente em Israel, com acesso a visitas guiadas, à história do local através das duas narrativas e à participação em atividades locais.

A programação do acampamento inclui, ainda, um jogo desenvolvido pelo *staff* jovem do Círculo dos Pais em parceria com a organização espanhola *Irenia, Peace Games*. Intitulado "As Cores da Vida", incluindo cartas com diferentes tópicos, perguntas pessoais e de conhecimentos gerais, a atividade tem o objetivo de proporcionar que os participantes possam conhecer melhor uns aos outros através de orientações lúdicas e desenvolver mais profundamente o sentimento de espírito de equipe.

Por fim, e não menos importante, no verão quente da região, os adolescentes que vivem a experiência do acampamento têm tempo de lazer na piscina e na praia. O momento da simples brincadeira, da troca humana entre jovens de férias, é tão importante quanto as outras atividades na criação de vínculos sociais para estes jovens. Nos relatórios sobre o projeto, a organização afirma que essas são atividades muito especiais para os jovens palestinos, já que muitos deles não têm acesso à praia ou ao mar.

5.4.3

Jovens Embaixadores para a Paz: Círculo dos Pais

Também uma iniciativa do Círculo dos Pais, o projeto "Jovens Embaixadores para a Paz" tem o objetivo de proporcionar treinamento e educação para 25 jovens palestinos e israelenses enlutados, entre 18 e 27 anos de idade. A

proposta é que eles possam liderar a próxima geração para a paz. Os jovens adultos que participam desse programa são graduados de programas anteriores do Círculo dos Pais, como o acampamento de verão e outros programas voltados aos jovens, que foram expostos às mensagens e atividades da organização através do envolvimento de seus familiares. Os participantes do projeto vivenciam espaços de diálogo, escuta e troca de questionamentos e reflexões uns com os outros, assim como nas outras atividades desenvolvidas pela organização. Para além desses espaços, eles vivenciam *workshops* de liderança, aprendem sobre as narrativas palestina e israelense, além de participarem de atividades de desenvolvimento de habilidades. Ferramentas como fotografia, teatro e contação de histórias são utilizadas como forma de conduzir o programa. Ao longo do ano, os participantes dos Jovens Embaixadores pela Paz vão ocupando posições de lideranças em atividades do Círculo dos Pais, como facilitadores de reuniões de diálogo e instrutores do acampamento de verão, por exemplo.

No ano de 2019, o grupo que compôs os Jovens Embaixadores pela Paz produziu uma exposição de fotos através de seu treinamento de fotografia como ferramenta de diálogo, intitulada *Hope4Change*. Ao longo dos *workshops*, os participantes foram incentivados a documentar suas vidas, tendo a ideia de esperança e mudança como guias. A exposição foi exibida em diversos locais, tendo ficado no Teatro Jaffa por duas semanas e percorrendo escolas pelo país, acompanhada de discussões.

5.4.4

A Escola da Liberdade: Combatentes pela Paz

A organização Combatentes pela Paz também realiza um projeto que visa educar a próxima geração a seguir com o trabalho que estão desenvolvendo atualmente. No caso do CFP, o foco começou voltado para a formação de israelenses, entre 20 e 25 anos de idade. A Escola da Liberdade - em hebraico, *Midreshet Dror* - é um programa educacional com duração de seis meses que busca capacitar jovens adultos a se solidificarem como educadores e ativistas, que possam trabalhar efetivamente em prol do fim da ocupação militar e na construção de uma sociedade justa e igual para todas as pessoas na Palestina e em Israel. O projeto teve

início em 2020, em parceria com as organizações *Breaking the Silence* e *Ahavat Amim*.

Ao longo dos seis meses, o grupo composto entre 12 e 14 israelenses vive junto em uma casa comunitária. Nos dois primeiros meses, os participantes vivenciam uma grade intensa de palestras educativas e visitas de campo com lideranças de organizações sem fins lucrativos, ativistas anti-ocupação e palestinos locais. Nos quatro meses seguintes, eles podem completar um estágio em uma organização sem fins lucrativos da sua escolha, para poder colocar em prática os aprendizados da primeira etapa do projeto. Ao longo desse período, também, os participantes se voluntariam um dia por semana em alguma ONG que lida com questões do conflito, como os próprios Combatentes pela Paz, o Taayush, os centros educativos em Jerusalém Oriental, a união de trabalhadores Ma'an, o *Standing Together*, o Fórum de Coexistência do Negev e a Cooperativa de Mulheres em Kfar Kanna, no Norte. Nos voluntariados, os participantes recebem orientações e mentorias constantes dos times em questão, além de ter quatro reuniões de seguimento onde podem compartilhar a experiência e receber mais conteúdo. Ao longo dos seis meses de programa, os participantes também têm aulas de árabe.

De acordo com os Combatentes pela Paz, o impacto que esperam gerar através da Escola da Liberdade está relacionado com o fato de que para um processo de paz concreto é necessário que haja mais ativistas trabalhando em prol dos direitos dos palestinos dentro da sociedade israelense. De acordo com eles, jovens adultos que cresceram no contexto posterior à Segunda Intifada viveram uma sociedade ainda mais dividida em consequência da situação na qual palestinos da Cisjordânia passaram a ter ainda mais restrições e menos liberdade de movimentação, o que marcou uma diminuição no diálogo e nas oportunidades de interação entre os lados. A proposta da *Midreshet Dror* é endereçar esse *gap* geracional e desenvolver líderes ativistas dentro da sociedade israelense, entendendo que para solidificar o esforço conjunto em prol do fim da ocupação e de uma paz que seja justa para os dois lados, é necessário que palestinos e israelenses possam se conhecer e construir relações de confiança. A organização acredita que para permitir que mais israelenses apoiem efetivamente palestinos e participem de forma ativa na luta pelos direitos humanos, é necessário realizar mudanças na cultura israelense a partir de dentro e, para isso, é necessário que mais pessoas na sociedade em Israel possam ter acesso a uma maior compreensão acerca dos sistemas de opressão, tanto na sociedade israelense,

quanto na Cisjordânia e em Gaza. Dessa forma, a Escola da Liberdade pode ser um meio de guiar jovens adultos que tenham interesse nesse campo.

Em paralelo à *Midreshet Dror* - a Escola da Liberdade voltada para israelenses - em 2022 foi fundada a *Madrassa al-Huria* - que também quer dizer Escola da Liberdade, em árabe - para jovens palestinos. No mesmo sentido de educar a próxima geração de construtores da paz, a versão do projeto educativo voltado para palestinos tem a proposta de capacitar e fortalecer os participantes nos princípios da resistência não violenta, habilidades de comunicação e liderança.

A fundação da *Madrassa al-Huria* veio através da mesma compreensão de que, para um processo de paz viável, palestinos e israelenses devem construir relações de confiança no contexto da resistência conjunta contra a ocupação militar e, na medida em que se busca capacitar os israelenses para que possam ter uma compreensão mais aprofundada acerca do funcionamento da violência estrutural e da realidade e cultura palestina, também é importante capacitar a juventude palestina nas teorias e práticas da não violência para que possam se desenvolver enquanto lideranças em suas comunidades. Os participantes são de diferentes cidades e vilarejos da Cisjordânia. Além das aulas, que envolvem temáticas relacionadas a Direitos Humanos, luta não violenta e habilidades de liderança, os jovens palestinos também têm a oportunidade de realizar estudos de campo e participar de mentorias.

5.5

A arte como método não violento de expressão

No processo de criatividade do sujeito pacificador, que busca novas formas de atuar no seu contexto para sair do ciclo de violência e estabelecer relações sociais diferentes das impostas pela ocupação militar com aquele que, até então, era visto como o outro, o inimigo, a arte tem um papel muito importante. Tão importante que a utilização de atividades artísticas perpassa muitos dos projetos desenvolvidos tanto pelo Círculo dos Pais quanto pelo Combatentes pela Paz.

A relevância do tema é apontada por Roland Blaiker (2018), que aponta que as artes têm papel crucial no *peacebuilding*, argumentando que elas "podem nos levar a ver o mundo sob uma nova luz e repensar suposições que tomamos como certas" (p. 3), auxiliando-nos a "imaginar o inimaginável" (p. 28). Em concordância

com Blaiker, Mitchell e Hawksley (2020) desenvolveram pesquisas a esse respeito e afirmaram que até recentemente as artes eram comumente negligenciadas ou relegadas à periferia nas discussões relacionadas à construção da paz. Os autores apontam que enquanto um número de estudos recentes foca na relação entre *peacebuilding* e meios de comunicação, as artes criativas receberam, até então, comparativamente menos atenção, o que, de acordo com eles, está começando a mudar. Recentemente tem crescido o número de teóricos e praticantes que passaram a reconhecer o potencial das artes criativas na contribuição do processo de construção da paz e transformação de conflito. Chamando a atenção para o fato de que a paz não é a ausência de conflito e que o conflito é usualmente inerente ao relacionamento social, inclusive necessário para o seu desenvolvimento e crescimento, Mitchell e Hawksley opinam, a partir de suas pesquisas, que as artes criativas têm papel crucial e único na canalização e administração destes conflitos por vias que sejam não violentas. As artes são centrais, ainda, no processo de construção de sociedades justas. Neste sentido, os autores enfatizam que as artes contribuem como agentes de educação, e comunicação entre as partes, atuando nos processos de curar traumas, promovendo a compaixão, expandindo a empatia e construindo comunicação através de divisões culturais, étnicas, religiosas e sociais.

No trabalho de Lederach a arte aparece corriqueiramente como ferramenta central para o *peacebuilding*, ao que o autor se refere diversas vezes como "a arte de construção da paz" (2005; 2010, p. 35). Lederach parece entender que todo o processo de transformação de conflito e construção da paz são, em si próprios, artísticos, utilizando frequentemente termos como "arte da cura", "arte da reconciliação", (2010, p. 35), "arte do perdão" (p. 309). Nesse sentido, enquanto uma arte em si mesma, a construção da paz tem na utilização da arte criativa uma ferramenta central, uma vez que "a imaginação moral encontra sua expressão mais clara na aparição de arte criativa" e que "a criatividade se move além do que existe em direção a algo novo e inesperado, enquanto surge de e fala sobre o cotidiano" (2005, p. 38).

É dessa forma que israelenses e palestinos em movimentos conjuntos se utilizam da arte criativa como forma de: possibilitar comunicação entre diferentes culturas; transformar uma relação de conflito violento em maneiras de lidar e viver esse conflito que não sejam violentas. É exatamente por essa visualização de algo que acreditam ser possível, mas que ainda não existe, que um ponto muito

importante na resistência conjunta palestina e israelense nos casos estudados é a compreensão por parte de seus ativistas do fato de que seguem vivendo realidades diferentes. Israelenses estão em uma situação na qual possuem cidadania e liberdade de ir e vir, em um Estado reconhecido internacionalmente, com uma série de direitos. Os palestinos que atuam nesses movimentos seguem vivendo sem ter cidadania, em territórios sob ocupação militar, com sua movimentação limitada e, em muitos casos, sem ter acesso a direitos básicos. Os dois movimentos atuam a partir da perspectiva de que, embora sejam espaços de atuação conjunta, as relações seguem sendo assimétricas entre seus membros.

Nesse sentido, a arte tem um papel forte em projetos desenvolvidos pelas duas organizações. Ela atravessa, na realidade, uma série de projetos, fazendo parte integrante de diversos espaços de troca, desde reuniões de diálogo, aos projetos educativos e cerimônias. A arte aparece, tanto para os Combatentes pela Paz quanto para o Círculo dos Pais, como uma ferramenta utilizada para afetar outras pessoas e meio, também, para expressar sentimentos e emoções, tais como medo, raiva, luto e desejo de vingança. Essas emoções, embora encaradas de uma maneira diferente por pessoas que passam a atuar através da não violência, seguem existindo e, dessa forma, precisam ser expressas também através de métodos não violentos.

A seguir, serão analisados de forma breve alguns exemplos de intervenções artísticas realizadas pelos dois movimentos, seguindo-se uma reflexão um pouco mais aprofundada sobre o Teatro do Oprimido utilizado pelo Combatentes pela Paz, que exerce todas as funções mencionadas acima - é um meio de expressão, uma forma de diálogo, ferramenta de intervenção e método de colocar no mundo, por meio da arte, o futuro de paz que se visualiza.

5.5.1

Alguns exemplos de projetos artísticos

A arte como forma de expressão pode ser encontrada em diversos projetos, em ambas as organizações. O Círculo dos Pais promoveu, por exemplo, a já mencionada exposição de fotos intitulada *Hope4Change*, desenvolvida por participantes do programa Jovens Embaixadores pela Paz. Nas fotos, os participantes buscaram retratar sua realidade, com base nas palavras esperança e mudança como guias. A inauguração da exposição foi realizada na graduação da

turma de Embaixadores de 2019 e ficou aberta à visita do público por duas semanas no Teatro Jaffa. Depois disso, circulou por diversas instituições, como algumas escolas, acompanhada dos palestinos e israelenses que produziram as fotos para uma conversa com grupos a respeito do processo.

O Círculo dos Pais desenvolveu, também, outro projeto fotográfico que desencadeou na exposição chamada de "A Presença do Vazio". A proposta foi que dez mulheres palestinas e israelenses pudessem retratar a vida e seu enlutamento através das lentes de uma câmera. Para algumas participantes, essa foi a primeira experiência expressando algo através da fotografia⁵³. Elas puderam fotografar a presença das pessoas queridas que perderam no conflito, dando imagem à ausência delas, à falta, ao vazio. Como parte do processo, Mashka Litvak declarou que se sentiu mais próxima do seu irmão que faleceu em decorrência do conflito. Ela fotografou os campos do Kibutz Negba, que despertaram memórias escondidas nela, e o relógio de seu irmão que, segundo ela, parou de funcionar no momento em que ele morreu. Nasra Shihab, que perdeu dois filhos vítimas do ciclo de violência, fotografou o quarto de um deles que permaneceu intacto desde sua morte há mais de dez anos, com suas roupas espalhadas pela cama. O depoimento dessas e das outras participantes retratam como as fotografias permitiram que elas pudessem ficar de frente com o luto e com a dor, abrindo novos espaços para sentir essas emoções.

A arte é bastante utilizada pelos dois movimentos, também, como forma de intervenção, de atuar no espaço, de afetar outras pessoas. Em março de 2015, por exemplo, o Círculo dos Pais promoveu a exposição do que ficou intitulada como o Monumento às Futuras Vítimas do Conflito. Na semana da inauguração do Monumento, Israel estava passando por um período eleitoral bastante complexo e muito da campanha se relacionava com posicionamentos acerca dos territórios ocupados⁵⁴. O Monumento era como uma pedra grande, que continha os dizeres

⁵³ Disponível em https://www.theparentscircle.org/en/pcff-activities_eng/pcff-exhibitions_eng/presence-void_eng/. Acesso em 05/02/2024.

⁵⁴ Em Março de 2015, Israel viveu um momento político de bastante divisão interna, com eleições parlamentares antecipadas, consequentes da dissolução da coalizão governamental anterior em Dezembro de 2014. O governo anterior se dissolveu em consequência de desentendimentos externos, especialmente acerca de questões orçamentárias e sobre a Lei Básica: Israel como o Estado-Nação Judaico, que ficou conhecida informalmente como Projeto de Lei Estado-Nação e descrevia uma série de funções e responsabilidades através das quais Israel estaria vinculado de forma a cumprir sua função enquanto um Estado Judeu. Definindo pontos como o hebraico enquanto língua oficial, Jerusalém como capital, o calendário judaico como sendo oficial, dentre outros, a lei foi recebida

com seu nome em inglês, árabe e hebraico, e pequenos buracos. A ideia era que as pessoas se aproximassem e pudessem ver o que tinha dentro. Elas vieram, então, um túmulo, espelhado por todos os lados dando a sensação de uma infinidade de túmulos, com os dizeres "nós não queremos vocês aqui".



Imagem 8 - Parte externa do Monumento às Futuras Vítimas do Conflito. Fonte: BBC channel ⁵⁵



Imagem 9 - Parte interna do Monumento às Futuras Vítimas do Conflito. Fonte: ⁵⁶

com uma forte reação internacional e chegou a ser caracterizada como antidemocrática e racista por diversas pessoas e instituições. As eleições antecipadas foram acirradas, com a coalizão União Sionista formada entre o Partido Trabalhista e o Hatnuah apresentando-se como principal oposição ao Partido Likud de Benjamin Netanyahu. O Likud recebeu a maioria dos votos e conseguiu formar uma nova coalizão para o governo em conjunto com os partidos religiosos e de direita HaBait HaYehudi, Shas, Yahadut HaTora e Kulanu.

⁵⁵ No youtube <https://www.youtube.com/watch?v=szU78gaFoFQ>. Acesso em 06/02/2024.

⁵⁶ Em <https://www.youtube.com/watch?v=szU78gaFoFQ>. Acesso em 05/02/2024.

Nesse mesmo sentido de afetar o público, em 14 de Agosto de 2023 os Combatentes pela Paz, em colaboração com o *Breaking the Silence*, o *Standing Together*, e o *Peace Now* realizaram uma demonstração com terra e placas simulando túmulos na entrada do prédio no qual ficam os escritórios do Partido Sionista Religioso. Naquela semana, o ministro das finanças Bezalel Smotrich declarou que tinha a intenção de alocar cerca de 180 milhões de dólares a assentamentos israelenses na Cisjordânia e, no mesmo período, membros do partido fizeram declarações que foram entendidas como apoio a atos violentos de colonos israelenses contra palestinos nos territórios ocupados. Nas placas dos túmulos simulados estavam os dizeres "não ao terrorismo colono" e nas portas do edifício foram coladas placas de aviso que diziam "Atenção! Apoiadores do Terror e do Golpe Trabalham Neste Prédio"⁵⁷.

⁵⁷ Publicado em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=285885114087505&set=pcb.285885147420835> . Acesso em 05/02/2024.



Imagem 10: Protesto com túmulos simulados na porta do prédio onde fica o escritório do Partido Sionista Religioso. Fonte: <https://www.jns.org/israel-news/judicial-reform/23/8/15/310868/> (acesso em 06/02/24)

A arte é utilizada por ambas as organizações em diversas atividades, como forma de mediar conversas, construir pontes entre os ativistas, projetos de integração, formas de expressão do luto, raiva e dor e como método de intervir no espaço e chamar a atenção de um público maior. A seguir, aprofundarei um pouco mais em um dos projetos artísticos levado a cabo pelo Combatentes pela Paz, a prática adaptada do Teatro do Oprimido que cumpre com todos esses papéis.

5.5.2

O Teatro do Oprimido - Combatentes pela Paz

O Teatro do Oprimido é uma forma de fazer teatro desenvolvida pelo brasileiro Augusto Boal no contexto da Ditadura Civil Militar brasileira, durante as

décadas de 1960, 1970 e 1980. De acordo com Boal (1991, p. 13) "Todo teatro é necessariamente político. Porque políticas são todas as atividades dos homens, e o teatro é uma delas". Em sua publicação sobre o Teatro do Oprimido, Boal procura oferecer algumas provas de que o teatro é uma arma e, segundo ele, uma arma muito eficiente. Mas, para que o teatro seja uma arma de liberação, é necessário criar formas de teatro correspondentes. É necessário transformar.

Uma das questões centrais no Teatro do Oprimido é a diferença em relação ao que, usualmente, é considerado como espectador para o teatro. Na mesma obra, no capítulo intitulado "Espectador - que palavra feia!", Boal afirma que o espectador ser passivo o coloca em uma posição de ser menos que um homem e é necessário reumanizá-lo, restituir-lhe sua capacidade de ação em toda sua plenitude (p. 180). Ele também deve ser o sujeito, um ator, em igualdade de condições com os outros atores - que por sua vez também são espectadores. Nesse sentido, Boal segue explicando que todas as experiências de teatro popular têm o mesmo objetivo: a libertação do espectador, sobre quem o teatro se habituou a impor visões acabadas de mundo. Considerando-se que quem faz teatro, no geral, são pessoas de alguma forma ligadas às classes dominantes, essas imagens acabadas são imagens das classes dominantes. O espectador do teatro popular - o povo - não pode continuar sendo vítima passiva dessas imagens.

Dessa forma, a poética do oprimido é essencialmente o que ele chama de uma Poética da Liberação: o espectador já não delega poderes aos personagens nem para que pensem nem para que atuem em seu lugar. O espectador se libera. Pensa e age por si mesmo. O teatro, desta maneira, é ação e, de acordo com Boal, ainda que o teatro possa não ser revolucionário em si mesmo, é o ensaio da revolução.

A metodologia foi trazida para a organização Combatentes pela Paz por um de seus cofundadores israelenses, Chen Alon, que era formado em teatro e trabalhava na área já há muitos anos. Em um *workshop online* oferecido pela organização em Agosto de 2022⁵⁸, Chen começou falando que usualmente inicia sua história contando sobre a vida de seu avô, que sobreviveu ao Holocausto, mas que, nesse dia, ele queria começar contando da sua paixão pelo teatro, que veio da infância. Ele falou que desde pequeno era apaixonado por teatro e muito ligado ao

⁵⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IKnd4Uq2238&t=1932s>. Acesso em, 05/02/2024.

sionismo. A ideia de que sua família tinha sobrevivido ao genocídio na Europa porque o avô conseguiu imigrar para o que hoje é Israel era muito presente na sua casa. Ele sabia desde jovem, então, que perseguiria o teatro e que um dia seria soldado. Sua primeira atuação com o teatro foi ainda na escola, em uma peça que retratou a Operação Entebbe, que conta a história de como as Forças de Defesa de Israel resgataram reféns sequestrados em um avião da Air France por palestinos da Frente Popular pela Libertação da Palestina. Com 18 anos, Chen se juntou ao exército e serviu por quatro anos, contando que ele tinha o ideal de proteger seu país em guerras como a de 1967 e a do *Yom Kippur*, mas que se viu atuando nos territórios ocupados e perpetrando ações que aprofundavam a ocupação.

Depois do exército Chen começou a estudar teatro. De acordo com a lei israelense, um mês por ano ele tinha que voltar ao serviço militar como reservista. Ele contou nesse *workshop* que sua sensação era de que estudava arte por 11 meses e, por um mês, atuava na imposição de um regime militar sobre os palestinos. Na medida em que se tornou um ator profissional, ele sentia que, quando servia ao exército, estava performando um papel. Ele falou que alguns acontecimentos foram marcantes na sua decisão de abrir mão da violência, mas contou um em específico: em um dos meses que serviu como reservista, era comandante de um checkpoint na Faixa de Gaza. Uma hora depois de chegar em seu local de serviço, um casal passou de carro precisando levar seu bebê ao hospital. Na situação, ele não autorizou que o carro passasse porque eles não tinham permissão. O casal insistiu que o bebê estava doente. Mas ele disse que eram as ordens. De acordo com seu relato, ele sabia que tinha alguma coisa de errado com aquilo.

Os anos seguiram passando e Chen se tornou ator profissional, passou a atuar e dirigir. Cada vez mais ele sentia que desenvolvia sua arte de maneira democrática, mas uma vez por ano tinha que atuar em outro tipo de papel. Eventualmente, entendendo que não queria mais servir nesse "papel", ele se juntou com outros israelenses na mesma situação e assinou a carta de recusa de serviço militar em territórios ocupados, mencionada anteriormente. Como resultado da carta, Chen foi preso. Ele fala que quando saiu da prisão já não podia mais realizar teatro de repertório. Pra ele, fazer isso, era fazer o que ele fazia no serviço de reservista. Perpetuar o sistema, silenciar a si próprio pelo sistema. Esse tipo de teatro reproduzia a realidade, não questionava.

Relatando ter ficado um pouco perdido após a prisão, ele contou que depois de algum tempo, na Universidade de Tel Aviv, encontrou a obra de Augusto Boal. Aproximadamente na mesma época, aconteceu o primeiro encontro entre os ex-soldados israelenses e os palestinos que vieram a cofundar os Combatentes pela Paz. Conforme a organização foi se desenvolvendo, ele foi adaptando o modelo para a situação específica da troca e trabalho conjunto entre palestinos e israelenses.

Ainda de acordo com Chen Alon, em um dos artigos que escreveu sobre a utilização do método do Teatro do Oprimido (2014), muitas das atividades iniciais do CFP - como a contação de histórias pessoais e depoimentos, eram performáticos. O texto explica como foi difícil persuadir os membros palestinos de que teatro poderia ser uma forma de ativismo político. Para eles, desenvolver teatro com israelenses parecia um ato de conformidade com a normalização que eles rejeitavam, com engajamento em atividades culturais em tempos de luta e até mesmo como colaboração com o opressor. Levou dois anos para que a prática do teatro colaborativo e de construção de confiança mútua para estabelecer a concepção do impacto do teatro como instrumento político e até mesmo como uma arma não violenta.

Alon chama a atenção para o fato de que existe um paradoxo muito grande na contação da história de alguém, que na verdade são duas - Palestina e Israelense. A experiência passada de violência dos membros do CFP e suas respectivas sociedades ditam as diferentes dinâmicas de leitura, interpretação e narrativa do conceito "violência". Diferentes interpretações de violência fazem parte desse processo polarizado. Por exemplo, até hoje os palestinos acham difícil enxergar o ato de jogar pedras em tanques israelenses como violência. Para eles, é um ato de desafio que simboliza a assimetria do opressor super armado e do civil oprimido e desarmado. Para os israelenses, é igualmente difícil entender o trabalho de um soldado no *checkpoint* como violência. Para eles, é um ato de autodefesa. Consequentemente, existem duas abordagens para o conceito de não violência.

As particularidades do trabalho do Combatentes pela Paz e a realidade bastante diferenciada do contexto no qual Boal desenvolveu o Teatro do Oprimido, levou Chen e seus colegas a adaptarem a metodologia. Boal fala, por exemplo, sobre o momento catártico do Teatro do Oprimido que é quando o "eu" se transforma no "nós". Só que esse momento, geralmente, ocorre em uma comunidade homogênea.

Esse não é o caso do Combatentes pela Paz, já que mesmo trabalhando juntos, eles seguem sendo uma comunidade polarizada. Esse grupo compartilha uma visão, mas segue tendo afiliações, memórias e experiências de vidas muito diferentes. Os ativistas do Combatentes pela Paz, enquanto atuam através da não violência, seguem vivendo inseridos no ciclo de violência. Nesse caso, logo, eles fizeram uma adaptação e passaram a trabalhar com o conceito de *communitas* um pouco diferente, em três etapas - um para cada subgrupo, palestino e israelense, e um para o grupo como um todo.

Alon chama a atenção para o fato de que uma característica central e única da luta não violenta é que as estratégias e ferramentas da luta, bem como seus objetivos, são idênticos e não separados. É importante ter em consideração que o conceito "não violência" não é somente caracterizado pela ausência da violência, mas precisamente pelo fato de que quase sempre tem um lado, o não violento, que absorve a violência do outro lado, o violento. A reflexão e experiência do Combatentes pela Paz ensinou a eles que a não violência é antes de mais nada uma performance, porque seu objetivo mais profundo não é derrotar ou conseguir poder, é mostrar. No caso da organização, isso significa demonstrar para o inimigo e para o mundo uma imagem transformadora de relações de poder e, ao mesmo tempo, mostrar que essa imagem também existe como realidade, feita do mesmo material social, histórico e humano.

Desta forma, no paradoxo no qual é desenvolvido, o grupo de teatro ativista dos Combatentes pela Paz teve que operar sob a tensão da bipolaridade inevitável: a necessidade (principalmente representada pelos membros palestinos) de presenciar ativismo e resiliência contra a ocupação versus a necessidade (principalmente representada pelos membros israelenses) de construir diálogo e estabelecer confiança entre o grupo. Essa tensão já foi explicada por psicólogos sociais especializados em relações intergrupais. O lado oprimido é mais interessado na ação conectada às relações de poder e opressão e suas fundações políticas, da coletivização da discussão. O lado que ele chama de privilegiado tenta direcionar a discussão para um nível emocional, pessoal, individual, não político. Dessa forma, tendo consciência da necessidade urgente dos parceiros palestinos, eles deram preferência para o ativismo em campo.

Com estas questões em mente, as atividades do grupo de teatro do Combatentes pela Paz realizam alguns objetivos: atua em campo no sentido de intervir no contexto da ocupação, envolve os espectadores que não sabem que são espectadores, torna a opressão da ocupação visível, ressignifica espaços e serve como forma de expressão de emoções para palestinos e israelenses da organização. Um exemplo disso pode ser percebido através da análise da ação do grupo no vilarejo palestino de Shufa, em 2010, que foi retratada por Alon tanto no *workshop online* quanto no artigo que escreveu a respeito.

A escolha da localização de encenação em Shufa se deu porque ali havia sido construído um bloqueio na estrada por conta do aumento do número de israelenses vivendo em assentamentos na região. Anteriormente, palestinos tinham liberdade de movimentação no local. Nos primeiros estágios de trabalho, ficou claro para o grupo que a questão mais urgente a se endereçar eram os blocos de concreto empilhados usados para impedir a entrada no vilarejo de Shuffa. Decidiram, então, pela ação direta de dismantelar o bloqueio, que possuía um significado super destrutivo para os residentes palestinos, já que transformou o caminho que anteriormente conectava o vilarejo de Shuffa à cidade de Tul Karem em um acesso exclusivo para colonos israelenses e soldados. Esta não foi a primeira ação direta que o CFP desenvolveu contra barreiras nos territórios, mas ela foi unicamente desenhada em termos performáticos.

Planejar a ação incluiu a escolha consciente de elementos performáticos. Primeiro, a escolha de um palco e ação - o espaço no qual a performance aconteceria e a ação específica que se seguiria. Um *display*, apresentando o grupo Tul Karem - Tel Aviv⁵⁹ para sua audiência, principalmente os residentes palestinos de Shufa. Em segundo lugar, um grupo específico - os "atores em cena" - composto por israelenses e palestinos, dismantelariam os blocos. Teria também um outro grupo de espectadores - israelenses e palestinos que assistiriam à ação, sem tomar parte nela. Eles sabiam que teria ainda uma audiência não convidada, de soldados israelenses. Para isso, foi designado um grupo de atores somente composto por israelenses para atuar como *buffers*. O papel deles era falar um texto previamente escrito sobre os princípios da não violência do grupo e do fato de que seus componentes eram soldados no passado. Essa ação, realizada de maneira calma e

⁵⁹ Um dos grupos de ação regionais descritos anteriormente do Combatentes pela Paz.

persuasiva, era uma maneira de tentar conter qualquer tipo de violência por parte dos soldados.

Surpreendentemente, de acordo com Alon, a ação se desenrolou exatamente como planejado, levando ao desmonte do bloqueio sem qualquer resistência dos soldados ou colonos. Isso se deveu principalmente ao ato - controverso para os palestinos - de dialogar calmamente com os soldados e a afirmação contínua de que o evento envolvia um grupo não violento de ações não violentas. Alon explica que a questão de manter um diálogo com o exército ou ignorá-lo em ação direta continua controversa. Eles sugeriram que os palestinos deixassem de lado sua suposição política básica de que estão todos no mesmo barco - oprimidos pelo exército e não negociando com ele. Eles tinham certeza de que essa suposição, naquele cenário específico, servia aos que estavam no poder.

Ainda de acordo com Alon, a razão para o diálogo com o exército não é somente pragmática. Parece que tanto ética quanto politicamente não existe razão para o oprimido se comunicar com o opressor enquanto a bota deste estiver no pescoço daquele. Mas uma observação mais complexa da situação, através da cena teatral, demonstra que através do diálogo, soldados e oficiais tornam-se participantes da ação, contra a sua vontade. Eles se tornam "espect-atores". A cena inclusive demanda que eles tomem decisões morais, permitindo que eles se transformem. Apesar de que em suas vestimentas, capacetes, coletes à prova de balas, eles pareçam impermeáveis à transformação, o grupo insiste em ver neles o potencial de transformação, a humanidade. De acordo com os artigos, vídeos e relatos disponibilizados pelos Combatentes pela Paz, geralmente eles falham.

Nesse mesmo caso, o sucesso foi interrompido no segundo momento. Depois de dismantelar o bloqueio, eles pararam no obstáculo seguinte com a intenção de marchar conjuntamente, palestinos e israelenses, na estrada que estava impedida a passagem de palestinos a caminho de Shuffa. Assim que eles pisaram na estrada, os soldados começaram a atirar granadas de efeito moral e balas de borracha. Dez participantes foram feridos - metade palestinos e metade israelenses.

A prática de viajar para os territórios ocupados, onde leis distintas e fronteiras restringiam a presença deles enquanto indivíduos ou grupo, é parte do princípio da luta não violenta. Os objetivos definidos eram eliminar interrupções, criar um protesto e confrontar as necessidades internas como um grupo polarizado,

experienciando a interferência externa de maneiras distintas. Em outras palavras, um dos objetivos era demonstrar entendimento e sensibilidade às necessidades emocionais e políticas de ambos os lados do grupo polarizado.

No *workshop* mencionado, Alon contou que a atividade em Shufa foi uma ação característica dos primeiros anos de trabalho do grupo, que se utilizava de técnicas bastante básicas do Teatro do Oprimido. Com o tempo, eles foram desenvolvendo e agregando novas técnicas. Em 2015, realizaram uma ação que juntava métodos do Teatro do Oprimido com métodos de *Bread and Puppet* (pão e fantoches), uma outra forma de fazer teatro político chamando a atenção do público com bonecos muito grandes. Uma das características dessa modalidade é que para poder produzir os elementos da encenação - bonecos grandes, cartazes e uma diversidade de elementos visuais chamativos - é necessário mobilizar um grande número de voluntários. Desta forma, a produção da ação por si mesma gera o espaço de colaboração entre palestinos e israelenses. O documentário "*Disturbing the Peace*" retrata alguns momentos nos quais os voluntários estão preparando os materiais. Em um deles⁶⁰, aparecem uma israelense e uma palestina, cujos nomes não são mencionados, conversando seriamente sobre o que seria um acordo viável. A ativista israelense argumenta que para os judeus esse compromisso seria sair da Judeia e da Samária, os palestinos deveriam entender que deveriam abrir mão de retornar para Jaffa e para Akko. Ao que a ativista palestina discorda, afirmando que elas não podem decidir quem volta e quem não volta, que os judeus não precisam sair, mas que os palestinos devem poder ter a escolha de retornar. A conversa, em tom bastante sério, acontece de forma respeitosa. As duas se escutam, esperando a outra terminar de falar para argumentar. Enquanto estabelecem essa troca, estão montando o cenário para a encenação juntas. Sobre a mesma atividade, Chen Alon comenta que "o que é único na não violência é que o meio é tão importante quanto o objetivo"⁶¹.

No dia da ação, israelenses e palestinos marcharam carregando bonecos grandes e adereços ao som de música - cada um de um lado do muro da Cisjordânia.

⁶⁰ *Disturbing the Peace* (53 minutos e 15 segundos). Disponível em <https://www.disturbingthepeacefilm.com/>. Acesso em 06/02/2024.

⁶¹ Idem, (52 minutos e 52 segundos).

Em um ponto onde o muro se torna uma cerca⁶² eles conseguem se ver, param e acenam e assobiam uns para os outros. Nesse momento, começa a encenação: do lado dos israelenses, eles simulam a votação por um Estado palestino na ONU. Uma das ativistas do lado de Israel, no microfone, explica a cena e chama por alguns países - Rússia, Suécia, Holanda, que, simulados pelo público israelense, respondem com a palavra "sim". Assaf Yacobovitz, israelense entrevistado pelo documentário, conta sobre o momento relatando que eles gritavam sim para si mesmos, porque o fardo da ocupação é, também, deles, não somente dos palestinos⁶³. A israelense no microfone chama, então, por Israel. Há silêncio. Ela repete e, de novo, silêncio. Quando chama pela terceira vez, os israelenses gritam "sim" e, segurando materiais de papelão que simulavam o muro de separação, abrem esse muro artístico. Música começa a tocar e todos festejam.

Pouco tempo depois desse momento, aparecem soldados posicionados dentro dos limites da cerca e começam a ordenar a dispersão e, eventualmente, a atirar bombas de efeito moral sobre os manifestantes palestinos. Alguns deles questionam os soldados, perguntando por que começaram a violência, enquanto os israelenses começam a falar conjuntamente que estão realizando uma ação não violenta. Em certo momento, ainda com os soldados dentro dos limites da cerca, Chen Alon pega o microfone e pede para que as pessoas prestem atenção de onde vem a violência⁶⁴. Que existem dois lados pela paz, israelenses e palestinos que querem viver juntos, e pede para que as pessoas percebam quem está preso dentro das cercas. Eles convidam, então, os soldados a tirarem seus uniformes e se juntarem a eles na luta não violenta.

Relembrando o acontecimento, Alon afirma que quando olhou para os soldados entre as cercas, pareceu que eles estavam presos neste lugar, forçados a performar aquele papel. No *workshop* sobre o trabalho do grupo de teatro, ele conta que ações como essa, nas quais eles estão desenvolvendo atividades não violentas e o exército chega e inicia a violência, um dos objetivos do Teatro do Oprimido é alcançado: tornar a opressão invisível em visível. Ao convidar os soldados a tirarem as fardas eles demonstram, também, que existe outra opção.

⁶² O muro que separa o território israelense das áreas ocupadas da Cisjordânia não é uma construção regular. Em algumas partes ele é de fato um muro de concreto, alto, e em outras partes ele é uma cerca de arame com mecanismos de proteção para que não seja cruzada.

⁶³ Idem, (1 hora e 3 minutos).

⁶⁴ Idem, 1 hora 4 minutos e 23 segundos.



Imagem 11 – Manifestação não violenta do Combatentes pela Paz. Fonte: frame do filme *Disturbing the peace*.

Uma terceira ação do grupo pode exemplificar como a não violência atua no sentido de intervir no espaço onde o ciclo de violência é perpetrado. Para o Dia da Memória Conjunta Palestina e Israelense - sobre o qual discorrerei mais adiante - do ano de 2022, os participantes realizaram uma performance que foi filmada e transmitida no dia do evento⁶⁵. Na cena, eles estarem em duplas, um palestino e um israelense, atuando diante do muro de separação em um local onde havia pichações preconceituosas tanto em árabe quanto em hebraico. Na frente do muro, cada dupla performou corporalmente enquanto falavam frases usualmente ditas em suas comunidades sobre o outro: "eles querem nos jogar no mar", "se você dá um dedo a um árabe, ele quer o braço inteiro", "eles se acham o povo escolhido", "eles ensinam as crianças a nos odiarem nas escolas", dentre outras. Ao final, juntos, pintam com tinta branca sobre as pichações no muro e colam um adesivo com os dizeres "não nos farão temer" em árabe e em hebraico. O adesivo foi espalhado por diversas localidades de Israel e da Palestina.

Em seu artigo já citado, Alon contou também sobre um outro tipo de encenação que praticam usualmente, na qual eles jogam "Mestre Mandou". Quando os soldados se aproximam e perguntam quem é o encarregado do grupo, eles sugerem que se juntem ao grupo para descobrir. Outra tática muito usada é ignorar

⁶⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PRGhfsRs9n4&t=3845s> (1 hora 4 minutos e 45 segundos)

os soldados quando eles perguntam quem está a cargo do grupo, o que gera uma sequência de ações. Ao final, quando o policial sai do centro da roda, todos riem, dando um novo significado ao alívio cômico, seguindo o que Boal chamou de catarse no Teatro do Oprimido (Alon, 2014, p. 203).

Ao falar sobre as diversas ações que o grupo de teatro do Combatentes pela Paz realiza, Chen Alon descreve o que Boal definiu como Teatro Invisível. O Teatro Invisível só é encenado em espaços públicos que não são definidos como espaços de teatro e somente para uma audiência que não sabe que é audiência. Além disso, ainda de acordo com Alon, o ato não violento performático constitui invasão. O fato de que não atores criam um espaço teatral para eles mesmos desafia as percepções aceitas de "quem pertence a onde". Esse é um princípio fundamental da técnica do Teatro do Oprimido. Sua ética e estética requer e transgride uma fronteira adicional, já que permite que o oprimido (o espectador) vá ao palco e substitua aqueles que já o invadiram (os protagonistas).

O grupo leva em consideração a escolha dos espaços, que usualmente são liminares entre duas áreas - entre dois bloqueios que separam a área A da área B ou quando não é claro se estão na área B ou C e, logo, a autoridade neste espaço não é bem definida, deve levar a muitos conflitos dentro do exército e a uma série de situações complexas.

Nesse sentido, sobre o exército e as pessoas que vivem no local ou estão passando por ali por suas próprias motivações, um dos principais elementos no espaço oprimido é a questão do observado e do observador. O oprimido já está em um espaço estranho, alienado, controlado por monitoramento e supervisão. Similar ao espaço hegemônico, no bloqueio eles se encontram em um espaço sob observação, um fato com muitas implicações teatrais. O espaço é indefinido, mas mesmo assim, é um espaço que eles definiram como sendo deles próprios. Eles desenvolveram gradualmente um tipo de conexão com a área como um espaço performático. Eles escolhem atuar neste espaço onde estavam sendo observados por soldados e câmeras militares, por colonos, pelo exército e por fazendeiros.

Alon nota que por conta da proximidade das câmeras militares, soldados usualmente se aproximavam do grupo. A presença regular e intervenção dos soldados gerava um efeito diferente sobre os grupos polarizados. Ele descreve a seguinte cena como sendo algo regular (p. 200): o grupo sentado em roda embaixo

de uma oliveira, um oficial se aproxima, percebendo que são palestinos e israelenses juntos e pergunta quem eles são - ao que eles respondem que são seres humanos e perguntam "quem é você?". Ele responde que é o encarregado do local e que eles são proibidos de estarem lá. Nesse ponto, o grupo retruca "o que é você e o que significa proibido". Nesse momento a confusão toma conta da cena, o oficial costuma dizer "vocês estão na área C" e eles negam afirmando que estão na área B. O Chen afirma que em 3 anos eles não encontraram um oficial, soldado ou policial sequer que conseguisse definir o espaço de 50 metros entre uma área e outra, algo que os surpreendeu, mas também os ajudou, permitindo que transformassem o lugar em palco do Teatro Invisível.

No início de sua atuação, o grupo não tinha imaginado a princípio que áreas bloqueadas fossem servir de espaço de trabalho por tanto tempo, mas quando entenderam o que isso podia gerar, começaram a consolidar diferentes estratégias de Teatro Invisível. Por um lado, eles vivem o espaço ocupado como um espaço utópico, imaginário, no qual eles esperavam estabelecer um diálogo, igualdade e justiça. Por outro lado, a própria realidade penetra no mesmo espaço. Eles afirmam que buscam sempre escolher uma estratégia que não permita interferência externa que cancele o encontro para o qual eles se juntaram.

As atividades e situações que Chen Alon descreve, bem como a organização divulga através de artigos, vídeos e publicações, envolvem o encontro no espaço (tecnicamente proibido) e o ato de ignorar deliberadamente as pessoas que representam o poder opressor. Esses eventos acontecem em um espaço e tempo que não são nem Israel, nem Palestina, são áreas indefinidas, ou seja, acontecem além do espaço e tempo do conflito, além de seus sinais e representações.

5.6

As intervenções não violentas dos Combatentes pela Paz

Quanto Suleiman Khatib, cofundador dos Combatentes pela Paz, menciona em diversos depoimentos e entrevistas que o trabalho da organização pode ser relacionado com a metáfora de manter uma perna na realidade e a outra perna no sonho, ele explica que, por um lado, estão criando este sonho, desenvolvendo e estabelecendo novas relações entre palestinos e israelenses baseadas na

reconciliação e na atuação conjunta, promovendo um modelo que possa ser replicado em concordância com um futuro acordo político que seja justo para os dois lados. Porém, simultaneamente, a organização afirma ser importante agir ativamente contra as ações da ocupação militar israelense na Palestina defendendo os direitos humanos dos palestinos.

Assim, uma das maneiras de desenvolver a troca, a convivência e a colaboração entre israelenses e palestinos é exatamente o que eles chamam de ativismo de campo. Reunindo um conjunto de ações que se encaixam na definição de intervenções não-violentas de Gene Sharp, o ativismo de campo é desenvolvido através de diversas formas.

Um primeiro exemplo é a organização ou a presença em protestos e marchas, que nos últimos anos se tornaram extremamente comuns em Israel em decorrência do complexo cenário político. Durante a primeira metade de 2023, as ruas de Tel Aviv foram palco de semanas de manifestações pró-democracia por parte de indivíduos e grupos que se opunham às reformas judiciais propostas pelo governo de Benjamin Netanyahu⁶⁶. Os Combatentes pela Paz estiveram presentes nas manifestações enquanto organização, juntando-se ao que ficou conhecido como bloco anti-ocupação⁶⁷, levando palestinos às ruas junto com os israelenses para falar sobre o assunto e com placas e cartazes com os dizeres "não há democracia com ocupação", "vidas palestinas importam", "direitos humanos para todos", dentre outras.

⁶⁶ No início de 2023, o gabinete do Primeiro Ministro israelense Benjamin Netanyahu anunciou uma ampla reforma judicial no país. Em Julho do mesmo ano, o Parlamento aprovou um projeto de lei que reduz o poder da Suprema Corte em Israel, um dos elementos centrais da proposta de reforma. Com a lei, a Suprema Corte de Israel não tem mais poder de anular decisões governamentais ou ministeriais consideradas como irracionais. Até então, os tribunais podiam valer-se do que chamam de princípio da razoabilidade, recurso até então utilizado para invalidar decisões do governo, incluindo nomeações e ações do Estado. Como o país não possui uma constituição federal escrita, o princípio da razoabilidade era utilizado como uma medida de freio e contrapeso do Judiciário em relação a ações do governo e do Parlamento consideradas não apropriadas politicamente pelos membros da Suprema Corte. Desde Janeiro de 2023, com o anúncio das reformas, Israel foi palco de intensas e constantes manifestações por parte de cidadãos que se opõem a elas, acusando-as de serem um golpe à democracia. A aprovação da lei intensificou as manifestações.

⁶⁷ O Bloco Anti-Ocupação é um grupo dentro do movimento de manifestações que se desenvolveu em Israel ao longo de 2023, que concorda com a necessidade de proteção da democracia e condena as reformas judiciais anunciadas pelo governo de Benjamin Netanyahu, mas que expressa a opinião de que enquanto houver a ocupação militar na Palestina não tem como haver democracia real para todos. O Bloco é formado por diferentes organizações e indivíduos e levou às manifestações cartazes e slogans que pedem democracia para todos e o fim da ocupação.

Também em Junho de 2023 e como parte do bloco anti-ocupação, os Combatentes pela Paz se juntaram a outras organizações e indivíduos em uma marcha em Tel Aviv para marcar os 56 anos da ocupação militar nos territórios palestinos. Outras marchas, passeatas e protestos ocorrem em resposta a ações de opressão, a situações políticas específicas na região e para marcar datas importantes. Algumas são levadas a cabo conjuntamente com movimentos parceiros e outras são produzidas e desenvolvidas pelos Combatentes pela Paz. Em muitas delas, dependendo do contexto, podemos ver um público bastante variado, incluindo crianças, representando o que Chenoweth e Stephan (2011) apontaram como sendo uma das vantagens de participação de campanhas não violentas - as barreiras menores de participação. Nesses casos, os ativistas costumam carregar a frente uma faixa ou placa com os dizeres "essa é uma marcha não violenta".



Imagem 12: Manifestação Não Violenta do Combatentes pela Paz. Fonte: Combatentes pela Paz⁶⁸

⁶⁸ Disponível em: https://afcfp.org/marches-demonstrations/dsc_2858-copy-2/ . Acesso em 06/02/2024.

O ativismo de campo da organização também acontece frente às ações de violência direta perpetradas pelo exército nos territórios ocupados. Quando construções são ameaçadas de demolição, por exemplo, ativistas se mobilizam para protegê-la dos soldados e *bulldozers*. Em outras situações, quando elas de fato são demolidas, o grupo se mobiliza para reconstruir o edifício, seja ele uma casa, uma escola ou um centro social. O sítio eletrônico dos Combatentes pela Paz traz os exemplos das atividades nos vilarejos de Susya, Khan al-Ahmar e Sumud, que têm sido foco de violências e demolições. Os ativistas do grupo chegam a dormir no local para poder auxiliar como possível caso o exército apareça, tentam proteger as construções de demolição, trazem ajuda humanitária, auxiliam na mobilidade dos residentes e reconstróem edificações que foram demolidas.

Também como parte da intervenção não violenta, membros dos Combatentes pela Paz se envolvem na proteção, no plantio e na colheita de oliveiras, uma das principais atividades agrícolas exercida por fazendeiros palestinos. Recentemente, o grupo binacional do CFP da parte sul realizou duas ações conjuntas com a organização estadunidense *Rabbis for Human Rights*, na qual plantaram árvores de oliveiras em terrenos pertencentes a famílias palestinas da vila Um al-Khier, na região de Yatta. Após as ações, forças militares arrancaram as árvores plantadas, ao que os ativistas reagiram retornando e plantando-as novamente. Membros dos Combatentes pela Paz também replantaram 120 árvores de oliveira em outra vila no sul de Hebron. As árvores haviam sido arrancadas pelo exército israelense em 31 de Dezembro de 2018. O movimento participa constantemente, ainda, em dias de trabalho de plantio em solidariedade aos residentes locais de vilarejos palestinos durante a época de colheita. A ação é planejada conjuntamente com conselhos locais.

Outra ação dos Combatentes pela Paz no sentido de atuar em campo pelos direitos humanos dos palestinos vivendo sob a ocupação é a Campanha da Água, iniciada em 2021. A Campanha busca gerar conscientização a respeito do controle da água nas áreas ocupadas pelo governo israelense, realizar ações em protesto à situação e fornecer apoio aos palestinos, providenciando água conforme a possibilidade. Essa campanha se relaciona com o fato de que diversos territórios nas áreas sob ocupação só recebem água às terças, quartas e quintas e seus habitantes estão proibidos de coletar água de outra forma, mesmo da chuva. Segundo os Combatentes pela Paz, essa situação é agravada na área C, sob a qual o

governo de Israel tem responsabilidade de providenciar as necessidades básicas da população. A organização afirma, ainda, que essa situação só recai sobre os habitantes palestinos, uma vez que residentes dos assentamentos recebem água todos os dias e podem armazená-la normalmente. Sob as condições desérticas, a falta de água representa uma grande questão para a economia local e, muitas vezes, perigo de vida para as pessoas que vivem na região.

Em Setembro de 2021, os Combatentes pela Paz realizaram uma visita de campo em povoados locais para diplomatas do Brasil, Canadá, México, Suíça, Reino Unido e outros países europeus, com a proposta de que eles pudessem escutar habitantes que vivem ali sobre suas dificuldades sob essas condições. No mesmo ano, passeatas foram realizadas e materiais educativos publicados, para aumentar a conscientização sobre o tema. Também em Setembro de 2021, seis ativistas do Combatentes pela Paz foram feridos e outros sete presos por levarem água em uma sexta feira para famílias palestinas no vilarejo de Al-Tuwani, ao sul de Hebron.

Como parte de seu ativismo, a organização constrói parques de recreação em vilarejos na Cisjordânia para que crianças palestinas possam brincar, com a perspectiva de que elas devem ter algum nível de normalidade em suas vidas sob a ocupação. As construções são sempre feitas conjuntamente entre palestinos e israelenses, residentes locais e membros do CFP. Ainda com foco em fornecer apoio para crianças palestinas, a organização também angaria e fornece material escolar para famílias da área C.

Essas e muitas outras ações definidas como ativismo de campo pelos Combatentes pela Paz têm o objetivo de intervir ativamente na realidade atual, proporcionando um espaço de atuação conjunta para membros palestinos e israelenses do grupo, durante o processo de construção de um futuro de paz e sem violência na região.

5.7

Reconhecendo o passado e criando um novo futuro - a ressignificação de celebrações nacionais

Uma das ações de ambos os movimentos de resistência não violenta estudados aqui que tem crescido gradualmente ao longo dos últimos anos é a celebração do Dia da Memória Conjunta Palestina e Israelense, que o Círculo dos Pais e o Combatentes pela Paz desenvolvem conjuntamente. Alguns dias depois

desta comemoração, os Combatentes pela Paz promovem outro evento conjunto, a Cerimônia Conjunta em Memória da *Nakba*.

O *Yom Hazikaron* (Dia da Memória, em hebraico) é um feriado público israelense que precede o dia da Independência, dedicado à lembrança dos israelenses que morreram em decorrência do conflito. Declarado como um dia de luto nacional, nesta data o país de fato paralisa, o comércio fecha, inclusive a programação da televisão é diferente e diversas cerimônias locais acontecem para lembrar as pessoas que morreram, como soldados ou civis, em decorrência do conflito. A data foi marcada com a intenção de reconhecer as vidas que foram perdidas na Guerra de 1948 antes de celebrar a independência do Estado israelense. Com o passar dos anos, as celebrações passaram a mencionar soldados que morreram na evolução do conflito e civis que foram assassinados em decorrência dele. Um aspecto muito importante de se destacar sobre o *Yom Hazikaron*, além do fato que ele precede o *Yom Haatzmaut* (o dia da Independência), é que a celebração do *Yom Hashoa* (o Dia em Lembrança do Holocausto) acontece menos de uma semana antes⁶⁹.

O Dia da *Nakba*, por sua vez, é a data dedicada à memória do que ocorreu em 1948, quando muitos palestinos foram assassinados ao longo da guerra, cerca de 80% deles foram expulsos de suas residências, tornando-se refugiados, e uma minoria passou a viver sob o governo de Israel, Jordânia e Egito. O dia é celebrado em diversas localidades da Palestina, através de cerimônias, palestras e protestos. Essas duas datas, que marcam as celebrações originais do *Yom Hazikaron* e o Dia da *Nakba*, são um marco muito relevante e muito profundo nas duas sociedades, respectivamente em Israel e na Palestina.

De acordo com a antropóloga Lillian Kohn (2022), essas duas datas que têm a função de lembrar os marcos de 1948 produzem memórias culturais duais, na

⁶⁹ O Professor James E. Young (1990) argumenta que estas cerimônias memoriais do *Yom Hashoa* e *Yom Hazikaron* são locais importantes de memória no processo de construção da identidade nacional israelense e as analisa enquanto ações performativas, que servem como uma ferramenta eficaz para estruturar a visão de mundo de uma sociedade. É relevante analisar que a celebração das três datas em questão em dias muito próximos gera uma conexão entre elas no imaginário coletivo israelense, conectando o passado de perseguição e assassinato ao presente de se possuir um Estado, tendo sempre em mente o preço que se paga por ele. O Rabino Donniel Hartman (2019) analisa que no *Yom Hashoa* e no *Yom Haatzmaut* a coletividade israelense é convidada a recordar e no *Yom Haatzmaut*, a celebrar. Mas a celebração que se segue ao *Yom Hazikaron* vem permeada de uma alegria com fundo de responsabilidade coletiva, partindo da perspectiva de que para ter a vida e o direito a um Estado nacional, deve-se batalhar e pagar um preço alto por ele.

medida em que elas representam vitória e expansão para os israelenses e perda, despossessão e deslocamento para os palestinos. Embora duais, ambas informam os dois lados do conflito acerca de narrativas fundacionais de vitimização, nacionalismo e renascimento, como apontado por Thomas (2015) em seu estudo sobre a memória coletiva do trauma. Com o cuidado de não exercer um paralelo comparativo entre as experiências de palestinos e israelenses, a autora buscou estudar a função da memória coletiva do trauma no conflito, chamando a atenção para a forma como pronunciamentos públicos, cerimônias, livros de História e materiais produzidos por museus e instituições são devotados para a memorialização do trauma, de forma que ele se torna parte da memória coletiva, constantemente sendo passado a novas gerações. Para refletir sobre o assunto, Thomas utiliza o termo "pós-memória", desenvolvido por Marianne Hirsch que, segundo suas próprias palavras, "descreve a relação que a 'geração seguinte' mantém com o trauma pessoal, coletivo e cultural daqueles que vieram antes - com experiências das quais 'lembram' apenas por meio de histórias, imagens e comportamentos entre os quais cresceram (2012, p. 5). Com esta reflexão, novamente de acordo com Kohn, é essencial compreender que ao se discutir luto, tristeza, trauma e vitimização no contexto entre Israel e Palestina, é importante levar em consideração as memórias das violências passadas como parte da História em andamento. Nas palavras de Abu-Lughod: "tanto memória quanto pós-memória têm uma valência especial porque o passado ainda não passou" (Sa'di; Abu-Lughod, 2007. p. 79).

A pós-memória que mantém este passado presente, na medida em que fortalece a memória histórica e a identidade dos dois grupos de formas muito relevantes, também contribui para a relação com a vitimização, o preconceito e culpabilização do outro, fortalecendo ainda mais o ciclo de violência. Entendendo a atuação dos movimentos não violentos em questão, tendo como prática central a construção da "reconciliação como encontro" proposta por Lederach e o desenvolvimento da imaginação moral, ao desenvolver formas de celebrar estas datas tão significativas para cada um dos grupos nacionais envolvidos no conflito abre-se a possibilidade de se ressignificar suas celebrações de forma conjunta, endereçando ao passado e abrindo novas possibilidades para o futuro. Nas palavras do próprio autor, a "reconciliação deve encontrar formas de endereçar o passado

sem ficar trancado a um ciclo vicioso de exclusão mútua inerente ao passado" (Lederach, 1997, p. 6).

5.7.1

O Dia da Memória Conjunta Palestina e Israelense - Combatentes pela Paz e Círculo dos Pais

Este dia, Dia da Memória (Yom Hazikaron), mais do que qualquer outro dia, me faz sentir que eu pertencço a este lugar. Eu me sinto israelense. Ser israelense é crescer com a sirene e com os arpejos que acompanham ela. Quando criança, você tenta principalmente reprimir uma risada envergonhada. Mas rapidamente você aprende, e então, no momento em que soa, tudo acontece automaticamente: o corpo que se endireita, o coração que se reúne, os olhos que por um momento se fecham. E depois os rostos, os nomes, as imagens que passam pela sua cabeça. Com o tempo você já sabe exatamente como lembrar de todos eles. Mas ser israelense não é apenas recordar esta morte – é honrá-la, valorizá-la, apreciá-la.

A história de Yom Hazikaron é, em muitos aspectos, a história da nossa "israelidade". E é também a base e a justificação da ordem política que torna possível a nossa vida neste pedaço de terra. É uma história que é sempre a mais pessoal e sempre a mais política. Nascermos com isso, está sempre conosco. E com ele também o medo. E com isso, a solidão. A nossa história israelita é uma história de sobrevivência, de sacrifício e de separação. É uma história de "nós" e "eles", com linhas divisórias claras: somos sempre a vila na selva e eles são sempre os bárbaros que estão chegando. E há tantos deles. E nós somos tão poucos.

A história israelense é a história de uma minoria perseguida, sempre solitária no mundo. Como algum tipo de predestinação dos tempos antigos. Somos um povo que vive sozinho. A história israelense é uma história de vida com medo. Ser israelense é ter medo: de guerras, de bombardeios, de ataques terroristas. Ter medo dos árabes que fazem ataques terroristas. Ter medo dos árabes. Ter medo do árabe. Ter medo da Arabidade.

E a tragédia da história está cada vez mais profunda e complexa. Porque a nossa resposta à solidão e ao medo é a vida pela espada: armar cada vez mais rapazes, construir mais muros, comprar mais aviões. Na história israelita, a força é sempre força militar. E o poder é simplesmente poder absoluto. Este dia, Yom Hazikaron, é o dia que melhor representa esta israelidade: militarista, combatente, masculino. Este dia é tão nosso que toda e qualquer tentativa de reimaginá-lo, de localizar a memória numa narrativa diferente, mesmo a simples tentativa, a inocente, de lamentar juntos - mina a identidade israelita e a ordem política em Israel.

E nós, aqui, que tentamos oferecer uma experiência diferente de memorial, somos rotulados de "traidores", e com razão. A vontade de trair a história israelita de medo e solidão é o que torna esta noite possível, durante 17 anos consecutivos. Neste dia, por ser o dia mais difícil para o fazer, a traição — no seu sentido mais profundo, no seu sentido essencial e no seu sentido transformador — fica carregada de um significado positivo. É o que nos permite sentar aqui juntos e sentir, ao lado da dor, também um sentimento de orgulho. Porque isso não é uma traição a nós mesmos, apenas à história em que crescemos. Especialmente neste dia, o dia em que a história israelita está no seu auge – devemos insistir em divulgá-la.

E isso é realmente apenas o começo. Para escapar verdadeiramente à armadilha deste israelismo, devemos escolher corajosamente suportar esta traição para além deste dia. A realidade que exige reparação espalha-se pelo tempo, pelo espaço e pela consciência. Não existe apenas na Linha Verde. E não começou em 1967. E não está apenas fora, mas existe dentro de nós: nas memórias, na linguagem, nos sonhos, nos limites da imaginação. Não podemos falar seriamente sobre a resolução desta realidade, antes de estarmos prontos para reconhecê-la e assumir a responsabilidade por ela. Especialmente neste dia - enfrentando uma morte incompreensível, que nos mantém acordados e nos deixa sem palavras - temos a oportunidade de admitir que, embora sejamos todos vítimas da mesma realidade, nós, os israelitas, detemos o poder e fazemos questão de manter esta realidade

viva... E apesar de nesta realidade sangrenta todos nós perdermos muito, há aqueles que perdem muito mais do que outros.

E especialmente, este é o dia para admitir que o apartheid e a separação estão profundamente gravados na nossa consciência. Eles formam quem somos e limitam quem poderíamos ser. Admitir que, apesar do nosso desejo de sentir a dor das mortes israelitas e palestinas como se fossem a mesma coisa, simplesmente não sabemos como. E é provável que na próxima guerra, tal como na anterior, quando o número de crianças palestinas que matamos aumentar, então, como uma espécie de feitiço cruel, a dor mais uma vez desaparecerá por si mesma. E quando alguém pedir para nos lembrar que, mesmo assim, estamos falando de seres humanos — também será chamado de “traidor”.

E aqui — outra traição da qual devemos nos orgulhar. A traição da indiferença que o israelismo nos impõe. Somente quando estivermos preparados para trair, para trair verdadeiramente, esta história — então seremos capazes de começar a sonhar novamente com a paz. Mas isto não será paz entre homens ricos de fato apertando as mãos nas costas de homens e mulheres que vivem aqui. Será uma paz real e justa, do tipo que incorpora uma nova realidade. Um corrigido. Uma realidade em que reconhecemos a dor que causamos e redistribuímos o que tomamos à força. Uma realidade em que todos os que vivem nesta terra terão direito a uma vida cheia de oportunidades e livre de opressão.

Neste dia, dia em que me sinto mais israelense do que nunca, desejo para nós que outros dias cheguem. Os dias em que viver aqui, neste lugar, como judeu — serão muito diferentes do que são agora. Que chegará o dia em que a sirene, e os calafrios que a acompanham, serão apenas uma memória distante, de algo solitário e com medo, que um dia fomos.

Discurso de Yuli Novak na 17ª cerimônia do Dia da Memória Palestina e Israelense⁷⁰

O *Yom Hazikaron* é um dia muito marcante em Israel. Apenas alguns dias depois da celebração do *Yom Hashoá*, mais uma vez o país vive um dia de luto nacional, no qual a programação televisiva reporta sobre o assunto, o comércio fecha, as escolas focam em realizar atividades e cerimônias acerca do tema. Lembrar de pessoas que perderam suas vidas em decorrência do conflito é algo muito pessoal em Israel, já que é muito comum que se conheça diretamente alguém que perdeu a vida ou ao menos se conheça alguém que perdeu alguém.

Diversas cerimônias acontecem pelo país, algumas maiores, outras menores e mais íntimas. Em todas elas, há a presença do exército em ritos cerimoniais, como no ato de colocar a bandeira a meio mastro em sinal de luto e o acendimento de velas. Ao longo das cerimônias, o nome de pessoas que morreram em serviço militar ou foram vítimas de ataques violentos direcionados à população civil israelense é mencionado. Com os nomes, se mostram fotos, parentes contam histórias, memórias são compartilhadas. É um dia que torna a dor da perda muito real para os israelenses.

A data como marco memorial surgiu em 1951. Nos dois anos anteriores, durante a celebração da independência de Israel eram realizados serviços em

⁷⁰ Tradução da autora. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cTs9ttfPVO0> (49 minutos e 50 segundos). Acesso em 29/01/2024.

memória dos soldados caídos na Guerra de 1948 (que em Israel é conhecida como Guerra de Independência). As Forças de Defesa de Israel e o Ministério da Defesa realizavam cerimônias nos cemitérios onde os soldados foram enterrados durante as celebrações em comemoração pela independência. No entanto, nesses dois anos, familiares de soldados que morreram na guerra levantaram a necessidade de se marcar um dia específico em memória deles e, em resposta a estes protestos, o então Primeiro Ministro David Ben Gurion, estabeleceu um conselho para lidar com a questão. O conselho, intitulado Conselho Público para a Comemoração dos Soldados, recomendou que na véspera do Dia da Independência fosse estabelecido o Dia da Memória Geral para os Heróis da Guerra de Independência, proposta que foi aprovada no mesmo ano. Com o decorrer do tempo a cerimônia passou a homenagear, também, pessoas que foram assassinadas em atentados violentos a civis. Com o passar dos anos, das guerras e com o aprofundamento do ciclo de violência, o número de mortes e, conseqüentemente de pessoas lembradas e homenageadas, aumentou.

Em seu discurso acima, realizado na cerimônia conjunta entre palestinos e israelenses no dia do *Yom Hazikaron* de 2022, Yuli Novak disse que em sua experiência a data marca a justificação da ordem política vigente, que permite a existência dos judeus na região. Essa justificativa, de acordo com Novak, vem embasada por uma história de medo, perseguição e solidão. Sentimentos esses que são respondidos através da utilização da força armada, militar, e do poder absoluto. Ela afirma que este dia é tanto parte da identidade israelense, que qualquer forma de tentar ressignificá-lo através de uma narrativa diferente, lamentando conjuntamente com palestinos as mortes de pessoas queridas, representa uma ameaça à ordem política de Israel. Novak, que é Diretora Executiva da organização *B'tselem*⁷¹, se referiu aos protestos que ocorreram na porta do evento e às múltiplas críticas que ele recebeu de grupos opostos à cerimônia.

A percepção de Novak acerca da narrativa da vitimização e do empecilho que ela pode gerar para a resolução de conflitos prolongados pode ser analisada

⁷¹ A *B'tselem - The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories* é uma organização sem fins lucrativos que visa documentar, pesquisar e publicar estatísticas, depoimentos, gravações, artigos e relatórios acerca de violações aos direitos humanos cometidos por Israel nos Territórios Ocupados.

através do trabalho de Bar-Tal et al. (2009, p. 229), no qual os autores explicam que ela

Constitui uma parte inseparável de uma narrativa compartilhada entre os membros da sociedade como construída na sua memória coletiva do conflito e do ethos do conflito, e denota que o grupo rival infringiu continuamente danos injustos e imorais sobre eles ao longo do conflito. A prevalência deste tema não é surpreendente tendo em vista o fato de que sociedades envolvidas em conflitos intratáveis acreditam que seus objetivos no conflito são bem justificados, percebem seu próprio grupo sob uma luz muito positiva e deslegitimam o rival".

Criar um novo significado para essa data, assim, pode e é considerado por setores da sociedade israelense como traição, como mencionado no discurso de Novak, uma vez que desta forma, ela deixa de servir como justificativa para comportamentos em relação ao conflito, trazem responsabilidade sobre si pela participação na violência e colocam o outro lado na posição igualmente de vítimas, deixando de deslegitimá-lo. Novak afirma, desta forma, que a traição que cometem ao celebrar conjuntamente, ao lembrar conjuntamente, é uma traição a essa história de vitimização única com a qual cresceram.

A traição em questão, presente no discurso de Yuli Novak, refere-se à celebração do *Yom Hazikaron* enquanto um dia da Memória Conjunta, em homenagem às vítimas israelenses e palestinas do conflito. O conceito da cerimônia foi desenvolvido por Buma Inbar em 2006. Inbar perdeu seu filho Yotam, que estava servindo no Líbano, em 1995. Em discurso na cerimônia conjunta de 2022⁷², ele conta como a morte de Yotam abriu uma grande dor em sua vida e que o mobilizou para agir em prol do fim do ciclo de violência. Na mesma fala, ele conta que não quis atuar com nenhuma organização. Que depois da morte de Yotam ele parou de trabalhar e passou a agir independentemente, de forma voluntária e individual, passando a dedicar sua vida a atividades humanitárias e a dar assistência a crianças e famílias palestinas de Gaza e nos territórios ocupados, bem como nos hospitais israelenses. Em seu discurso, Inbar afirma que passou a fazer isso para promover paz e reconciliação e prevenir que mais famílias de ambos os lados vivam a dor do luto que ele vive e, como ele repetiu algumas vezes ao longo de sua fala, pelo fim da ocupação. O pensamento de uma cerimônia que pudesse lembrar e homenagear vidas tanto de israelenses quanto de palestinos surgiu neste seu

⁷² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cTs9ttfPVO0> (7 minutos e 53 segundos). Acesso em 25/01/24.

contexto de vida. Havia 200 pessoas na primeira vez em que a cerimônia aconteceu, contou ele para um público de centenas de pessoas presentes em 2022 e mais de 300 mil pessoas assistindo online. Entendendo as possibilidades da cerimônia conjunta, Buma passou a coordenação da mesma para os Combatentes pela Paz em 2007. Alguns anos depois, o Círculo dos Pais passou a colaborar com a organização, vindo a se tornar corresponsável de forma integral posteriormente.

A cerimônia acontece paralelamente com as outras cerimônias do *Yom Hazikaron* em Israel. Atualmente, ela tem duas sedes, uma em Tel Aviv e outra em Beit Jala, que acontecem conjuntamente e simultaneamente e são transmitidas nas duas localidades. Vídeos do evento anual são disponibilizados na internet para que mais pessoas possam acessar desde 2015, e desde a pandemia do COVID-19 tornou-se possível participar simultaneamente online. Nos últimos anos, inclusive, logo após a cerimônia, os Combatentes pela Paz e o Círculo dos Pais disponibilizam discussões online em salas de zoom para os participantes que quiserem refletir sobre o que viram no evento com facilitadores palestinos e israelenses. As conversas acontecem em árabe, hebraico e inglês.

O *Yom Hazikaron Israeli Falestini* (em português, o Dia da Memória Israelense e Palestina) foi se desenvolvendo ao longo dos anos e o público cresceu gradativamente. Ele é produzido inteiramente de forma compartilhada, tendo um apresentador(a) israelense e um apresentador(a) palestino(a), falado em árabe e hebraico com mecanismos de tradução simultânea e relatando sobre a história de pessoas dos dois lados que perderam suas vidas em decorrência do conflito. Além de contar com falas de familiares enlutados, na cerimônia são realizadas apresentações artísticas, como música e poemas, nas duas línguas, muitas vezes com bandas, coros e artistas compostos por pessoas dos dois lados.

A celebração conjunta, além de ser uma forma de sair do lugar da vitimização unilateral e servir como conscientização sobre a responsabilização das partes na perpetração da violência, se relaciona também significativamente com o argumento de Butler (2020) de que a não violência não faz sentido se não for comprometida com a igualdade. A autora explica este ponto através da percepção de que, no nosso mundo, algumas vidas claramente recebem mais valor do que outras. E essa desigualdade implica no fato de que algumas vidas acabam sendo defendidas mais tenazmente do que outras. Se alguém se opõe à violência realizada

a outro ser vivo, é porque aquela vida tem valor. O mesmo valor. Se uma dessas vidas fosse perdida como consequência de um ato de violência, essa vida seria digna de luto. Assim, na cerimônia há a promoção do que Butler chamou de igualdade radical do enlutamento (idem, p. 46), através da qual, utilizando-se de uma de uma ética da não violência, todas as vidas em um contexto violento devem ter o mesmo valor, devem ser passíveis de serem lamentadas igualmente. Ou seja, sua perda tem que ser sentida de fato como uma perda. Ao refletir sobre formas de pensar diferentes das que temos atualmente para que este enquadramento funcione, a autora reflete que para considerarmos algo ou alguém vive e é vivo, devemos conhecê-lo minimamente, ao menos saber seu nome. De forma que, neste dia, nome de pessoas que perderam suas vidas como consequência do ciclo de violência são falados, bem como suas histórias, de vida e de morte, e as histórias daqueles que vivem enlutados por suas perdas. A igualdade radical do luto é essencial porque, ainda de acordo com Butler, a vida institucional da violência não vai ser derrubada por uma proibição, mas somente por um ethos e uma prática contra institucional (2020, p. 49).

As cerimônias do Dia da Memória conjunta, além de darem espaço para o enlutamento igualitário e para o endereçamento ao passado apontado como essencial por Lederach, possuem um viés bastante politizado. De acordo com o aumento da violência no decorrer dos últimos anos, como analisado na primeira parte da tese, os discursos foram ganhando cada vez mais e mais conotação política em relação a se opor aos movimentos de aprofundamento e intensificação da ocupação militar na Palestina, às ações do governo de Israel em relação ao apoio e aumento de assentamentos israelenses na Cisjordânia, às eleições constantes que ocorreram no país nos últimos anos⁷³, à desigualdade de acesso à vacina da COVID-19 entre israelenses e palestinos e em relação a uma série de leis que foram votadas neste contexto.

A crítica à ocupação, em particular, aparece constantemente, através de análises dos apresentadores e dos discursos de familiares enlutados, como no caso

⁷³ Entre Abril de 2019 e Novembro de 2022, Israel passou por quatro eleições parlamentares, que ocorreram devido à dificuldade que os partidos encontraram em formar coalizões internas para obter a maior parte dos assentos na Knesset. A sucessão de eleições e a instabilidade política enfrentada pelo país. Após a dissolução da coalizão formada por Yair Lapid, que incluía pela primeira vez na História das coalizões parlamentares israelenses um partido árabe, o partido Likud ficou à frente nas últimas eleições e conseguiu formar um governo com Benjamin Netanyahu novamente como Primeiro Ministro.

da fala de Ismail El-Hatib⁷⁴, que perdeu seu filho Ahmad, de apenas 12 anos, assassinado por um tiro disparado por um soldado israelense enquanto brincava do lado de fora de sua casa em Jenin. Khatib, em sua fala, contou que sentiu ter perdido a própria infância para a ocupação. Ele falou sobre a vida e a morte de Ahmad e sobre a difícil decisão de doar os órgãos de seu filho imediatamente quando foi notificado de sua morte. Tendo concordado com a doação, Khatib conta que Ahmad, dessa forma, salvou a vida de seis outras crianças, palestinas e israelenses. Ele concluiu seu depoimento dizendo que espera "que esta abominável ocupação termine para sempre"⁷⁵.

O próprio Buma Inbar, ao final da mesma fala mencionada anteriormente, na mesma cerimônia em que Khatib compartilhou sua história, afirmou que acredita que somente a ação conjunta por pessoas dos dois lados pode promover a paz. Que governos podem assinar tratados, mas que a paz quem faz é o povo. Ele convocou todas as organizações de paz e todos os ativistas que atuam por este fim a trazerem as palavras "fim da ocupação", "fim da ocupação", "fim da ocupação", mencionando-as três vezes consecutivas⁷⁶. Inbar concluiu afirmando que somente o fim da ocupação pode trazer a tão cobiçada paz e que, logo, as pessoas não devem parar de trabalhar até que esse fim seja alcançado.

Um ponto importante que aparece nas cerimônias do *Yom Hazikaron Israeli Palestini* é a concepção de que eles ali presentes - palestinos e israelenses - são todos vítimas do conflito, mas também seus criadores. A reflexão é trazida constantemente nas falas dos apresentadores dos últimos dois anos, Yossi Zabari - israelense - e Raida Adon - palestina, que convidam os presentes a refletirem sobre seu papel na perpetuação do ciclo de violência. Eles convidam constantemente as pessoas que estão assistindo a cerimônia a pensarem nas perguntas difíceis e a entenderem como ações cotidianas fazem parte da replicação da violência, trazendo a concepção de que somente com o envolvimento direto da população a violência pode chegar a um fim. Esta reflexão é bastante reforçada pelos depoimentos de familiares enlutados, que afirmam que a escolha pela não-violência em decorrência

⁷⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cTs9ttfPVO0> (33 minutos e 39 segundos). Acesso em 25/01/2024.

⁷⁵ Idem, 36 minutos e 46 segundos.

⁷⁶ Idem, (14 minutos e 56 segundos). Acesso em 25/01/24.

da perda de um ente querido foi, muitas vezes, uma alternativa ao sentimento de vingança.

Além de famílias enlutadas, a cerimônia recebe outras pessoas, algumas israelenses e palestinas e outras internacionais, para realizarem discursos significativos em prol da paz e da não violência. Tushar Ghandi, bisneto de Mahatma Gandhi, falou na cerimônia de 2023 e o arcebispo Desmond Tutu, em 2015.

5.7.2

Cerimônia Conjunta em Lembrança da *Nakba* - Combatentes pela Paz

A *Nakba* e a Independência vieram ao mundo entrelaçadas. A tristeza de uma e a alegria da outra tem sido para sempre irreconciliáveis. Ambas são políticas, ambas são ideológicas e ambas estão furiosas uma com a outra em todos os níveis. Internamente, isso é experienciado como insulto e medo, enquanto externamente é expressado em atos arrogantes e violentos que não tem propósito ou justificativa. Tantos anos se passaram. Em outros lugares, conflitos foram resolvidos, a raiva histórica desapareceu e o ódio simplesmente diminuiu. Então por que justamente nós não conseguimos superar? Por que as dores do passado ainda sangram? Por que nos dói ainda em um lugar que já poderia estar cicatrizado? Talvez porque nós nunca ousamos tratar as feridas severas. Ou nos curar daquilo que foi machucado e morreu. É verdade, é impossível mudar as injustiças do passado. Mas precisamos reviver elas para sempre e sempre? Claramente não. Afinal, algumas podem ser retificadas, outras compensadas. Acima de tudo, é nosso dever reconhecer de verdade, aceitar a responsabilidade e estarmos prontos para pagar o preço da reconciliação, tão alto quanto possa ser.

Avraham Avrum Burg, em discurso à terceira cerimônia conjunta em Lembrança da *Nakba*.⁷⁷

As datas celebrativas citadas aqui são muito próximas - o *Yom Hashoá*, o *Yom Hazikaron*, o *Yom Haatzmaut* e a data que marca a *Nakba*. Em 2020 os Combatentes pela Paz deram início a uma cerimônia conjunta em celebração da *Nakba*, que acontece poucos dias depois do Dia da Memória Israelense Palestina. A estrutura da cerimônia, como em todos os projetos desenvolvidos pelo Combatentes pela Paz, é realizada de forma conjunta: o evento tem um apresentador(a) israelense e um(a) palestino(a) e acontece em árabe e hebraico, com algumas falas em inglês. A cerimônia usualmente envolve o depoimento de pessoas que viveram a *Nakba* em 1948, apresentações artísticas que tratam sobre o assunto - músicas, danças, declamações de poemas, teatro - e a fala de pessoas públicas, como políticos e professores. As duas últimas cerimônias tiveram um espaço no

⁷⁷ Tradução da autora. Disponível em <https://afcfp.org/nakba-2022/> (34 minutos e 58 segundos). Acesso em 01/02/24.

qual um ativista israelense membro do Combatentes pela Paz leu depoimentos de soldados israelenses que lutaram na Guerra de 1948, retratando a realidade do que aconteceu com os palestinos.

O discurso de Avraham Avrum Burg fez parte da terceira Cerimônia Conjunta em Lembrança da *Nakba*, que aconteceu no dia 15 de Maio de 2022. Nesse mesmo ano, a fala de abertura do apresentador israelense expressou que "Israel apagou a *Nakba*, negou ela e culpou os palestinos por ela, tudo ao mesmo tempo... É hora de falar sobre a *Nakba*, não somente em hebraico, em árabe também"⁷⁸. De acordo com os Combatentes pela Paz, o evento é irmão do Dia da Memória Israelense Palestina e tem o objetivo de abrir espaço ao reconhecimento da história palestina, para que haja a oportunidade de reconciliação e cura. Com bem menos tempo de existência, acontecendo desde 2020, e talvez mais inovador e ainda mais polêmico do que o Dia da Lembrança Conjunta tanto para israelenses quanto para palestinos, ele tem apresentado um público menor do que o primeiro evento e principalmente composto por ativistas dos Combatentes pela Paz e de algumas outras ONGs que atuam em relação ao conflito.

Falar sobre a *Nakba* - e permitir que israelenses estejam presentes nesta conversa - é, de acordo com os Combatentes pela Paz - essencial para o processo de cura e um possível acordo de paz⁷⁹. Muitos dos israelenses que realizam uma fala no evento, desde sua primeira edição, afirmam que quando cresceram, não tiveram a oportunidade de entrar em contato com a versão palestina de 1948. De acordo com Sa'adi e Abu-Lughod (2007), os assassinatos, os deslocamentos forçados e toda a destruição da sociedade palestina que aconteceu durante 1948 foram ofuscadas pela presença pesada do que ficou representado e compreendido internacionalmente como um nascimento e renascimento. As autoras explicam que a dialética morte-renascimento, uma concepção filosófica com bastante importância no pensamento religioso e secular ocidental, foi aplicada ao povo judeu. A Guerra de 1948, que levou à criação do Estado de Israel, foi feita de símbolo ao renascimento dos judeus apenas alguns anos após a perseguição que sofreram na Europa e o genocídio realizado pelos nazistas. A criação de Israel, elas explicam, foi representada e por vezes concebida mesmo, como um ato de restituição que

⁷⁸ Idem, 3 minutos e 3 segundos.

⁷⁹ No site <https://afcfp.org/nakba-2023/>. Acesso em 05/02/2024.

resolveu esta dialética, trazendo um bem do mal. E, no desenvolvimento desta história, os palestinos foram excluídos. A catástrofe deles foi ou ignorada ou reduzida a uma questão de refugiados malfadados, similar a outros milhões ao redor do mundo. Excluídos da história como remanescentes de uma nação cujo direito à independência, à condição de Estado e até mesmo à existência foi negado, os refugiados palestinos foram vistos, na melhor das hipóteses, como um caso humanitário, merecendo o que muitas vezes consideraram o apoio praticamente humilhante das agências da ONU. Sa'adi e Abu-Lughod recorrem ao trabalho do historiador palestino Elias Sanbar (2001, p. 87) para articular esta exclusão peculiar na sombra de uma contra narrativa poderosa:

A história contemporânea dos palestinianos gira em torno de uma data chave: 1948. Nesse ano, um país e o seu povo desapareceram dos mapas e dicionários... “O povo palestino não existe”, diziam os novos senhores, e doravante os palestinos seriam referidos em termos gerais, convenientemente vagos, como “refugiados”, ou no caso de uma pequena minoria que conseguiu escapar à guerra generalizada, expulsão, “Árabes Israelenses”.

Desta forma, diferente do Dia da Memória Conjunta Israelense Palestina, que tem como foco a expressão do luto de forma compartilhada, a Cerimônia Conjunta em Lembrança da *Nakba* tem por objetivo abrir espaço para que israelenses possam ouvir sobre a narrativa palestina e reconhecê-la, tomando responsabilidade ativa no processo da ocupação militar.

Diversas vezes, em todas as cerimônias que aconteceram até então, a *Nakba* é mencionada como sendo um processo que se desencadeia até os dias atuais, e não somente um ponto no passado que teve início e fim. Os realizadores da cerimônia entendem que os eventos acontecidos em 1948 e suas consequências seguem sendo perpetrados e aprofundados através da ocupação. Trazer a *Nakba* não só como um ponto passado na História, mas como um processo que segue ocorrendo tem papel no sentido de que as pessoas envolvidas possam tomar responsabilidade sobre sua importância no ciclo de violência e de que exista a compreensão que é necessário reverter este processo se quiserem poder atingir uma paz verdadeira. Desta forma, a cerimônia não é apenas sobre memória, mas sobre o presente.

A realização de um evento compartilhado entre palestinos e israelenses é bastante polêmica para os dois lados, um dos fatores que podem explicar o menor número de pessoas que comparecem. Na última cerimônia, ocorrida em 15 de Maio

de 2023, o apresentador relatou que muitos palestinos se sentem desconfortáveis com a cerimônia conjunta. Para eles, é inconcebível abrir espaço para que os ocupadores israelenses possam ter acesso ao reino da memória palestina⁸⁰. Da mesma maneira, a apresentadora israelense afirmou que muitos israelenses também são contra a ideia de que cidadãos de Israel possam estar presentes em uma cerimônia que tem por objetivo falar sobre a *Nakba*. Somente a menção da *Nakba*, segundo ela, provoca muita raiva. Mas essa raiva, ela diz, esconde por trás os sentimentos de vergonha e ansiedade, que estão enraizados nas caves da consciência coletiva e constantemente ameaçando entrar em erupção. Mas a negação e a repressão destes sentimentos só aumentam o medo que ele gera. Ela termina sua fala afirmando que as evidências históricas e a documentação sobre a *Nakba* existem. Se faz necessário, então, que os israelenses tenham coragem de abrir os olhos e estarem dispostos a lerem e estudarem estes materiais de coração aberto, reconhecendo o seu legado⁸¹.

⁸⁰ Disponível em <https://afcfp.org/nakba-2023/> (15 minutos e 9 segundos). Acesso em 05/02/24

⁸¹ Idem, (15 minutos e 43 segundos).

6

A parceria e uma nova semântica

Em uma conversa aberta ao público online promovida pelo Círculo dos Pais em Novembro de 2023, ao ser questionado pela mediadora sobre como é possível reconstruir a confiança entre israelenses e palestinos depois de tantos danos humanos que tem acontecido recentemente, Bassam Aramin respondeu da seguinte forma⁸²:

Você sabe, quando nós criamos os Combatentes pela Paz em 2005, nós tínhamos esse slogan do Nelson Mandela, que diz que se você tem que fazer paz com o seu inimigo, você tem que trabalhar com o seu inimigo, não só falar. Então, seu inimigo se torna seu parceiro.⁸³

Após analisar as atividades criativas que dão origem à imaginação moral desenvolvida pelo sujeito pacificador - que abre espaço para a construção da paz entre Israel e Palestina - dois fatores chamam a atenção: o fato de que ela é fundamentada através da parceria e, para que essa parceria seja possível, a questão de que utilizam a ressignificação de palavras e expressões, desenvolvendo uma nova semântica.

Ao longo da tese, alguns termos e expressões surgiram acerca da parceria através da qual funcionam as organizações estudadas. Ela acontece de diversas formas e podemos identificá-la na prática percebendo pontos de seus funcionamentos binacionais: cada organização tem duas pessoas responsáveis por cada cargo, uma palestina e uma israelense, dois escritórios, um em uma cidade israelense e outro em uma cidade palestina e suas atividades são conduzidas tanto em hebraico quanto em árabe. A parceria, no entanto, é profundamente mais complexa e vai muito além de tais medidas, que por si só já não são simples. O funcionamento de uma organização levada a cabo através da parceria envolve o

⁸² Tradução da autora. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=J0ASOZ3XZA0&t=1099s> (18 minutos e 19 segundos). Acesso em 06/02/2024.

⁸³ Em <https://www.youtube.com/watch?v=J0ASOZ3XZA0&t=3257s> (18 minutos e 19 segundos). Acesso em 05/02/2024.

trabalho conjunto, o poder compartilhado, reconhecimento e, inclusive, abrir mão de questões bastante profundas.

No artigo *Visions of a Shared Society*, o educador Shuli Dichter (2023) apontou sua opinião acerca da necessidade de haver no Parlamento israelense um corpo que seja baseado em atividades diárias conjuntas entre palestinos e israelenses. Esse partido proposto, que o autor chama de "Todos os Seus Cidadãos" seria uma representação prática de um público que desenvolve a abordagem de uma sociedade Palestina-Judaica compartilhada no país e uma representação de uma visão de mundo.

Ao refletir sobre o conceito de sociedade compartilhada, para que se possa pensar um modelo a ser replicado, Dichter afirma que o significado do termo ainda está sendo compreendido através de sua prática, mas que já é claro que em seu coração deve haver duas ideias: 1) não haver divisão ou preconceito dentre seus cidadãos e 2) a estrutura para essa sociedade, o Estado, deve ser baseada em propriedade compartilhada e igualitária.

Embora neste artigo e em uma série de outros trabalhos sobre o tema, o autor fale sobre uma necessidade política a nível governamental, ele baseia seus estudos em organizações e comunidades da sociedade civil que tem se desenvolvido com esta proposta nos últimos dez anos. No I Congresso Internacional de Educação para a Paz e Não Violência, que aconteceu em Agosto de 2023, moderei uma mesa sobre Israel Palestina na qual Dichter falou sobre o assunto. Lhe perguntei se ele pensava que o número de pessoas envolvidas nestes movimentos estava crescendo e ele me afirmou que sim, contando que costumava contar o número de pessoas envolvidas em algum tipo de comunidade compartilhada em uma tabela de Excel e parou de seguir a contagem quando chegou no número de 70 mil pessoas. Ele apontou para este fato também no seu artigo citado. O autor explica, ainda, que embora a ideia pareça ser muito bonita, as complexidades de se praticar a parceria real que uma sociedade compartilhada precisa para funcionar nestes formatos é profundamente complexa.

Na prática real de uma parceria, Dichter enfatiza, a governabilidade deve ser compartilhada, ou seja, o poder deve ser dividido igualmente entre as partes. A complexidade e a dificuldade de se estabelecer este modelo, inclusive a nível de organizações civis, se encontra no fato de que ele quebra representações profundas:

para que isso funcione, os judeus israelenses têm que abrir mão da narrativa de estarem sempre certos, segundo a qual o autor opina que são educados desde seu nascimento, incluindo a si mesmo neste processo. Ele afirma a partir de sua experiência pessoal e do estudo que conduziu ao longo dos anos em organizações da sociedade civil, que abrir mão do poder integral pode ser extremamente mentalmente desafiador. Mas no seu ponto de vista, ainda é mais fácil do que o movimento que os palestinos tem que fazer de abrir mão, dando legitimidade à existência da coletividade judaica na região. Dichter opina que isso exige um grande grau de generosidade por parte dos palestinos e a superação de montanhas de raiva e frustração das quais os judeus, por sua vez, têm que aprender a conviver, já que não podem desaparecer da noite para o dia.

Simultânea à consciência de tudo que ambos os lados têm que abrir mão para que uma sociedade compartilhada, seja a nível civil ou político, funcione, o educador aponta também ser necessário ter consciência sobre aquilo que não se deve abrir mão: suas identidades coletivas. Dichter pensa que se abrirem mão disso, o prejuízo pode ser maior. Os palestinos não devem, desta forma, abrir mão de sua identidade enquanto grupo nem de sua conexão histórica e identitária com a região, nem os judeus devem abrir mão do sionismo.

Falando a partir da perspectiva de um judeu israelense, ele diz que abrir mão do sionismo, ou seja, da crença da existência da coletividade judaica na terra de Israel, seria fácil demais e não valeria a pena. Ao invés disso, o educador sugere que o sionismo deve passar por uma transformação para poder praticar o desenvolvimento de comunidades e, eventualmente, de uma sociedade partilhada. A primeira transformação essencial seria assumir a responsabilidade pessoal do sionismo sobre os crimes cometidos aos palestinos. A segunda etapa da transformação deve ser a de mudar a base do sionismo, passando a trocar a ideia de soberania pela ideia de igualdade e a ideia de nacionalismo pela ideia de cidadania. O autor chama essa transformação de re-Sionismo.

Uma identidade nacional palestina sólida ao lado de uma identidade nacional judaica-sionista seriam, desta forma, os dois alicerces necessários para organizações embasadas na parceria e para uma futura sociedade que se desenvolva de acordo com esse funcionamento. O reconhecimento mútuo deste sentimento coletivo é um requisito fundamental. É este processo, segundo Dichter, que pode

providenciar a lógica para a construção de um futuro modelo político conjunto, seja ele o de um Estado entre o rio Jordão e o mar, dois Estados ou uma confederação, através do reconhecimento mútuo e legitimidade pelo direito coletivo tanto de palestinos como de judeus israelenses de pertencer à sua terra natal.

Quando identificamos, então, a parceria desenvolvida pelas organizações Combatentes pela Paz e Círculo dos Pais, podemos perceber a adoção destes pontos percorridos por Dichter. Nos dois casos, a perspectiva organizacional se embasa no poder compartilhado, com a estrutura de governabilidade e administração binacional proposta por cada uma delas.

Através de suas atividades, é possível identificar que ambas propõem que seus membros mantenham sua identidade nacional coletiva - o que é exemplificado pelo fato de que muitas vezes eles mantêm reuniões chamadas de uni-nacionais para certas discussões e decisões, as cerimônias conjuntas que abrem espaço para a manutenção de sua História e identidade, projetos que promovem o reconhecimento de cada narrativa, a proposta de conexão e conhecimento da história do outro e a própria utilização das duas línguas.

Na medida em que praticam estes pontos, as organizações também trabalham com a perspectiva de que ambos reconheçam sua responsabilidade pela perpetuação do ciclo de violência. Há um enfoque profundo na responsabilização do sionismo pela ocupação e a necessidade de terminá-la para que seja possível atingir uma situação de paz. Nos processos pelos quais o sujeito pacificador passa, os israelenses são convidados a abrir mão da narrativa na qual foram educados sobre a história da formação e desenvolvimento de Israel. Através da escuta de seus colegas palestinos e das visitas de campo, bem como da convivência, são colocados frente a frente com a realidade palestina sob a ocupação militar israelense. Desta forma, os membros israelenses destas duas organizações conjuntas passam por um processo de ressignificação histórica e agem ativamente em prol dos direitos dos palestinos. Mas não abrem mão do sionismo ou de sua própria existência na região.

No mesmo processo, porém a partir de perspectivas diferentes, palestinos têm a possibilidade de reconhecer a História do sionismo, partindo da compreensão de traumas judaicos coletivos, da humanização de seus colegas israelenses e da compreensão do funcionamento da narrativa em Israel. A partir da percepção da

realidade atual, eles passam a atuar de forma a abrir espaço para a aceitação da existência coletiva judaica na região.

Palestinos e israelenses, desta forma, através de comunidades que funcionam baseadas na parceria, atuam em prol da reconciliação para que um acordo político justo e igualitário - que envolva o direito de os dois povos viverem na região com direitos plenos - seja possível. E muitas vezes este processo exige que questões sejam ressignificadas e atualizadas, como é o caso das cerimônias do Dia da Memória e da Nakba. Ao longo da pesquisa foi possível perceber que essa ressignificação ocorre também, com a semântica. Palavras e expressões, para que sejam mantidas enquanto parte das identidades, mas possam ser utilizadas em prol da não violência, e não do acirramento das hostilidades, passam a ganhar um novo significado.

Para exemplificar essa necessidade e a prática da utilização de uma nova semântica pelo sujeito pacificador, dois exemplos podem ser destacados. Ambos foram utilizados em cerimônias do Dia da Memória Conjunta, sendo eles as frases "Do Rio Jordão ao Mar" e "Não tenho Outra Nação", a respeito das quais contextualizo a seguir:

Na década de 1960, sob a liderança de Yasser Arafat, a Organização pela Libertação da Palestina propôs a criação de um único Estado na região, a ser estabelecido entre o Rio Jordão e o Mar Mediterrâneo. Um Estado que seria democrático e aberto a todos os palestinos, fossem eles muçulmanos, cristãos ou judeus. Desde então, a expressão "do Rio Jordão ao Mar" se tornou referência na resistência palestina (Khalidi, 1997). Atualmente, ela é bastante utilizada tanto por movimentos palestinos como por indivíduos, organizações e em protestos de apoio aos palestinos, que usualmente expressam "Do Rio Jordão ao Mar, a Palestina será Livre".

Ao mesmo tempo em que representa um lema de resistência para os palestinos e apoiadores, a frase é encarada por outras partes como uma prova de que os palestinos não aceitam viver com judeus na região, já que muitos israelenses vivem exatamente entre o Rio Jordão e o Mar e, caso um Estado palestino fosse estabelecido por toda essa extensão territorial, isso significaria que os judeus israelenses teriam que sair dali. A contradição em torno da expressão tem sido acirrada nos últimos meses, desde o escalonamento da violência que decorreu após

o dia 7 de Outubro de 2023. No dia 22 de Novembro do mesmo ano, o Al Jazeera publicou uma matéria sobre o assunto, com o título "Do Rio Jordão ao Mar: o que o slogan palestino realmente significa?"⁸⁴ e o subtítulo "críticos chamaram seu uso e antissemita em meio a guerra de Israel em Gaza. Mas o slogan tem raízes mais complexas, diz analista".

Ao longo do texto, a jornalista Frederica Marsi explica que a frase tem sido cantada por multidões ao redor do mundo com o sentido de pedir pela liberdade do povo palestino e o fim da opressão, mas que para Israel e seus apoiadores, que segundo ela admitem que a frase é pró-Hamas, e funciona como um apelo velado à violência contra israelenses, carregando conotação antissemita. Marsi segue apontando algumas das múltiplas implicações que a utilização da expressão tem gerado internacionalmente nos últimos meses, como a suspensão por parte do Partido Trabalhista do Reino Unido do parlamentar Andy MacDonald por utilizá-la em seu discurso em uma passeata pró-Palestina. Ainda em Novembro, a Secretária do Interior britânica Suella Braverman descreveu as demonstrações pró-Palestinas como "marchas de ódio" e afirmou que o slogan deveria ser interpretado como uma indicação de um desejo violento de eliminação de Israel. Ainda no Reino Unido, a Associação de Futebol banuiu jogadores por utilizarem a expressão em suas contas individuais em redes sociais. De acordo com Marsi, a polícia austríaca também teria tomado uma posição similar, banindo um protesto pró-Palestina com o argumento de que o canto do slogan, originalmente desenvolvido pela OLP, foi adotado pelo Hamas. Autoridades alemãs também declararam a utilização da expressão proibida e condenável.

Em seu artigo, a jornalista traz, também, a visão de Nimer Sultany, palestino e cidadão de Israel, Professor de Direito na Escola de Estudos Orientais e Africanos de Londres. De acordo com Sultany, a utilização da frase expressa a necessidade de igualdade para todos os habitantes da Palestina histórica e, logo, para aqueles que apoiam as práticas da ocupação, um canto igualitário gera oposição. Sultany diz, também, que o canto é utilizado no geral em inglês, que ele nem sequer rima em árabe, e tem sido usado em países ocidentais em demonstração de apoio aos palestinos.

⁸⁴ Originalmente em inglês, traduzido pela autora. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/11/2/from-the-river-to-the-sea-what-does-the-palestinian-slogan-really-mean>. Acesso em: 05/02/2024.

Contrariando esta opinião, a jornalista trouxe a visão de Yehudah Mirsky, rabino e Professor de Estudos Judaicos e do Oriente Próximo na Universidade Brandeis, que vive em Jerusalém. Mirsky opina que para os judeus israelenses o que a frase comunica é que entre o Rio Jordão e o Mar Mediterrâneo só haverá uma instituição, chamada de Palestina, não haverá um Estado Judaico. Ele segue, dizendo que a expressão soa muito mais como uma ameaça do que uma promessa de libertação, que não engloba um futuro no qual os judeus possam ter liberdade plena e argumenta que a utilização do slogan tem tornado mais difícil para os israelenses de esquerda defenderem o diálogo.

O artigo de Frederica Marsi expressa um pouco sobre a atual complexidade da utilização da frase e, embora o escalonamento da violência atual tenha acirrado as opiniões acerca da utilização da expressão do "Rio Jordão ao Mar", desde a década de 1960 ela é vista de formas muito diferentes por palestinos e israelenses e seus respectivos apoiadores.

Um exemplo semelhante ocorre com uma frase que é bastante utilizada em Israel: "Não Tenho Outra Terra". A expressão teve origem em uma música escrita pelo israelense Ehud Manor e cantada, originalmente, por Gali Atari. O artigo "*A Música que Fez um País*"⁸⁵, publicado pelo jornal The Times of Israel em Julho de 2023, conta que Manor escreveu a letra durante a Guerra no Líbano em 1982. De acordo com a sua esposa, Ofra Fuchs-Manor, eles estavam assistindo televisão e viram imagens de soldados israelenses entrando em Beirute, quando o compositor começou a chorar e a escrever. As palavras que ele escreveu naquele momento deram origem à música, eleita diversas vezes como a música favorita em Israel. Ori Golan, autor do artigo, relata que Fuchs-Manor lhe contou que a música é, na realidade, sobre o irmão de Manor, Yehuda, morto aos 19 anos enquanto servia na Guerra de Atrito no Egito em 1968.

Golan explica, ainda, que ao longo do tempo, a música e, em especial, sua frase central - Eu Não Tenho Outra Terra - foi adotada por diferentes grupos e segmentos da sociedade israelense, inclusive por colonos dos assentamentos nos territórios ocupados. Ofra conta na entrevista que esse movimento entristeceu muito o compositor a princípio. Ela relata que um dia eles estavam dirigindo e viram

⁸⁵ Originalmente em inglês, traduzido pela autora. Disponível em: <https://blogs.timesofisrael.com/the-song-that-made-a-country/>

carros adesivados com os dizeres "eu não tenho outra terra". Eles entenderam, então, que a frase tinha sido apropriada por movimentos de direita. Bensimon (2009) analisa a música em questão como compondo o gênero que ele chama de "músicas da Terra de Israel" (p. 403) e analisa sua utilização em protestos à retirada de judeus que viviam em assentamentos em Gaza no ano de 2005⁸⁶. De acordo com o autor, os protestantes cantavam "Eu Não Tenho Outra Terra" próximos aos soldados encarregados de tirar os moradores com o intuito de gerar empatia neles e gerar dor em sua consciência, de forma a trazê-los para o seu lado do protesto e resultando que não retirassem os residentes israelenses.

A frase foi adotada também por outros grupos da sociedade israelense, tornando-se referência, inclusive, nos protestos pró-democracia que ocorreram ao longo de 2023 nas ruas de Tel Aviv. Em um deles, a própria Gali Atari cantou a música para o público. Assim como a direita israelense adotou a frase, a esquerda também se apropriou dela, dando-lhe novo significado. Embora ela tenha sido utilizada por diversos setores da sociedade em diferentes momentos e com diferentes sentidos, a conotação nacionalista ficou bastante demarcada com a sua utilização por movimentos de residentes dos assentamentos, especialmente os relacionados aos manifestos contra a retirada de Israel da Faixa de Gaza em 2005.

Cabe, logo, pensar acerca do questionamento de como é possível manter sua identidade coletiva, como sugerido por Dichter, ao passo em que se busca construir uma coletividade baseada na parceria? Como utilizar símbolos, frases e canções que possuem um significado histórico, sem que isso represente ameaça para o outro lado ou que apareça como impulsionador de animosidade entre as partes? Uma das possíveis respostas para este questionamento está no movimento realizado pelas organizações aqui analisadas, que buscam utilizar frases e expressões com valor

⁸⁶ Em 2005, o então Primeiro Ministro de Israel Ariel Sharon propôs a Lei de Implementação do Plano de Retirada, que foi aprovada e adotada pelo governo em Agosto do mesmo ano. A lei previa a remoção de toda presença permanente israelense na Faixa de Gaza. De acordo com ela, cidadãos israelenses que residiam na região foram removidos e realocados e os assentamentos que existiam ali, desfeitos. A aprovação da lei foi motivo de contradição na sociedade israelense, tendo muitos cidadãos posicionado-se a favor e muitos contra, considerando a devolução de território aos palestinos como uma traição. O exército teve que remover à força cidadãos que se recusaram a sair de livre e espontânea vontade da região, o que gerou uma série de manifestações pelo país, inclusive nas ações de remoção forçada. O plano de saída de Israel da Faixa de Gaza ficou comumente conhecido como retirada unilateral, já que não previu uma transição planejada conjuntamente com grupos políticos palestinos.

identitário e significado histórico para cada uma das coletividades, fornecendo-lhes um novo sentido, que engloba os dois grupos e passe uma mensagem de paz.

Em diversos momentos ao longo de seus eventos e cerimônias conjuntas, ativistas do Combatentes pela Paz e do Círculo dos Pais utilizam as frases trazidas aqui como exemplo de uma outra forma. No Dia da Memória Conjunta de 2023, o apresentador israelense Yossi Zabari fez a seguinte declaração, que foi seguida de muitas palmas pelo público que ficou em pé para ovacionar a fala:

Eu estou aqui porque esses dias nós temos lutado pelos nossos valores mais básicos. Eu estou aqui, porque todos falam de igualdade e liberdade, os valores da Declaração de Independência e a ameaça à democracia, é importante que eu diga claramente que essas palavras permanecerão vazias se nós continuarmos lutando pela ordem antiga. Eu estou aqui por um horizonte democrático real pela completa e absoluta igualdade para todos os seres humanos entre o Rio Jordão e o Mar.⁸⁷

Ao final da mesma cerimônia, a coapresentadora palestina, Raida Adon, encerrou o evento com as seguintes palavras: "Nós deixamos vocês com esperança, nos encontraremos nas ruas, nas intersecções, nas pontes, nas redes sociais, e vamos lutar juntos pela democracia, para todos, do Rio Jordão ao Mar"⁸⁸.

Na cerimônia do Dia da Memória Conjunta do ano anterior, em 2022, Buma Inbar finalizou o mesmo discurso citado anteriormente da seguinte forma:

Somente o fim da ocupação pode trazer a paz cobiçada, então não parem de trabalhar até que isso aconteça. Três anos atrás, nesta cerimônia, David Grossman, também um pai enlutado, falou que é difícil separar a memória da dor. Lembrar é assustador. Esquecer é ainda mais assustador. E nessa situação é muito fácil ceder ao ódio, à raiva e ao desejo de vingança. E eu quero voltar e adicionar quão importante é para todos nós não ceder a isso, mas devotar tudo que nós temos para acabar com a ocupação. Acabar com o banho de sangue. E começar a construir um futuro bom, compartilhado, para todos nós. Afinal, todos nós não temos outra terra.⁸⁹

A utilização de palavras, frases, músicas, poemas e diversos outros símbolos afetivos e identitários para cada coletividade é feita pelo sujeito pacificador, de forma a representarem a manutenção de suas identidades, ao mesmo tempo em que é apropriada para o desenvolvimento da parceria e na construção de um contexto

⁸⁷ Tradução da autora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nC7LCCWoI-U> (49 minutos e 39 segundos). Acesso em 06/02/2024.

⁸⁸ Idem, (1 hora 20 minutos e 12 segundos).

⁸⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cTs9ttfPVO0> (15 minutos e 12 segundos).

de paz. Encontramos, assim, a criatividade do sujeito pacificador também na fundamentação desta relação compartilhada e nas formas de torná-la possível, desenvolvendo, inclusive, uma nova semântica que torne possível a presença de duas memórias, de duas narrativas, de duas identidades de forma que promovam a não violência e a construção de uma comunidade pacífica para israelenses e israelenses e palestinos.

Os desafios da não violência

Escrever um capítulo acerca dos desafios enfrentados pelos movimentos de não violência conjunta e pelo sujeito pacificador me pareceu um pouco paradoxal. Primeiro porque, por um lado, os objetivos propostos pelas organizações aqui estudadas e pelo sujeito pacificador enfrentam a ordem vigente no contexto de conflito prolongado e os poderes em questão, o que claramente gera um movimento de contra resistência e, logo, uma série de obstáculos. A obviedade dos desafios impostos pela contra resistência é tamanha que me questioneei se era necessário falar sobre eles. Em segundo lugar, contraditoriamente, não me parece que um capítulo possa sequer começar a dar conta de todos os desafios que os sujeitos e os movimentos analisados enfrentam. Então como escrevê-lo?

O propósito deste capítulo final é, portanto, levantar alguns pontos desafiadores para os sujeitos não resistentes e iniciar o debate sobre a relevância desta discussão no campo das Relações Internacionais. Um debate que pode e deve ser aprofundado, para que profissionais do campo possam atuar de forma construtiva na resolução do conflito em questão.

Na tentativa de esclarecer algumas das dificuldades mais profundas enfrentadas pelo sujeito pacificador e pelos movimentos de resistência não violenta, vou englobá-las em quatro áreas: 1) a dificuldade que o sujeito enfrenta em relação a si mesmo; 2) os desafios sociais impostos a este sujeito quando ele passa a resistir ao sistema; 3) as práticas por parte de governos e instituições que visam atrapalhar ou interromper o desenvolvimento de atividades da não violência conjunta na região; e 4) os desafios estruturais.

Sobre o primeiro caso, acredito que muito já foi ressaltado ao longo da tese na transcrição de depoimentos dos ativistas das organizações estudadas. Estas são pessoas que se desenvolveram enquanto sujeitos que perpetuam ou estão sob a opressão da ocupação militar na Palestina, que foram educadas cada uma sob um tipo específico de narrativa, inseridas em um ciclo de violência que já se perpetua

por mais de um século e que, até o momento, se entendiam como inimigas. Sair dessa lógica pode apresentar um desafio para muitas pessoas. Muitos israelenses e palestinos que passaram a compor os movimentos em questão - alguns deles, inclusive, seus fundadores - relatam como o início foi complexo, assim como segue sendo o processo.

Essa dificuldade inicial envolve, em si mesma, múltiplos processos de desconstrução e reconstrução. Primeiramente, estes sujeitos têm que se abrir à possibilidade de olhar para o outro até então profundamente construído no imaginário como inimigo, sem qualquer garantia de que podem ver algo de diferente. Estas pessoas passam por este caminho com todo o medo, a raiva e o luto geracionais, como apontado por Lederach como sendo o caso dos conflitos armados contemporâneos. Uma vez que esse passo é dado e uma outra relação passa a ser possível de ser construída, começam a ocorrer questionamentos sobre as narrativas, as Histórias nacionais e as identidades atreladas a elas. Como discutido no capítulo anterior, esses sujeitos precisam passar por uma etapa de entender que, para promover a resistência conjunta, construir reconciliação e desenvolver uma sociedade na qual um acordo político entre as partes seja possível, devem abrir mão de certas questões, como apontou Dichter (2023). Dentre estas questões, dar legitimidade à existência coletiva do outro na região pode ser uma das mais complexas.

Simultaneamente ao processo de auto-desafio, ou auto-afetação, como parte da resistência ativa reflexionada por Foucault (Smith, 2016), os sujeitos em questão passam por processos desafiadores externos. Um deles se relaciona com a resistência que suas comunidades apresentam sobre o movimento de atuação conjunta. Em muitos depoimentos, incluindo o discurso de Yuli Novak citado anteriormente, ativistas israelenses do Combatentes pelas Paz e do Círculo dos Pais expressam serem chamados e tidos como traidores por sua sociedade. Enfrentando, da mesma forma, um processo de resistência por parte de seus pares, muitos palestinos relatam que são compreendidos como "normalizadores" em suas comunidades, por se relacionarem e atuarem conjuntamente com os israelenses que perpetuam a ocupação.

Este é um desafio que afeta israelenses e palestinos de forma individual e coletiva. Nos múltiplos relatos analisados em vídeos, depoimentos escritos e em

seus discursos, os membros do CFP e do PCFF falam sobre familiares que os julgam e se opõem à sua atuação conjunta e sobre pessoas próximas que eventualmente param de se relacionar com eles por conta disso. O desafio em questão, aparece, também de forma coletiva. Uma primeira análise breve nas redes sociais das organizações trouxe à tona rapidamente uma série de comentários de pessoas que se manifestam contra as atividades realizadas. Uma grande diversidade de exemplos pode ser dada neste sentido, selecionei dois, somente como ilustração. Ambos se relacionam com os projetos educativos das organizações.

O primeiro deles é uma postagem de 24 de Agosto de 2022, na plataforma Facebook dos Combatentes pela Paz, anunciando que um grupo de jovens israelenses havia completado sua primeira semana na Escola da Liberdade. A postagem explica que os participantes começaram uma jornada de imersão que iria durar seis semanas, tendo a primeira incluído reuniões, palestras e workshops, visitas a Jerusalém Oriental e aulas de árabe. Ao final do texto, a publicação explica a respeito da Escola da Liberdade, afirmando que é um programa educativo com o objetivo de promover o engajamento de jovens nas áreas cívicas e de liderança, que permite que as pessoas aprendam sobre o conflito Israel Palestina, tanto em campo nos territórios ocupados quanto com pesquisadores e pensadores da área de resolução de conflito. Além de comentários de apoio, a postagem recebeu também comentários como "Escola da Liberdade?... piada do dia... escola da doutrinação, escola de como odiar Israel..." e "Essa escola está condenada a falhar. Por quê? Problema de seleção. Para fazer lavagem cerebral em alguém, essa pessoa tem que ter algum cérebro"⁹⁰.

Também na plataforma Facebook, em uma transmissão ao vivo de uma reunião de diálogo aberta ao público realizada no dia 17 de Agosto de 2023, reunindo israelenses e palestinos enlutados contando suas histórias para pessoas de fora da organização, aparece um comentário⁹¹ dizendo "vocês todos serviram na ocupação militar Israelense e participaram no assassinato de Palestinos e na tomada de suas terras e agora vocês estão falando de paz isso é uma piada".

⁹⁰ Em <https://www.facebook.com/c4peace/posts/a-group-of-young-israelis-completed-their-first-week-of-freedom-school-our-educa/5057162181060901/> . Acesso em 05/02/2024.

⁹¹ Em <https://www.facebook.com/theparentscircle.org/videos/1365806807612556> . Acesso em 02/02/2024.

A oposição de pessoas, tanto israelenses quanto palestinas, às atividades promovidas pelos Combatentes pela Paz e pelo Círculo dos Pais vai além de comentários nas redes sociais. Em muitas delas, indivíduos e grupos protestam pessoalmente contra seu acontecimento. Os casos também são múltiplos. Como exemplo, é possível falar sobre as Cerimônias do Dia da Memória Conjunta, que usualmente reúnem uma série de pessoas nas portas protestando ao evento. Em 7 de Maio de 2019, o jornal israelense *The Times of Israel* publicou uma foto⁹² em suas atualizações ao vivo com a descrição. A imagem mostra pessoas carregando a bandeira de Israel e sua descrição na página do jornal é "Dezenas de pessoas manifestam-se fora da cerimônia em Tel Aviv por famílias Israelenses e Palestinas enlutadas, com alguns cantando 'morte aos árabes'. Na cerimônia de 2023, durante a fala de Yuval Sapir que contou sobre a vida e o assassinato de sua irmã Tamar, bem como de seu luto e sua dor constante, um barulho de gritos que vem do lado de fora pode ser escutado, até que eventualmente ele é interrompido pelo som vindo dos manifestantes, que se intensificou⁹³. Sapir pausou a sua fala, olhou para o lado de fora e chorou. Foi ovacionado pela plateia presente e retomou seu discurso. Ao final da mesma cerimônia, o apresentador Yossi Zabari orientou ao público que saísse com calma e paciência e pede para que não se engajem com "os fascistas do lado de fora"⁹⁴.

O terceiro tipo de desafio enfrentado, aquele que vem por parte de governos e instituições, especialmente por parte do governo de Israel que leva a cabo a ocupação militar na Palestina, influencia na prática as ações dos movimentos não violentos. Isso acontece de diversas formas, através da intervenção do exército em manifestações não violentas, medidas legislativas e retirada de apoio financeiro por parte governos.

No capítulo acerca das atividades desenvolvidas pelos movimentos foram descritas e analisadas algumas das múltiplas situações nas quais as atividades de não violência sofreram intervenção do exército, como foi o caso da manifestação realizada pelo grupo de teatro do Combatentes pela Paz em torno do muro que separa Israel da Cisjordânia. Como relatado anteriormente, em determinado momento soldados vieram por dentro da cerca e começaram a lançar bombas de

⁹² Em <https://www.timesofisrael.com/may-7-2019/> . Acesso em 02/02/2024.

⁹³ Em <https://www.youtube.com/watch?v=nC7LCCWoI-U> . Acesso em 02/02/2024.

⁹⁴ Idem, (1 hora 19 minutos 59 segundos).

efeito moral sobre os palestinos. Ainda relacionado às ações desenvolvidas pelo grupo com a metodologia do Teatro do Oprimido, ocorrem seguidas intervenções do exército sobre o fato de israelenses e palestinos não poderem estar juntos em determinado território ou sobre a representação de soldados nos papéis encenados.

Foi também relatado anteriormente sobre a intervenção do exército acerca do ativismo do Combatentes pela Paz na plantação de oliveiras em vilarejos palestinos e ao longo da Campanha da Água em 2021, quando o exército impediu que o grupo entregasse galões de água para residentes da área C da Cisjordânia, ferindo alguns ativistas e prendendo outros. Na ocasião, a imagem de Avner Wishnitzer sendo preso, com seus olhos vendados e as mãos vendadas, viralizou nas redes sociais⁹⁵.

⁹⁵ Disponível em <https://www.haaretz.com/israel-news/2021-10-15/ty-article-magazine/.highlight/cuffed-and-blindfolded-veteran-of-israels-top-commando-unit-now-fights-occupation/0000017f-f852-d044-adff-fbfb6ce90000> . Acesso em 02/02/2024.



Imagem 13 – Ayner Wishnitzer preso pelo exército de Israel por levar água a vilarejos palestinos. Fonte: Jornal Haaretz.⁹⁶

Os empecilhos colocados pela atuação não violenta conjunta não aparecem somente na forma de intervenções militares. Em Agosto de 2023, o ministério israelense proibiu que o Círculo dos Pais realizasse as reuniões de diálogo com um membro palestino e um membro israelense nas escolas do país. A notícia foi publicada por diversos meios midiáticos israelenses, incluindo o jornal The Times of Israel, que relatou⁹⁷ que a medida foi tomada com a justificativa de que o Círculo dos Pais estava em violação com as novas regras do Ministério da Educação, que proíbem os programas escolares de desonrarem as Forças de Defesa de Israel e seus

⁹⁶ Disponível em <https://www.haaretz.com/israel-news/2021-10-15/ty-article-magazine/.highlight/cuffed-and-blindfolded-veteran-of-israels-top-commando-unit-now-fights-occupation/0000017f-f852-d044-adff-fbfb6ce90000> . Acesso em 02/02/2024.

⁹⁷ Disponível em <https://www.timesofisrael.com/education-ministry-bars-israeli-palestinian-bereavement-group-from-schools/> . Acesso em 02/02/2024.

soldados. O Círculo dos Pais respondeu à medida em seus meios de comunicação e redes sociais, afirmando que "Em uma ditadura, o ministério da educação decide o que é proibido [para estudantes] saberem. A decisão de banir as atividades do PCFF nas escolas é outro ato no golpe - supressão da democracia e zero aceitação de outras vozes"⁹⁸. O sítio eletrônico dos Amigos Americanos do Círculo dos Pais publicou uma petição que pode ser assinada pelo público. O documento clama o Ministro da Educação israelense, Yoav Kisch, a "defender os valores democráticos em Israel permitindo que membros enlutados Israelenses e Palestinos do Círculo dos Pais a continuar seu trabalho vital em escolas secundárias israelenses, promovendo o poder da reconciliação"⁹⁹. A organização também publicou uma página dedicada ao seu posicionamento contra a medida divulgada pelo Ministério, intitulada "Por que Temer a Educação da Paz?"¹⁰⁰ afirmando que embora ela afete os membros da organização, os maiores prejudicados serão os jovens das escolas. Na página em questão, os Amigos Americanos do Círculo dos Pais explicam as medidas que estão sendo tomadas em contestação, sendo elas a ação legal, meios de comunicação e advocacia.

Aos desafios pessoais, sociais e institucionais, somam-se as barreiras estruturais que palestinos e israelenses lidam na sua atuação conjunta. Como analisado na primeira parte da tese, a ocupação militar desenvolve toda uma estrutura de violência, que tem como um de seus resultados uma profunda separação política, econômica e social entre israelenses e palestinos. Realizar as atividades conjuntas torna-se, desta forma, estruturalmente desafiador.

A nível estrutural existe, primeiramente, a barreira da língua. Sendo o árabe a língua dos palestinos e o hebraico a língua dos israelenses - e não ser tão comum que um aprenda a língua do outro - a comunicação entre os membros dos movimentos é um dos desafios iniciais. Conforme as organizações foram se desenvolvendo e crescendo ao longo dos anos, esta área foi ganhando novas possibilidades: pessoas que têm o conhecimento das duas línguas realizam a tradução, a maioria dos eventos acontece com tradução simultânea e a tecnologia tem auxiliado bastante neste quesito.

⁹⁸ Em <https://twitter.com/ThePCFF/status/1686770171027795969>. Acesso em 02/02/2024.

⁹⁹ Em <https://parentscirclefriends.org/petition/>. Acesso em 02/02/2024.

¹⁰⁰ Em <https://parentscirclefriends.org/standwithpcff/>. Acesso em 02/02/2024.

As barreiras estruturais, no entanto, além de linguísticas, são literalmente físicas. Israelenses e palestinos enfrentam uma série de desafios nas suas atividades conjuntas em decorrência de questões de mobilidade. O muro da separação, os *checkpoints*, toques de recolher, estado de sítio, dentre muitos outros, funcionam como obstáculos profundos para que israelenses e palestinos possam se reunir, realizar atividades presenciais e dificultam que consigam inclusive, manter relações sociais. De acordo com o depoimento de Suleiman Khatib, publicado na página oficial dos Combatentes pela Paz¹⁰¹, "Não tem sido fácil: nós ainda enfrentamos checkpoints, assentamentos em constante expansão e o muro de separação mantendo os dois lados separados. Mas juntos nos mantemos firmes à nossa resolução de construção de comunidade e luta não violenta".

Existe, ainda, mais um desafio, que gera a intensificação dos quatro grupos percorridos até aqui: o escalonamento da violência. A violência da ocupação militar e, conseqüentemente, do conflito entre Israel e Palestina é constante. Porém, ela vive momentos de escalonamento, que muitas vezes se desenvolvem em situações de guerra. Essas situações aprofundam ainda mais cada uma das dificuldades acima, como tem acontecido recentemente, enquanto esta pesquisa está sendo escrita, desde o dia 07 de Outubro de 2023.

¹⁰¹ Em <https://afcfp.org/speakers/sulaiman-khatib/>. Acesso em 05/02/2024.

8

Desde o dia 07 de Outubro de 2023

07 de Outubro de 2023 foi um sábado. No período em questão, eu estive redigindo este trabalho e, neste dia, acordei para a notícia de que centenas de membros do Hamas tinham conseguido ultrapassar a fronteira de segurança entre Gaza e Israel, atacado festivais de música e invadido *kibutzim* na região. Mais de mil pessoas (a maioria israelenses, mas muitos de outras nacionalidades) foram assassinadas neste dia e centenas sequestradas e levadas para a Faixa de Gaza. O horror do acontecimento se difundiu rapidamente com imagens de mortes e capturas que foram subidas na internet, no geral pelos próprios militantes do Hamas (Samuel, 2023, p.4).

Nos dias que se seguiram, o exército de Israel começou a bombardear a Faixa de Gaza e a entrar por terra. Os ataques a palestinos na Cisjordânia aumentaram, tanto por parte de soldados como por colonos israelenses que vivem na região. No primeiro capítulo falei sobre a violência estrutural, que está sempre lá. Ela é permeada por momentos de escalonamento da violência direta, que fazem parecer que o conflito estava aquietado, ou que teve um lado que provocou a volta das hostilidades violentas. Sabemos que o dia 07 não foi isso. Em meio a tantas fontes de informação que relataram que o Hamas "quebrou o *status quo*"¹⁰², é importante lembrar que esse status quo não estava bom para os palestinos. Como analisado no primeiro capítulo, havia um escalonamento de violência anterior, que parecia acontecer somente com um dos lados do conflito. No dia 07, o escalonamento passou a envolver os dois lados. Israel viveu o dia mais violento para sua população na História do conflito. Fontes afirmam que a última vez que número de judeus assassinados em um dia tinha sido acima de mil pessoas foi no Holocausto¹⁰³. As pessoas sequestradas vivas e mantidas como reféns na Faixa de Gaza, ainda, geraram toda uma comoção e uma mobilização em massa da sociedade israelense como um todo, que passou a demandar coletivamente o retorno dos

¹⁰² Em <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67652494> . Acesso em 02/02/2024.

¹⁰³ Em <https://www.economist.com/briefing/2023/10/12/hamass-attack-was-the-bloodiest-in-israels-history>. Acesso em 05/02/2024.

reféns. Com a invasão de Gaza, o número de soldados mortos no escalonamento que se seguiu também começou a subir.

As consequências para os palestinos têm sido difíceis de serem expressadas em palavras. No dia 08 de Janeiro de 2024, o Ministério da Saúde Palestino em Ramallah publicou a informação de que 22.835 foram mortos na guerra desde então. Mais de 9 mil eram crianças. Cidades inteiras foram destruídas pelos bombardeios, mais de 50 mil pessoas foram feridas de alguma forma¹⁰⁴. Gaza tem enfrentado problemas com acesso à comida e à água, milhares de pessoas estão desabrigadas em pleno inverno na região. Diversos hospitais em funcionamento foram bombardeados.

Com esta muito breve descrição do contexto atual, é importante indicar que o intuito deste capítulo não é analisar os eventos do dia 07/10/23, nem tampouco a guerra que se seguiu desde então - e que segue acontecendo enquanto estou escrevendo estas palavras. Talvez para nós pesquisadores leve um tempo para sermos capazes de realizar essa análise. Talvez não tenha nada de tão novo dentro da lógica do ciclo de violência a ser analisado. Mas nas semanas que se seguiram, o Círculo dos Pais e os Combatentes pela Paz iniciaram um movimento de manifestação em relação ao que tinha ocorrido no dia 07 e nas semanas subsequentes. Tenho acompanhado as atividades, participado das que estão acontecendo online como ouvinte para poder analisá-las e, embora tenha tido dúvidas sobre escrever nesta tese sobre análises realizadas durante a escrita do capítulo final, decidi fazê-lo por entender a importância delas na resposta da pergunta central: qual tem sido o papel da não violência conjunta levada a cabo pelo sujeito pacificador no contexto de aumento da violência? Possivelmente, este capítulo por si só eventualmente merecerá um trabalho inteiro.

A intenção deste capítulo é analisar e refletir sobre as atividades do Círculo dos Pais e dos Combatentes pela Paz desde o dia 07/10, simultaneamente a seus acontecimentos. Desta forma, este é um capítulo diferente e, como tal, pode apresentar um tom diferente, talvez até mais informal que os anteriores e sem muitas conclusões, coincidindo com a forma que se fala de algo que ainda está curso.

¹⁰⁴ Em <https://edition.cnn.com/2024/01/08/middleeast/gaza-death-toll-population-intl/index.html> . Acesso em 05/02/2024.

No dia que se seguiu aos ataques do Hamas, 08/10, ironicamente, eu tinha uma conversa marcada com a Robi Damelin, porta-voz israelense do Círculo dos Pais, que tinha me encaminhado alguns materiais durante a semana anterior e queria conversar sobre alguns pontos a respeito deles. A primeira coisa que fiz no dia 08 foi checar minha caixa de e-mails e confirmar o que eu esperava que acontecesse: Robi, extremamente abalada, precisou desmarcar a reunião. No e-mail ela me contou que perdeu uma amiga e tinha outra desaparecida e que não era simplesmente tempo para aquela conversa. "Vamos tentar de novo em um tempo", ela escreveu no final da mensagem.

Estes primeiros dias me fizeram refletir sobre a tese. A pergunta central que me levou à pesquisa quase que dobrou em nível de profundidade - qual o papel da não violência nesse contexto de muita intensificação da violência? Uma intensificação, talvez, sem precedentes na história da ocupação e do conflito. A não violência teria um papel?

Até que, poucos dias depois, o Círculo dos Pais e os Combatentes pela Paz anunciaram que tinham tido reuniões de seus membros palestinos e israelenses em suas redes sociais e publicaram mensagens de repúdio a qualquer tipo de violência. No dia 10 de Outubro, o perfil do Instagram dos Amigos Americanos dos Combatentes pela Paz publicou a seguinte declaração¹⁰⁵:

Nós declaramos nosso desejo de viver juntos em paz, livre de guerras, ocupação e ódio. Nós nascemos para viver, não para morrer" - Jamil Qassas, co-presidente dos Combatentes pela Paz.

Os eventos dos últimos dias abalaram a nós todos profundamente. Nossos corações estão com todas as vítimas e suas famílias, e nós esperamos pelo retorno seguro daqueles mantidos reféns e pela segurança dos civis presos em Gaza. Combatentes pela Paz condena fortemente e inequivocamente todos os atos de violência. Não pode haver nenhuma justificativa pelo ataque a crianças ou pela punição coletiva de inocentes. Juntos, nós devemos reter nossa humanidade e valorizar toda vida humana como igual, sagrada e valorizada.

A situação ainda não é clara e está em evolução, mas as questões difíceis já começam a ser colocadas, e com razão. O que é dolorosamente claro é que este governo colonizador de extrema direita está mostrando a sua incapacidade de manter alguém seguro. Um governo que, desde a sua formação, apenas se concentrou em si mesmo e na sua agenda para ocupar e anexar a Cisjordânia, acalmar aqueles que se colocam no seu caminho e consolidar a separação entre Israelenses e Palestinos. Nós, como comunidade, não podemos nos separar do extremismo e do incitamento que este governo tem promovido desde a sua

¹⁰⁵ Disponível em <https://www.instagram.com/p/CyOVVR7L5hs/> . Acesso em 05/02/2024.

formação, e o resultado é a maior falha de segurança que o Estado de Israel já conheceu. Pelo bem de todas as vidas israelenses e palestinas – ele deve acabar. Para o nosso movimento, este é um momento crucial em que todos devemos cavar fundo para encontrar a nossa determinação de avançarmos juntos. A única solução é acabar com a ocupação, unir israelenses e palestinos e concentrar os nossos esforços coletivos em alcançar a paz. Apelamos à não-violência, a um sentido renovado de humanidade e a dias melhores para todos os nossos filhos.

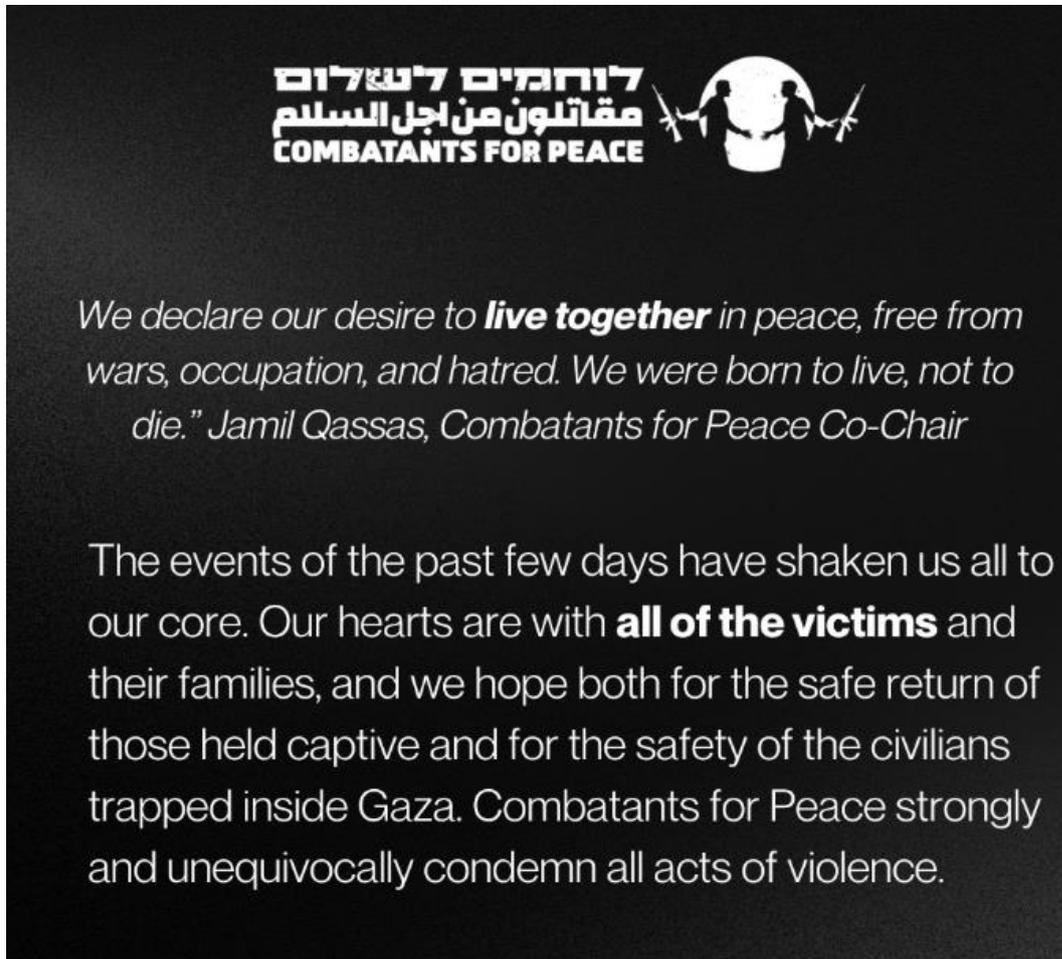


Imagem 14 – Postagem no Instagram dos Amigos Americanos do Combatentes pela Paz.¹⁰⁶

No mesmo dia, o perfil do instagram dos Amigos Americanos do Círculo dos Pais publicou uma foto de uma reunião de zoom com a seguinte legenda¹⁰⁷:

Na sequência dos ataques devastadores contra Israel, que deixaram centenas de mortos e milhares de feridos, pode parecer inimaginável que, no meio de tal tragédia, a equipe do Círculo de Pais tenha organizado uma reunião conjunta entre palestinos e israelenses... Num momento de profundo pesar, “inimigos” uniram-se para oferecer conforto e apoio uns aos outros. Testemunhar os esforços genuínos para realmente ouvir, compreender e enviar amor e apoio através de divisões

¹⁰⁶ Em https://www.instagram.com/p/CyOVVR7L5hs/?img_index=1 . Acesso em 06/02/2024.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CyPHekpuorT/> . Acesso em 05/02/2024.

profundas foi encorajador. Admito que também houve momentos de tensão e dificuldade. Desde aquela reunião inicial, mais aconteceram. Hoje, os nossos Jovens Embaixadores da Paz, com idades entre os 17 e os 24 anos, participarão na sua própria reunião conjunta. Além disso, os nossos membros enlutados organizarão reuniões uninacionais separadas, mas igualmente importantes. Nestes tempos mais sombrios, encontramos consolo nas nossas ligações com o outro lado. Essas interações servem como um poderoso lembrete de que existe um caminho alternativo. Perante esta imensa tragédia, somos inabaláveis no nosso compromisso com a paz.

Quatro dias depois, na mesma rede social, os Combatentes pela Paz publicaram mais um relato¹⁰⁸, sobre a reunião binacional de apoio que tiveram pelo zoom entre seus ativistas. A postagem diz o seguinte:

Na segunda feira, enquanto os ativistas **Palestinos e Israelenses** do CFP estavam enlutados, buscavam por segurança e processavam o impensável, nós tivemos nosso primeiro grupo de apoio binacional (pelo Zoom) desde os ataques brutais do Hamas a Israelenses inocentes e os ataques brutais de Israel aos moradores de Gazans inocentes. Jamil, Coordenador Geral Palestino do CFP, deu início a conversa. Ele olhou para seus amigos Israelenses e compartilhou que era difícil encontrar as palavras para expressar sua tristeza, choque e luto sobre o que havia acontecido.

"Eu não consigo acreditar nisso. Eu estou vendo essas imagens e eu não quero acreditar que elas são reais. Eu não posso segurar minhas lágrimas, vocês são meus amigos, **minha família**". Outros ativistas palestinos ecoaram palavras de cuidado aos membros israelenses. "**Eu estou com você**". "**Eu vou ficar com você**". "**Eu queria que eu pudesse te ver e te abraçar**".

O ativista israelense, Itamar, falou aos membros Palestinos em meio a lágrimas "Eu sei que as coisas vão ficar muito pior. Depois que a gente testemunhar o que Israel vai fazer com Gaza, eu não sei se nós seremos capazes de olhar nos olhos de vocês".

Um membro palestino respondeu "O que nos diferencia é que nós podemos ver uns aos outros. Nós podemos **ver a dor um do outro. É assim que devemos permanecer**".

No começo da conversa, foi difícil não falar de "lados" acerca da dor, necessidades, e remorso pela violência vindo de cada sociedade.

Depois de algum tempo, Yonatan, Diretor Executivo Israelense do CFP, refletiu "Nós estamos falando como se a gente pertencesse a partes extremas das nossas comunidades. Mas **nós pertencemos uns aos outros. Nós escolhemos um ao outro**. Nós não somos nossas sociedades; **nós somos humanos**".

O movimento CFP acredita que **toda vida humana é preciosa e sagrada**. Nós sabemos que violência só gera violência, e **crimes de guerra não justificam crimes de guerra**. Neste momento, nós carregamos uma imensa tristeza por cada vida humana perdida e clamamos pela proteção de todos os civis [...]¹⁰⁹

¹⁰⁸ Disponível em https://www.instagram.com/p/CyYjuGLrtNd/?img_index=1 . Acesso em 05/02/2024.

¹⁰⁹ Grifado de acordo com a postagem da organização.

Nessas primeiras publicações, de acordo com seus relatos, membros do Círculo dos Pais e dos Combatentes pela Paz reafirmaram publicamente seu compromisso com a não violência e a continuação do trabalho conjunto e da colaboração, ainda frente a um cenário tão complexo.

No dia seguinte, 15 de Outubro, o Círculo dos Pais realizou o primeiro evento público da organização em relação aos acontecimentos recentes, uma vigília online com famílias israelenses e palestinas enlutadas em memória de todas as vidas perdidas no escalonamento recente da violência¹¹⁰. A vigília aconteceu através da plataforma Zoom, reunindo centenas de pessoas de diversos países e membros do CPPF. Envolvendo uma breve fala sobre os atuais acontecimentos e suas consequentes dificuldades, acendimento de vela, momento de silêncio e uma fala dos porta-vozes Robi Damelin e Bassam Aramin. Robi expressou sua dificuldade em falar nesse momento e Bassam, que falou desde Jericó, afirmou que a região estava em estado de sítio, mas pelo menos não havia bombas. Ambos se expressaram sobre como a violência direcionada a civis não tem justificativa e que a retaliação que se sabe que vai acontecer, de ambos os lados, só resultará em um aumento de pessoas assassinadas e famílias enlutadas. A vigília foi um espaço de compartilhamento da tristeza e do luto e de se escutar palavras de paz e de não violência.

Cinco dias depois aconteceu a primeira ação pública do Combatentes pela Paz, também aberta ao público e transmitida pela plataforma Zoom. Intitulado "Segurando-se à humanidade e à esperança"¹¹¹, a ideia foi de proporcionar um espaço de conversação com palestinos e israelenses. Por parte da organização participaram os ativistas Jamil Qassas, Chen Alon, Mai Shahin, Ayala Shalev e a conversa teve dois moderadores, um palestino e um israelense, Aziz Abu Sarah e Gili Getz. Os moderadores realizaram perguntas aos membros da organização e, posteriormente, foram respondidas perguntas e colocações feitas pelo público externo através da ferramenta de mensagens da plataforma. Quando questionada sobre quais as ações os Combatentes pela Paz estavam realizando naqueles dias, Ayala Shalev, israelense, relatou que eles estavam enfocando neles mesmos

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w-k5TUvKOF4&t=332s> . Acesso em 02/02/2024.

¹¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ldEIyJw9hhU&t=3902s> . Acesso em 02/02/2024.

enquanto grupo, em seu relacionamento. Compartilhando que a sensação era a de que o mundo mudou para eles no 7 de Outubro e ainda estavam sendo abalados pelos acontecimentos, sem conseguir enxergar ou sequer entender claramente o contexto mais geral. De acordo com ela, eles estavam vivendo em um pesadelo e, naquele momento, não havia muito que poderia ser feito. O que eles podem fazer é encontrar uns aos outros e se agarrar uns aos outros. Contando sobre a primeira reunião binacional que o grupo central de ativistas do Combatentes pela Paz teve, apenas alguns dias após os ataques do Hamas, Shalev afirmou que foi bonito e difícil. Segundo ela, o encontro era uma resposta para a pergunta que não tinha sido feita efetivamente em palavras, mas que estava no ar: "ainda estamos juntos"¹¹²? E a resposta foi "definitivamente, sim".

Ainda neste encontro, quando Mai Shahin recebeu a pergunta de uma pessoa do público sobre o que nós, enquanto indivíduos da comunidade internacional podemos fazer para apoiar, ela disse¹¹³ que a principal ação necessária é não engajar com a violência, seja no discurso, em postagens ou de alguma forma direta. Do contrário, que as pessoas podem apoiar muito se envolvendo com a não violência, divulgando suas mensagens, participando de suas atividades e promovendo suas ideias.

Este primeiro evento aberto dos Combatentes pela Paz buscou trazer para o público mais amplo um espaço onde escutar e trocar tanto com palestinos como com israelenses. Comunicou que o grupo permanece junto, inclusive em um contexto tão complexo e buscou reforçar sobre a importância do enfoque no relacionamento entre os lados, as dificuldades enfrentadas neste processo e o papel fundamental da não violência.

Desde Outubro até aqui os eventos abertos ao público internacional tanto por parte do CFP quanto do PCFF seguiram, promovendo espaços de diálogo diferentes em cada um. Todos, até então, têm seguido o modelo de atividades geralmente desenvolvidas pelas organizações: com representantes israelenses e palestinos presentes para realizar as falas e moderadas por uma pessoa israelense e uma pessoa palestina. Como estes espaços têm sido direcionados ao público

¹¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ldElyjw9hhU&t=2210s> (31 minutos 53 segundos).

¹¹³ Em <https://www.youtube.com/watch?v=ldElyjw9hhU&t=2210s> (1 minutos e 1 segundo). Acesso em 05/02/2024.

internacional, a maioria das falas tem acontecido em inglês. Algumas falas são realizadas em árabe e outras em hebraico, com a possibilidade de tradução simultânea nas plataformas utilizadas.

O evento seguinte desenvolvido pelos Combatentes pela Paz foi denominado "Solidariedade: Um Caminho Para a Libertação"¹¹⁴, que aconteceu no dia 29 de Outubro. Na conversa estiveram presentes os ativistas palestinos Rana Salman e Suleiman Khatib e os ativistas israelenses Eszter Koranyi e Avner Wishnitzer. Ao longo da troca, eles relataram sobre a complexidade de lidar com o ativismo não violento e com as emoções paradoxais, suas ligações com pessoas diretamente violentadas neste escalonamento atual e de que forma estarem conectados uns aos outros tem sido importante. Em uma de suas falas, Wishnitzer disse¹¹⁵ acreditar que em ambas as sociedades as pessoas tendem a se fechar para a dor do outro. De acordo com ele, a televisão árabe mostra muito pouco sobre o que aconteceu no 7 de Outubro e a televisão israelense mostra muito pouco do que está acontecendo em Gaza, fazendo com que seja difícil para as pessoas conseguirem se conectar com a dor do outro lado. Ele diz que para eles, do CFP, este fechamento para a emoção do outro não é possível após vinte anos de trabalho conjunto e afirma não conseguir não sentir a dor tanto pelos israelenses quanto pelos palestinos e a imensidão de tudo isso é muito difícil, mas que, também, é exatamente essa sensibilidade à vida humana o que funciona como o motor e o gerador do que eles realizam. Wishnitzer seguiu, explicando que essa sensibilidade e trabalho conjunto, através dos anos, expandiu a sensação de self deles, esclarecendo que se identifica fortemente como israelense, é enraizado em sua sociedade e se preocupa com o seu futuro. Mas que ele também se identifica profundamente com essa comunidade conjunta, que se tornou parte de seu self. Desta forma, bombardear os palestinos, para ele, significa bombardear o Suli e a Rana. O que significa bombardear a ele mesmo.

Na mesma ocasião, Eszter Koranyi que é uma ativista mais recente da organização, relatou sobre o engajamento dos membros mais jovens e dos *alumni* dos programas educativos¹¹⁶. Como eles têm recorrido aos Combatentes pela Paz para fazer perguntas e oferecer ajuda. Segundo ela, a situação atual aumentou muito

¹¹⁴ Em <https://www.youtube.com/watch?v=Ndq3csw6ZJo&t=495s>. Acesso em 05/02/2024.

¹¹⁵ Idem, (22 minutos e 51 segundos).

¹¹⁶ Idem, (42 minutos e 46 segundos).

o envolvimento deste grupo. As falas foram moderadas por Stephen Apkon, produtor e diretor do documentário sobre os Combatentes pela Paz, *Disturbing the Peace*, e por A'ida Shibli, ativista beduína palestina, parte da equipe da comunidade Tamera em Portugal.

No início de Dezembro, os Combatentes pela Paz realizaram outra conversa pública, com o perfil um pouco diferente, trazendo ativistas do movimento, mas também pessoas de fora comprometidas com a busca pela reconciliação e pela paz. Com o título "Coragem no Desconhecido: Explorando Novas Possibilidades"¹¹⁷, o diálogo envolveu a participação de Magen Inon, que teve os pais assassinados nos ataques de 7 de Outubro, e de Ahmed Helou que, até então, tinha perdido mais de 25 parentes como resultado dos ataques recentes de Israel na Faixa de Gaza. Inon relatou que já era uma pessoa pró-paz, mas não se considerava um ativista pela paz, como se identifica agora. Ele contou sobre os fatos, sobre o dia 7 de Outubro e sobre a complexidade das semanas que se seguiram. E compartilhou que entende fortemente que a reconciliação entre os lados é a única forma que pode tirar palestinos e israelenses dessa situação. Helou, por sua vez, dividiu sobre a dicotomia entre o apoio à luta da resistência palestina e a militância pessoal no caminho da não violência. Contou que no início foi extremamente complexo pensar em estar em contato com seus colegas israelenses, mas que no caminho entendeu a necessidade de fazê-lo e como esse mesmo contato tem sido importante. Ele falou, ainda, sobre as críticas que recebe de muitos familiares e colegas palestinos pela sua relação com pessoas de Israel.

Se desenrolando em um diálogo extremamente profundo e complexo, trazendo pessoas enlutadas em decorrência da violência atual, este evento buscou trazer para o público a troca a respeito de possibilidades de colaboração, ainda que em uma realidade tão difícil e reflexões sobre como a violência pode piorar e voltar a acontecer ciclicamente caso não se invistam nestes novos caminhos.

Entre estes eventos, e desde então, os Combatentes pela Paz também realizaram uma série de declarações públicas sobre a atual guerra e demandando o cessar-fogo imediato. No dia 12 de Dezembro, conjuntamente com outras organizações israelenses de direitos humanos, como a B'tselem, o *Breaking the*

¹¹⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4 WtxPzp6m0&t=900s>. Acesso em 05/02/2024.

Silence, e o Social Workers for Peace, o CFP publicou uma carta aberta ao presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, com o título "A Crise Humanitária na Faixa de Gaza". Apontando a necessidade de libertação dos reféns israelenses mantidos em cativeiro pelo Hamas, a carta, publicada pelo New York Times e outros veículos de comunicação, atesta que¹¹⁸:

Você tem o poder de influenciar nosso governo para mudar sua política e permitir que ajuda humanitária entre em Gaza, de acordo com as obrigações legais de Israel e as necessidades da população. As agências da ONU e organizações humanitárias em campo em Gaza devem ser aqueles que tomam a decisão em relação à distribuição dentro de Gaza e às quantidades necessárias - não Israel. Não há dúvida em relação à urgência de abrir a Fronteira Kerem Shalom para a passagem de bens e ajuda humanitária contínua, ilimitada.

Adicionalmente aos esforços de manter sua comunidade unida, proporcionar espaços de vivência e troca conjunta para o público internacional e declarações públicas a respeito da necessidade de cessar-fogo e pelos direitos humanos dos palestinos em zona de guerra, os Combatentes pela Paz também têm se engajado em esforços para arrecadação de fundos a serem direcionados à ajuda humanitária para a população de Gaza. Os ativistas do movimento também estiveram falando em meios de comunicação, nacionais e internacionais, e escrevendo artigos. Dois exemplos são o vídeo publicado pela CNN com o título "Como os ativistas da Paz israelense e palestino estão enfrentando esse momento"¹¹⁹, contando a história de Chen Alon e Suleiman Khatib e contendo uma entrevista com os dois e o artigo "Qual é o Caminho para a Paz em Gaza"¹²⁰ publicado pelo New York Times, que perguntou a pensadores da área sobre a reflexão e, dentre eles, trouxe a visão conjunta de Khatib e de Avner Wishnitzer. No vídeo, Chen relata que no dia 7 de Outubro chegou a pensar em desistir, que aquilo foi demais. Mas depois que recebeu a ligação de seus colegas palestinos

¹¹⁸ Em

https://www.btselem.org/press_releases/20231213_israeli_organizations_to_president_biden_stop_the_humanitarian_catastrophe (traduzido pela autora). Acesso em 05/02/2024.

¹¹⁹ Em https://edition.cnn.com/videos/world/2023/11/06/former-fighters-israeli-palestinian-peace-contd-orig-vf.cnn?mibextid=Zxz2cZ&fbclid=IwAR0x9XaMsv7n_aA2A74Tm0pfP8ZVX9J72cMCWYO-eGrNGWWpsrd0VzskmN0. Acesso em 05/02/2024.

¹²⁰ Em https://www.nytimes.com/interactive/2023/12/12/opinion/gaza-israel-palestinians-plans.html?campaign_id=39&emc=edit_ty_20231213&instance_id=110029&nl=opinion-today®i_id=62402901&segment_id=152474&te=1&user_id=c02671ff3eb758f732999b4c38a90aa5. Acesso em 05/02/2024.

levantando o pensamento sobre próximos passos, voltou a se centrar na necessidade de ação não violenta. No mesmo vídeo, Suli fala que sofre por seus amigos israelenses que perderam alguém, da mesma forma que por todos os palestinos, como o colega Ahmed Helou, que tem pessoas próximas assassinadas e sob perigo. No artigo do New York Times, Khatib e Wishnitzer opinam que o caminho para a paz em Gaza é a humanização do outro, e que para isso deve-se construir uma cultura de paz baseada em estruturas profissionais conjuntas de construção da paz e reconciliação.

O Círculo dos Pais seguiu igualmente com suas ações voltadas para o público nacional, internacional e manifestações sobre o conflito nas redes sociais. No dia 08 de Novembro, promoveram o encontro chamado de "Segurando-se à Humanidade - Famílias Enlutadas Israelenses e Palestinas Clamam pela Paz"¹²¹, com as ativistas Layla Alsheikh e Ayelet Harel. Ambas contaram suas histórias de enlutamento, Layla perdeu um filho de seis meses de idade e Ayelet seu irmão mais velho, quando ela tinha 16 anos. Depois de compartilharem as histórias, falaram sobre as complexidades do contexto atual, como a dor do choque e das perdas dos israelenses e da maior periculosidade para os palestinos que vivem na Cisjordânia, como Layla, com o aumento da violência por parte do exército e de colonos. Ambas falaram que enfrentam julgamento negativo de outras pessoas, inclusive de familiares, por seguirem em ativismo conjunto e afirmam que parar por conta do contexto não é uma opção. Alsheikh afirmou que¹²²

Algumas pessoas me perguntam por que você ainda está fazendo isso? Eu falo porque você não pode escolher, tipo, quando você tem uma época tranquila você diz 'sim, eu sou um peacemaker' e quando tem uma guerra você diz 'não, eu não quero estar aqui'. Não porque isso significou que você não acredita no que você está fazendo". Então porque a gente acredita no que está fazendo a gente continua trabalhando durante a guerra, depois da guerra, antes da guerra, porque nós acreditamos que nosso trabalho é tão importante.

Tanto Alsheikh quanto Harel afirmaram, ao longo da conversa, que ser ativista em uma organização conjunta pela paz é sempre complicado, contando que foram questionadas, inclusive, por suas filhas. Ao final do diálogo, elas lembraram uma das ideias corriqueiras nos materiais disponibilizados pelo PCFF: se eles que

¹²¹ Em https://www.youtube.com/watch?v=5PNZfi9_10Y&t=3182s . Acesso em 02/02/2024.

¹²² Tradução da autora. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5PNZfi9_10Y&t=3182s (40 minutos e 39 segundos). Acesso em 06/02/2024.

perderam o que tem de mais precioso para perder no conflito conseguem trabalhar em prol da reconciliação, todos podem conseguir.

Algumas semanas depois, no dia 30 de Novembro, ocorreu outro evento online direcionado para o público internacional, com o nome "Vozes do Apeirogon, com Colum McCann e Pais Enlutados"¹²³. A conversa trouxe os ativistas Bassam Aramin e Rami Elhanan junto ao autor irlandês, que escreveu o romance Apeirogon em 2020, baseado na história real dos dois ativistas, ambos pais que perderam suas filhas. De acordo com a mediadora do encontro, Shiri Ourian, Diretora Executiva dos Amigos Americanos do Círculo dos Pais, eles não esperavam a quantidade de inscrições para o evento tão grande quanto receberam. Na conversa em tempo real participaram mais de 600 pessoas. Os presentes afirmaram que isso é uma vitória e chamaram a atenção de quem estava presente que tem sido fundamental que as pessoas não tomem lados no escalonamento, que sejam a favor da resolução e da paz. Aramin e Elhanan também mencionaram que se eles conseguem, após sua perda, investir na reconciliação, todos podem conseguir. Ao longo do encontro, temas complexos foram tratados abertamente, como a responsabilidade do Hamas no atual escalonamento. Os dois ativistas contaram sobre suas experiências conjuntas nos encontros de diálogo nas escolas, afirmando que quem os escuta expondo sua dor, conjuntamente, sem competir por qual dor é pior, não continua da mesma forma. Eles falaram sobre o poder da contação da história na humanização do outro. Quando abriram para perguntas, a primeira foi sobre as narrativas dos dois lados acerca dos atuais eventos. Ao que Aramin e Elhanan concordaram que os israelenses não tem e não terão acesso a tudo que está acontecendo em Gaza e que os palestinos ou não tiveram acesso a tudo sobre o dia 7 de Outubro e que conjuntamente com as informações que sim receberam, junto vieram diversas justificativas para os ataques que foram realizados. De acordo com eles, isso é resultado da disputa pela vitimização, que leva às constantes afirmações de direito à autodefesa através da violação do outro. Ao que eles agregaram o apelo de que as pessoas não tomem lados na guerra, que se posicionem a favor da paz.

O último evento público que foi promovido online pelo Círculo dos Pais ocorreu no dia 19 de Dezembro de 2023 e foi chamado de "Confrontando o Luto:

¹²³ Em <https://www.youtube.com/watch?v=J0ASOZ3XZA0&t=3215s> . Acesso em 05/02/2024.

encontro com um novo enlutado"¹²⁴. Esta conversa, que também foi facilitada por Shiri Ourian, reuniu o ativista Mohamed Abu Jafar, que faz parte do movimento desde 2016, quando perdeu seu irmão, e de Maoz Inon, irmão de Magen Inon que participou de uma das conversas dos Combatentes pela Paz e perdeu os pais no dia 07 de Outubro durante os ataques do Hamas. O encontro começou com Maoz contando o que ocorreu no dia 07. No início de seu relato, ele fala que estava em Tel Aviv para celebrar a festividade de Sucot e por isso não estava no sul. Disse que seus pais mandaram mensagem, falando que por conta das sirenes, estavam no abrigo anti bombas. De acordo com Maoz, eles não se preocuparam a princípio, ele contou que isso acontece de vez em quando, é corriqueiro na vida dos israelenses. Eventualmente, os ataques começaram a passar na televisão e os pais não respondiam mais. No dia seguinte, o abrigo no qual eles estavam foi encontrado implodido e dois corpos estavam no local. À fala de Inon seguiu-se o relato de Mohamed, que já faz parte do Círculo dos Pais há alguns anos, mas acabou de perder três amigos e vizinhos no escalonamento recente, vítimas de bombardeio aéreo que, segundo ele, não eram regulares na sua cidade de Jenin até então. A conversa seguiu sobre como a vida deles tem sido desde então. Abu Jafar contou que não tem sentido nada, que suas emoções parecem anestesiadas, e que as reuniões com outros ativistas da paz é o que tem dado pra ele a sensação de continuar. Ele relatou também sobre o agravamento da situação em Jenin desde 7 de Outubro de 2023. Durante o diálogo, Inon criticou o governo de Israel, responsabilizando-o pela falta de segurança a seus cidadãos e disse que seu objetivo agora é produzir esperança. Ele falou, também, sobre a importância da construção de parceria e da necessidade de se trabalhar em estratégias conjuntas. De acordo com Ourian, a pergunta que mais surgiu nas mensagens foi em relação a como eles se explicam em suas sociedades sobre estar atuando conjuntamente com pessoas do outro lado em meio à guerra. Ao que Inon respondeu que uma das formas de lidar com o trauma é trazendo significado, e que o melhor significado que ele podia pensar, o mais humano, é a paz. À mesma pergunta, Mohamed respondeu dizendo que sabe que a paz vai trazer também a libertação dos palestinos, porque não tem como haver paz sem haver libertação.

¹²⁴ Em <https://www.youtube.com/watch?v=PXMqsT8JkxQ> . Acesso em 05/02/2024.

Além destes encontros de diálogo, o Círculo dos Pais também tem levado a cabo outros tipos de ação. Uma delas é um documento denominado Juramento de Paz, disponível no sítio eletrônico para a assinatura do público¹²⁵. O documento afirma que famílias enlutadas, israelenses e palestinas, que pagaram o preço mais alto, se comprometem a continuar a trabalhar pela paz e convida o leitor a apoiar a organização. Antes de assinar, a pessoa tem que concordar com as seguintes cláusulas:

Eu juro defender a santidade da vida acima de tudo.
Eu juro comprometer com uma vida de não violência.
Eu juro me refrear do "nós versus eles" discurso de ódio.
Eu juro tentar reconhecer e entender a dor do outro lado.
Eu juro escutar com empatia, mesmo que eu não concorde.
Eu juro ser um buscador da paz neste momento, quando eu sou mais necessitado.

Ativistas da organização têm estado presentes em meios de comunicação diversos, nacionais e internacionais. O próprio Mohamed Abu Jafar, que participou do último evento descrito, deu uma entrevista conjunta para um artigo que veio a ser publicado no New York Times¹²⁶ junto com sua colega israelense Tamar Shamir. O artigo fala sobre a complexidade e a dificuldade que eles enfrentaram, e seguem enfrentando, com o grupo de Jovens Embaixadores pela Paz de cada lado. Que os eventos do dia 07 de Outubro reacenderam sentimentos de desavenças, dos dois lados. E que nestes últimos meses eles tem trabalhado para dar suporte aos jovens e auxiliá-los a seguir no caminho da reconciliação. Fazem isso, principalmente, através de muitas reuniões uni-nacionais, dialogando sobre o fato de que o outro lado não recebe as mesmas informações e buscando contextualizar os acontecimentos. O que, de acordo com os dois ativistas, têm sido emocionalmente muito complexo para eles também.

Diversos membros do Círculo dos Pais, assim como do Combatentes pela Paz, também estão dando entrevistas para noticiários e diversos outros canais de comunicação. Internamente, as duas organizações seguem promovendo e fortalecendo reuniões entre seus ativistas, uni-nacionais e binacionais, de forma a manter o foco no relacionamento entre as partes.

¹²⁵ Em <https://parentscirclefriends.org/pledge/> . Acesso em 02/02/2024.

¹²⁶ Em <https://www.nytimes.com/2023/12/14/magazine/israelis-palestinians-peace-forum.html> Acesso em 02/02/2024.

Ainda é muito cedo para realizar uma análise do papel da não violência conjunta especificamente no contexto deste escalonamento de violência sem precedentes entre Israel e Palestina. No entanto, analisando as atividades promovidas pelas organizações, suas declarações públicas, artigos, ações, entrevistas e diversas formas de manifestações sobre o contexto, é possível identificar as quatro disciplinas apontadas por Lederach como sendo fundamentais no desenvolvimento da imaginação moral: elas seguem tendo como seu centro o foco no relacionamento entre as pessoas dos dois lados; mantém a curiosidade paradoxal, tendo o paradoxo da ação conjunta em um período tão violento fazendo parte das discussões e debates, envolvendo tópicos complexos de serem dialogados presentes em suas trocas e atividades; utilizam-se da criatividade para pensar nos espaços possíveis de resistência conjunta e de maneiras de envolver mais pessoas com a não violência; e, por fim, aceitam e abraçam o risco do processo, uma vez que ainda não se sabe como o atual cenário de guerra vai se desenvolver, quanto tempo vai durar, quais serão as todas as perdas e, em consequência de tudo, como será o cenário para a possibilidade de ação não violenta conjunta entre palestinos e israelenses.

Conclusão

A questão inicial que impulsionou esta tese foi buscar entender qual tem sido o papel da resistência não violenta conjunta entre palestinos e israelenses, em pleno contexto de aumento e aprofundamento da violência na região. Violência, esta, que escalonou de forma talvez sem precedentes na história do conflito em questão durante a escrita deste trabalho. O que, em meu entender, torna a pesquisa, o enfoque e a compreensão da não violência ainda mais relevantes e necessários para o campo das Relações Internacionais. A análise dos dois movimentos aqui estudados - o Círculo dos Pais e os Combatentes pela Paz - gerou uma série de reflexões sobre o assunto. Entendendo que o trabalho proposto na introdução deve seguir, acredito que cada uma delas presente nesta pesquisa pode e deve ter sua análise aprofundada.

A pesquisa gerou a compreensão de que os movimentos de resistência não violenta conjunta atuam, primeiramente, na produção de um novo sujeito - o sujeito pacificador. A pessoa que passa pelo processo de resistência ativa, questiona sua compreensão da realidade e sua atuação em relação à mesma, buscando estabelecer novas pontes de relacionamento com aquele que, até o momento, era entendido como o outro, o inimigo. Modificando, assim, sua ação no contexto do conflito, e buscando outras formas de atuar, este sujeito desenvolve novos formatos de solidariedade e de resistência. Na medida em que se atém à sua história e à sua identidade, o sujeito pacificador age na humanização do outro, no foco de suas relações e na perspectiva de novas possibilidades de futuro, agindo conjuntamente através da parceria.

Através da análise de projetos e atividades desenvolvidos pelos movimentos estudados, compreendeu-se que o papel da não violência conjunta, exatamente produzida pelo sujeito pacificador, tem como foco o relacionamento entre os lados do conflito e a produção da imaginação moral - aquela imaginação que permite aos sujeitos ainda inseridos no ciclo de violência a desenvolverem um novo tipo de relacionamento e poderem, desta forma, visualizar um futuro diferente da realidade em que vivem e que, neste caso, é a única que conhecem. O desenvolvimento desta

relação e desta visão de futuro, exigem, por sua vez, bastante criatividade do sujeito pacificador e a análise das atividades e projetos dos movimentos estudados buscou entender esta criatividade.

A imaginação moral produzida pela não violência conjunta segue, como foi possível analisar, a ideia de Lederach (2005): ela tem como seu foco principal a relação entre as partes, na medida em que os israelenses e palestinos em questão conseguem imaginar a si próprios em uma rede de relações com quem, até então, entendiam como inimigo; estes sujeitos, da mesma forma, abraçam o paradoxo de suas realidades, não cedendo a polaridades dualistas, entendendo e falando sobre a complexidade de seu contexto e trazendo-a para o centro de suas atividades; buscam pelo ato criativo neste processo, multiplicando-se em uma diversidade de projetos que podem promover a construção de novas pontes e que abarquem as complexas emoções envolvidas, tais como os projetos educativos e artísticos e as cerimônias conjuntas. Aceitam, por fim, o risco inerente deste processo, uma vez que se envolvem em um caminho desconhecido, diferente do ciclo da violência tão familiar.

A imaginação moral produzida por palestinos e israelenses encontra na sua base a relação desenvolvida através da parceria, como conceito pensado por Dichter (2003). Uma parceria na qual compartilham a governabilidade de suas organizações, na qual buscam pela importância igualitária de suas línguas e que exige que abram mão de certas perspectivas, simultaneamente à manutenção das suas histórias e identidades. É através destas parcerias que os Combatentes pela Paz e o Círculo dos Pais desenvolveram organizações binacionais, com palestinos e israelenses à frente de cada cargo, projetos e eventos que ocorrem tanto em hebraico quanto em árabe, escritórios em cidades palestinas e em cidades israelenses, encontros de diálogo e cerimônias conjuntas. Os membros do CFP e do PCFF encontram espaço para serem escutados e terem suas narrativas reconhecidas pelo outro lado, mantendo sua identidade histórica ao mesmo tempo em que entendem a necessidade de adaptação e renovação de algumas questões - em especial, a aceitação da existência coletiva do outro na região.

O desenvolvimento da imaginação moral, na medida em que produz e é produzida por um novo sujeito e uma nova rede de relações, não ocorre sem desafios profundos, desde a estrutura da ocupação militar, separação geográfica entre as

pessoas, diversidade linguística, resistência social à atuação conjunta e momentos de escalonamento da violência. A criatividade do sujeito pacificador tem encarado esses desafios, reforçando-se e reinventando-se frente a situações desafiadoras, embasando-se na troca uni-nacional, fortalecendo o diálogo binacional e convidando mais pessoas para o debate e para a ação não violenta, incluindo indivíduos e comunidades internacionais.

O próprio fato de que em um momento tão crítico, como o que tem acontecido atualmente desde Outubro de 2023, uma das ações centrais dos movimentos de resistência não violenta conjunta seja desenvolver meios de envolver a comunidade internacional traz à tona a importância do papel que ela exerce na atuação destas organizações e no fortalecimento da produção da imaginação moral aqui debatida. Isso aparece de diversas formas. Primeiramente, governos e instituições da sociedade civil têm colaborado com os Combatentes pela Paz e com o Círculo dos Pais, bem como com outros movimentos não violentos na região, através de investimento. Investimento, esse, de caráter financeiro para que o trabalho das organizações seja possível, mas também de tempo, habilidades e estabelecimento de pontes e conexões. Governos e organizações não governamentais, além de investirem dinheiro em projetos e cerimônias - o que é um ponto bem importante já que financiamento por parte de instituições locais podem encontrar maiores desafios - têm contribuído com os movimentos conjuntos criando comunidades de apoio em outros países, praticando advocacia pela não violência conjunta, divulgando o trabalho realizado, dedicando habilidades profissionais no apoio da execução de projetos e criando redes.

É neste sentido que argumento que o tema da resistência não violenta conjunta é de profunda importância para o campo das Relações Internacionais. Na obra "*Building Peace: Sustainable Reconciliation in Divided Societies*", Lederach (1997) reflete como os mecanismos internacionais formais e governamentais existentes para lidar com conflitos são limitados para lidar com conflitos contemporâneos, devido, principalmente, à sua natureza. O autor debate acerca da natureza destes conflitos em seu trabalho, ressaltando que em muitos deles os grupos conflituosos vivem muito próximos geograficamente, tendo experiências diretas de trauma violento, que usualmente são associadas aos seus supostos inimigos e que, como é no caso do conflito em questão, estão conectadas a uma história de inimizade e enlutamento acumuladas há gerações. O autor reforça que

estes conflitos são caracterizados por animosidade muito intensa e muito enraizada, por muito medo do outro e por uma estereotipação severa, exatamente como acontece entre israelenses e palestinos. Em decorrência destas dinâmicas e padrões, que são consequências diretas de experiências muito reais, percepções subjetivas e emoções, Lederach aponta que processos e soluções mecânicas com o objetivo de transformação de conflito sejam não somente ineficientes, mas em muitos contextos, irrelevantes ou ofensivos. O assassinato de Yitzhak Rabin no contexto dos Acordos de Oslo é um forte exemplo disso.

Lederach chama a atenção para o fato de que a intervenção nestes tipos de conflito usualmente é restringida não apenas pelos estatutos das principais instituições regionais e internacionais, mas também pela falta de conceitos, abordagens e modalidades de intervenção apropriados e adequados. O autor chama a atenção para o fato de que se insiste em confiar na diplomacia estatista tradicional, apesar das suas inadequações na resposta à natureza dos conflitos atuais. A história e a cultura da diplomacia internacional estão enraizadas e surgiram da formação do sistema estatal. No entanto, em muitos dos conflitos atuais, como é o caso do conflito em questão, o que está em causa é a própria natureza dos Estados existentes, tal como contestada por grupos internos em disputa.

Assim, para que seja possível pensar em intervenções e processos de construção da paz que sejam apropriados à realidade dos conflitos contemporâneos, as atuações devem ser enraizadas e responsivas às realidades experienciais e subjetivas que modelam as perspectivas e necessidades das pessoas. É neste exato ponto, de acordo com o autor, que o paradigma conceitual e a utilização da construção da paz devem se afastar significativamente do modelo tradicional e atividades que formam a diplomacia estatal. Lederach afirma acreditar que esta mudança de paradigma é articulada no movimento de abandonar uma preocupação com a resolução de questões para a direção de um quadro de referência que se centre na restauração e na reconstrução de relações. Neste sentido, este movimento necessita de um método que vá além de uma estratégia mecânica. A estrutura deve endereçar e engajar os aspectos relacionais de reconciliação como componente central da construção da paz. Embora os conflitos contemporâneos sejam de fato situações graves – a “verdadeira política” de ódio, manipulação e violência – e exijam com conhecimento político, os mecanismos tradicionais que dependem apenas da diplomacia estatista e da *realpolitik* não demonstraram capacidade de

controlar estes conflitos e muito menos transformá-los em resultados construtivos e pacíficos. O conflito contemporâneo exige, portanto, inovação, o desenvolvimento de ideias e práticas que vão além da negociação de interesses e questões substantivas. Lederach argumenta que esta inovação deve ser impulsionada na investigação do domínio do subjetivo, de percepções acumuladas geracionalmente, do ódio e do medo profundamente enraizados. Construir a paz em conflitos atuais chama por um comprometimento de longo prazo com o estabelecimento de uma infraestrutura através de níveis da sociedade, uma infraestrutura que empodere recursos para a reconciliação de dentro daquela sociedade e que maximize a contribuição de fora dela.

A atuação civil conjunta e não violenta das organizações aqui estudadas e do sujeito pacificador estão desenvolvendo exatamente esta infraestrutura. Argumento, portanto, ser profundamente importante que as perspectivas de intervenção internacional no conflito Israel Palestina enfoquem seus esforços em apoiar tais iniciativas, bem como em aprender de seu modelo para que ele possa ser desenvolvido, replicado e utilizado de forma socialmente abrangente. O Círculo dos Pais e os Combatentes pela Paz oferecem estruturas que podem ser adotadas por intervenções no âmbito da resolução de conflitos e construção da paz. Há aproximadamente vinte anos, ambas têm desenvolvido metodologias em torno de diálogo e reconciliação, contação de história, projetos educativos, utilização da arte como intervenção e como forma de expressão de emoções, visitas de localidades históricas, compartilhamento de narrativas, atuação de campo e construção de uma nova comunidade, com a perspectiva de visualização de um futuro diferente.

Entender o desenvolvimento da subjetividade pacificadora auxilia, ainda, o campo das Relações Internacionais a compreender o processo pelo qual uma subjetividade inserida no ciclo de violência do conflito e na dinâmica da ocupação militar passa para chegar na atuação conjunta não violenta, de forma que se torna possível para os profissionais da área investirem esforços na compreensão de formas de facilitar e propagar este processo para mais pessoas submetidas à realidade da violência da região.

Em uma fala¹²⁷ sobre seu documentário, Budrus e sobre movimentos de resistência não violentos no contexto Israel-Palestina ao *Ted global 2011*, Julia Bacha, diretora da organização *Just Vision*, expressou seu ponto de vista de que o que falta para a não violência na região crescer e ganhar força é que se preste mais atenção a ela. Bacha afirmou que a mídia não cobre os movimentos não violentos e esse silêncio pode ter consequências graves, impedindo que a não violência cresça ou mesmo sobreviva. A diretora argumentou que resistência violenta e resistência não violenta compartilham algo muito importante em comum: ambas são uma forma de teatro, buscando uma audiência para a sua causa. Dessa forma, se os atores violentos são os únicos que aparecem nas capas de jornais e que atraem a atenção internacional, fica muito difícil para as lideranças de movimentos não violentos sustentarem sua proposta de que a atuação civil é uma opção viável na solução de seu dilema. Expressando sua percepção de que o comportamento de comunidades inteiras e países pode ser influenciado dependendo de onde a comunidade internacional escolhe focar sua atenção, ela afirma acreditar que o centro da resolução do conflito entre Israel e Palestina é que possamos transformar a não violência em um comportamento funcional, dando muito mais atenção aos líderes não violentos em campo hoje. Se estas ações não recebem atenção, elas são invisíveis. Se elas forem notadas, vão se multiplicar. Multiplicando-se, sua influência vai crescer no contexto em questão.

Chenoweth (2021) também aponta para a necessidade de maior foco e aprendizado de movimentos de resistência civil e sua maior compreensão, para que mitos muito propagados sobre a não violência sejam desconstruídos. A autora aponta que a falta de ou a fraca abordagem do assunto leva a uma concepção bastante generalizada de que a não violência é fraca e passiva, de que a violência é o caminho mais rápido e fácil para a libertação, de que a não violência não é efetiva em contextos de extrema injustiça e de que ela não tem a capacidade de produzir transformações políticas, econômicas e sociais genuínas. A autora argumenta que estas crenças prejudicam o apelo da não violência e, enfim, sua eficiência. Para auxiliar que estes mitos sejam desconstruídos, é necessário que se estude mais, se fale mais e se coloque mais enfoque sobre a não violência

¹²⁷ Tradução da autora. Disponível em https://www.ted.com/talks/julia_bacha_pay_attention_to_nonviolence. Acesso em 02/02/2024.

Enquanto o contexto parece atualmente distante de um acordo político plausível entre as partes, a imaginação moral necessária para a possibilidade de resolução do conflito e da construção da paz entre Israel e Palestina já está em desenvolvimento por palestinos e israelenses. Resta que ela receba mais atenção e investimento de esforços não só locais, mas também internacionais, de forma que possa se tornar mais visível e perceptível enquanto um caminho possível para o fim da violência da região.

Referências Bibliográficas

ALI, Balal. The Oslo Accords and Hamas Response. **International Journal of Creative Research Thoughts (IJCRT)**. Vol. 8, I. 9, p. 73-86, 2020.

ALIM, Eray. The Art of Resistance in the Palestinian Struggle Against Israel. **Turkish Journal of Middle Eastern Studies**, Vol. 7, No: 1, p. 45-79, 2020.

ALON, Chen. Dismantling road blocks - non violent resistance of the palestinian israeli group Combatants for Peace. In: CITRON, Atay; ARONSON-LEHAVI, Sharon; ZERBIB, David (Eds.), **Performance Studies in Motion: International Perspectives and Practices in the Twenty-First Century**. Londres: Bloomsbury, 2014.

AZOULAY, Ariela; OPHIR, Adi. **The One-State Condition - Occupation and Democracy in Israel/Palestine**. Stanford: Stanford University Press, 2013.

BANKEL, Robin. **The Palestinian Threat - A Study of Israel's Contemporary Security Discourse in a Human Rights Context**. Gotemburgo: Gothenburg University, 2015.

BAR-TAL, Daniel; CHERNYAK-HAI, Lily; SCHORI, Noa; GUNDAR, Ayelet. A sense of self-perceived collective victimhood in intractable conflicts. **International review of the Red Cross** , 91(874), p. 229-258, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1816383109990221>.

BENSIMON, Moshe. The Dynamic of Songs in Intergroup Conflict and Proximity: The Case of the Israeli Disengagement from the Gaza Strip. **Group Processes & Intergroup Relations** Vol. 12(3), p. 397-412. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/1368430209102851>.

BLEIKER, Roland. **Visual Global Politics**. London: Routledge, 2018.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BONDITTI, , Phillippe. Violence, “Terrorism”, Otherness: Reshaping Enmity in Times of Terror. In: CAMPBELL, Roderick. (Ed.), **Violence and Civilization: Studies of Social Violence in History and Prehistory** (Vol. 4, pp. 192-214). Oxford: Oxbow Books, 2014. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctvh1dscc>.

BUTLER, Judith. **The Force of Nonviolence: an ethico-political bind**. London: Verso, 2020.

CAYGILL, Howard. **On resistance: A philosophy of defiance**. London: A&C Black, 2013.

CHENOWETH, Erica. **Civil Resistance: What Everyone Needs to Know**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

CHENOWETH, Erica; CUNNINGHAM, Kathleen G. Understanding nonviolent resistance: An introduction. **Journal of Peace Research**, 50(3), p. 271-276, 2013.

CHENOWETH, Erica; STEPHAN, Maria J. **Why Civil Resistance Works: The Strategic Logic of Nonviolent Conflict**. New York: Columbia University Press, 2011.

DAWSON, Graham. **Storytelling in 'post-conflict'times: narrative, subjectivity and experience in community-based peacebuilding**. University of Brighton, 2019. Disponível em: <https://research.brighton.ac.uk/en/publications/storytelling-in-post-conflict-times-narrative-subjectivity-and-ex-2>. Acesso em 04/02/2024.

DELEUZE, Gilles; SANBAR, HYPERLINK "http://web.mit.edu/cis/www/mitejmes/issues/200105/deleuze-sanbar.htm" Indians of Palestine. **The MIT Electronic Journal of Middle East Studies**. 1 (Spring): p. 72-75, 2001 Disponível em: <http://web.mit.edu/cis/www/mitejmes/issues/200105/deleuze-sanbar.htm> . Acesso em 03/02/2024.

DICHTER, Shuli. Visions of a shared society. **Palestine-Israel Journal of Politics, Economics, and Culture**, 28(1/2), 84-87, 2023.

EILBERG-SCHWARTZ, Penina; KHATIB, Sulaiman. **In this Place Together: A Palestinian's Journey to Collective Liberation**. Boston: Beacon Press, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. Michel Foucault, an interview: sex, power and the politics of identity. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson. Concedida em Toronto, 1982. In: **Verve**, vol 5, p. 260 - 277. PUC-SP, 2004.

GALTUNG, Johan. Violence, Peace and Peace Research. In: **Journal of Peace Research**, vol. 6, number 3. p.167 - 191, 1969.

_____. Cultural Violence. In: **Journal of Peace Research**, vol. 27, n. 3, p. 291-305, 1990.

FRIEDMAN, Elie. NURI, Dalia Gavriely. **Israeli discourse and the West Bank: Dialectics of normalization and estrangement**. London: Routledge, 2017.

GREENBAUM, Charles W.; ELIZUR, Yoel. The Psychological and Moral Consequences for Israeli Society of the Occupation of Palestinian Land, In: BARTAL, Daniel; SCHNELL, Izhak (Eds.), **The Impacts of Lasting Occupation: Lessons from Israeli Society**, Series in Political Psychology. New York: online edition, Oxford Academic/ Oxford Scholarship Online, p. 380-408, 2013. DOIHYPERLINK
"https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199862184.003.0013" : .

HAREL, Amos; ISSACHAROFF, Avi. The seventh war: how we won and why we lost the war with the Palestinians. Tel Aviv: Yedioth Aharonot (Hebrew). In: **Gitelson Peace Papers** The Hebrew University of Jerusalem, The Harry S. Truman Institute for the Advancement of Peace, 2004.

HARLE, Vilho. On the concepts of the "other" and the "enemy". In: **History of European Ideas**. Londres: Elsevier, 1994.

HARTMAN, Donniel. **From Yom Hashoah to Yom Ha'atzmaut: The New 'High Holidays' of Israel**. Shalom Hartman Institute, 2019. Disponível em <https://www.hartman.org.il/from-yom-hashoah-to-yom-haatzmaut-the-new-high-holidays-of-israel/> . Acesso em 04/02/2024.

HATZ, Sophia. Selective or collective? Palestinian perceptions of targeting in house demolition. In: **Conflict Management and Peace Science**, Volume 37, Issue 5, pp. 515-535, setembro, 2020.

HAWKSLEY, Theodora; MITCHELL, Jolyon. The Horizon of Peace. In: MITCHELL, Jolyon; VINCETT, Giselle; HAWKSLEY, Theodora; CULBERSTON, Hal(eds.). **Peacebuilding and the Arts**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2020.

HERMANN, Tamar; YUCHTMAN-YAAR, Ephraim . Divided yet united: Israeli-Jewish attitudes toward the Oslo process. **Journal of Peace Research**, 39(5), 597-613, 2002.

HIRSCH, Marianne. **The Generation of Postmemory**. Writing and visual culture after the Holocaust. New York: Columbia, 2012.

KHALIDI, Rashid. **Palestinian identity**: The construction of modern national consciousness. New York: Columbia University Press, 1997.

_____. **The Hundred Years' War on Palestine**: A History of Settler Colonialism and Resistance, 1917-2017. New York: Metropolitan Books, 2020.

KHATIB, Sulaiman. Planting Olive Trees to Co-Exist Peacefully in the Holy Land with Sulaiman (Souli) Khatib. From Palestinian Freedom Fighter to Child Prisoner to Nobel Peace Prize Nominee. Entrevista concedida a Anne Pratt: **Leading Boldly Into The Future**, 2022. Disponível em: <https://anne-pratt.com/planting-olive-trees-to-co-exist-in-the-holy-land-with-sulaiman-souli-khatib/> . Acesso em 04/02/2024.

KIRCHOFER, Charles P. Israel and Hamas: Stabilizing Deterrence. **Israel Journal of Foreign Affairs**, 9:3, p. 405-415, DOI: [10.1080/23739770.2015.1124314](https://doi.org/10.1080/23739770.2015.1124314) . 2015.

KOHN, , Lillian. **Public Mourning, Online Spaces: Virtual Memorialization and Binational Grief in Israel-Palestine**. (Thesis) Master of Arts in Anthropology. Los Angeles: UCLA, 2022. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/0jp6q5hd#main> . Acesso em: 05/02/2024.

KLEIN, Melanie. **Love, Guilt and Reparation**. New York: Free Press, 1975.

KURAN, Timur. Sparks and prairie fires: A theory of unanticipated political revolution. **Public Choice** 61, no. 1 (April): pp. 41–7, 1989.

LEDERACH, John Paul. **Building Peace**: Sustainable Reconciliation in Divided Societies. Washington: United States Institute of Peace. 1997.

_____. **The Moral of Imagination**: The art and soul of building peace. University Press: Oxford, 2005.

_____. Music Writ large: The potential of music in peacebuilding. **Peacebuilding and the Arts**, 139-156, 2020.

MI'ARI, Mahmoud. Attitudes of Palestinians toward Normalization with Israel. **Journal of Peace Research**, 36(3), 339-348, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1177/0022343399036003006> .

MCCARTY, Colman. **The Class of Nonviolence**. Washington: Center for Teaching Peace. 2016. Disponível em: https://nnomy.org/index.php/en/resources/downloads/curricula-classroom-resources/519-the-class-of-nonviolence.html?category_access=1 . Acesso em: 05/02/2024.

MOULY, Cécile; HERNÁNDEZ DELGADO, Esperanza. Introduction: Civil Resistance in Contexts of Violent Conflict in Latin America—Leveraging Power to Defend One's Rights. In: MOULY, Cécile, HERNÁNDEZ DELGADO, Esperanza (eds.) **Civil Resistance and Violent Conflict in Latin America**. Studies of the Americas. London: Palgrave Macmillan, 2019.

MORRIS, Benny. **One state, two states**: Resolving the Israel/Palestine conflict. New Haven: Yale University Press, 2009.

OLIVER, Kelly. Witnessing, Recognition, and Response Ethics. **Philosophy & Rhetoric**, 48(4), p. 473–493, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5325/philrhet.48.4.0473> .

OREN, Michael B. **Seis Dias de Guerra** - Junho de 1967 e a Formação do Moderno Oriente Médio. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

PAPPÉ, Ilan. **The Biggest Prison on Earth** - A History of the Occupied Territories. Londres: Oneworld, 2017.

SA'ADI, Ahmad. H., & ABU-LUGHOD, Lila (eds.). **Nakba**: Palestine, 1948, and the claims of memory. New York: Columbia University Press, 2007.

SAID, Edward. W. **The question of Palestine**. New York: Vintage Books, 1992.

_____. **The end of the peace process**: Oslo and after. New York: Vintage Books, 2007.

SAMUEL, Michael T. The Israel-Hamas War: Historical Context and International Law. **Middle East Policy**. 30: pp. 3–9, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1111/mepo.12723> .

SCALERCIO, Márcio. **Oriente Médio - Uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

SIMONSEN, Sandra. Discursive legitimation strategies: the evolving legitimation of war in Israeli public diplomacy. **Discourse & Society**, Vol. 30, no. 5, p. 503–20, 2019.

SCHOCK, Kurt. **Civil Resistance - Comparative Perspectives on Non Violent Struggles**. London: University of Minnesota Press, 2005.

_____. The practice and study of civil resistance. In: **Journal of Peace Research**. Sage, 2013.

SHARP, Gene. **The politics of nonviolent action**. Boston: Porter Sargent, 2, 1973.

_____. **How Nonviolent Struggle Works**. Boston: The Albert Einstein Institution, 2013.

SHENHAV, Yehouda. Why not “the occupation”. **Theory and Criticism**, 31, p.322-332, 2007.

SHLAIM, Avi. The Oslo Accord. **Journal of Palestine Studies**, 23(3), 24–40, 1994. DOI: <https://doi.org/10.2307/2537958> .

_____. **Israel and Palestine**. Londres: Verso, 2009.

SMITH, Daniel. Two Concepts of Resistance: Foucault and Deleuze. In: MORAR, Nicolae; NAIL, Thomas; SMITH, Daniel (eds.). **Between Deleuze and Foucault**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.

THOMAS, Shannon A. Collective Memory of Trauma: The Otherization of Suffering in the Israeli-Palestinian Conflict. **Berkeley Undergraduate Journal**, 28(1), 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5070/B3281025776> .

YOUNG,, James. E. When a Day Remembers: A Performative History of “Yom ha-Shoah.” **History and Memory**, 2(2), 54–75, 1990

Outras fontes e referências

Relatórios

1. MAISON, Clair. **Trapped**: The impact of 15 years of blockade on the mental health of Gaza's children - Save the Children, 2022.
2. UNITED NATIONS. **Human rights situation in the Occupied Palestinian Territory, including East Jerusalem, and the obligation to ensure accountability and justice**. Annual report of the United Nations High Commissioner for Human Rights and reports of the Office of the High Commissioner and the Secretary-General. Fevereiro de 2023.
3. HUMANS RIGHTS WATCH. **Country Chapters**.Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2022/country-chapters/israel-and-palestine-0>
4. PEACE NOW. **The first year of the Bennett Lapid Government**. Disponível em: <https://peacenow.org.il/en/the-first-year-of-the-bennett-lapid-government> Acesso em 04/02/2024.
5. PEACE NOW. **The government of unequivocal annexation**: One year of the Bennett-Lapid Government – 23/06/22 .Disponível em: <https://peacenow.org.il/en/the-first-year-of-the-bennett-lapid-government> . Acesso em 04/02/2024.
6. OCHA. **West bank demolitions and displacement**. November 2022. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/west-bank-demolitions-and-displacement-november-2022> . Acesso em 04/02/2024
7. PARENTS CIRCLE – **Families Forum Peace Summer Program 2021** . Disponível em: <https://parentscirclefriends.org/wp-content/uploads/2021/09/2021summercampreport.pdf> . Acesso em 04/02/2024.
8. PARENTS CIRCLE. **2022 Impact report**. Disponível em: <https://parentscirclefriends.org/2022impactreport/> Acesso em 04/02/2024.
9. PARENTS CIRCLE. **Families Forum Annual Report 2021**. Disponível em: <https://www.theparentscircle.org/wp->

- [content/uploads/2022/02/PCFF2021AnnualReportWeb.pdf](#) . Acesso em 04/02/2024
10. PARENTS CIRCLE. **Families Forum Annual Report 2020**. Disponível em: https://www.theparentscircle.org/wp-content/uploads/2021/04/PCFF_2020_Annual_Report_.pdf Acesso em 04/02/2024.
 11. PARENTS CIRCLE. **Families Forum Annual Report 2019**. Disponível em: https://www.theparentscircle.org/wp-content/uploads/2021/01/PCFF_2019_Annual_Report.pdf Acesso em 04/02/2024.
 12. PARENTS CIRCLE. **Families Forum Annual Report 2018**. Disponível em: <https://parentscirclefriends.org/parents-circle-2018-annual-report/> Acesso em 04/02/2024.
 13. PARENTS CIRCLE. **Families Forum Annual Report 2017** . Disponível em: https://www.theparentscircle.org/wp-content/uploads/2021/01/PCFF_2017_Annual_Report_b.pdf Acesso em 04/02/2024.
 14. PARENTS CIRCLE. **Families Forum Annual Report 2016**. Disponível em: https://www.theparentscircle.org/wp-content/uploads/2021/01/PCFF_2016_Annual_Report.pdf Acesso em 04/02/2024.
 15. COMBATANTS FOR PEACE. **Combatants for Peace Annual Report 2020**. Disponível em: <https://afcfp.org/annual-report-2020/> Acesso em 04/02/2024.
 16. COMBATANTS FOR PEACE. **Combatants for Peace Annual Report 2021**. Disponível em: <https://afcfp.org/annual-report-2021/> Acesso em 04/02/2024.

17. COMBATANTS FOR PEACE. **Combatants for Peace Annual Report 2019**. Disponível em: <https://afcfp.org/annual-report-2019/> Acesso em 04/02/2024.
18. COMBATANTS FOR PEACE. **Combatants for Peace Annual Report 2018**. Disponível em: <https://afcfp.org/wp-content/uploads/2019/02/CFP-Annual-Report.pdf> Acesso em 04/02/2024.

Sítios online:

1. Combatants for Peace: <https://cfpeace.org/>
2. American Friends of Combatants for Peace: <https://afcfp.org/>
3. Parents Circle Families Forum: <https://www.theparentscircle.org/>
4. American Friends of the Parents Circle: <https://parentscirclefriends.org/>
5. Alliance for Middle East Peace: <https://www.allmep.org/>
6. The Nobel Peace Prize 1994. NobelPrize.org. Nobel Prize Outreach AB 2024. Mon. 29 Jan 2024, <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1994/summary/>
7. Palestinian Ministry of Health - Gaza, <https://www.moh.gov.ps/portal/>
8. Qassas, Jamil. American Friends of Combatants for Peace, <https://afcfp.org/speakers/jamil-qassas/>
9. Alon, Chen. American Friends of Combatants for Peace, <https://afcfp.org/speakers/chen-alon/>
10. Settlements Data. Peace Now, <https://peacenow.org.il/en/settlements-watch/settlements-data/population>
11. Sobre. Combatans for Peace, <https://cfpeace.org/about-en/>
12. Visão. The Parents Circle, https://www.theparentscircle.org/en/about_eng-2/vision_eng/
13. New Profile, <https://newprofile.org/en/>
14. Refusing and Avoiding Military Service. New Profile, <https://newprofile.org/en/refusing-and-avoiding-military-service/>

15. Alacaci, Ahmet Salih. Anadolu Agency's photo of Gaza protester goes viral, 26 de Outubro de 2018, <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/anadolu-agencys-photo-of-gaza-protester-goes-viral/1293913>
16. Breaking the Silence. No to Settler Terror. Facebook, 14 de Agosto de 2023, <https://www.facebook.com/photo/?fbid=285885114087505&set=pcb.285885147420835>
17. Combatants for Peace. A group of young Israelis completed their first week of Freedom School. Facebook, 24 de Agosto de 2022, <https://www.facebook.com/c4peace/posts/a-group-of-young-israelis-completed-their-first-week-of-freedom-school-our-educa/5057162181060901/>
18. Parents Circle. Open Dialogue Meeting. Facebook, 17 de Agosto de 2023, <https://www.facebook.com/theparentscircle.org/videos/1365806807612556>
19. Parents Circle. Twitter, 02 de Agosto de 2023, <https://twitter.com/ThePCFF/status/1686770171027795969>
20. Stand With the Parents Circle. American Friends of the Parents Circle, <https://parentscirclefriends.org/petition/>
21. Why Fear Peace Education? American Friends of the Parents Circle, <https://parentscirclefriends.org/standwithpcff/>
22. Khatib, Suleiman. America Friends of Combatants for Peace, <https://afcfp.org/speakers/sulaiman-khatib/>
23. Israeli organizations to President Biden: stop the humanitarian Catastrophe. B'tselem, 13 de Dezembro de 2023, https://www.btselem.org/press_releases/20231213_israeli_organizations_to_president_biden_stop_the_humanitarian_catastrophe
24. Peace Pledge. The Parents Circle, <https://parentscirclefriends.org/pledge/>
25. Depoimentos dos ativistas - Combatentes pela Paz, <https://afcfp.org/take-action/activists/>
26. Histórias pessoais. Parents Circle Families Forum, https://www.theparentscircle.org/en/?page_id=1700
27. House Meetings. American Friends of Combatants for Peace, <https://afcfp.org/house-meetings/>
28. Irenia Peace Games, <https://www.irenia.net/>

Artigos de Jornal

1. ABU JAFAR, Mohamed. Shamir, Tamar. They Worked Together as Peace Activists. October 7 Changed Everything. **New York Times**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/12/14/magazine/israelis-palestinians-peace-forum.html> Acesso em 04/02/2024.
2. BOWEN, Jeremy. Israel-Gaza: The status quo is smashed. The future is messy and dangerous. **BBC**, 9 de Dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67652494> Acesso em 04/02/2024.
3. GREENE, Richard Allen; KHADEER, Kareem; KOTTASOVÁ, Ivana. One in 100 people in Gaza has been killed since October 7. **CNN**, 8 de Janeiro. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2024/01/08/middleeast/gaza-death-toll-population-intl/index.html> Acesso em 04/02/2024.
4. GUERRA, Raquel. O que o Direito Internacional Humanitário diz sobre a guerra entre Israel e o Hamas? **JOTA** Disponível em: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/o-que-o-direito-internacional-humanitario-diz-sobre-a-guerra-entre-israel-e-o-hamas-27102023> Acesso em 04/02/2024.
5. GOLAN, Ori. The song that made a country. **The Times of Israel**, 10 de Julho de 2023. Disponível em: <https://blogs.timesofisrael.com/the-song-that-made-a-country/> Acesso em 04/02/2024.
6. KHATIB, Suleiman; WISHNITZER, Avner. Opinion: What is the Path to Peace in Gaza? **New York Times**. Disponível em: https://www.nytimes.com/interactive/2023/12/12/opinion/gaza-israel-palestinians-plans.html?campaign_id=39&emc=edit_ty_20231213&instance_id=110029&nl=opinion-today®i_id=62402901&segment_id=152474&te=1&user_id=c02671ff3eb758f732999b4c38a90aa5 Acesso em 04/02/2024.
7. HOROVITZ, Michael. Education Ministry bars Israeli-Palestinian bereavement group from schools. **The Times of Israel**, 2 de Agosto de 2023. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/education-ministry-bars-israeli-palestinian-bereavement-group-from-schools/> Acesso em 04/02/2024.
8. MALTZ, Judy. Handcuffed and Blindfolded, Veteran of Israel's Top Commando Unit Now Fights de Occupation. **Haaretz**, 15 de Outubro de 2021, <https://www.haaretz.com/israel-news/2021-10-15/ty-article->

[magazine/.highlight/cuffed-and-blindfolded-veteran-of-israels-top-commando-unit-now-fights-occupation/0000017f-f852-d044-adff-fbfb6ce90000](https://www.aljazeera.com/news/2023/11/2/from-the-river-to-the-sea-what-does-the-palestinian-slogan-really-mean) Acesso em 04/02/2024.

9. MARSÍ, Frederica. ‘From the river to the sea’: What does the Palestinian slogan really mean?. **Al Jazeera**, 2 de Novembro de 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/11/2/from-the-river-to-the-sea-what-does-the-palestinian-slogan-really-mean> Acesso em 04/02/2024.
10. STAFF, Toi. Right-wing activists protest joint Israeli-Palestinian Memorial Day event. **The Times of Israel**, 7 de Maio de 2019. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/may-7-2019/> Acesso em 04/02/2024.
11. Hamas’s attack was the bloodiest in Israel’s history. **The Economist**, 12 de Outubro de 2023 Disponível em: <https://www.economist.com/briefing/2023/10/12/hamass-attack-was-the-bloodiest-in-israels-history> Acesso em 04/02/2024.
12. Israel's Dead: Civilians, Soldiers, Emergency Services Personnel Killed in War With Hamas. **Haaretz**. 8 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2023-10-08/ty-article/israels-dead-civilians-soldiers-emergency-services-personnel-killed-in-war-with-hamas/0000018b-0de8-dc5d-a39f-9fecb5a30000> . Acesso em 04/02/2024.

Depoimentos dos ativistas - Combatentes pela Paz:

1. Perfis
<https://afcfp.org/take-action/activists/>
2. Meetings
<https://afcfp.org/house-meetings/>
3. Irenia
<https://www.irenia.net/>

Redes Sociais das Organizações

1. *Parents Circle Families Forum*
Instagram: <https://www.instagram.com/theparentscircle/>
Facebook: <https://www.facebook.com/theparentscircle.org>
X: <https://twitter.com/ThePCFF>

2. *Combatants for Peace*

Instagram: <https://www.instagram.com/combatantsforpeace/>

Facebook: <https://www.facebook.com/c4peace>

X: <https://twitter.com/cfpeace>

Vídeos:

1. Canal do Parents Circle Families Forum no Youtube:
<https://www.youtube.com/@ThePCFF>
2. Canal do American Friends of the Parents Circle Families Forum no Youtube: <https://www.youtube.com/@combatantsforpeace5017>
3. Canal do Combatants for Peace no Youtube:
<https://www.youtube.com/@combatants4peace>
4. Canal do American Friends of Combatants for Peace no Youtube:
<https://www.youtube.com/watch?v=ldEIyJw9hhU>
5. Vigil with Bereaved Israelis and Palestinians. American Friends of the Parents Circle Families Forum, October 15 2023,
<https://www.youtube.com/watch?v=w-k5TUvKOF4>
6. Holding on to Humanity & Hope, Combatants for Peace, 20 de Outubro de 2023 <https://www.youtube.com/watch?v=ldEIyJw9hhU&t=2156s>
7. A message from Israelis and Palestinians - We don't want you here!, Guardian Witness, 27 de Julho de 2014
<https://www.youtube.com/watch?v=KTXaty7oVsQ>
8. We Are Combatants for Peace. Combatants for Peace, 17 de Setembro de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=ui7a7PC27Ow>
9. Combatants for Peace: Our Battle for Peace and Justice. Combatans for Peace, 2 de Setembro de 2022
<https://www.youtube.com/watch?v=9gBYmHK2Bhs&t=65s>
10. Hebron. The Parents Circle Families Forum, 11 de Maio de 2010,
https://www.youtube.com/watch?v=8_EkSPPS_XQ

11. Webinar: Voices of Apeirogon, with Colum McCann and Bereaved Fathers. American Friends of the Parents Circle, 30 de Novembro de 2023
<https://www.youtube.com/watch?v=J0ASOZ3XZA0&t=3257s>
12. Solidarity: A Path to Liberation - Combatants for Peace, 30 de Outubro de 2023, <https://www.youtube.com/watch?v=Ndq3csw6ZJo&t=495s>
13. How Israeli and Palestinian peace activists are jointly facing this moment. CNN, https://edition.cnn.com/videos/world/2023/11/06/former-fighters-israeli-palestinian-peace-contd-orig-vf.cnn?mibextid=Zxz2cZ&fbclid=IwAR0x9XaMsv7n_aA2A74Tm0pfP8ZVX9J72cMCWXO-eGrNGWWpsrd0VzskmN0
14. Webinar - Holding Onto Humanity: Bereaved Israelis and Palestinians Call for Peace. American Friends of the Parents Circle Families Forum, 8 de Novembro de 2023
https://www.youtube.com/watch?v=5PNZfi9_10Y&t=3182s
15. Confronting Grief: Meet the Newly Bereaved webinar. Parents Circle Families Forum, 19 de dezembro de 2023
<https://www.youtube.com/watch?v=PxMqsT8JkxQ>
16. Julia Bacha: Pay attention to nonviolence. Tedglobal, Julho de 2011,
https://www.ted.com/talks/julia_bacha_pay_attention_to_nonviolence
17. Theater of the Oppressed Workshop. American Friends of Combatants for Peace, 18 de Agosto de 2022,
<https://www.youtube.com/watch?v=IKnd4Uq2238&t=1932s>
18. Spokesperson and member of PCFF Robi Damelin talks about the effects US aid cuts. Parents Circle Families Forum, 24 de Setembro de 2018,
<https://www.youtube.com/watch?v=mbEx9MwtPVk>
19. YAP 2018 - PCFF - Hope4Change. Parents Circle Families Forum, 21 de Junho de 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=XUaX0C8FDdU>
20. Jam Session. Parents Circle Families Forum, 10 de Outubro de 2013,
<https://www.youtube.com/watch?v=Cn0eu26S6W8>
21. The Monument to the Future Victims of the Conflict. Parents Circle Families Forum, 16 de Março de 2015,
<https://www.youtube.com/watch?v=szU78gaFoFQ>

22. Nakba Cerimony 2022. Combatans for Peace, <https://afcfp.org/nakba-2022/>
23. Nakba Cerimony 2021. Combatans for Peace <https://afcfp.org/nakba-ceremony-2021/>
24. Nakba Cerimony 2023. Combatans for Peace <https://afcfp.org/nakba-2023/>
25. 18th Israeli-Palestinian Memorial Day Ceremony, Combatants for Peace, 24 de Abril de 2023, <https://www.youtube.com/watch?v=nC7LCCWoI-U>
26. 17th Israeli-Palestinian Memorial Day Ceremony, Combatants for Peace, 03 de Maio de 2022 <https://www.youtube.com/watch?v=cTs9ttfPVO0>
27. 16th Israeli-Palestinian Memorial Day Ceremony, Combatants for Peace, 13 de Abril de 2021
<https://www.youtube.com/watch?v=PRGhfsRs9n4&t=3885s>
28. 15th Israeli-Palestinian Memorial Day Ceremony, Combatants for Peace, 27 de Abril de 2020, <https://www.youtube.com/watch?v=QZlteYyA3C0>
29. 14th Israeli-Palestinian Memorial Day Ceremony, Combatants for Peace
30. 13th Israeli-Palestinian Memorial Day Ceremony, Combatants for Peace, 17 de Abril de 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=hr9uBQ2aHJ0>

Filmes

- Akon, Steven; Young, Andrew. **Disturbing the Peace**. 2016. Reconsider.
- Ben Mayor, Tor. **Two Sided Story**. 2013

Resoluções das Nações Unidas

Resolução 181

Disponível em:

<https://documents.un.org/doc/resolution/gen/nr0/038/88/pdf/nr003888.pdf?token=NSDi0VcUDWk9iXIVHP&fe=true> . Acesso em 06/02/2024.

Resolução 242

Disponível em:

<https://documents.un.org/doc/resolution/gen/nr0/240/94/pdf/nr024094.pdf?token=gVB2wZyjdjKZrsMNgEi&fe=true> . Acesso em 06/02/2024.

Glossário

Combatentes pela Paz - *Combatants for Peace*

Círculo dos Pais - *Parents Circle Families Forum*

Yom Hazikaron - Dia da Lembrança dos Soldados Mortos de Israel e das Vítimas do Terrorismo

Yom Hashoa - Dia da Lembrança do Holocausto

Yom Haatzmaut - Dia da Independência de Israel